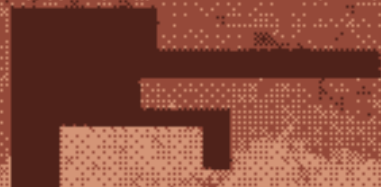


RIZOMA.NET



CONSPIROLOGIA

## **Índice**

	<b>APOCALIPSE HIGH TECH</b> Por Vladimir Cunha	PÁGINA – 21
<b>A AMÉRICA É UMA RELIGIÃO</b> George Monbiot	<b>EUA MANTÉM EM SEGREDO ARMAS NÃO-LETAIS</b> Debora MacKenzie, da New Scientist	PÁGINA – 23
	<b>BOATO FORTE</b> Peter Burke	PÁGINA – 25
<b>A DEPURAÇÃO DA TERRA</b> Ricardo Concha Traverso	<b>AS CINCO DIFICULDADES PARA ESCREVER A VERDADE</b> Bertold Brecht	PÁGINA - 28
	<b>A FAMÍLIA BUSH E O PREÇO DO SANGUE DERRAMADO PELOS NAZISTAS</b> Victor Thorn - Babel Magazine	PÁGINA - 35
<b>A GUERRA DOS CÓDIGOS E SUAS ARMAS</b> Giselle Beiguelman	<b>CONHECIMENTO TOTAL DA DESINFORMAÇÃO (1) – Conflito e Controle na Infosfera</b> Konrad Becker	PÁGINA - 41
<b>A SOLUÇÃO FINAL CAPITALISTA</b> Laymert Garcia dos Santos		
<b>AFINAL, ONDE ESTÁ A VERDADE?</b> Cláudio Malagrino		

**AS OITO CARACTERÍSTICAS DOS CULTOS QUE ATUAM NO CONTROLE MENTAL**

Randall Watters

PÁGINA – 43

**DETECTANDO A DESINFORMAÇÃO, SEM RADAR**

Gregory Sinaisky

PÁGINA – 45

**BIG BROTHER WANTS YOU – Echelon, um megassistema eletrônico dos EUA, patrulha o mundo**

José Arbex Jr.

PÁGINA – 47

**UM OUTRO LADO DA HISTÓRIA – Uma entrevista com André Mauro (showdalua.com)**

PÁGINA – 50

**MONSTERS, INC.**

Chris Floyd

PÁGINA – 60

**INFORMAÇÃO E CONTRA-INFORMAÇÃO**

Roberto Della Santa Barros

PÁGINA – 63

**CHEGA DE ROCK N´ROLL**

Stewart Home

PÁGINA – 67

**MANIPULAÇÕES PÚBLICAS – Duplientrevista com Sheldon Ramptom**

Daniel Campos

PÁGINA – 68

**COMO PODE UM HOMEM DE MARKETING LANÇAR UM PRODUTO QUE NÃO PRECISA EXISTIR?**

Por Ricardo Vespucci

PÁGINA – 72

**MENTIRAS DE ESTADO**

Ignacio Ramonet

PÁGINA – 77

**MISTÉRIO NO CÉU DO SERTÃO CENTRAL**

Jornal O Povo

PÁGINA – 85

**MOVIMENTO PELA EXTINÇÃO HUMANA VOLUNTÁRIA**

Vladimir Cunha

PÁGINA - 95

**O AUTO-GOLPE COMO MECANISMO DE POLÍTICA EXTERIOR - Capítulos do livro "Una Hipótesis Macabra: El Autogolpe Como Mecanismo de Política Exterior"**

Fernando Montiel T.

PÁGINA - 98

**O CASO VILLAS BOAS**

A fantástica história do brasileiro abduzido por extraterrestres

PÁGINA – 123

**O STATUS ONTOLÓGICO DA TEORIA DA CONSPIRAÇÃO**

Hakim Bey

PÁGINA - 132

**OS GOVERNANTES INVISÍVEIS**

Iliana Marina Pistone

PÁGINA - 138

**OS MÉTODOS DE CONTROLE USADOS PELAS SEITAS: PSICOLOGIA SOCIAL E DINÂMICAS DE GRUPO**

Cult Awareness &amp; Information Centre

PÁGINA - 144

**PÂNICO, GUERRA E SEMIO-KAPITAL**

Franco Berardi (Bifo)

PÁGINA - 148

**SUSPEITOS USUAIS : O Boom da Percepção Paranóica da Mídia – uma Análise Crítica/Subjetiva**

Thomas Edlinger

PÁGINA - 152

**RELIGIÕES CORPORATIVAS**

Alex Burns

PÁGINA – 155

**APERTANDO O GATILHO CÓSMICO:****O Doutor Conspiologia e o link oculto da contracultura com as estrelas**

Ricardo Rosas

PÁGINA – 157

**SOU HEREGE?**

Ricardo Schott

PÁGINA - 163

**TEORIA DA CONSPIRAÇÃO****INSTRUÇÕES DE USO PARA O ATIVISTA AMADOR**

Gérson(ou Jersson) de Oliveira

PÁGINA – 169

**TREINAMENTO DE TERRORISTAS, AMERICAN STYLE**

Heather Wokusch

PÁGINA – 170

**PARANÓIAS CONSPIRATIVAS**

Por Luigi

PÁGINA – 172

**TROPAS DE CHOQUE DO VATICANO: A GUERRA SANTA DE JOÃO PAULO II**

Cletus Nelson

PÁGINA – 174

**VIGILÂNCIA ABSOLUTA**

Ignacio Ramonet

PÁGINA - 176



## A AMÉRICA É UMA RELIGIÃO

George Monbiot



*Agora, os líderes dos EUA se consideram sacerdotes de uma missão divina para livrar o mundo de seus demônios.*

.....

"A morte de Uday e Qusay", disse o comandante das forças terrestres no Iraque para os repórteres na quarta-feira, "vai ser, definitivamente, uma virada para a resistência". Bem, foi uma virada, mas infelizmente não do tipo que ele imaginava. No dia em que ele fez essa declaração, insurgentes iraquianos mataram um soldado dos EUA e feriram outros seis. No dia seguinte, mataram outros três; durante o fim de semana, assassinaram cinco e feriram sete. Ontem, massacraram mais um e feriram três. Essa foi a pior semana para os soldados dos EUA no Iraque, desde que George Bush declarou que a guerra tinha acabado.

Poucas pessoas acreditam que a resistência naquele país esteja sendo

coordenada por Saddam Hussein e sua nociva família, ou de que chegará a um final quando eles forem mortos. Mas entre essas poucas pessoas parecem estar incluídos os comandos civis e militares das forças armadas dos EUA. Pela centésima vez, desde que os EUA invadiram o Iraque, os prognósticos feitos por aqueles que têm acesso à inteligência, revelaram-se menos do que confiáveis do que os prognósticos feitos por aqueles sem acesso a ela. E, pela centésima vez, a inexatidão das previsões oficiais tem sido atribuída a "falhas na inteligência".

A explicação está ficando cada vez mais desgastada. Será que esperam que acreditemos que os membros dos serviços de segurança dos EUA são as únicas pessoas que não podem ver que muitos iraquianos querem se livrar do exército dos EUA, com o mesmo fervor como queriam se livrar de Saddam Hussein? O que está faltando ao Pentágono e à Casa Branca não é inteligência (ou, pelo menos, do tipo de inteligência que estamos considerando aqui), mas receptividade. Não há falha de informação, mas falha de ideologia.

Para entendermos porque a falha persiste, precisamos antes compreender a realidade, a qual tem sido raramente discutida na imprensa. Os EUA não são mais apenas uma nação. Agora, são uma religião. Seus soldados foram para o Iraque para liberar o povo não somente de seu ditador, seu petróleo e sua soberania, mas também para liberá-los das trevas. Como George Bush disse às suas tropas no dia em que anunciou a vitória: "Onde quer que vocês se dirijam, vocês levam uma mensagem de esperança — uma mensagem que é antiga e sempre nova. Nas palavras do profeta Isaías, "Para os cativos, 'que saiam', e para

aqueles na escuridão, "que sejam livres".

De forma que os soldados americanos não são mais somente combatentes terrestres; eles se tornaram missionários. Não estão mais simplesmente matando os inimigos; estão expelindo os demônios. As pessoas que reconstruíram os rostos de Uday e Qusay Hussein, descuidadamente se esqueceram de restaurar um par de pequenos chifres em cada sobancelha, mas a idéia de que esses eram oponentes que pertenciam a outro tipo de reino foi transmitida, todavia. Como todos os que enviam missionários ao exterior, os altos sacerdotes da América não podem conceber que os infiéis possam resistir por meio de seu próprio livre arbítrio; quando se recusam a se converter, é obra do demônio, em seu disfarce atual de ex-ditador do Iraque.

Como Clifford Longley demonstra em seu fascinante livro 'Chosen People' (Povo Escolhido), publicado no ano passado, os pais fundadores dos EUA, embora às vezes professassem de outra forma, sentiam que estavam sendo guiados por um propósito divino. Thomas Jefferson argumentava que o Grande Selo dos Estados Unidos deveria representar os israelitas, "conduzidos por uma nuvem de dia e por um pilar de fogo à noite". George Washington proclamava, em seu discurso de inauguração, que cada passo em direção à independência era "caracterizado por alguma marca da providência". Longley argumenta que a formação da identidade americana foi parte de um processo de "supersessão" ("supersession"). A igreja Católica Romana reivindicava que tinha suplantado os judeus como povo eleito, visto que os judeus tinham sido repudiados por Deus. Os protestantes ingleses acusaram os católicos de traírem a fé, e

sustentavam que tinham se tornado os bem amados do Senhor. Os revolucionários americanos acreditavam que os ingleses, por sua vez, tinham quebrado o pacto: os americanos, agora, tinham se tornado o povo escolhido, tendo o dever divino de entregar o mundo ao domínio de Deus. Há seis semanas, como para demonstrar que essa crença persiste, George Bush lembrou-se de um comentário de Woodrow Wilson. "A América", ele citou, "tem em si uma energia espiritual com relação à qual nenhuma outra nação pode contribuir, para a liberação da humanidade".

Gradualmente, esta noção de eleição divina foi permeada com uma outra idéia, ainda mais perigosa. Não só os americanos são o povo escolhido de Deus; a América em si mesma é agora percebida como um projeto divino. No seu discurso presidencial de despedida, Ronald Reagan falou de seu país como da "cidade que brilha no topo da colina", uma referência ao Sermão da Montanha. Mas o que Jesus estava descrevendo não era a Jerusalém temporal, mas o reinado dos céus. No relato de Reagan, não somente o reino de Deus podia ser encontrado nos Estados Unidos da América, como também a esfera do inferno podia agora ser localizada na esfera terrestre: o "império do mal" da União Soviética, contra o qual os Seus santos guerreiros deveriam ser lançados.

Desde os ataques a Nova York, essa noção da 'América, A Divina' tem sido estendida e refinada. Em dezembro de 2001, Rudy Giuliani, o prefeito da cidade, fez seu principal discurso na St Paul's Chapel, perto do local das torres destruídas. Proclamou: "Tudo o que importa é que vocês abracem a América e compreendam seus ideais e tudo aquilo de que se trata. Abraham Lincoln costumava dizer que o teste do americanismo de um

indivíduo era... o quanto ele acreditava na América. Porque somos como uma religião, na realidade. Uma religião secular". A capela na qual ele fez seu discurso tinha sido consagrada não só por Deus, como também pelo fato de que George Washington tinha, um dia, rezado lá. Agora, disse ele, "era uma terra consagrada para que as pessoas pudessem sentir o que era a América". Os Estados Unidos da América não precisam mais clamar por Deus; são Deus, e aqueles que forem ao exterior difundir a luz, o fazem em nome de um domínio divino. A bandeira se tornou tão sagrada quanto a Bíblia; o nome da nação tão sagrado quanto o nome de Deus. A presidência está se tornando um sacerdócio.

Portanto, aqueles que questionam a política externa de George Bush não são mais apenas meros críticos; são blasfemadores, ou "anti-americanos". Os estados estrangeiros que procuram mudar essa política estão perdendo o próprio tempo: pode-se negociar com políticos; não se pode negociar com sacerdotes. Os EUA têm uma missão divina, como sugeriu Bush em janeiro: "defender...as esperanças de toda a humanidade", e expurgar todos os que anseiam por algo que não seja o American way of life.

Os perigos da divindade nacional não precisam de maiores explicações. O Japão foi à guerra nos anos 30 convencido, como George Bush, de que detinha a missão enviada pelos céus de "liberar" a Ásia e estender o domínio do seu império divino. Seria, como tinha previsto o teórico fascista Kita Ikki: "levar a luz às trevas do mundo todo". Aquelles que procuram arrastar os céus para a terra estão destinados somente a engendrar um inferno.

The Guardian  
29 de julho de 2003

Os livros de **George Monbiot**, 'Poisoned Arrows' (Flechas Envenenadas) e 'No Man's Land' (Terra de Ninguém), foram republicados essa semana pela Green Books.

© Guardian Newspapers Limited 2003

Tradução do Site Imediata ([webmaster@imediata.com](mailto:webmaster@imediata.com))

Fonte: Agência Imediata de Informações ([www.imediata.com](http://www.imediata.com)).



## A DEPURAÇÃO DA TERRA

Ricardo Concha Traverso

Santiago - Chile

[rconcha@netline.cl](mailto:rconcha@netline.cl)

A ciência oficial tem se precavido em não falar nada deste inquietante tema: que das profundidades do Universo se aproxima um temível planeta (cometa?), que a Bíblia chama de Absinto. Os esoteristas o denominam Hercólubus e sustentam que provocará pavorosos cataclismos em nosso mundo. Um mito a mais de nossos tempos ou uma realidade?

Os milenaristas afirmam que é um fato e não uma simples especulação, à guisa da indiferença de outros. No entanto, há um descrédito generalizado pela sociedade materialista e sobressaturada de informação. Isto porque mistificadores e algumas seitas têm se apoderado do tema, convertendo-o em um genuíno ato de fé. O mais recente caso é o da seita Heaven's Gate, cujos membros terminaram imolando-se em um suicídio coletivo ante a presença do cometa Halle-Bopp, que, segundo os fanáticos acólitos do grupo, arrastava uma nave extraterrestre, a qual os levaria ao Paraíso.

No entanto, mais além das visões enfermas e delirantes de grupos minoritários, quem tem se dedicado a investigar seriamente o fenômeno acredita que a aproximação de Absinto ou Hercólubus é algo para ser tomado a sério, já que traz um profundo e pavoroso significado, o da purificação espiritual de nosso planeta. Além do que, como é natural, este

tema tem despertado numerosas polêmicas e tem sido e é de intensas controvérsias.

Em busca da verdade

Os céticos negam o fato, afirmando que são meras especulações, próprias de mentes infantis, fantasiosas, propensas a crer em contos de fadas, tratando-se de um mito a mais, dos muitos que circulam pelo mundo. Outros céticos, menos fanáticos, dizem que, ainda que o fenômeno seja certo, não há provas científicas para avaliar a veracidade do mesmo. Do outro lado da trincheira, estão os que dizem que o cometa (planeta?) existe e que a ciência oficial guarda um pesado silêncio a respeito para não alarmar as pessoas. Quem diz a verdade? É difícil sabê-lo nesta época, quando o excesso de informação destrói as possibilidades de separar o trigo do joio. O principal problema nesta procura da verdade está nas múltiplas interpretações que se tem feito sobre o tema. Em todo caso, o interessante é ter suficientes elementos de juízo, para que cada qual reflita sobre as implicâncias que o assunto tem para sua vida.

Ainda que para não crer no jogo do alarmismo, é necessário realçar que tudo o que se tem escrito acerca deste tema são simples especulações de sujeitos que afirmam ter visões sobre estes fatos ou de haver recebido mensagens catastróficas por parte de entidade extraterrestre. Ademais, não há suficientes dados científicos fidedignos que joguem luz sobre a veracidade ou falsidade desta teoria, portanto a mesma não passa de mera especulação. Mas como é habitual aos meios de comunicação, os leitores são os que têm que tirar as suas próprias conclusões.

De acordo com pessoas que têm tido visões premonitórias, durante três dias e três noites haverá escuridão total sobre o nosso planeta. Segundo elas, nesse lapso ocorreriam calamidades de diversas ordens e terremotos apocalípticos. São João disse sobre este ponto: "O quinto anjo derramou a sua taça sobre o trono da besta, e o seu reino se fez tenebroso; e os homens mordiam de dor as suas línguas." Por outro lado, Miguel de Nostradamus se referiu a isto com um termo similar e previu a época em que sobreviria esse fenômeno: "Próximo do vigésimo dia do Signo de Touro (10 de maio), a Terra tombará poderosamente... todo o mundo ficará surpreendido pela escuridão reinante..." Mas o ocultista não assinalou em que ano ocorrerá este acontecimento. Um pouco mais atrás no tempo, o mestre de Nostradamus, Ulrico de Maguncia, com seus dotes de vidente previu o mesmo, adiantando que "milhares e milhares de 'grandes rodas' inundarão o céu até interceptar a luz do dia" (OVNIs?). A lista de personagens que têm profetizado sobre esse pavoroso quadro é bastante extensa e inclui um vidente californiano de nome Criswell, que diz que a grande tragédia terá lugar em 18 de agosto de 1999.

O que causará tal situação?

Corria 1962 e vários astrônomos (como é natural, não se sabe os nomes, dado o descrédito e críticas que poderiam sofrer por parte da comunidade científica) ficaram estupefatos com uma descoberta sensacional mas aterradora: um enorme corpo planetário se aproxima da Terra a razão de 110 quilômetros por segundo e procede do sistema solar de Tylo ou Tylar, composto dos planetas denominados: Hesgamo, Tylón, Epsilón, Lylio, Phema e Hercólubus. Este último, um gigantesco planeta -

500 vezes maior que a Terra - em sua órbita afetará poderosa e dramaticamente o nosso globo terrestre. Este planeta, chamado na antiguidade de Absinto (nome de uma planta de sabor amargo), na Babilônia ficou conhecido como Baal. Já os astrônomos do nosso século o denominaram Barnard I. Não faz muitos anos, a imprensa informava sobre este caso, mas, curiosa e sugestivamente, o assunto passou rapidamente a integrar o panteão dos "fatos condenados" pela ciência oficial. Nada mais se disse sobre este cometa-planeta nem se esclareceu, se na verdade, provocará as catástrofes anunciadas.

Assim, sempre nos movemos no terreno das especulações. Estima-se que Hercólubus deslocará a orientação do eixo da Terra, de forma que, obviamente, causará verdadeiros cataclismos, submergindo consideráveis porções de terra firme nas tumultuosas águas dos oceanos. Milhões de pessoas morrerão no cataclismo planetário. De certo, a ciência ortodoxa cuida-se muito bem em não dizer nada acerca de Hercólubus, resguardando e mantendo este assunto no mais restrito segredo, afim de não provocar o caos e pânico mundiais.

Quais seriam as conseqüências imediatas que o planeta (cometa?) provocaria na Terra à medida que vai se aproximando? De imediato, alterações climáticas e o aumento substancial dos movimentos telúricos. Não deixa de ser interessante algo que dissera o astrônomo Carlos Muñoz Ferrada anos atrás. Em 1988, este conhecido investigador assinalava em uma entrevista a um matutino de Santiago, que no Chile se produziram anormais alterações climáticas, o que efetivamente se sucede. O verão de 1998 foi um verdadeiro outono, frio e nebuloso, e o outono autêntico

comportou-se como um se fosse verão, mais frio, seco e calmo, iniciando-se com geadas a um grau abaixo de zero. Também havia prognosticado vários sismos, explicando que todos os acontecimentos por ele anunciados teriam sua origem na "aproximação do sistema solar de um cometa - planeta" descoberto em 1940 - e cuja última aparição foi nos tempos da Atlântida. Finalizava dizendo que este corpo celeste vem a grande velocidade - a 110 quilômetros por segundo - e passaria próximo à Terra em 11 de agosto de 1999, a apenas 10 milhões de quilômetros.

Com tudo isso, o famoso fenômeno de "El Niño" tem algo a ver em este trágico panorama ou é uma curiosa coincidência? Por que Hercólubus estaria nas imediações da Terra? Para alguns videntes e astrólogos, o gigantesco cometa-planeta nos visita a cada 12 mil anos, deixando um rastro de destruição e morte em sua passagem. Este descomunal corpo celeste retorna na agonia de nossa raça (que é a quinta), coincidindo sua órbita com o término do ano sideral, ou a uma volta do sistema solar ao redor do cinturão zodiacal. Para os adeptos da Cosmogonia (conhecimento do Cosmos) esse é um fato real e concreto que acontecerá, gostemos ou não. E que, ante ele, mais vale estarmos preparados internamente, num elevado nível vibratório. Hercólubus ou Barnard I é um mundo de baixo nível de evolução, em cuja atmosfera magnética cairão os seres desencarnados com o estado de desenvolvimento espiritual compatível com o desse planeta. Será uma autêntica depuração da Terra, permanecendo nela os espíritos mais elevados, que serão a semente da Nova Era ou Era Dourada, na qual reinará Cristo, cumprindo-se deste modo o profetizado na Bíblia. Um outro aspecto deste drama cósmico: Barnard I viria a ser o apogeu

contemporâneo da grande Besta, o 666, o Príncipe do Mal, o Ancião Vingativo, que virá com o fim dos tempos e reinará em todas as nações da Terra. Alguns autores sustentam que isto já é uma realidade, porque não se trata de uma pessoa, mas neste caso o demônio. Segundo eles, o atual sistema sócio-econômico e político imperante hoje em dia, tem colocado grande parte da humanidade em uma condição humilhante. Enquanto a maioria da população - que não desfruta da riqueza em todos seus níveis - vive a angústia da dúvida existencial ou sofre a indiferença e o egoísmo ante a dor, só uns poucos se dispõem a ajuda-la. Enfim, um sistema de vida baseado na corrupção e na exaltação do material acima do espiritual, levando até seus limites o frágil ecossistema planetário, por causa da inconsciência do homem.

É inquietante ver o atual estado de coisas e não há que ser profeta para vislumbrar qual é o destino que se depara a humanidade se prosseguir assim. Cabe perguntar, qual é o limite para tudo isto? Os "filhos da obscuridade" (espíritos de baixíssima evolução) atacam os "filhos da luz" (pessoas de maior evolução espiritual), numa sutil luta da vida diária, onde fica em evidência, muitas vezes, a verdadeira estrutura espiritual de cada pessoa, quando se vê submetida às duras provas da vida. E não somente no trabalho pelo sustento diário, como tem que lidar com sujeitos passionais, egoístas, manipuladores, indiferentes ou violentos, que estão fascinados pela ânsia de poder. Um mundo com conduta social que não é própria de uma sociedade pretendidamente civilizada.

Séculos atrás, o profeta bíblico Daniel interpretou um sonho de Nabucodonosor, rei da Babilônia, depois do fracasso dos sábios e

astrólogos do reino. Daniel interpretou e também viu em seu próprio sonho, a queda de vários reinos, um atrás do outro. O último deles era constituído por dez reinos regidos por um rei, que será derrubado definitivamente. O tempo demonstrou que as interpretações proféticas de Daniel resultaram ser certas na totalidade dos casos. Tal como ele havia descrito, com o transcorrer dos séculos, impérios faustosos caíram como cartas de baralhos. E o notável profeta deixa bem claro que o último reino correspondente ao "Fim dos Tempos", está ligado a nosso século. Em todo caso, após a derrota da grande Besta e o retorno de Cristo, a Terra viverá a Idade de Ouro, ao ingressar em no descomunal anel do Sistema Solar de Alcione. Precisamente de lá, provem Hercólubus, que os esoteristas dizem que purificará do mal o nosso planeta.

(artigo extraído da revista Revelação)

## A GUERRA DOS CÓDIGOS E SUAS ARMAS

Giselle Beiguelman



O ataque do vírus mydoom (meu Juízo Final) revelou o vigor na internet de duas posições políticas autoritárias: o "bushismo" high-tech e a tecnocracia dos desenvolvedores de pragas virtuais que atacam computadores pessoais e de empresas.

Apesar de terem se tornado comuns e daninhos com popularização do uso da internet, os vírus são frutos de investigações realizadas nos anos 60 no campo da inteligência artificial, com o objetivo de desenvolver sistemas capazes de se reproduzir a partir de instruções matemáticas.

A expressão "vírus de computador" apareceu pela primeira vez em 1984 em um estudo científico de Fred Cohen, da Universidade de New Haven, que abordava programas de computador que se propagavam autonomamente, bem como modos de contê-los. Dois anos depois, já aparecia o primeiro programa virótico com finalidades destrutivas, o brain.

Só quando a internet deixou de ser exclusividade governamental e das universidades e passou a mediar nosso cotidiano foi que os vírus se tornaram um problema socioeconômico. Em 2001, o iloveyou se tornou a primeira grande epidemia. Existem hoje 22.555 espécies de praga virtual cadastradas na "Virus Encyclopedia".

Os vírus de computador são basicamente de três tipos: destrutivos (apagam arquivos do computador, por exemplo), invasivos (servem para roubar senhas, número de cartão de crédito etc.) ou de combate (são elaborados para atacar uma determinada empresa, por exemplo).

O mydoom é da terceira espécie. Detectado na segunda-feira, dia 26, já havia infectado cerca de 500 mil computadores em 200 países na quinta-feira, de acordo com a empresa de segurança F-Secure. Até sexta-feira, teria provocado prejuízos de US\$ 22 bilhões, ficando atrás apenas do sobig, que, no ano passado, gerou perdas de US\$ 37 bilhões.

Até o fechamento desta edição, não se sabia ainda quem era a pessoa ou o grupo que desenvolveu o mydoom. Algumas pistas não confirmadas indicam que ele pode ter sido disparado da Rússia.

Mas o objetivo do ataque foi descoberto por empresas de segurança logo no primeiro dia. Seria o de inviabilizar o acesso ao site de duas empresas, a SCO, que desenvolve produtos e serviços tecnológicos, e a Microsoft. Para tanto, os vírus usariam como arma de ataque a massa de computadores particulares contaminados.

A notícia sobre a identificação do vírus na última segunda-feira veio acompanhada de manchetes bombásticas na terça-feira, especulando que o mydoom poderia ser obra do "mundo Linux". O Linux é um sistema operacional distribuído gratuitamente e de código aberto (que pode ser modificado pelos seus usuários e por isso tem várias versões).

A hipótese da conspiração seria plausível pelo fato de a SCO estar movendo processos judiciais, desde maio de 2003, contra a empresa Linux, alegando que algumas das versões do sistema estariam usando linhas de programação de sua propriedade.

Ela foi amplamente calibrada por reportagens que replicaram uma declaração de Chris Belthoff, analista sênior de segurança da Sophos, uma empresa de antivírus, em que ele dizia que o autor do mydoom seria um "simpatizante do código aberto".

A declaração reflete um tipo de conservadorismo que vem sendo chamado de "bushismo" (de George W. Bush), prática político-econômica que se funda na confrontação e no extermínio de seus antagonistas ideológicos.

Uma carta enviada a 535 deputados e senadores americanos antes do aparecimento do vírus e assinada pelo presidente da SCO, Darl McBride, é esclarecedora sobre os fundamentos ideológicos que sustentam a hipótese da conspiração. Nela McBride argumenta que os programas de código aberto, entre os quais o mais usado é o Linux, ameaçam a segurança nacional e a competitividade dos EUA na economia globalizada.

Essas considerações, no entanto, estão longe de justificar ou minimizar os danos provocados pelo mydoom. É inconsistente a hipótese de que o vírus seja uma obra do "mundo Linux" contra seus antagonistas. Menos consistente ainda é a hipótese que relativiza a violência dos criadores desse vírus, lembrando que ele atinge "apenas" os computadores que utilizam Windows (a maioria no mundo todo) e que, portanto, a culpa seria da Microsoft por esta construir sistemas vulneráveis.

Essa atitude, além de comprometer os que apoiam o uso e o desenvolvimento de programas livres, é incoseqüente porque encobre a mais desconcertante faceta da produção de vírus de computador: a violência social de seu autoritarismo. A estratégia do ataque do mydoom leva todos aqueles computadores que foram por ele contaminados, ao se conectarem à internet, a acessarem automaticamente sites dos seus alvos (SCO e Microsoft). Isso sobrecarregaria de tal maneira os computadores dessas empresas, que eles ficariam "travados", impossibilitados de atender à enorme quantidade de solicitações.

Em termos técnicos, esse tipo de ataque que "derruba" um site se chama de tipo DoS (negação de serviço, em inglês). Em termos políticos, denota a emergência de uma tecnocracia que se impõe pela transformação dos internautas em soldados involuntários de um exército global que ataca

sem saber a quem, quando e por quê.

**Giselle Beiguelman** é professora do programa de pós-graduação em comunicação e semiótica da PUC-SP e autora de "O Livro Depois do Livro".

Fontes: Centro de Mídia Independente ([www.midiaindependente.org](http://www.midiaindependente.org))

Folha de São Paulo ([www1.folha.uol.com.br/fsp/](http://www1.folha.uol.com.br/fsp/)).



## A SOLUÇÃO FINAL CAPITALISTA

Laymert Garcia dos Santos

*Filósofa francesa defende que método de seleção aplicado nos campos de concentração nazistas está na base da estratégia neoliberal implementada em escala mundial.*

.....

Há dez anos, o poeta e dramaturgo alemão Heiner Müller deixou claro, numa entrevista, que não via Auschwitz como um desvio ou exceção, mas sim como altar do capitalismo, último estágio das Luzes e modelo de base da sociedade tecnológica. Auschwitz seria o altar do capitalismo porque ali o homem é sacrificado em nome do progresso tecnológico, porque o critério da máxima racionalidade reduz o homem ao seu valor de matéria-prima, de material; seria o último estágio das Luzes ao realizar plenamente o cálculo, por elas inaugurado; e, finalmente, seria o modelo de base da sociedade tecnológica porque o extermínio em escala industrial consagra até mesmo na morte a busca de funcionalidade e eficiência, princípios fundamentais do sistema técnico moderno. O comentário de Müller volta com força total à mente quando se lê o último livro de Susan George, que acaba de ser publicado na França, traduzido do inglês. "Le Rapport Lugano", *O Relatório Lugano*, mostra que a lógica da "solução final" não se dissolveu com o fim dos campos de concentração; muito ao contrário, ela está aí, mais atual do que nunca, maquinando a estratégia neoliberal implementada em escala planetária. A aproximação pode parecer abusiva, mas não é: Müller sabia que a

estratégia nazista de aceleração total, tanto econômica quanto tecnocientífica, obedecia ao princípio da seleção, isto é, do direito do mais forte; George sabe que a estratégia neoliberal repousa sobre esse mesmo princípio, ao colocar a mesma questão totalitária: quem tem o direito de sobreviver, quem está condenado a desaparecer. Ambos odeiam e combatem a seleção porque ela conduz ao genocídio.

### Perspectiva sem complacência

Susan George percebeu o caráter genocida implícito na estratégia global do neoliberalismo quando, constatando que o sistema atual é uma máquina universal de destruição do ambiente e de produção de perdedores, procurou colocar-se na posição daqueles que mais lucram com ela e descobriu que eles estavam inquietos. "(O presidente do Banco Central dos EUA) Alan Greenspan se inquietava com a exuberância irracional do mercado, (o megainvestidor) George Soros se inquietava com os excessos do capitalismo, o principal economista do Banco Mundial se inquietava com o impacto e a severidade dos programas de ajuste estrutural nos países pobres, o diretor responsável pela economia mundial do banco Morgan Stanley se inquietava com "o impiedoso confronto pelo poder entre o capital e o trabalho" que se anunciava, e muitas pessoas se inquietavam com a polarização social e o desmoronamento do ambiente. Entretanto ninguém parecia fazer a ligação entre todos os aspectos dessa situação, pelo menos em público.

"Se fosse tão rica e poderosa quanto eles, pensou então George, daria tudo para obter uma perspectiva do processo global traçada sem

complacência, já que, por uma questão de sobrevivência, os senhores da terra precisam de um diagnóstico do sistema e de recomendações para assegurar o controle de sua evolução futura. Ora, se tal estudo existisse, seria feito por esses "policy intellectuals" que transitam entre as universidades de prestígio e as altas esferas governamentais. É muito provável que tais análises existam, mas elas, evidentemente, jamais viriam a público. George decidiu então escrever o que precisaria saber, se fizesse parte do seletíssimo clube que decide a estratégia de sobrevivência da "classe express"; e, para poder escrever, concebeu um recurso literário extremamente instigante: imaginou que alguns incógnitos membros da elite global encomendaram a um grupo de trabalho formado por especialistas de todas as ciências humanas um estudo sigiloso destinado a "definir os dados estratégicos que permitirão manter, desenvolver e reforçar o domínio da economia capitalista liberal de mercado e os processos que o termo 'globalização' resume de modo eficiente". Reunido em Lugano, pacato e belo refúgio suíço de milionários, o grupo de trabalho teria então elaborado o seu diagnóstico e, em novembro de 1999, entregou o Relatório Lugano, que tem por título oficial "Assegurar a Perenidade do Capitalismo no Século 21".

### **A encomenda secreta**

A invenção da encomenda secreta agora tornada pública é o único elemento ficcional dessa avaliação implacável -todo o resto é documentado por meio da massa de dados devidamente ponderados e apresentados na linguagem fria e imparcial da tecnocracia. Mas em vez de criar um efeito literário, a articulação entre ficção e realidade tem o poder de captar a dimensão monstruosa do processo em curso. Com efeito,

tudo se passa como se Susan George tivesse recorrido à situação fictícia para pensar até o fim o pensamento dos neoliberais, para levar às últimas conseqüências suas premissas econômicas, políticas, comerciais, financeiras, ecológicas e demográficas. A primeira parte do Relatório é dedicada às ameaças que pesam sobre o sistema, ao papel das instituições internacionais de controle e ao impacto gerado pela atual relação explosiva entre consumo, tecnologia e população. Eis algumas das conclusões do grupo de trabalho:

- 1) Os governantes tentam convencer os governados de que a ordem econômica neoliberal pode incluir todo mundo em toda parte, por mais numerosos que sejam no presente e no futuro. Mas não há a menor possibilidade de integrar uma população mundial de 6 a 8 bilhões de pessoas.
- 2) Antes da globalização, os processos econômicos eram sobretudo nacionais e operavam por adição. Hoje, precisamente porque se tornaram internacionalizados, operam por subtração; é o chamado "downsizing", quanto mais se eliminam elementos humanos custosos (mão-de-obra), mais os lucros aumentam.
- 3) A cultura capitalista se caracteriza pela concorrência e pela "destruição criadora". Mas os países onde a economia mercantil deu forma a uma cultura capitalista dominante durante séculos constituem hoje apenas 10% da humanidade. Tal porcentagem é de muito mau augúrio para o futuro do sistema.
- 4) As condições mínimas para que o capitalismo global perdure e triunfe não podem ser satisfeitas nas atuais condições demográficas. Não se pode

ao mesmo tempo apoiar o capitalismo e continuar tolerando a presença de bilhões de humanos supérfluos.

5) Uma população total do planeta mais reduzida é o único meio de garantir a felicidade e o bem-estar da maioria das pessoas. Tal opção pode parecer dura, mas é ditada pela razão e pela compaixão. Se desejamos preservar o sistema liberal, não há alternativa.

### Limpeza social



Uma vez colocada a questão da redução de população, o Relatório passa a discutir as estratégias para "resolver" o problema dos excluídos por meio do que Müller chama de "limpeza social". De saída os sistemas genocidas como o Holocausto são considerados estratégias ruins por várias razões: apóiam-se em enorme burocracia, são caros demais e ineficientes,

conferem demasiado poder e responsabilidade ao Estado, não passam despercebidos, atraem a ruína e o opróbrio a seus autores. Diz o relatório:

"O modelo de Auschwitz é o contrário do que precisamos para atingir o objetivo. (...) A seleção das "vítimas" não deve ser responsabilidade de ninguém, senão das próprias "vítimas". Elas selecionarão a si mesmas a partir de critérios de incompetência, de inaptidão, de pobreza, de ignorância, de preguiça, de criminalidade e assim por diante; numa palavra, elas encontrar-se-ão no grupo dos perdedores".

Definidos os objetivos e os quatro pilares que fundamentam a ambiciosa empresa, o pilar da ideologia e da ética, o econômico, o político e o psicológico, o Relatório propõe, como estratégias de redução da população, uma atualização concertada dos flagelos configurados pelos quatro cavaleiros do Apocalipse: a Conquista, a Guerra, a Fome e a Peste. Vistos nessa perspectiva, os conflitos regionais, as crises, as epidemias e os desmanches que assolam as economias e sociedades do Terceiro Mundo adquirem uma inteligibilidade espantosa, até então irreconhecível. Mas a produção de destruição não tem apenas inspiração bíblica: há também estratégias que nem São João de Patmos nem Malthus poderiam conceber, porque são preventivas e dependem da política e da tecnologia do século 20: aqui têm lugar os inibidores de reprodução, como as esterilizações em massa, a contracepção forçada etc.

Às duas partes do Relatório, Susan George acrescenta um capítulo de comentários sobre as maneiras de reagir a ele e um posfácio, no qual revela como e porque inventou sua ficção.

Leitora do antigo estrategista chinês Sun Tzu, ela simplesmente aplicou seu preceito: não faça o que mais gostaria de fazer. Faça o que o seu adversário menos gostaria que fizesse.

(Folha de São Paulo, 24 de setembro de 2000)

*Laymert Garcia dos Santos é professor livre-docente do Instituto de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade Estadual de Campinas (Unicamp) e autor de "Tempo de Ensaio" (Companhia das Letras), entre outros.*

Fontes: Clip Pirata ([www.clippirata.com.br](http://www.clippirata.com.br)).

Folha de São Paulo (<http://www1.folha.uol.com.br/fsp/>).

## **AFINAL, ONDE ESTÁ A VERDADE?**

Cláudio Malagrino

**Conspirar: v. t. 1. Tramar, maquinar. 2. Entrar em conspiração, conluio. 3. Projetar em comum coisa contrária aos interesses de outro. 4. Tramar contra os poderes públicos.**

Leia com atenção:

### **- Armas de controle psicotrônico contra cidadãos**

*Militares norte-americanos estão desenvolvendo tecnologias de controle mental remoto, para utilização contra milícias e manifestações públicas. Estas novas tecnologias armamentistas, desenvolvidas inicialmente pelos agentes da KGB soviética, baseiam-se na utilização de ondas eletromagnéticas e acústicas de baixíssima frequência (20 a 35 Hz), causando desorientação, dores e em casos extremos a morte. O governo americano possui dispositivos capazes até mesmo de simular sequestros por OVNI's, projetando imagens holográficas de modo a implantar pequenos "chips" nas supostas vítimas, com a finalidade de seu controle contínuo.*

### **- Cerco de Montana apenas esconde invasão inglesa**

*Existem fortes indícios de que o cerco ao grupo fundamentalista conhecido como **Freemen**, no estado de Montana, EUA, na verdade escondia uma tentativa de invasão de forças inglesas e da Nova Ordem Mundial. Armamento pesado, artilharia e um esquadrão de helicópteros foram mobilizados para o local, e os comandantes das unidades estão orientados a manter estrita disciplina e apenas ordenarem fogo quando atacados.*

### - 3ª Guerra Mundial completa 42 anos

*A 3.a Guerra Mundial, também denominada **Guerra Silenciosa**, completou 42 anos de existência no mês de Maio. Com a finalidade de garantir o poder da classe dominante, as novas tecnologias eletrônicas passaram a ser utilizadas a partir de 1954 para promover o controle social sobre grupos indisciplinados e de classes sociais inferiores. Desde então, a família passou a ser progressivamente atacada e desintegrada, facilitando a reeducação dos mais jovens. A mídia vem desde então bombardeando seu público com produtos de entretenimento de baixo nível, e a escola vem sofrendo um processo de desmantelamento, para impedir a ascensão social das camadas mais baixas. O objetivo final da **Guerra Silenciosa** é basicamente manter a economia mundial sob controle, de modo a assegurar a paz, a ordem social e a tranquilidade da elite dominante.*

Absurdo, curioso ou paranóico? Uma leitura mais atenta mostra que os textos acima têm algumas características em comum:

- Partem do princípio de que existe algo que está sendo escondido da opinião pública.
- Supõem a existência de uma classe, ou de grupos dominantes na sociedade.
- Alertam contra uma permanente situação de conflito entre estes grupos e as classes "inferiores". As classes dominantes estariam dispostas a tudo, de modo a garantir sua hegemonia.

Estes são os fundamentos básicos das **teorias conspiratórias**. De características marxistas e por vezes nacionalistas, esta linha de pensamento tem se difundido em grupos de discussão da **Usenet**, como

[alt.conspiracy](#). Estes grupos geram uma quantidade muito grande de mensagens, onde a frequente ausência de provas faz com que as hipóteses acabem muitas vezes se aproximando da ficção. Uma estratégia comum é a da "justificativa pela negativa":

- "O governo nega a existência"; portanto deve ser verdadeiro.
- "A mídia não cobriu o evento"; pois está comprometida com as elites.
- "As provas não foram encontradas"; foram destruídas porque eram conclusivas.

Este conjunto de características forma "teorias" fechadas, que se auto-justificam.

O mistério até hoje não solucionado da morte de John F. Kennedy, no dia 22 de novembro de 1963, é um terreno fértil para especulações. Segundo Milton William Cooper, militar reformado norte-americano que serviu na Guerra do Vietnam como agente de inteligência, Kennedy foi morto porque pretendia denunciar à opinião pública a existência de uma grande conspiração envolvendo o governo americano e seres alienígenas. OVNI's capturados pela força aérea americana, contendo até mesmo extra-terrestres vivos, estariam agora em poder de militares dos EUA, e toda sua tecnologia estaria sendo absorvida. Boa parte dos filmes e séries sobre OVNI's apenas seriam instrumentos de preparação da opinião pública para a revelação gradual da tecnologia extra-terrestre.

Cooper vai mais além. Segundo ele, a Guerra Fria e a corrida espacial foram uma farsa. Os EUA e a antiga URSS sempre foram aliadas tecnológicas no espaço utilizando a tecnologia extra-terrestre, e possuem inclusive uma base em Marte desde o início dos anos 60. A transferência

tecnológica dos OVNI's faria parte de um grande acordo, onde os extra-terrestres teriam total liberdade em raptar animais e seres humanos para experiências. Em relação às provas, Cooper cita sua participação nos altos escalões de espionagem das Forças Armadas americanas, o que lhe permitiu ter acesso a documentos extremamente confidenciais, que ainda permanecem como tal.

A Área 51 é uma região extensa, próxima ao Lago Groom, no estado de Nevada, EUA. Situada a noroeste da cidade de Las Vegas, encontra-se no meio de uma região deserta. Com a intenção de promover o turismo nas regiões vizinhas, uma estrada próxima ao local foi denominada "Rodovia extra-terrestre". E não é à toa: para muitos, a Área 51 esconde OVNI's capturados, inclusive a espaçonave do famoso "Caso Roswell", de 1947. O governo americano não confirma a existência da Área 51, mas sabe-se com certeza que se trata de uma base secreta de desenvolvimento de aeronaves especiais. Lá foi desenvolvido o bombardeiro U2, e vem sendo aperfeiçoada a tecnologia de aeronaves invisíveis aos sinais de radar.

Recentemente, ex-funcionários da Área 51 entraram com processos contra o governo norte-americano por danos causados a sua saúde, graças à inalação de gases tóxicos produzidos dentro da base. Porém, os funcionários, ao confirmarem sua atuação dentro de uma área de segurança nacional, estavam a arriscar-se a serem condenados a pelo menos 10 anos de prisão. As dificuldades também eram grandes por parte do advogado das vítimas, ao exigir relatórios mais conclusivos sobre quais gases tóxicos foram liberados. As negativas dos oficiais eram constantes, alegando questões de segurança nacional

A mística em torno da Área 51 tem aumentado. Lojas da região vendem souvenirs com imagens de ETs e formato de OVNI's. Grupos organizados tentam chegar tão próximo quanto possível da região, que não possui

nenhuma cerca, apenas placas que proíbem a entrada, sob pena de prisão. Relatos de aparições de luzes noturnas no local também são comuns, e fotos da região são exibidas em sites na Internet como verdadeiros troféus. Até mesmo um grupo de discussão especial na Usenet, denominado [alt.conspiracy.area51](#), foi criado para troca de informações, textos e imagens sobre a região.

Afinal, existem conspirações promovidas por grupos escusos, que manipulam o destino de toda a humanidade? Ou são apenas histórias curiosas, levadas a sério por paranóicos e extremistas? Análises mais apuradas levam a crer que o assassinato de John F. Kennedy foi fruto de uma conspiração de grupos descontentes com a progressiva perda de privilégios, graças à política econômica interna. O Brasil recentemente experimentou os efeitos nefastos de um governo paralelo, comprometido com um amplo esquema de corrupção. A sua descoberta levou até mesmo à deposição de um presidente da República. Se uma mentira se esconde entre duas verdades, uma verdade pode ficar muito bem escondida entre várias mentiras.

#### **Veja Também:**

[Projeto a-Albionic](#) - Espaço reservado à liberdade de expressão, geralmente tratando assuntos polêmicos.

[Groom Lake - Area 51](#) - Fonte extensa de informações sobre a Área 51. Mapas, textos, fotos e links para outras fontes.

[ParaScope Home Page](#) - Artigos interessantes sobre OVNI's, teorias conspiratórias e paranormalidade. Excelente fonte de informação.



Fonte: Online Magazine (<http://www.malagrino.com.br/online/>).

## **APOCALIPSE HIGH TECH**

Por Vladimir Cunha

[vlad@disinfo.net](mailto:vlad@disinfo.net)



Maravilha da tecnologia ou coisa do demo? Descubra por que os códigos de barra UPC dão tanto o que falar.

Em 1949, os pesquisadores Norman Woodland e Bernard Silver trabalhavam arduamente para atender ao pedido de um importante empresário da Filadélfia: criar um sistema de leitura de preços que conseguisse livrar os clientes de sua cadeia de supermercados das enormes filas à beira do caixa. O resultado de dias e dias de pesquisa foram as etiquetas de códigos UPC.

Compostas por barras verticais paralelas, elas foram responsáveis por uma nova era na economia mundial. E hoje em dia, seja nas embalagens de comida para viagem ou nos tubos de pasta de dentes, elas estão presentes em praticamente qualquer produto industrializado.

Apesar de toda sua praticidade, este sistema de leitura inicialmente foi rejeitado pelo patrão de Woodland e Silver. Por causa disso, ele ficou 18 anos na geladeira e só começou a ser implantado nos Estados Unidos em 1967, quando a RCA instalou o primeiro scanner de códigos UPC em um supermercado da cidadezinha de Kroger, Ohio. No entanto - por falta de um consenso quanto a disposição das barras nas etiquetas, já que cada fabricante as imprimia seguindo um padrão diferente - logo o sistema foi descartado, caindo novamente no esquecimento.

Mas quando todos haviam se esquecido dele, eis que em 1970 a Associação Nacional de Supermercados (NAFC) pediu a empresa Logicon Inc. que criasse um sistema único de leitura de códigos UPC. Três anos depois, o Comitê Universal de Códigos de Produtos, um órgão afiliado a NAFC, emitiu um parecer favorável a utilização definitiva das etiquetas em todo os Estados Unidos. E em junho de 1974 era inaugurado em um magazine de Troy, Ohio, o primeiro leitor de códigos de barra realmente eficiente da História.

Você deve estar perguntando: que diabos tudo isso tem a ver com o Apocalipse, a Besta-Fera e o fim do mundo? Simples. É que, de acordo com as normas da NAFC, cada etiqueta de códigos de barra segue um padrão que, se analisado mais a fundo, se mostra um tanto quanto assustador. Mas, para entender melhor a origem da paranóia em torno dos códigos de barra, é preciso saber como eles funcionam. Nas etiquetas que usam o padrão UPC cada número é representado por duas barras paralelas cujo valor depende da espessura e da distância entre elas. Ao passar sobre essas barras e conferir os dados que elas contêm, o feixe de

laser é capaz de informar ao computador o preço de uma calça jeans, o valor de um canhoto bancário ou saldo devedor de um cartão de crédito, por exemplo.

Tudo muito bonito, tudo muito bacana. Mas é só prestar um pouco mais de atenção ao sistema de leitura dos códigos UPC para que a parte sinistra da coisa seja revelada. Em todas as etiquetas ela é feita da esquerda para a direita e o seu começo, meio e fim são determinados por seis barras paralelas um pouco maiores que as outras e com a mesma configuração das que compõem o número seis: duas hastes de espessura média separadas por uma distância de meio milímetro. Sendo assim, obrigatoriamente, todo código de barra, além das informações sobre o produto, contém o número 666 em sua etiqueta. Quem já leu a Bíblia deve lembrar de umas das passagens mais famosas do Apocalipse de São João que fala sobre o número da Besta. De acordo com o profeta "...para que ninguém possa comprar ou vender, senão aquele que tem a marca, o nome da Besta ou o número do seu nome...Este número é seiscentos e sessenta e seis".

Se levarmos em conta que, em sua maioria, quase todos os bancos, lojas de conveniência, magazines e supermercados do planeta utilizam o sistema de códigos UPC em seus caixas, fica praticamente impossível comercializar um produto que não venha com uma etiqueta de códigos de barra e, por conseguinte, o número 666 estampados em sua embalagem. Sendo assim, ao seguirmos esse raciocínio tudo nos leva a crer que a Besta já está entre nós e que o Apocalipse e a segunda vinda de Jesus Cristo à Terra são apenas uma questão de tempo. Salve-se quem puder.

Fonte: Revista A Barata ([www.abarata.com.br](http://www.abarata.com.br)).

### **EUA MANTÉM EM SEGREDO ARMAS NÃO-LETAIS**

Debora MacKenzie, da New Scientist

([www.newscientist.com](http://www.newscientist.com))

Bactérias que comem estradas e edifícios. Biocatalizadores que decompõem combustíveis e plásticos. Dispositivos que corroem secretamente o alumínio e outros metais. Estes são apenas uns poucos exemplos de armas não letais que os EUA tentaram, ou estão a tentar, desenvolver. Mas quão próximas estas armas estarão da realidade nunca poderemos saber. A US National Academy of Sciences (NAS) recusa-se a liberar dúzias de relatórios que propõem ou descrevem seu desenvolvimento, embora os documentos devam estar nos registros públicos.

A academia justifica sua reticência sem precedentes mencionando preocupações com segurança após o 11 de Setembro. Mas pessoas experientes pensam que a razão real é que as investigações violam tanto a lei dos EUA como tratados internacionais sobre armas químicas e bacteriológicas.

Os documentos em causa foram colecionados no ano passado por um painel de cientistas acadêmicos e industriais organizado pela NAS para avaliar recentes investigações de armas não letais para o Joint Non-Lethal Weapons Program (JNLWP), do Pentágono. Os EUA ganharam um interesse acrescido pelas armas não letais após a sua desastrosa missão pacificadora na Somália, em 1993, quando civis amotinados mataram soldados americanos.

O painel, cujo relatório deve sair até ao fim deste ano, colecionou 147 relatórios e propostas de investigadores, muitos deles financiados pelo JNLWP. Um grupo no Oak Ridge National Laboratory, no Tennessee, por exemplo, propõe utilizar campos eletromagnéticos intensos a fim de produzir efeitos que vão "desde a interrupção da memória de curto prazo à total perda de controlo voluntário das funções corporais". Outros propõem armas de energia dirigida.

Em Março, como é habitual com estudos não-classificados da NAS, eles foram depositados no Public Access Records Office da academia, e os seus títulos foram divulgados (ver abaixo). "Estes documentos são supostos serem públicos", afirma Ed Hammond do Sunshine Project, um grupo que faz campanha contra armas biológicas. Quando ele pediu ao serviço de registos para ver 77 dos documentos, este concordou em cedê-los.

"Mas dois dias depois a NAS retirou os documentos", conta Hammond. "Kevin Hale, o responsável de segurança da NAS, disse-me que era porque alguém havia exprimido preocupação". Quem o fez não é claro. A pressão restritiva não parece ter vindo da própria JNLWP, porque na semana passada esta enviou a Hammond oito documentos que ele havia requerido, incluindo três que estavam na lista da NAS.

New Scientist não pode contactar Hale. "Ainda estamos a formular a nossa resposta às pessoas da Sunshine", foi tudo que um assistente disse. Mas os poucos relatórios que Hammond obteve constituem uma leitura interessante.

Mais de um ano atrás, New Scientist revelou que responsáveis superiores da JNLWP pretendiam reescrever os tratados de armas químicas e biológicas a fim de terem mais liberdade para desenvolverem armas não letais (16 Dezembro 2000, pg. 4). Os relatórios tornavam claro que investigações que violam os tratados foram efetuadas desde os anos 1990.

Um pedido de financiamento feito em 1998 pelo Office of Naval Research propõe a criação de micro-organismos geneticamente projetados que corroeriam estradas e pistas de decolagem, e produziriam "deterioração de partes metálicas, revestimentos e lubrificantes de armas, veículos e equipamento de apoio, bem como combustíveis.

O plano era isolar genes para enzimas que atacam materiais como Kevlar, asfalto, cimentos, pinturas ou lubrificantes, e colocá-los dentro de micróbios que os expulsariam em grandes quantidades. As bactérias deveriam ser projetadas para se auto-destruírem depois de despejarem a sua carga de destruição.

Não é claro quantas destas idéias foram realmente realizadas. Mas o grupo já patenteou um microorganismo que decomporia poliuretano, "um componente vulgar das tintas de navios e aviões", incluindo revestimentos anti-radar secretos.

Outra proposta de 1998, de um laboratório de biotecnologia da base de Brooks da Força Aérea, próxima de San Antonio no Texas, era refinar

"biocatalizadores anti-material" já em desenvolvimento. Um deles envolvia uma bactéria derivada que decompunha moléculas orgânicas como combustíveis e plásticos.

As propostas afirmam que tais substâncias estão isentas das restrições relativas à guerra biológica. Mas isso não é verdade, argumenta Mark Wheelis da Universidade da Califórnia, Davis. A Convenção das Armas Biológicas e Tóxicas de 1972 proíbe o "desenvolvimento, produção, armazenagem ou aquisição de agentes biológicos ou toxinas" se não forem para finalidades pacíficas. Além disso, no ano passado os próprios EUA introduziram uma lei banindo a posse de bio-armas, inclusive micróbios concebidos para atacarem materiais.

Os documentos retidos também incluem propostas para usar bombas fétidas, sedativos e derivados do ópio como armas, os quais Wheelis considera que transgrediriam a Convenção das Armas Químicas de 1992.

Esta convenção proíbe "qualquer produto químico... que possa causar morte, incapacidade temporária ou dano permanente".

---

Copyright © New Scientist 2002. For fair use only.

A URL deste artigo é: [www.globalresearch.ca/](http://www.globalresearch.ca/).

Texto extraído do site português Resistir ([www.resistir.info](http://www.resistir.info)).

## **BOATO FORTE**

Peter Burke

*Antes tratado como indigno, tema é visto hoje como elemento fundamental para compreender as relações sociais.*

.....

No passado desdenhado como assunto indigno do interesse dos estudiosos, o boato se tornou tema de pesquisa para psicólogos, sociólogos, antropólogos e historiadores bem como para os especialistas no estudo da comunicação. A abordagem quanto ao estudo do fenômeno, que pode ser definido como "um relato curto, anônimo e não confirmado quanto a um suposto evento", deixou de ser negativa e passou a ser positiva.

Originalmente, os boatos eram transmitidos de pessoa para pessoa, mas hoje em dia se tornou necessário incluir as histórias que circulam nos jornais, na televisão e na internet bem como na conversa cotidiana.

No passado descartado como patológico e como simples exemplo de informação indigna de confiança, o boato começa a ser encarado com seriedade cada vez maior, na forma de narrativa, produto coletivo para o qual muitas pessoas contribuem à medida que a história se difunde.

É tolice acreditar literalmente em boatos, mas é igualmente tolo descartá-los por inteiro, porque essas histórias revelam alguma coisa sobre as preocupações, interesses, esperanças e medos dos indivíduos e grupos que as transmitem. Os estudos sobre o boato chegaram a algumas

conclusões fascinantes quanto às circunstâncias que favorecem sua difusão, as maneiras pelas quais as narrativas são elaboradas e sobre as funções sociais que elas têm a cumprir.

Começamos pela questão da circulação. Um dos mais notáveis estudos sobre os boatos foi publicado na França, mais de 30 anos atrás, pelo sociólogo Edgar Morin sob o título "O Boato de Orléans".

### **Rapto de meninas**

Em 1969, na cidade de Orléans, no interior da França, começou a circular um boato sobre o rapto de meninas nos provadores de seis lojas de roupas, todas elas propriedade de judeus, e sobre a venda das cativas como escravas brancas. Morin e sua equipe de pesquisadores se deslocaram imediatamente para Orléans a fim de investigar o boato enquanto a trilha ainda estava quente, e o livro que resultou desse trabalho de investigação oferece diversas conclusões interessantes. Uma delas é a idéia de que um boato começa sua carreira como resultado de um incidente dramático que funciona como "gatilho". No caso de Orleans, o gatilho foi a inauguração de uma nova loja, chamada Aux Oubliettes (Na Masmorra), porque os provadores ficavam localizados no subsolo. Em outras palavras, uma piada que deu errado.

Uma segunda conclusão interessante do estudo envolve o tipo de pessoa mais ativa na propagação e amplificação do boato, os "condutores", como se poderia designá-los. No caso de Orléans, esse papel foi exercido por meninas, especialmente alunas de colégios internos, suscetíveis aos boatos (argumenta Morin) porque estavam isoladas do resto da comunidade. Estudos posteriores chegaram a constatações semelhantes

com respeito a outros grupos, que variam do clero à polícia, em Londres, e também se aplicam aos britânicos na era da colonização da Índia.

O boato pode expressar uma esperança, como o retorno do líder heróico (rei Artur, dom Sebastião, Emiliano Zapata e assim por diante) para libertar seu povo e fazer justiça. No entanto temas mais comuns envolvem desastres como incêndios, fomes, doenças, assassinatos, seqüestros e assim por diante. Eventos que ficam em larga medida excluídos do controle humano, como o grande incêndio de Londres, em 1666, ou a difusão da peste negra, em 1348, da cólera, no século 19, e da Aids, mais recentemente, foram todos atribuídos a conspirações.

A responsabilidade por essas conspirações, por sua vez, é atribuída aos "vilões culturais" de uma determinada era e local, como as feiticeiras, os saqueadores, os judeus, os católicos, os jesuítas, os maçons, os comunistas, os muçulmanos fundamentalistas, as mulheres que querem se vingar dos homens e assim por diante. Dois temas recorrentes vêm sobrevivendo por muito tempo, já que estão em circulação pelo menos desde a Idade Média (se não muito antes) e até os nossos dias.

Um é a história de que alguém está envenenando os suprimentos de água, originalmente os poços e mais recentemente a água encanada em Los Angeles, Tel Aviv e outros locais. O segundo é o boato quanto ao rapto, abuso e assassinato de crianças. Na Inglaterra, Alemanha e outros locais, na era medieval, os judeus eram acusados de rapto e assassinato ritual de crianças cristãs. Na Europa dos séculos 16 e 17, o mesmo crime era atribuído às bruxas, que agiriam a comando do diabo. Os intelectuais do iluminismo zombaram desses medos e os explicaram como frutos da irracionalidade e das superstições dos séculos precedentes. Mesmo assim, esses boatos não desapareceram.



De fato, ressurgiram nos anos 80 em diversas partes da Europa e dos EUA, onde aconteceram diversas ondas de pânico relacionadas ao suposto rapto de crianças, especialmente as loiras de olhos azuis, por membros de um "culto" satânico imaginado como uma organização secreta de alcance nacional. Em certo sentido, existem apenas alguns poucos boatos, boatos básicos, que circulam e voltam a circular com ligeiras alterações, adaptados à situação local.

As circunstâncias que favorecem a difusão de boatos incluem uma atmosfera de medo e incerteza provocada por alguma forma de crise, como guerras, ondas de fome, epidemias e revoluções. De fato, o estudo dos boatos se desenvolveu durante as duas guerras mundiais do século 20, quando historiadores como o francês Marc Bloch e psicólogos como o norte-americano Gordon Allport começaram a analisar as histórias que circulavam em torno deles.

Quando começam a se espalhar, as histórias talvez não sejam muito sensacionais, mas à medida que circulam são adaptadas, consciente ou inconscientemente, e assimilam formas comuns aos boatos do passado. Os elementos do boato que os ouvintes recordam e transmitem aos outros dependem de seus interesses, preconceitos e ansiedades. Assim, os personagens da trama se transformam em estereótipos, especialmente vilões estereotipados, e a história se torna um mito. Os mitos desempenham funções sociais.

Uma crise cria demanda por notícias, mas, especialmente em tempo de guerra, a livre circulação de notícias não é permitida, e o lugar delas é ocupado por boatos. As pessoas precisam compreender as crises que estão vivendo, e os boatos oferecem explicações vívidas e memoráveis e atribuem a responsabilidade pela fome ou pela peste a indivíduos ou grupos odientos.

A ênfase em conspirações poderia ser descrita como "paranóica", mas apenas no sentido mais amplo do termo, que abarca sua presença entre as pessoas normais. Um boato também poderia ser descrito, de forma igualmente apropriada, como tentativa de solucionar um problema.

E um último ponto a salientar quanto aos boatos envolve suas conseqüências. Os boatos muitas vezes fazem com que coisas aconteçam, porque mobilizam o populacho, por exemplo. O curso da Revolução Francesa, por exemplo, foi afetado pelo "Grande Medo" que varreu a França em 1789 e encorajou a ação contra a aristocracia. A grande rebelião contra os britânicos na Índia colonial, em 1857, começou com um boato sobre a distribuição, aos soldados locais, de cartuchos lubrificadas com gordura de vaca ou porco, o que serviu para alienar tanto hindus quanto muçulmanos.

Os preços das ações nas Bolsas de todo o mundo flutuam em resposta a boatos. O exemplo das Bolsas nos lembra que, a despeito de seus elementos arcaicos, os boatos continuam a ter papel muito importante na vida cotidiana de pessoas educadas e em sociedades modernas, quer circulem por telefone, e-mail ou nas páginas do jornal diário.

*Peter Burke é historiador inglês, autor de Uma História Social do Conhecimento (ed. Jorge Zahar) e O Renascimento Italiano (ed. Nova Alexandria).*

Tradução de Paulo Migiliacci.

Fontes: Centro de Mídia Independente ([www.midiaindependente.org](http://www.midiaindependente.org)).

Folha de São Paulo ([www1.folha.uol.com.br/fsp](http://www1.folha.uol.com.br/fsp)).

## AS CINCO DIFICULDADES PARA ESCREVER A VERDADE

Bertold Brecht

Hoje, o escritor que deseje combater a mentira e a ignorância tem de lutar, pelo menos, contra cinco dificuldades. É-lhe necessária a **coragem** de dizer a verdade, numa altura em que por toda a parte se empenham em sufocá-la; a **inteligência** de a reconhecer, quando por toda a parte a ocultam; a **arte** de a tornar manejável como uma arma; o **discernimento** suficiente para escolher aqueles em cujas mãos ela se tornará eficaz; finalmente, precisa ter **habilidade** para difundir-la entre eles. Estas dificuldades são grandes para os que escrevem sob o jugo do fascismo; aqueles que fugiram ou foram expulsos também sentem o peso delas; e até os que escrevem num regime de liberdades burguesas não estão livres da sua ação.

### 1- A CORAGEM DE DIZER A VERDADE

É evidente que o escritor deve dizer a verdade, não a calar nem a abafar, e nada escrever contra ela. É sua obrigação evitar rebaixar-se diante dos poderosos, não enganar os fracos, naturalmente, assim como resistir à tentação do lucro que advém de enganar os fracos. Desagradar aos que tudo possuem equivale a renunciar seja o que for. Renunciar ao salário do seu trabalho equivale por vezes a não poder trabalhar, e recusar ser célebre entre os poderosos é muitas vezes recusar qualquer espécie de celebridade. Para isso precisa-se de coragem. As épocas de extrema opressão costumam ser também aquelas em que os grandes e nobres temas estão na ordem do dia. Em tais épocas, quando o espírito de sacrifício é exaltado ruidosamente, precisa o escritor de muita coragem para tratar de temas tão mesquinhos e tão baixos como a alimentação

dos trabalhadores e o seu alojamento.

Quando os camponeses são cobertos de honrarias e apontados como exemplo, é corajoso o escritor que fala da maquinaria agrícola e dos pastos baratos que aliviariam o tão exaltado trabalho dos campos. Quando todos os alto-falantes espalham aos quatro ventos que o ignorante vale mais do que o instruído, é preciso coragem para perguntar: vale mais porquê? Quando se fala de raças nobres e de raças inferiores, é corajoso o que pergunta se a fome, a ignorância e a guerra não produzem odiosas deformidades. É igualmente necessária coragem para se dizer a verdade a nosso próprio respeito, sobre os vencidos que somos. Muitos perseguidos perdem a faculdade de reconhecer as suas culpas. A perseguição parece-lhes uma monstruosa injustiça. Os perseguidores são maus, dado que perseguem, e eles, os perseguidos, são perseguidos por causa da sua virtude. Mas essa virtude foi esmagada, vencida, reduzida à impotência. Bem fraca virtude ela era! Má, inconsistente e pouco segura virtude, pois não é admissível aceitar a fraqueza da virtude como se aceita a umidade da chuva. É necessária coragem para dizer que os bons não foram vencidos por causa da sua virtude, mas antes por causa da sua fraqueza. A verdade deve ser mostrada na sua luta com a mentira e nunca apresentada como algo de sublime, de ambíguo e de geral; este estilo de falar dela convém justamente à mentira. Quando se afirma que alguém disse a verdade é porque houve outros, vários, muitos ou um só, que disseram outra coisa, mentiras ou generalidades, mas *aquela* disse a verdade, falou em algo de prático, concreto, impossível de negar, disse a única coisa que era preciso dizer.

Não se carece de muita coragem para deplorar em termos gerais a corrupção do mundo e para falar num tom ameaçador, nos lugares onde a coisa ainda é permitida, da desforra do Espírito. Muitos simulam a bravura como se os canhões estivessem apontados sobre eles; a verdade

é que apenas servem de mira a binóculos de teatro. Os seus gritos atiram algumas vagas e generalizadas reivindicações, à face dum mundo onde as pessoas inofensivas são estimadas. Reclamam em termos gerais uma justiça para a qual nada contribuem, apelam pela liberdade de receber a sua parte dum espólio que sempre têm partilhado com eles. Para esses, a verdade tem de soar bem. Se nela só há aridez, números e fatos, se para a encontrar forem precisos estudos e muito esforço, então essa verdade não é para eles, não possui a seus olhos nada de exaltante. Da verdade, só lhes interessa o comportamento exterior que permite clamar por ela. A sua grande desgraça é não possuírem a mínima noção dela.

## 2- A INTELIGÊNCIA DE RECONHECER A VERDADE

Como é difícil dizer a verdade, já que por toda a parte a sufocam, dizê-la ou não parece à maioria uma simples questão de honestidade. Muitas pessoas pensam que quem diz a verdade só precisa de coragem. Esquecem a segunda dificuldade, a que consiste em descobri-la. Não se pode dizer que seja fácil encontrar a verdade.

Em primeiro lugar, já não é fácil descobrir qual verdade merece ser dita. Hoje, por exemplo, as grandes nações civilizadas vão soçobrando uma após outra na pior das barbáries diante dos olhos pasmados do universo.

Acresce ainda o fato de todos sabermos que a guerra interna, dispendo dos meios mais horríveis, pode transformar-se dum momento para o outro numa guerra exterior que só deixará um montão de escombros no sitio onde outrora havia o nosso continente. Esta é uma verdade que não admite dúvidas, mas é claro que existem outras verdades. Por exemplo: não é falso que as cadeiras sirvam para a gente se sentar e que a chuva caia de cima para baixo. Muitos poetas escrevem verdades deste gênero. Assemelham-se a pintores que esboçassem naturezas mortas a bordo

dum navio em risco de naufragar. A primeira dificuldade de que falamos não existe para eles, e contudo têm a consciência tranquila. "Desgalham" o quadro num desprezo soberano pelos poderosos, mas também sem se deixarem impressionar pelos gritos das vítimas. O absurdo do seu comportamento engendra neles um "profundo" pessimismo que se *vende* bem; os outros é que têm motivos para se sentirem pessimistas ao verem o modo como esses mestres se vendem. Já nem sequer é fácil reconhecer que as suas verdades dizem respeito ao destino das cadeiras e ao sentido da chuva: essas verdades soam normalmente de outra maneira, como se estivessem relacionadas com coisas essenciais, pois o trabalho do artista consiste justamente em dar um ar de importância aos temas de que trata.

Só olhando os quadros de muito perto é que podemos discernir a simplicidade do que dizem: "Uma cadeira é uma cadeira" e "Ninguém pode impedir a chuva de cair de cima para baixo". As pessoas não encontram ali a verdade que vale a pena ser dita.

Alguns consagram-se verdadeiramente às tarefas mais urgentes, sem medo dos poderosos ou da pobreza, e no entanto não conseguem encontrar a verdade. Faltam-lhe conhecimentos. As velhas superstições não os largam, assim como os preconceitos ilustres que o passado frequentemente revestiu de uma forma bela. Acham o mundo complicado em demasia, não conhecem os dados nem distinguem as relações. A honestidade não basta; são precisos conhecimentos que se podem adquirir e métodos que se podem aprender. Todos os que escrevem sobre as complicações desta época e sobre as transformações que nela ocorrem necessitam conhecer a dialética materialista, a economia e a história. Estes conhecimentos podem adquirir-se nos livros e através da aprendizagem prática, por mínima que seja a vontade necessária. Muitas verdades podem ser encontradas com a ajuda de meios bastante mais simples, através de fragmentos de verdades ou dos dados que conduzem

à sua descoberta. Quando se quer procurar, é conveniente ter-se um método, mas também se pode encontrar sem método e até sem procura. Contudo, através dos diversos modos como o acaso se exprime, não se pode esperar a representação da verdade que permite aos homens saber como devem agir. As pessoas que só se empenham em anotar os fatos insignificantes são incapazes de tornar manejáveis as coisas deste mundo. O objetivo da verdade é uno e indivisível. As pessoas que apenas são capazes de dizer generalidades sobre a verdade não estão à altura dessa obrigação.

Se alguém está pronto a dizer a verdade e é capaz de a reconhecer, ainda tem de vencer três dificuldades.

### **3-A ARTE DE TORNAR A VERDADE MANEJÁVEL COMO UMA ARMA**

O que torna imperiosa a necessidade de dizer a verdade são as consequências que isso implica no que diz respeito à conduta prática. Como exemplo de verdade inconsequente ou de que se poderão tirar consequências falsas, tomemos o conceito largamente difundido, segundo o qual em certos países reina um estado de coisas nefasto, resultante da barbárie. Para esta concepção, o fascismo é uma vaga de barbárie que alagou certos países com a violência de um fenómeno *natural*.

Os que assim pensam, entendem o fascismo como um novo movimento, uma terceira força justaposta ao capitalismo e ao socialismo (e que os domina). Para quem partilha esta opinião, não só o movimento socialista, mas também o capitalismo teriam podido, se não fosse o fascismo, continuar a existir, etc. Naturalmente que se trata de uma afirmação fascista, de uma capitulação perante o fascismo. O fascismo é uma fase histórica na qual o capitalismo entrou; por consequência, algo de novo e

ao mesmo tempo de velho. Nos países fascistas, a existência do capitalismo assume a forma do fascismo, e *não é possível combater o fascismo senão enquanto capitalismo, senão enquanto forma mais nua, mais cínica, mais opressora e mais mentirosa do capitalismo*.

Como se poderá dizer a verdade sobre o fascismo que se recusa, se quem diz essa verdade se abstém de falar contra o capitalismo que engendra o fascismo? Qual será o alcance prático dessa verdade?

Aqueles que estão contra o fascismo sem estar contra o capitalismo, que choramingam sobre a barbárie causada pela barbárie, assemelham-se a pessoas que querem receber a sua fatia de assado de vitela, mas não querem que se mate a vitela. Querem comer vitela, mas não querem ver sangue. Para ficarem contentes, basta que o açougueiro lave as mãos antes de servir a carne. Não são contra as relações de propriedade que produzem a barbárie, mas são contra a barbárie.

As recriminações contra as medidas bárbaras podem ter uma eficácia episódica, enquanto os auditores acreditarem que semelhantes medidas não são possíveis na sociedade onde vivem. Certos países gozam do raro privilégio de manter relações de propriedade capitalistas por processos aparentemente menos violentos. A democracia ainda lhes presta os serviços que noutras partes do mundo só podem ser prestados mediante o recurso à violência, quer dizer, aí a democracia chega para garantir a propriedade privada dos meios de produção. O monopólio das fábricas, das minas, dos latifúndios gera em toda a parte condições bárbaras; digamos que em alguns sítios a democracia torna essas condições menos visíveis. A barbárie torna-se visível logo que o monopólio já só pode encontrar proteção na violência nua.

Certas nações que conseguem preservar os monopólios bárbaros sem

renunciar às garantias formais do direito, nem a comodidades como a arte, a filosofia, a literatura, acolhem carinhosamente os hóspedes cujos discursos procuram desculpar o seu país natal de ter renunciado a semelhantes confortos: tudo isso lhes será útil nas guerras vindouras. É licito dizer-se que reconheceram a verdade, aqueles que reclamam a torto e a direito uma luta sem quartel contra a Alemanha, apresentada como verdadeira pátria do mal da nossa época, sucursal do inferno, caverna do Anticristo? Desses, não será exagerado pensar que não passam de impotentes e nefastos imbecis, já que a conclusão do seu blá-blá-blá aponta para a destruição desse país inteiro e de todos os seus habitantes (o gás asfixiante, quando mata, não escolhe os culpados).

O homem frívolo, que não conhece a verdade, exprime-se através de generalidades, em termos nobres e imprecisos. Encanta-o perorar sobre "os" alemães ou lançar-se em grandes tiradas sobre "o" Mal, mas a verdade é que nós, aqueles a quem o homem frívolo fala, ficamos embaraçados, sem saber que fazer de semelhantes ditames. Afinal de contas, o nosso homem decidiu deixar de ser alemão? E lá por ele ser bom, o inferno vai desaparecer? São desta espécie as grandes frases sobre a barbárie. Para os seus autores, a barbárie vem da barbárie e desaparece graças à educação moral que vem da educação. Que miséria a destas generalidades, que não visam qualquer aplicação prática e, no fundo, não se dirigem a ninguém.

Não nos admiremos que se digam de esquerda, "mas" democratas, os que só conseguem elevar-se a tão fracas e improfícuas verdades. A "esquerda democrática" é outra destas generalidades-álíbis onde correm a se abrigar as pessoas inconsequentes, isto é, os incapazes de viver até as últimas conseqüências as verdades que quer a esquerda, quer a democracia contém. Reclamar-se alguém da "esquerda democrática" significa, em termos práticos, que pertence ao grupo dos ineptos para revolucionar ou

conservar as coisas, ao clã dos generalistas da verdade.

Não é a mim, fugido da Alemanha com a roupa que tinha no corpo, que me vão apresentar o fascismo como uma espécie de força motriz natural impossível de dominar. A obscuridade dessas descrições esconde as verdadeiras forças que produzem as catástrofes. Um pouco de luz, e logo se vê que são homens a causa das catástrofes. Pois é, amigos: vivemos num tempo em que o homem é o destino do homem.

O fascismo não é uma calamidade natural, que se possa compreender a partir da "natureza" humana. Mas mesmo confrontados com catástrofes naturais, há um modo de descrevê-las digno do homem, um modo que apela para as suas qualidades combativas.

O cronista de grandes catástrofes como o fascismo e a guerra (que não são catástrofes naturais) deve elaborar uma verdade *praticável*, mostrar as calamidades que os que possuem os meios de produção infligem às massas imensas dos que trabalham e não os possuem.

Caso se pretenda dizer eficazmente a verdade sobre um mau estado de coisas, é preciso dizê-la de maneira que permita reconhecer as suas causas evitáveis. Uma vez reconhecidas as causas evitáveis, o mau estado de coisas pode ser combatido.

#### **4- DISCERNIMENTO SUFICIENTE PARA ESCOLHER OS QUE TORNARÃO A VERDADE EFICAZ**

Tirando ao escritor a preocupação pelo destino dos seus textos, os usos seculares do comércio da coisa escrita no mercado das opiniões deram-lhe a impressão de que a sua missão terminava logo que o intermediário, cliente ou editor, se encarregava de transmitir aos outros a obra acabada.

O escritor pensava: falo e ouve-me quem me quiser ouvir. Na verdade, ele falava e quem podia pagar ouvia-o. Nem todos ouviam as suas palavras, e os que as ouviam não estavam dispostos a ouvir tudo o que se lhes dizia. Tem-se falado muito desta questão, mas mesmo assim ainda não chega o que se tem dito: limitar-me-ei aqui a acentuar que "escrever a alguém" tornou-se pura e simplesmente "escrever". Ora não se pode escrever a verdade e basta: é absolutamente necessário escrevê-la a "alguém" que possa tirar partido dela. O conhecimento da verdade é um processo comum aos que lêem e aos que escrevem. Para dizer boas coisas, é preciso ouvir bem e ouvir boas coisas. A verdade deve ser pesada por quem a diz e por quem a ouve. E para nós que escrevemos, é essencial saber a quem a dizemos e quem no-la diz.

Devemos dizer a verdade sobre um mau estado de coisas àqueles que o consideram o pior estado de coisas, e é desses que devemos aprender a verdade. Devemos não só dirigir-nos às pessoas que têm uma certa opinião, mas também aos que ainda a não têm e deviam tê-la, ditada pela sua própria situação. Os nossos auditores transformam-se continuamente! Até se pode falar com os próprios carrascos quando o prêmio dos enforcamentos deixa de ser pago pontualmente ou o perigo de estar com os assassinos se torna muito grande. Os camponeses da Baviera não costumam querer nada com revoluções, mas quando as guerras duram demais e os seus filhos, no regresso, não arranjam trabalho nas quintas, tem sido possível ganhá-los para a revolução.

Para quem escreve, é importante saber encontrar o tom da verdade. Um acento suave, lamentoso, de quem é incapaz de fazer mal a uma mosca, não serve. Quem, estando na miséria, ouve tais lamúrias, sente-se ainda mais miserável. Em nada o anima a cantilena dos que, não sendo seus inimigos, não são certamente seus companheiros de luta. A verdade é

guerreira, não combate só a mentira, mas certos homens bem determinados que a propagam.

## 5- HABILIDADE PARA DIFUNDIR A VERDADE

Muitos, orgulhosos de ter a coragem de dizer a verdade, contentes por a terem encontrado, porventura fatigados com o esforço necessário para lhe dar uma forma manejável, aguardam impacientemente que aqueles cujos interesses defendem a tomem em suas mãos e consideram desnecessário o uso de manhas e estratégias para a difundir. Frequentemente, é assim que perdem todo o fruto do seu trabalho. Em todos os tempos, foi necessário recorrer a "truques" para espalhar a verdade, quando os poderosos se empenhavam em abafá-la e ocultá-la. Confúcio falsificou um velho calendário histórico nacional, apenas lhe alterando algumas palavras. Quando o texto dizia: "o senhor de Kun condenou à morte o filósofo Wan por ter dito frito e cozido", Confúcio substituíu "condenou à morte" por "assassinou". Quando o texto dizia que o Imperador Fulano tinha sucumbido a um atentado, escrevia "foi executado". Com este processo, Confúcio abriu caminho a uma nova concepção da história.

Na nossa época, aquele que em vez de "povo", diz "população", e em lugar de terra", fala de "latifúndio", evita já muitas mentiras, limpando as palavras da sua magia de pacotilha. A palavra "povo" exprime uma certa unidade e sugere interesses comuns; a "população" de um território tem interesses diferentes e opostos. Da mesma forma, aquele que fala em "terra" e evoca a visão pastoral e o perfume dos campos favorece as mentiras dos poderosos, porque não fala do preço do trabalho e das sementes, nem no lucro que vai parar aos bolsos dos ricos das cidades e não aos dos camponeses que se matam a tornar fértil o "paraíso". "Latifúndio" é a expressão justa: torna a trapaça menos fácil. Nos lugares



onde reina a opressão, deve-se escolher, em vez de "disciplina", a palavra "obediência", já que mesmo sem amos e chefes a disciplina é possível, e caracteriza-se portanto por algo de mais nobre que a obediência. Do mesmo modo, "dignidade humana" vale mais do que "honra": com a primeira expressão o indivíduo não desaparece tão facilmente do campo visual; por outro lado, conhece-se de cara o gênero de canalha que costuma apresentar-se para defender a honra de um povo, e com que prodigalidade os gordos desonrados distribuem "honorarias" pelos famélicos que os engordam.

Ao substituir avaliações inexatas de acontecimentos nacionais por notações exatas, o método de Confúcio ainda hoje é aplicável. Lênin, por exemplo, ameaçado pela polícia do czar, quis descrever a exploração e a opressão da ilha Sakalina pela burguesia russa. Substituiu "Rússia" por "Japão" e "Sakalina" por "Coréia". Os métodos da burguesia japonesa faziam lembrar a todos os leitores os métodos da burguesia russa em Sakalina, mas a brochura não foi proibida, porque o Japão era inimigo da Rússia. Muitas coisas que não podem ser ditas na Alemanha a propósito da Alemanha, podem sê-lo a propósito da Áustria. Há muitas maneiras de enganar um Estado vigilante.

Voltaire combateu a fé da Igreja nos milagres, escrevendo um poema libertino sobre a Donzela de Orleans, no qual são descritos os milagres que sem dúvida foram necessários para Joana d'Arc permanecer virgem no exército, na Corte e no meio dos frades.

Pela elegância do seu estilo e a descrição de aventuras galantes inspiradas na vida relaxada das classes dirigentes, levou estas a sacrificar uma religião que lhes fornecia os meios de levar essa vida dissoluta. Mais e melhor deu assim às suas obras a possibilidade de atingir por vias ilegais aqueles a quem eram destinadas. Os poderosos que Voltaire contava

entre os seus leitores favoreciam ou toleravam a difusão dos livros proibidos, e desse modo sacrificavam a polícia que protegia os seus prazeres. E o grande Lucrécio sublinha expressamente que, para propagar o ateísmo epicurista confiava muito na beleza dos seus versos.

Não há dúvida de que um alto nível literário pode servir de salvo-conduto à expressão de uma idéia. Contudo, muitas vezes desperta suspeitas. Então, pode ser indicado baixá-lo intencionalmente. É o que acontece, por exemplo, quando sob a forma desprezada do romance policial, se introduz à socapa, em lugares discretos, a descrição dos males da sociedade. O grande Shakespeare baixou o seu nível por considerações bem mais fracas, quando tratou com uma voluntária ausência de vigor o discurso com que a mãe de Coriolano tentou travar o filho, que marchava sobre Roma: Shakespeare pretendia que Coriolano desistisse do seu projeto, não por causa de razões sólidas ou de uma emoção profunda, mas por uma certa fraqueza de caráter que o entregava aos seus velhos hábitos. Encontramos igualmente em Shakespeare um modelo de manhas na difusão da verdade: o discurso de Marco Antônio perante o corpo de César, quando repete com insistência que Brutus, assassino de César, é um homem honrado, descrevendo ao mesmo tempo o seu ato, e a descrição do ato provoca mais impressão que a do autor.

Jonathan Swift propôs numa das suas obras o seguinte meio de garantir o bem-estar da Irlanda: meter em salmoura os filhos dos pobres e vendê-los como carniça no talho. Através de minuciosos cálculos, provava que se podem fazer grandes economias quando não se recua diante de nada. Swift fingia-se voluntariamente de imbecil, defendendo uma maneira de pensar abominável e cuja ignomínia saltava aos olhos de todos. O leitor podia-se mostrar mais inteligente, ou pelo menos mais humano que Swift, sobretudo aquele que ainda não tinha pensado nas consequências decorrentes de certas concepções.

São consideradas baixas as atividades úteis aos que são mantidos no fundo da escala: a preocupação constante pela satisfação de necessidades; o desdém pelas honrarias com que procuram enganar os que defendem o país onde morrem de fome; a falta de confiança no chefe quando o chefe nos leva a todos à catástrofe; a falta de gosto pelo trabalho quando ele não alimenta o trabalhador; o protesto contra a obrigação de ter um comportamento de idiotas; a indiferença para com a família, quando de nada serve a gente interessar-se por ela. Os esfomeados são acusados de gulodice; os que não têm nada a defender, de covardia; os que duvidam dos seus opressores, de duvidar da sua própria força; os que querem receber a justa paga pelo seu trabalho, de preguiça, etc.

Numa época como a nossa, os governos que conduzem as massas humanas à miséria, têm de evitar que nessa miséria se pense no governo, e por isso estão sempre a falar em fatalidade. Quem procura as causas do mal, vai parar à prisão antes que a sua busca atinja o governo. Mas é sempre possível opormo-nos à conversa fiada sobre a fatalidade: pode-se mostrar, em todas as circunstâncias, que a fatalidade do homem é obra de outros homens. Até na descrição de uma paisagem se pode chegar a um resultado conforme à verdade, quando se incorporam à natureza as coisas criadas pelo homem.

## RECAPITULAÇÃO

A grande verdade da nossa época (só seu conhecimento em nada nos faz avançar, mas sem ela não se pode alcançar nenhuma outra verdade importante) é que o nosso continente se afunda na barbárie porque nele se mantêm pela violência determinadas relações de propriedade dos meios de produção. De que serve escrever frases corajosas mostrando

que é bárbaro o estado de coisas em que nos afundamos (o que é verdade), se a razão de termos caído nesse estado não se descortina com clareza? É nossa obrigação dizer que, se se tortura, é para manter as relações de propriedade. Claro que ao dizermos isso perdemos muitos amigos; aqueles que são contra a tortura porque julgam ser possível manter sem ela as relações de propriedade (o que é falso).

Devemos dizer a verdade sobre as condições bárbaras que reinam no nosso país a fim de tornar possível a ação que as fará desaparecer, isto é, que transformará as relações de propriedade.

Devemos dizê-la aos que mais sofrem com as relações de propriedade e estão mais interessados na sua transformação, ou seja: aos operários e aos que podemos levar a aliarem-se com eles, por não serem proprietários dos meios de produção, embora associados aos lucros e benefícios da exploração de quem produz. E, é claro, devemos proceder com astúcia.

Devemos resolver em conjunto, e ao mesmo tempo, estas cinco dificuldades, já que não podemos procurar a verdade sobre condições bárbaras sem pensar nos que sofrem essas condições e estão dispostos a utilizar esse conhecimento. Além disso, temos de pensar em apresentar-lhes a verdade sob uma forma suscetível de se transformar numa arma nas suas mãos, e simultaneamente com a astúcia suficiente para que a operação não seja descoberta e impedida pelo inimigo.

São estas as virtudes exigidas ao escritor empenhado em dizer a verdade.

Texto de 1934.

Tradução de Ernesto Sampaio.

Publicado no *Diário de Lisboa* de 25/Abr/82.

Fonte: resistir.info (<http://resistir.info>).

### **A FAMÍLIA BUSH E O PREÇO DO SANGUE DERRAMADO PELOS NAZISTAS**

Victor Thorn - Babel Magazine

Já se perguntaram alguma vez como Adolf Hitler, um artista miserável que vivia em albergues, pôde converter-se no deus e *fuehrer* proeminente da Alemanha nos anos 30 e 40? O que quero dizer é que: Quantos quase-sem-teto você conhece que tenham tido tal sorte? Mesmo que você conheça algum, o fato é que o fenômeno nazista não foi mera casualidade. Pelo contrário, foram os banqueiros de Wall Street (entre outros) os financiadores ocultos desta meteórica ascensão ao poder. O que é ainda mais deplorável é o fato de que a família de nosso atual presidente fez parte das pessoas que financiaram a máquina de guerra nazista, e se locupletaram com ela.

Os autores Webster G. Tarpley e Anton Chaitkin, em "George Bush: The Unauthorized Biography " resumem a situação desta maneira: "Ao decidir que Prescott Bush [o avô de George W. Bush] e os outros diretores da Union Banking Company (UBC) eram legalmente TESTAS-DE-FERRO DOS NAZISTAS, o governo evitava o problema histórico mais importante: em que medida os próprios nazistas de Hitler foram contratados, armados e adestrados pelas camarilhas de Nova York e de Londres, das quais Prescott Bush era um dos executivos?"

Portanto, antes de entrar nos elementos essenciais deste artigo, começarei dizendo que o que vão ler aqui não é nada de "inédito". Já está disponível através de toda uma série de fontes, e não pensem que minha intenção é fazer novas revelações. Meu objetivo é oferecer um resumo de

como os serviços de informação holandeses e os arquivos do governo norte-americano confirmam sem margem a dúvida "os laços diretos entre Prescott Bush, a família Thyssen e os lucros sangrentos obtidos de 'nossa' Segunda Guerra mundial". Este dinheiro sujo de sangue foi obtido via UBC, no qual Prescott Bush e seu sogro, George Herbert Walker, uniram forças com o industrial alemão Fritz Thyssen e financiaram Adolf Hitler antes e durante a Segunda Guerra mundial.

Ainda que um grande número de outras sociedades ajudasse os nazistas (como a Standard Oil e o Chase Bank, dos Rockefeller, assim como grandes montadoras de automóveis estadunidenses), os interesses de Prescott Bush foram muito mais profundos e sinistros. Não apenas havia ligações financeiras, como também os laços comerciais estavam muito mais consolidados.

O que tento dizer é isto: uma parte importante da estrutura financeira da família Bush foi constituída por meio de sua ajuda a Adolf Hitler. Podem imaginar os desdobramentos desta afirmação? O atual presidente dos Estados Unidos, assim como seu pai (ex-presidente, vice-presidente e diretor da CIA) chegaram ao ápice da hierarquia política norte-americana porque seu avô, seu pai e sua família política haviam ajudado e alentado os nazistas. As perguntas que gostaria de fazer agora são as seguintes:

- 1) Por que o presidente Bush não quer admitir estes crimes familiares?
- 2) Por que os meios de comunicação não o interrogam diretamente sobre estes crimes horríveis?

Naturalmente, alguém pode não acreditar que a família Bush ajudou diretamente os alemães, o que constituía em essência uma traição contra seu próprio país. Contudo, é a triste realidade. Para prová-la, comecemos pelo principio.

Em 1922, W. Averell Harriman, este notório magnata das estradas de ferro, foi a Berlim com o objetivo de entrevistar-se com os membros da família Thyssen e de fundar uma filial bancária. E quem se converteu no presidente deste banco? George Herbert Walker, o sogro de Prescott Bush. Dois anos mais tarde, em 1924, a UBC foi criada com vistas a unir suas forças ao "Bank voor Handel em Scheepvaart" (Banco do Comércio e da Navegação) de Fritz Thyssen. E quem foi nomeado para dirigir diretamente a UBC? Prescott Bush. E ainda melhor para Prescott Bush foi o fato de que George Herbert Walker lhe deu uma ajuda incrível, em 1926, catapultando-o ao cargo de Vice-Presidente e sócio de negócios na Brown Brothers Harriman.

E quem levou Prescott com ele nesta empresa? Um punhado de seus antigos colegas de classe em Yale pertencentes à (sociedade secreta) Skull & Bones. Além disso, Prescott Bush era um dos sete acionistas da UBC.

Até este ponto, vocês poderão pensar: e daí? Nada parece extraordinário. São apenas negócios usuais. Mas as aparências enganam, como vamos ver em breve. É que, bem ao fim destes loucos anos 20, aconteceu algo que, quando se vê no contexto de Prescott Bush, põe tudo em sua própria perspectiva.

Uma vez mais citemos os autores Tarpley e Chaitkin em sua "Biografia Não Autorizada": "o grande *crack* financeiro de 1929-1931 comoveu os Estados Unidos, a Alemanha e a Grã-Bretanha, debilitando todos os governos. Além disso, deixou o diligente Prescott Bush mais desejoso ainda de fazer tudo o que fosse necessário para resguardar seu novo posto no mundo. Foi durante esta crise que certos anglo-americanos decidiram a instauração do regime hitlerista na Alemanha."

E quem seria um dos personagens-chave para iniciar a troca da guarda na Alemanha? O sócio da família Bush, Fritz Thyssen. Aqui seria oportuno ver um pouco mais de perto o tipo de gente com quem os Bush estavam se metendo. Fritz Thyssen foi o primeiro em impulsionar o partido nazista recém constituído dando-lhe 25.000 dólares em meados dos anos 20. Em 1931, filiou-se ao partido nazista e logo se tornou amigo íntimo de Adolf Hitler. Ao longo dos anos, Thyssen acabou se convertendo no "primeiro e mais importante financiador de Hitler" e se tornou um dos personagens preponderantes em sua ascensão ao poder.

Thyssen estava fascinado por Hitler, e se gabava disto. "Percebi seu talento de orador e sua capacidade de dirigir as massas. Contudo, o que mais me impressionou foi a ordem que reinava durante seus encontros, a disciplina quase militar de seus seguidores."

Em setembro de 1932, Thyssen convidou um membro da indústria alemã a entrevistar-se com Hitler e foi tudo uma rasgação de seda depois que Hitler respondeu a cada pergunta à sua "inteira satisfação". Thyssen estava tão entusiasmado em seus elogios, e em seu apoio, que logo

escreveu um livro intitulado: "I Paid Hitler" (Financiei Hitler) onde explica claramente o seu papel no nazismo desde outubro de 1923.

Fritz Thyssen também utilizou sua influência pondo em marcha o "German Steel Trust" (Consórcio Siderúrgico Alemão), fundado em 1926 pelo grande manda-chuva de Wall Street, Clarence Dillon. E quem foi um dos auxiliares de Bush neste projeto? o pai de Prescott Bush, Sam Bush. Por conseguinte, Fritz Thyssen se converteu num dos homens mais importantes da máquina de guerra alemã devido à sua posição no German Steel Trust. Sua família também controlava inúmeros bancos (obviamente às escondidas) que permitiam aos Thyssen transferir seu dinheiro de Berlim para a Holanda, e de lá para Nova York. Desta forma, quando terminou a Segunda Guerra Mundial, não se veriam obrigados a renunciar a seus lucros.

Mas estou me adiantando. Como podem ver, durante os anos vinte, a família Thyssen fundou três bancos extremamente importantes:

- 1) August Thyssen Bank - Berlim
- 2) Bank voor Handel em Scheepvaart - Países Baixos
- 3) Union Banking Corporation (UBC) – Nova York

Aqui começamos a desvendar a charada. Por quê? Porque os Thyssen obtiveram seu financiamento inicial a partir de duas instituições que lhes permitiriam lançar suas operações de instalação de uma máquina de

guerra: a Brown Brothers Harriman e a UBC. E quem eram os elementos-chave destas duas instituições? George Herbert Walker e Prescott Bush! Assim, a UBC foi criada para transferir fundos entre Manhattan e a Alemanha através dos bancos holandeses de Thyssen. Neste empreendimento, os Thyssen obtiveram a assistência da família real holandesa, que cooperou para esconder suas contas em toda uma série de bancos holandeses. Este detalhe é importante, já que o perpetrador destas operações foi o príncipe Bernhard em pessoa. E quem viria a ser a origem? Resposta: o notório grupo Bilderberg, durante os anos 50\*!

Desde então, a UBC se converteria em um canal secreto para o dinheiro nazista, já que saía da Alemanha até os Estados Unidos, passando pelos Países Baixos. E quando os nazistas tinham necessidade de se reabastecer de recursos, a Brown Brothers Harriman mandava seus fundos de volta a Alemanha. Começam a entender como funcionavam estas operações?

A UBC recebia o dinheiro da Holanda e a Brown Brothers Harriman o reenviava. E quem fazia parte do Conselho Diretivo destas duas companhias? Acertou! Prescott Bush em pessoa, o principal lavador de dinheiro dos nazistas!

Suas operações eram tão flagrantes e chocantes para os norte-americanos que em 10 de outubro de 1942, o governo norte-americano ordenou o confisco de todas as operações bancárias nazistas em Nova York, cujo responsável não era outro senão Prescott Bush. A UBC, dirigida por Prescott Bush, foi acusada de infração à “Lei contra o Comércio com o Inimigo” e todas as suas ações foram seqüestradas. E se recordam de

quem eu disse que possuía todas estas ações? Não havia mais que sete pessoas: Prescott Bush, três banqueiros nazistas e três norte-americanos.

Mas a limpeza não ia terminar por aí; não sem acertar na mira. Em 26 de outubro de 1942, o governo ordenou o confisco de outras duas empresas de fachada, dirigidas por Prescott Bush para a corporação financeira Harriman:

1) Holland-America Trading Corporation (Sociedade Comercial Holanda-América).

2) Seamless Steel Equipment Corporation (Sociedade de Equipamentos de Tubos de Aço).

Então, em 11 de novembro de 1942, outra companhia dirigida por Prescott Bush e George Herbert Walker foi confiscada, pela mesma “Lei contra o Comércio com o Inimigo”, a Silesian-American Corporation. Não sei se vão concordar comigo, mas se nosso governo foi a esse extremo de fechar estas empresas da família Bush, me parece que era porque estavam metidas em negócios bastante tenebrosos.

John Loftus, que citei no começo deste artigo, disse desta situação traiçoeira: "já é bastante grave que a família Bush ajudasse a levantar o dinheiro que Thyssen deu a Hitler nos anos 20, mas conceder apoio e conforto ao inimigo em tempo de guerra é traição. O banco dos Bush ajudou a família Thyssen a fabricar o aço nazista que matou soldados aliados."

Tarpley e Chaitkin, em "George Bush: Uma Biografia Não Autorizada", são mais objetivos: "A fortuna da família do presidente foi em grande parte um resultado do projeto Hitler. "

Ainda não estão convencidos? Pois bem, que dizem disto: a UBC, dirigida por Prescott Bush, e em cooperação estreita com o German Steel Trust de Fritz Thyssen, produziu as seguintes porcentagens da máquina de guerra nazista:

- 50.8% de ferro gusa
- 41.4% de chapas largas
- 36% de chapas reforçadas
- 38.5% de aço galvanizado
- 45.5% de canos e tubos
- 22.1% de arames
- 35% de explosivos

Todos os materiais acima citados são necessários para construir blindados, aviões de combate, canhões e bombas – aproximadamente 1/3 de toda a máquina de guerra alemã e tudo isso bancado não apenas por um nazista declarado como Fritz Thyssen, mas também pela família Bush.

Seja como for, se já não estão enojados o bastante, façamos um pequeno salto de alguns anos. A guerra termina em 1945 e Fritz Thyssen morre em 1951. Com sua morte, os demais acionistas da UBC encerraram suas participações (se tratava dos mesmos bens congelados pelo governo em 1942 sob a "Lei Norte-americana de Custódia de Bens Estrangeiros" e que

não foram restituídos antes de 1951). E adivinhe quem foi um dos beneficiários... acertou - Prescott Bush! E quanto dinheiro ele recebeu? 1,5 milhão de dólares. Por coincidência, o senhor Bush se apossou deste dinheiro e imediatamente utilizou-o para abrir seu próprio negócio. Conveniente, não? Pior ainda, os amigos de Prescott Bush (os mesmos traidores de Wall Street que financiaram Hitler) são igualmente os mesmos que com o tempo fizeram de George Bush pai diretor da CIA nos anos 70 e colocaram ele e seu filho na Casa Branca. Agora entenderam porque Dan Rather e o New York Times não veiculam este tipo de informação?

Para confirmar os detalhes acima mencionados, vieram a tona novas informações em 1996, provenientes de três fontes distintas:

- a) o jornalista holandês Eddy Roever;
- b) os informes confidenciais liberados pela "Lei Norte-americana sobre a Liberdade de Informação" e
- c) os "Arquivos sobre a Custódia de Bens Estrangeiros". As informações provenientes destas fontes dão uma imagem ainda mais repugnante da situação.

Parece que a UBC era propriedade dos Thyssen. Por conseguinte, a principal casa bancária da família Bush estava em mãos de um dos nazistas mais notórios de todos os tempos, e que, além disso, era seu patrão! A grande questão, a esta altura, é saber se Prescott Bush estava

consciente de seus laços com os nazistas e de seus negócios. Considerada toda a informação proporcionada por este artigo, diria que como DIRETOR da UBC era de sua responsabilidade supervisionar qualquer investimento, incluindo para quem era feito e para onde ia.

Outra observação interessante, é que a família Rockefeller também investiu pesadamente na máquina de guerra nazista.

Como se verificou, a UBC foi um elemento essencial na lavagem do dinheiro sujo proveniente dos investimentos da família Rockefeller na Alemanha, durante a guerra. Este cenário fica mais interessante quando descobrimos que o banco dos Rockefeller - Chase Manhattan - acabou se tornando proprietário de 31% do grupo Thyssen depois da Segunda Guerra Mundial. Este detalhe é muito importante já que o TBC (o grupo Thyssen) é a maior indústria da Alemanha hoje em dia, valendo 50 bilhões de dólares.

Tão grande que inclusive adquiriram o grupo Krupp, outro infame fornecedor de armas dos nazistas. Resumindo, o grupo constitui uma das mais ricas multinacionais do planeta, e de onde vem seu capital inicial? Dos nazistas!

Temos portanto conexões com as três maiores organizações comerciais do mundo. O príncipe Bernhard, que fundou a Bilderberg, permitiu que a família Thyssen lavasse seu dinheiro via Holanda, enquanto que os Rockefeller adquiriam aproximadamente 1/3 do controle da Thyssen (foi David Rockefeller quem fundou a Comissão Trilateral). E, finalmente, a Brown Brothers Harriman e a UBC, através das quais o dinheiro nazista

era encaminhado para os Estados Unidos, foram fundadas principalmente por membros da fraternidade Skull & Bones de Yale, todos eles fundamentais na criação do Conselho de Relações Exteriores (CFR). Começam a entender como todas estas organizações estão interligadas qual tentáculos de um polvo maligno?

Para concluir, no que concerne à família Bush, discutimos neste artigo como a fortuna da família Bush foi amealhada sobre o sangue vertido pelos nazistas. Além disso, num artigo anterior que eu escrevi (ver Babel nº58), descobrimos que a família Bush também desfrutou de relações comerciais com a família de Bin Laden no transcorrer dos últimos trinta anos, e ambas pertenciam ao Grupo Carlyle. Tendo isso em mente, a quem George W. Bush será leal, e que tipo de decisões vai tomar: as que beneficiam cidadãos americanos comuns, ou aquelas tomadas por seus mentores? Se me perguntassem, diria que estamos em apuros.

\* Nota do tradutor do inglês para o francês: o sinistro grupo Bilderberg, do qual faz parte Mia De Vits, presidente da FGTB. Isso mesmo!  
20 de outubro de 2002

Tradução de jm.flemaliu (Contracorrente - [vallseca@arrakis.es](mailto:vallseca@arrakis.es)).

Fontes : Centro de Mídia Independente ([www.midiaindependente.org](http://www.midiaindependente.org)).



## **CONHECIMENTO TOTAL DA DESINFORMAÇÃO (1) – Conflito e Controle na Infosfera**

Konrad Becker

(World-Information.org)

Um novo paradigma de segurança obscurece o mundo da tecnologia e da comunicação. À medida que o conflito está cada vez mais sendo transferido para a infosfera – com Alertas de Segurança Interna (2) para os super-informados ao extremo – os novos conflitos da Sociedade da Desinformação se dão não tanto em torno de ferro e sangue mas de posicionamento psicológico de idéias, da criação de adversários – o choque de culturas. A tecnologia de comunicações se torna um meio para operações de “projeção de verdade” (3) psicológica e mídia de RP (Relações Públicas) onde a manutenção da verdade é um desafio de engenharia sócio-tecnológica.

Os céus estão sobrecarregados por um denso véu de olhos, ouvidos e transponders (4) eletrônicos com o objetivo de uma esfera múltipla e redundante de “conhecimento da informação”. Com o Departamento de Defesa dos Estados Unidos pronto para integrar, ampliar e automatizar estes métodos correntes, sistemas de informação em interface são instalados com a esperança de impedir ameaças assimétricas ao obter “conhecimento total da informação útil para assumir o controle; alarme de segurança nacional; e tomada de decisões sobre a segurança nacional” (5).

A paranóia se tornou um modelo de negócios para as indústrias da segurança e da mídia e estabelece um clima para a influência política baseada na afirmação da identidade. A energia paranóica pode se manifestar como vendas ao consumidor que aumentem sentimentos

personais de segurança através do gasto ou da perpetuação do pânico instrumentalizado para “interesses nacionais”.

O terror como fenômeno psicológico entrou na Era da Informação onde todo mundo se torna um suspeito num mundo de algoritmos autodidatas que policiam a população para seguir a norma. Enquanto se torna indesejável chamar a atenção através de padrões de comportamento atípicos, a concessão de trocar a liberdade de pensamento, associação, movimento e expressão pela segurança é questionável em muitos sentidos. Uma insignificância estatística é transformada num estilo de vida geral e numa ideologia, onde bases de dados automatizadas governam o território.

O gerenciamento de conflito militar sempre foi uma força estimuladora no desenvolvimento da TIC (Tecnologia da Informação e da Comunicação) e está cada vez mais baseado em sistemas de controle e comando eletrônico avançado. Mas agora a sociedade de forma geral é levada a conflitos relativos à distribuição de riquezas em termos de acesso e conteúdo. No que diz respeito a propriedade intelectual, trabalho e cultura, informação vs. desinformação se torna uma questão da inteligência em pesquisas de interesse público.

Como pode a transparência do controle de fluxos e produção de informação ser mais promovida que um opaco sistema de inexplicável dominação da informação?

Como se pode assegurar que o interesse público esteja representado de uma forma balanceada?

Uma nova Cultura da Informação precisa adquirir conhecimento total das estruturas e efeitos dos fluxos de informação e seus processos.

**Notas:**

1. Trocadilho irônico com o primeiro nome (*Total Information Awareness*) de um programa desenvolvido pelo Pentágono e a Agência de Defesa do governo americano com o objetivo de integrar todas as informações das agências federais e do setor privado sobre pessoas suspeitas de qualquer ligação com terroristas, com o fim de prever os movimentos de todos os potenciais terroristas e prevenir suas ações. É o mais ambicioso sistema de vigilância já imaginado do mundo, e para bem cumprir seus objetivos, seu alcance não reconhece jurisdição. Sua capacidade de armazenamento de informações é da ordem de petabytes. De autoria do contra-almirante da reserva John Poindexter, o projeto tem recebido fortes críticas por sua possível violação dos direitos civis e da privacidade. Em maio de 2003, o polêmico projeto teve seu nome mudado pela DARPA para Terrorist Information Awareness. (Nota do Tradutor).

2. *Homeland Security Alert* é o sistema de alertas desenvolvido pelo governo americano em relação a ameaças ou perigo de ataques terroristas que entrou em vigor em março de 2002, sete meses após os atentados de 11 de setembro. A escala de alerta inclui cinco níveis: verde (fraco), azul (moderado), amarelo (elevado), laranja (muito elevado) e vermelho (máximo). (N. do T.)

3. Técnica de operação psicológica militar (PSYOP) desenvolvida pelo Departamento de Defesa norte-americano e incluída em métodos de gerenciamento de percepção. A “projeção de verdade” (*truth projection*) é efetuada através do controle da informação pelo estado, gerenciando a percepção de platéias direcionadas, através de uma relação simbiótica com a mídia, como no caso de repórteres embutidos em unidades militares. (N. do T.)

4. Microchip constituído de um código exclusivo e inalterável, gravado a laser e encapsulado em vidro cirúrgico e microrevestido em capa de polipropileno biocompátil e anti-migratório, do tamanho aproximado de um grão de arroz, que funciona como uma espécie de rádio-transmissor, radar ou receptor ativado para transmissão ao receber um sinal prévio. É usado para monitorar a localização seja de coisas (carros, produtos), animais (bovinos, etc.) e até pessoas. (N. do T.)

5. Texto das FAQ do Information Awareness Office (Escritório do Conhecimento da Informação), atualmente fora do ar. Espelho do antigo site aqui: <http://www.thememoryhole.org/policestate/iao/iao-original.htm> e espelho do texto da FAQ aqui: [http://www.richardgingras.com/tia/iao\\_logo\\_statement.htm](http://www.richardgingras.com/tia/iao_logo_statement.htm) (N. do T.)

Tradução de Ricardo Rosas

Fonte: Impresso do World-Information.org para exposição em Novi Sad e Belgrado, na Sérvia (22/03-20/04/03) .

Links: World-information.org ([www.world-information.org](http://www.world-information.org)).

Public Netbase/t0 ([www.t0.or.at](http://www.t0.or.at)).

Kuda New Media Center ([www.kuda.org](http://www.kuda.org)).

## **AS OITO CARACTERÍSTICAS DOS CULTOS QUE ATUAM NO CONTROLE MENTAL.**

Por Randall Watters

*ADVERTÊNCIA: Não sou um tradutor profissional. Sou italiano que entende um pouco o português. Fiz o possível para traduzir corretamente. Peço desculpas pelas eventuais imprecisões na terminologia técnica e pelos involuntários abusos na gramática. A intenção é divulgar documentos que são importantes para uma correta informação sobre a Cientologia, informações que não se encontram na língua portuguesa. Serão muito bem vindas as correções das minhas faltas, as quais podem ser enviada via email.*

M. Martinelli ([martinelli@usa.com](mailto:martinelli@usa.com)).

.....

Nos últimos 20 anos, "Lavagem Cerebral" tornou-se uma palavra muito conhecida. Em 1961 Robert J. Lifton, depois de ter estudado os efeitos do controle mental nos presos de guerra americanos capturados pelos comunistas chineses, publicou o livro fundamental sobre esta teorias : 'Thought Reform and the Psychology of Totalism' [Reforma do Pensamento e a Psicologia do Totalitarismo].

No capítulo 22 desse seu livro, Lifton descreve os oitos instrumentos de controle mental usados pelos cultos políticos, religiosos ou psíquicos:

### **1) Milieu Control [Controle Ambiental]**

'Milieu' é uma palavra francesa que significa "ambiente ao redor". As seitas e os cultos conseguem controlar o ambiente em que vivem seus adeptos de diversas maneiras, mas quase sempre usam uma forma de isolamento. Os adeptos são isolados fisicamente da sociedade, ou são ameaçados de castigos se entrarem em contato com as informações das mídias, sobretudo quando estas informações podem criar pensamentos críticos. Qualquer livro, filme ou testemunha de ex-membros, assim como qualquer informação que seja crítica contra o grupo, deve ser evitada.

A seita fornece atentamente as informações aos membros. Tudo vem cuidadosamente avaliado por receio de que possa ser contrário, ou vá além do pensamento da seita. Aos adeptos, o fato de que a organização pareça ter um vasto conhecimento sobre tudo e todos garantem-lhes uma capacidade de onisciência.

### **2) Manipulação Mística**

Nas seitas religiosa Deus está sempre presente. Se para um motivo qualquer uma pessoa afasta-se, cada doença ou infortúnio que lhe aconteça será atribuído como um castigo de Deus, e circulam histórias de como Deus realmente esteja fazendo acontecer coisas maravilhosas aos fiéis, pois eles são "a verdade". A organização se reveste de uma certa "misticidade" que, para os novatos, é realmente sedutora.

### **3) Necessidade de Pureza**

O mundo vem pintado em branco e preto, com pouco espaço para tomar

decisões pessoais baseadas na consciência individual. A conduta individual vem modelada de acordo com a ideologia do grupo, como ensinado na sua literatura. As pessoas e as organizações são divididas entre boas ou malvadas, de acordo com o relacionamento delas com o grupo.

Para controlar o adepto, todas as seitas usam o senso de culpa e de vergonha, também depois que abandonaram o grupo. Tudo vem polarizado e super exemplificado. Todas as coisas classificadas como malvadas devem ser evitadas, e a pureza alcança-se com a absoluta aceitação da ideologia da seita.

#### **4) A Adoração da Confissão**

As culpas graves (para a ideologia do grupo) devem ser confessadas logo. Se a conduta dos membros é contrária às regras, deve-se fazer relato. Com frequência encontra-se a inclinação para ganhar prazer com a auto-degradação por meio da confissão. Isso acontece quando é um dever confessar os próprios pecados frente aos outros regularmente, criando um forte senso de identidade com o grupo. Isso permite aos líderes de exercer também a autoridade diretamente sobre o interno do grupo nos mais fracos, usando as "culpas" como chicote.

#### **5) As "Ciências Sagradas"**

A ideologia da seita torna-se o ponto de vista moral definitivo que regula a existência humana. A ideologia é "sagrada" demais para ser discutida, e

é um dever o respeito aos líderes. A ideologia da seita faz afirmações exageradas acerca da perfeição de sua lógica, apresentando-a como uma verdade absoluta e perfeita. Um sistema assim atraente oferece segurança.

#### **6) Linguagem Carregada/Redefinida**

Lifton explica o abundante uso de " clichê bloqueia-pensamento", ou seja: frases ou palavras desenhadas para bloquear uma conversa ou uma discussão. Um exemplo são as palavras "capitalista" e "imperialista" usados pelos pacifistas nas décadas 60. Estes clichê são fácil pra lembrar e para usar. São chamados "linguagem do não-pensamento", porque terminam a conversa sem outras considerações.

#### **7) É mais importante a Doutrina do que a Pessoa**

Uma pessoa é valorizada na medida que ela se conformar às regras da seita. As percepções da lógica, se estão em desacordo com a ideologia, são desprezadas. A história da seita é alterada para adaptá-la a lógica doutrinária.

#### **8) Dispensa da Existência**

A seita estabelece quem "merece" existir e quem não tem este direito. Estabelece quem deve morrer na luta final entre o bem e o mal. A família inteira [do adepto] e quem não pertence ao grupo pode ser enganado pois não merece existir!

Tradução: A. Maria De Florim e M Martinelli ( [martinelli@usa.com](mailto:martinelli@usa.com)).

## DETECTANDO A DESINFORMAÇÃO, SEM RADAR

Gregory Sinaisky

Como distinguir uma reportagem autêntica de um artigo fabricado para produzir o efeito de propaganda desejado? A guerra no Iraque nos fornece muitas amostras para um estudo das técnicas da desinformação.

Observe o título: “Xiitas de Basra organizam revolta e atacam tropas do Governo”, publicado em 26 de março no *The Wall Street Journal Europe*. Utilizando-o como exemplo, tentaremos armar os nossos leitores com princípios básicos das técnicas de análise da desinformação, com a esperança de que no futuro isso lhes permita detectar o que é fraude.

O título do artigo soa bastante definitivo. O artigo, contudo, começa com muito menos certeza. “Oficiais militares dizem que a população xiita de Basra ... deu a impressão de estar se rebelando”. As sentenças “oficiais militares” e “deu a impressão de estar” deveriam imediatamente fazer com que surja um alerta para o leitor, especialmente devido a sua má combinação com o título que é tão definitivo. Por que “oficiais”? Eles falavam em coro? Ou cada um deles estava apenas proporcionando uma informação complementar? Uma reportagem verdadeira certamente nos responderia estas perguntas e também nos informaria os nomes dos oficiais ou no mínimo diria a razão porque não podem ser identificados.

Por que foi utilizada a frase “deu a impressão”? Existem sempre razões específicas para que algo “dê a impressão”. Por exemplo, a notícia sobre a

revolta da população xiita de Basra pode ser incerta porque foi fornecida por um desertor iraquiano que não é considerado confiável e não foi confirmada por outras fontes. Mais uma vez, todo repórter profissional entende que seu trabalho é proporcionar tais pormenores e são exatamente estes pormenores que tornam sua reportagem valiosa, interessante e memorável. Se todos estes importantes pormenores não estiverem presentes, isto é com certeza um sinal para suspeitar de desinformação intencional.

Mais abaixo neste artigo notamos exemplos ainda mais espantosos de imprecisões. “Repórteres no local disseram que as tropas iraquianas atiravam nos cidadãos que protestavam...”. Para um leitor perspicaz, esta pequena sentença deveria levá-lo a todo um conjunto de questões. Estariam os jornalistas mencionados incorporados nas tropas? Qual era a sua localização e a que distância observavam os acontecimentos?

Obviamente, estar numa cidade sitiada e onde ocorrem tumultos é um trabalho extremamente perigoso. Por que nos foram ocultados os nomes dos repórteres autores deste brilhante feito, ao invés de proclamá-los com orgulho? Por que não quiseram contar de onde observavam e como conseguiram chegar lá? De qualquer maneira, em tais circunstâncias, estar mais próximo da cena do que a distância de um tiro de rifle, digamos um quilômetro, merece uma explicação especial. Agora, uma questão interessante: quais são os indícios visuais que permitem a um repórter, a esta distância, distinguir entre uma revolta e, digamos, tropas que disparavam sobre saqueadores ou outras muitas explicações possíveis para os mesmos fatos observados?

A única pista que posso imaginar não é visual, mas uma indicação oral de um editor pedindo a um jornalista que relate — o que não podemos explicar de nenhuma outra forma senão como uma tentativa de desinformação intencional. Dada a natureza muito específica da desinformação produzida neste caso particular, seu óbvio efeito tanto sobre a resistência iraquiana como sobre a opinião pública anti- guerra, não podemos encontrar nenhuma outra explicação para este fato — exceto que *The Wall Street Journal* colabora diretamente com o departamento de guerra psicológica do Pentágono.

Alguma luz inesperada é lançada a esta estória através da expressão: “UK: Iraque sente forte reação em Basra”, publicada na CNN.com, também em 26 de março. Neste artigo, a reportagem original sobre uma revolta de civis é atribuída a “autoridades militares britânicas e a jornalistas”, mais uma vez não identificados. Aqui, o coro dos “oficiais” que cantam em uníssono com os “jornalistas” faz com que alguma coisa se torne mais específica. Uma declaração extremamente bizarra é relatada: “Temos radares que, ao acompanharem a trajetória dos tiros de morteiro, são capazes de descobrir a fonte e o alvo de destino, que neste caso eram civis de Basra”. Portanto, agora sabemos que a revolta em Basra fora detectada por oficiais britânicos e jornalistas que observavam uma tela de radar! Este inacreditável radar britânico pode até mesmo distinguir um oficial do Iraque de um simples cidadão e um civil de um soldado. Além disso, aparentemente pode ler mentes e determinar as razões porque as pessoas disparam umas sobre as outras!

Na verdade, há uma grande mentira na informação atribuída aos oficiais

britânicos. Ou talvez eu esteja errado e este seja um exemplo do famoso senso de humor britânico posicionado para livrar-se dos impertinentes correspondentes americanos? Coro dos correspondentes americanos: “Está acontecendo uma revolta em Basra? Sim, deve estar. O meu editor pediu-me que noticiasse isso. Como vocês ficaram sabendo? Isto é impossível, meu editor me disse que...” Oficial britânico: “Tudo bem. Eu vejo isso no radar”. Sons de telefones celulares sendo discados e teclados digitados...

Conclusão: Lembrem a primeira regra de análise da desinformação: a verdade é específica e a mentira é vaga. Procure sempre por detalhes concretos em uma reportagem e se o quadro não estiver focado, deve haver razões para isso.

Querem saber os nomes das estrelas da desinformação para examiná-los? O artigo de *The Wall Street Journal* foi “compilado” por Matt Murray em Nova Iorque, a partir de reportagens feitas por Christopher Cooper em Doha, no Qatar, Carla Anne Robbins e Greg Jaffe em Washington, e Helene Cooper com a 3ª Divisão de Infantaria do Exército dos Estados Unidos, no Iraque.

Tradução de Cristiane Abreu

O original deste artigo está publicado no [Asian Times](http://www.asiantimes.com).

Fonte: resistir.info (<http://resistir.info>).

## **BIG BROTHER WANTS YOU - Echelon, um megassistema eletrônico dos EUA, patrulha o mundo**

José Arbex Jr.



Talvez você não saiba, mas é perfeitamente possível que todas as suas mensagens por telefone, e-mail e/ou fax estejam sendo interceptadas por um gigantesco sistema eletrônico de espionagem – o assim chamado Echelon – e enviadas a um centro de informação situado nos Estados Unidos. Paranóia? Coisa de “esquerdinha” que fica fabricando “teorias conspirativas contra o imperialismo?” Antes fosse. O pequeno problema é que esse assunto já vem sendo debatido no âmbito do Parlamento Europeu, e é tão sério que ameaça causar uma crise diplomática entre França e Estados Unidos. De fato, no início de julho, apoiando-se em documentos divulgados pelo Parlamento Europeu, a promotora pública da França solicitou formalmente ao órgão francês de contra-espionagem (Serviço de Vigilância do Território) que investigue a existência e as atividades do Echelon. Caso se comprove, Paris pretende declarar que Washington promove um “ataque aos interesses vitais da França”.

O próprio Parlamento Europeu aprovou, em 5 de julho, a criação de uma “comissão temporária” para investigar o Echelon. A tarefa da comissão, composta por 36 parlamentares, será a de “verificar a existência do sistema de interceptação de comunicações e se o Echelon é compatível com o direito da União Européia”. Segundo um informe do Parlamento Europeu, publicado em outubro de 1999 a pedido de sua Comissão de Liberdades Públicas, o Echelon constitui “uma infração do direito comunitário”. Essa conclusão dá base à ação jurídica francesa.

As evidências da existência e das atividades do Echelon são contundentes. A “bomba” estourou no começo de janeiro do ano passado, quando o Parlamento Europeu recebeu denúncias produzidas por seu Comitê de Avaliação Científica e Tecnológica, segundo o qual, “na Europa, todas as chamadas telefônicas, os fax e os textos transmitidos por correio eletrônico (e-mail) são regularmente interceptados e as informações de certo interesse retransmitidas, através do centro estratégico britânico de Menwith Hill, para o quartel-general da National Security Agency (NSA), agência central de espionagem americana”. O estudo afirma, ainda, que os Estados Unidos utilizaram o Echelon para praticar espionagem econômica e industrial na Rússia, China, América Latina e em países europeus, como a própria França.

As denúncias apontavam dois casos confirmados de espionagem econômica pelo Echelon, que beneficiaram empresas americanas em detrimento de concorrentes europeus. O primeiro envolve o Brasil, mais particularmente o Sivam (Sistema de Vigilância da Amazônia): em 1994, a empresa francesa Thomson perdeu o contrato de implantação do Sivam para a americana Raytheon, no valor de 1,4 bilhões de dólares. À época, o governo francês denunciou a prática de espionagem industrial pelos Estados Unidos, permitindo que a empresa americana oferecesse um preço melhor no processo de licitação, mas o assunto terminou em pizza,

como, aliás, é de praxe nesse país. O outro caso comprovado aconteceu também em 1994, quando o consórcio europeu Airbus perdeu uma concorrência, na Arábia Saudita, para a americana McDonnell-Douglas, “graças ao sistema de escuta eletrônica Echelon, que teria fornecido aos americanos detalhes da proposta européia”, afirma o relatório.

O debate no Parlamento Europeu provocou uma certa reação no Brasil. Parlamentares da oposição chegaram a propor, no final de fevereiro, a formação de uma CPI para investigar o processo de licitação para instalar o Sivam. É claro que FHC foi totalmente contra a proposta. O porta-voz de FHC, Georges Lamazière, afirmou que, “do ponto de vista do governo”, não havia nenhuma irregularidade na licitação do Sivam e, apesar do relatório do Parlamento Europeu, o contrato não seria revisto. Para o governo, o que interessa é que a Raytheon teve proposta melhor do que a Thomson. Claríssimo. Somos mesmo uma colônia, como poderíamos nos atrever a questionar o direito que tem a matriz de nos espionar? Ora...

Nick Fielding e Duncan Campbell, ex-funcionários do sistema, afirmaram aos investigadores do Parlamento Europeu que o Echelon foi utilizado para bisbilhotar até mesmo a vida de gente como o papa João Paulo II e a princesa Diana, além de organizações como a Anistia Internacional (AI) e o Greenpeace. Wayne Madsen, que trabalhou durante vinte anos para a NSA, declarou publicamente, em fevereiro deste ano, que “qualquer um que seja politicamente ativo eventualmente acabará na tela do radar da NSA”. O próprio governo americano, que nega formalmente a existência do Echelon, foi obrigado a declarar, em relação a esses casos comprovados de interceptação de informação industrial, que seus “recursos de espionagem” são utilizados contra empresas em “países amigos que fazem concorrência injusta a firmas dos Estados Unidos”.

Descartada, portanto, a hipótese de que tudo não passa de “alucinações



da esquerda conspirativa”, vamos agora descrever como funciona o Echelon, pelo menos segundo o pouco que dele se conhece. Aparentemente, o sistema começou a ser construído em 1948, bem no início da Guerra Fria, mediante um acordo secreto (e nunca admitido publicamente) assinado pelos Estados Unidos e quatro outros países de língua inglesa (Canadá, Grã-Bretanha, Austrália e Nova Zelândia), que formaram o Pacto Ukusa. O propósito original desse sistema era o de colher informações sobre a União Soviética e os seus aliados, no espírito da Doutrina Truman de fevereiro de 1947 (aquela que dizia que os Estados Unidos combateriam a ameaça comunista em qualquer parte do globo onde ela se manifestasse). O sistema, batizado como Echelon (palavra de origem francesa utilizada pelos militares de língua inglesa que significa, literalmente, escalão), foi colocado sob a direção da NSA.

O sistema é integrado por cinco bases terrestres a partir das quais são interceptadas as comunicações telefônicas internacionais que passam pelos 25 canais Intelsat, segundo informa a revista “Cadernos do Terceiro Mundo” (nº 210, junho de 1999, página 63), citando o livro “Secret Power”, de Nicky Hager, publicado na Nova Zelândia. Cada país do Pacto UKUSA, exceto o Canadá, está encarregado de cobrir uma região do planeta. A base que controla a Europa é a já mencionada pelo relatório do Parlamento Europeu; a que controla o hemisfério americano, incluindo o Brasil, fica em Segar Grove, a 250 quilômetros de Washington; as regiões do Índico e do Pacífico são “monitoradas” por três bases terrestres: a de Yakima (base do exército americano a pouco mais de 200 quilômetros de Seattle), a de Waihopai (Nova Zelândia) e a de Geraldton (Austrália).

O Echelon, segundo afirma o jornal britânico “The Independent”, é capaz de produzir pelo menos 3 bilhões de interceptações diárias. Os computadores empregados pelo sistema, chamados “dicionários”, são capazes de examinar, decodificar e filtrar quantidades imensas de

mensagens alfanuméricas. Grupos de mensagens que contenham certas palavras-chave são imediatamente encaminhadas a órgãos específicos da NSA. Se você viu o filme “Sete Pecados” (David Fincher, 1995), sabe como isso funciona: os computadores das bibliotecas públicas americanas são programados para identificar e “fichar” automaticamente os seus usuários que requisitem livros contendo termos “perigosos” como xiita, Islã, fundamentalismo, comunista etc. Já o filme “Inimigo do Estado” (Tony Scott, 1998) faz uma excelente descrição de como o sistema pode acionar os seus satélites, computadores e câmaras para espionar, localizar e perseguir qualquer pessoa, em qualquer parte do planeta.

As semelhanças com o famoso Big Brother de George Orwell não são mera coincidência. Qualquer cidadão brasileiro tem razões de sobra para ficar seriamente preocupado, ainda mais agora, quando FHC começa a reconstruir os órgãos da ditadura militar, como o sinistro Serviço Nacional de Informações (SNI) e o Dops (agentes “especiais” da Polícia Federal treinados pelo FBI na luta contra organizações e manifestações populares). Não é comovente ver como estão irmanados, na mesma trincheira, o Echelon e os nossos arapongas? Você já não se sente parte do Primeiro Mundo?

(Revista Caros Amigos - agosto 2000)

José Arbex Jr. é jornalista.

Fonte: Caros Amigos (<http://carosamigos.terra.com.br/>).

## UM OUTRO LADO DA HISTÓRIA – Uma entrevista com André Mauro (Showdalu.com)

Ricardo Rosas



Será todo nosso mundo atual uma farsa? Viveremos numa absoluta encenação em que a *Real Politik* é na verdade uma “falsa política”, em que “armas de destruição em massa” são meros truques escondidos atrás do véu de um mágico de Oz? Seriam as armas atômicas, a ida à lua e mesmo a teoria da relatividade mentiras deslavadas utilizadas para inspirar temor nas massas em proveito de “potências globais” que nada mais seriam que sagazes manipuladores de consciências adormecidas?

Por incríveis que pareçam, são perguntas como essas que assaltam o conspirólogo mais desavisado que entre no Show da Lua ([www.showdalu.com](http://www.showdalu.com)). Espécie de dimensão paralela na internet brasileira, o Show da Lua oferece uma quantidade incontável de teorias e versões diferentes da história e da ciência mundial, capazes de virar sua mente, o mundo, e até a galáxia, pelo avesso. Para os incrédulos de

carteirinha, o site pode parecer uma piada de mau gosto. Mas para estudiosos e praticantes da conspirologia, no entanto, o Show da Lua fornece um leque muito interessante de hipóteses que, no mínimo, bem poderiam servir como um verdadeiro kit de desprogramação do gerenciamento de percepção a que somos submetidos diariamente pela mídia em geral.

Se conspirações podem ou não ser provadas, não é o que interessa aqui. Importa sim perceber o tênue limiar entre verdade e ficção que pode estar por trás de boa parte das versões dos fatos que nos são informados no dia a dia. Nesse sentido, o Show da Lua é um rico manancial de desconfianças em relação a estes fatos tidos até hoje tidos como incontestáveis, pelo menos na mídia tradicional. Foi para clarear mais sobre tais hipóteses e abordar todas essas outras versões da história que o Rizoma entrevistou o editor do site, André Mauro. Ponha seu capacete e prepare-se para se tele-transportar. Ah, e não se esqueça de dizer adeus ao mundo tal como você conhece.

**Rizoma: Seu site é quase como uma realidade paralela, sabe, como naquele romance de Philip K. Dick, "O homem do Castelo Alto", onde o contrário da história do mundo estava contido num livro que dizia que a versão de tudo era outra. Você conhece esse livro?**

André Mauro: Não conheço o livro mas achei bastante interessante a idéia. O site showdalu.com questiona verdades históricas e científicas supostamente inquestionáveis que constroem esta realidade fantasiosa que nos é imposta como absoluta. A verdadeira história do mundo não é revelada por isso vivemos acreditando em mitos que não existem como a "Conquista da Lua" ou a "Super-Bomba A" capaz de destruir o planeta. A realidade é uma só e é nela que nós vivemos. Doenças simples como a gripe, até hoje, não são totalmente conhecidas. Uma realidade atrasada

onde falta comida, energia elétrica, combustível, moradia, vergonha na cara, etc... Encaramos a miséria por todo lado, diariamente, esta é a realidade real. Estamos muito mais próximos do tempo das cavernas do que de qualquer outra coisa. Apagões em NY ou LA ou Londres no séc. XXI não poderiam acontecer, se, por exemplo, "energia atômica" fosse uma realidade. O motivo principal alegado para o desenvolvimento da energia atômica sempre foi o de "iluminar cidades". Como em 1945 existia energia atômica para explodir o planeta e agora nos "Anos 2000" ainda assistimos estes pré-históricos apagões, falta energia para acender uma lâmpada. Já nos anos 50 alegavam possuir geradores portáteis como o da base de MacMurdo (Alaska) projetado para ser facilmente transportado e usado em apagões de cidades do "terceiro mundo". Por que assistimos Londres, Nova York e Los Angeles ficarem no escuro? Seria a des-evolução? Vivemos na realidade mas somos enganados e forçados a acreditar que vivemos em uma outra "maquiada" e "fantasiosa" que é o resultado de décadas ou séculos de dominação através das "mentiras" e do MEDO.

### **R: O que é a "Nova História do Mundo"?**

A.M.: "Nova História do Mundo" é uma série de livros que estou escrevendo onde proponho questionamentos sobre verdades históricas e científicas "supostamente" inquestionáveis. O livro que deu origem à série é *O Homem Não Pisou Na Lua*, onde entrei em contato com a ponta do iceberg de mentiras que se transformou a história do mundo. Vamos ter que revisar a história e a ciência. Os títulos dos livros da série "A Nova História do Mundo" são: *O Homem Não Pisou na Lua* (Vol. 1) ; *Bomba Atômica Não Existe* (Vol. 2) ; *Einstein Errou* (Vol. 3) ; *A Terra Não Gira em Torno do Sol - Teoria das Órbitas Independentes* (Vol. 4) ; *Buracos Negros Não Existem* (Vol. 5) ; *Poliverso* (Vol. 6) ; *As Guerras Combinadas* (Vol. 7) ; *De Marte à Lua a Mentira Continua* (Vol. 8) ; *Quem Disse Que Átomos e*

*Moléculas Existem?* (Vol. 9) ; *A Nova Teoria da Gravidade* (Vol. 10) ; *Numeromática - Só Importa Zero e o 0,618 (seguimento áureo)* (Vol. 11) ; *A Nova História e a Nova Ciência* (Vol. 12). E mais: *W.T.C., A Demolição das Torres Gêmeas (E... O Pentágono Não Foi Atingido Por um Avião!)* (Edição Especial), *Como Controlam Nossas Mentas (Mensagem Subliminar e Outras Técnicas)* (Edição Especial), e *Curas* (Edição Especial).

### **R: A bomba atômica não existe?**

A.M.: Não. A bomba atômica não existe. Como não existe nenhuma evidência ou prova incontestável de que tenham acontecido "explosões nucleares" em Hiroshima ou Nagasaki em 1945.

### **R: E o que aconteceu então a Hiroshima?**

A.M.: Explosões com "bombas sujas" (dinamite e material radioativo contagioso), assassinatos (pessoas queimadas) e muita propaganda de guerra. As "atrocidades" são a marca registrada da propaganda de guerra desde os seus primórdios. Mostrar fotos de crianças mortas não é nenhuma novidade se analisarmos as campanhas publicitárias anteriores . Crianças e mulheres são sempre os principais alvos do marketing de terror das guerras. Para convencer os japoneses que haviam explodido super-bombas atômicas, os norte-americanos fizeram uma verdadeira "guerra publicitária" deixando cair 16.000.000 em um período de 9 dias em 47 cidades japonesas com população acima de 1000,000 habitantes. Estas cidades representavam aproximadamente 40% da população do Japão. Desde as supostas explosões, a rádio de Saipan não parou de transmitir notícias sobre as explosões em intervalos de 15 minutos minuciosamente regulares. Foram prensados e distribuídos 5.000.000 jornais na língua japonesa que continham estórias e fotos dos supostos ataques atômicos. Da mesma forma que na FRAUDE da "viagem à Lua" no FALSO

“holocausto atômico” podemos apontar erros e incoerências nos fatos, fotos e filmes apresentados como provas dos eventos. A “bomba atômica” é na verdade uma “bomba de propaganda”.

**R: E todo o pânico em torno das armas nucleares, as pressões, os ativistas anti-nucleares, a corrida armamentista?**

A.M.: 1 - Pânico em torno das armas nucleares : O “pânico” é uma das principais ferramentas para manter sob controle a massa de seres humanos que existem no planeta. É a “civilização do pânico”. Durante o período da “Guerra Fria” os casos de ataques cardíacos, stress, e doenças causadas pelo sistema nervoso aumentaram entre a população do planeta. O “pânico” está sempre presente seja com a ameaça das “armas nucleares” , como aconteceu naquela época, seja com os “ataques terroristas” de hoje. A população, como sempre, é mantida refém do MEDO.

2 - As pressões e os ativistas anti-nucleares: O jogo de pressões e os desavisados ativistas anti-nucleares fazem parte do enredo deste teatro de terror . O conflito controlado é uma estratégia helênica que é aplicada até hoje. Imagine se não houvessem protestos de ativistas anti-nucleares como os do grupo pop (e cheio de patrocínio) “GreenPeace”? Imagine se não existissem pressões e “acidentes” com usinas, submarinos etc... ? O que aconteceria? A suposta “tecnologia nuclear” teria sido obrigada a evoluir e prestar serviços para a humanidade (no mínimo, manter as lâmpadas de uma cidade como Londres”, acesas) mas como é FALSA isto seria impossível. Daí a importância dos ativistas “anti-nucleares” e das “pressões”.

3 - A corrida armamentista: A corrida armamentista que ocorreu na chamada “Guerra Fria” foi simplesmente um mecanismo de manutenção

dos fabulosos lucros da indústria bélica no pós-guerra. A chamada “Segunda Grande Guerra” (que não foi a segunda) gerou fabulosos lucros para determinados grupos e famílias proprietários de empresas ligadas a indústria bélica e tornou-se um grande negócio. Para acabar com um grande negócio só inventando outro: a “Guerra Fria”. Como a Segunda Guerra já durava muito tempo precisavam de uma saída a solução foi a FALSA “Bomba Atômica” e a LUCRATIVA “Guerra Fria” . Hoje já se sabe que os mísseis inter-continentais que víamos na TV naqueles desfiles militares soviéticos eram ociosos.

**R: Por que Einstein estava errado?**

A.M.: Acho que TODAS as teorias de Einstein estão erradas e NENHUMA é usada para fins verossímeis. “Viagens Espaciais”, “Buracos Negros”, “Bomba Atômica” , “Viagem no Tempo” ... não acredito em nada disso.

O tempo não é relativo é absoluto e, pra mim, nem sei se consideraria um estudo da física já que só é fundamental para os seres vivos (o tempo não é tão importante assim para os inanimados). O tempo é importante para quem é vivo, como nós somos seres vivos ele é importantíssimo e absoluto como é a vida de um ser vivo único em sua existência.

Do átomo ao sistema solar, ele errou em tudo e criou figuras estapafúrdias como “Buracos Negros” para justificar as sinucas matemáticas nas quais se metia durante suas embromações. O mito pop Albert Einstein está intrinsecamente ligado a toda mentira que aconteceu durante o Século XX. É personagem chave para o sucesso de diversos objetivos maquiavélicos da elite do poder. O cara era auxiliar de escritório numa firma de marcas e patentes e sempre foi um grande plagiador. Foi uma marionete, um personagem arlequinesco do circo de mentiras. Eleito pela mídia serviçal como o “homem do século” foi supostamente graças a

ele que a bomba atômica foi fabricada pelos EUA e também foi graças aos supostos casos amorosos dele com as espãs soviéticas que a URSS conseguiu fazer sua bomba atômica. Da mesma forma que na época medieval, durante o obscurantismo, a igreja justificava o poder divino dos Reis, no Séc. XX Einstein justificou a submissão do povo da Terra aos imperadores imperialistas conferindo-lhes poderes divinos, como acabar com a própria espécie apertando um simples botão vermelho e viagens espaciais. O judeu alemão Albert Einstein foi até convidado para ser o primeiro presidente de Israel. Fomos iludidos pelas fantásticas “mentiras einsteinianas”, hoje entendo o porque daquela foto famosa onde ele mostra a língua ..Plágios, Erros e Mentiras da Personagem: “Albert Einstein”. Eis que surge a figura suspeita do plagiador “Albert Einstein”, o suposto “gênio” no início de sua vida adulta trabalhava como auxiliar de escritório numa instituição de registro de marcas e patentes. Durante a infância e juventude, Einstein, ao contrário de outros gênios como Mozart por exemplo, não demonstrava a menor genialidade, como é notório, ele foi reprovado em matemática, no colégio, e não passou na prova para ingressar na faculdade de engenharia. A carreira de “astro da ciência” do mito semita Albert Einstein começou quando, apropriando-se do trabalho do italiano Amedeo Avogadro, quantificou o tal “número de Avogadro” . Einstein afirmava que havia calculado quantas supostas “moléculas” de gás existiam em um volume de 22,4 litros em condições normais de temperatura e pressão. O número seria 6022900000000000000000 . Em 1905, descrevendo o comportamento de uma solução diluída (água com açúcar) afirma que descobriu uma “expressão matemática” para o coeficiente de difusão das supostas “moléculas” de açúcar na água. Alguns anos depois, Jean Baptiste Perrin mediu a viscosidade da solução e encontrou um erro de matemática nos contos de Einstein que informado do fato, rapidamente corrigiu a gafe. Graças a esta experiência literalmente “água com açúcar”, passaram a afirmar que “moléculas” e “átomos” existem e são mensuráveis. Provas Falsas Transformam

“Fantasias” de Einstein em Verdades Inquestionáveis. A discussão provavelmente continuaria, mas foram produzidas diversas “provas falsas” que fizeram deste ERRO uma VERDADE CIENTÍFICA inquestionável. Por isso, quando alguém ousa questionar dogmas científicos como este, é bombardeado por críticas, que na verdade, não passam de meras repetições das justificativas que já foram amplamente divulgadas por livros e enciclopédias. Posso apontar diversas fraudes na questão atômica que foram usadas para convencer a comunidade científica e o mundo das fantasias “Einsteinianas”.

### **R: Átomos e moléculas não existem?**

A.M.: Não. Átomos e moléculas não existem, são uma resposta simplista para uma questão complexa. Nem ninguém nunca viu “átomos” e “moléculas” ou verdadeiramente provou que existam, o que existem são “suposições” que geraram conclusões. Existem também provas falsas como a “Bomba Atômica” e os “reatores atômicos” que ajudam na condução da fraude transformando erros em verdades científicas inquestionáveis. Pode soar estranho para os ouvidos das pessoas de hoje que, desde a infância, foram obrigadas a decorar livros, fórmulas, explicações e a chatíssima tabela periódica. É bom lembrar que quem inventou o conceito do átomo foram dois gregos a 500 anos A.C. Leucipo e Demócrito. Nunca houve uma unanimidade sobre o tema “de que é feita a matéria” ou “de que somos feitos”. Até o final do séc. dezenove a idéia dominante era a de que a matéria seria contínua e não feita de pequenas partículas denominadas “átomos”. (Citando trechos do site SHOWDALUA.COM): “ Leibnitz, dizia que “se átomo existisse as chances de encontramos uma folha ou uma gota de leite, exatamente iguais, seria grande, pois seriam feitas de um número finito de átomos, porém, não é isso que vemos na natureza. É impossível encontrar duas folhas ou duas gotas de leite idênticas”. Questionar a existência de “moléculas” ou

“átomos” soarão estranho ou até absurdo aos seus ouvidos de “homem do século XXI”. Infelizmente fomos eficientemente condicionados a não questionar as verdades inquestionáveis apresentadas pela reducionista “ciência moderna”. Num mundo materialista era preciso “contar” as coisas, seria bastante conveniente, que a matéria, da mesma forma que o dinheiro, pudesse ser mensurável. É possível descrever todos os fenômenos naturais sem afirmar que “moléculas” ou “átomos” existem. Evidências como o cálculo infinitesimal e a reversibilidade dos processos supostamente “moleculares” (o “Poliverso” que conhecemos é naturalmente irreversível), podem ser apresentadas para provar que os átomos não existem. Nunca, na história do mundo, chegou-se a um consenso sobre a seguinte questão: “de que somos feitos?” ou “do que é feita a matéria?”

**R: Você também acredita então que as usinas atômicas e acidentes como Chernobyl e o de Césio-23 em Goiás são então pura invenção?**

A.M.: “Usinas Atômicas” e o caso de Chernobyl, SIM, são pura invenção e o caso do Césio-23 em Goiás NÃO aconteceu mesmo. Existe material radioativo e pode ser maléfico a saúde e até mesmo mortal.



**R: E como é isso de que a terra não gira em torno do sol?**

A.M.: A Terra não gira em torno do Sol. O “Heliocentrismo” é um erro que pode ser facilmente comprovado observando o céu. O que acontece é que os astrônomos de hoje passam mais tempo na frente do computador com simuladores do que vendo o céu verdadeiro com suas lunetas. A observação das Três Marias também conhecidas na Europa como “Cinturão de Órion” são visíveis durante o mês de junho e julho na noite do Hemisfério Norte e isto prova que a Terra não gira em torno do Sol. Durante esta época do ano segundo os astrônomos elas deveriam estar atrás do Sol.

**R: Então toda a ciência moderna é pura balela?**

A.M.: Infelizmente a ciência moderna serviu no século XX ao poder como a igreja serviu aos reis no obscurantismo tornando-se um mero instrumento de justificativa de poder para determinados grupos. A ciência

moderna é repleta de erros e fraudes. A ciência moderna é, como você disse, pura balela.

**R: Qual o interesse para manter toda essa mistificação científica na atualidade?**

A.M.: A idéia fixa do “homem” de mandar nos outros “homens” existe desde que o ser humano surgiu na Terra. O interesse em manter falsos mitos que auxiliem a justificar o poder é um dos recursos usados pelas elites dominantes há muito tempo. Na mitologia de todos os povos da Terra encontramos falsas aventuras espaciais por exemplo. Na Babilônia os imperadores alegavam que os antepassados teriam ido a Lua num “grande pássaro de duas cabeças”. Na Mesopotâmia, foi descoberta na biblioteca do rei Assurbanípal uma narrativa gravada em cilindros de argila cozida, descrições do vôo no espaço cósmico. No “Bhagavad Gita” – poema filosófico da Índia antiga, vemos instruções para os iogues em suas viagens a Lua. O famoso herói mítico indiano Rama também faz viagens espaciais descritas por Tulsi Das em Ramayana . O célebre capitão grego Alexandre da Macedônia também viajou para o espaço num carro transportado por grifos (animais mitológicos com cabeça de águia e garras de leão) esfomeados e obrigou-os a voar servindo uma isca presa numa vara suspensa sobre suas cabeças. Tem o famoso e manjado mito de Ícaro que foi tão próximo do sol que a cera que prendia as asas derreteu e ele caiu (blábláblá). O Rei Etã a 3.200 AC subiu tão alto no céu que a Terra rodeada pelos mares, pareceu-lhe “um pão no cesto”, desaparecendo, em seguida, do alcance de sua vista. E por aí vai... Para mim não eram “os deuses astronautas”, eram os imperadores antigos MENTIROÇOS como são MENTIROÇOS os imperadores modernos. Interesse no poder e no dinheiro. Imagine a catástrofe o que aconteceria nas bolsas de valores de

todo o mundo se fica provado que as viagens espaciais são pura farsa? O que aconteceria com o dólar se ficasse provado que bomba atômica não existe e a supremacia bélica norte-americana é pura propaganda? SEMPRE houve muito interesse na criação destes mitos, como dizia V.I. Lênin – “ é absurdo negar o papel desempenhado pela FANTASIA até mesmo na CIÊNCIA mais austera...”.

**R: Que sistema científico, afinal, seria o válido e verdadeiro?**

A.M.: O sistema científico da humildade. O sistema científico onde os cientistas não tivessem a pretensão de dar respostas para tudo. O sistema científico onde o QUESTIONAMENTO é constante e as dúvidas mais necessárias que as certezas. Como venho dizendo a ciência moderna é simplista e reducionista precisamos de menos especialistas e mais filósofos.

**R: O que é a nova teoria da gravidade?**

A.M.: É uma nova teoria que estou desenvolvendo baseada num novo modelo de sistema solar. A nova teoria da gravidade está intrinsecamente ligada a Teoria da Órbitas Independentes que nega o Heliocentrismo. A idéia central seria a de que o que chamamos de gravidade nada mais seria do que uma força centrípeta criada pelo giro da Lua ao redor da Terra. Para esta teoria funcionar temos que adicionar as seguintes informações: a Terra não gira em torno do Sol e sim faz uma órbita independente em torno de um ponto móvel de equilíbrio no espaço. Outro dado importante é o de que a Terra não tem a forma de uma esfera como mostram as fotos falsas do Gagarin e de todas as outras fotos das falsas viagens espaciais e sim achatada e cilíndrica. Para conferir este dado do formato da Terra basta observar a demora das noites nos pólos. A influência da Lua nas marés e na química do planeta representa uma evidência desta nova

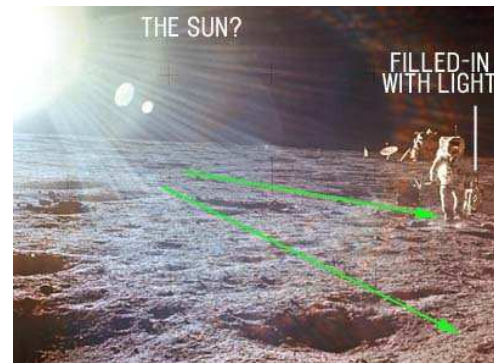
teoria.

**R: Buracos negros também não existem?**

A.M.: Não. Buracos negros não existem. A invenção dos bizarros “buracos Negros” é mais um artifício do falso gênio pop Albert Einstein para justificar suas teorias in-críveis e fantasiosas sobre o Universo. Se não estivéssemos com nossos cérebros tão manipulados e envenenados por mentiras através deste condicionamento criminoso que sofremos desde a nossa infância, qualquer pessoa normal em sã consciência diria que “Buracos Negros”, “Viagens no Tempo”, “Bombas Atômicas” e “Viagens no Tempo” são verdadeiros absurdos. Infelizmente somos animais facilmente condicionáveis e manipuláveis e sofremos a consequência desta falta de consciência .

**R: Saindo um pouco da ciência e entrando mais pra história, como é isso de que a Guerra Fria foi uma encenação? Os EUA e União Soviética eram então cúmplices?**

A.M.: Sim a Guerra Fria uma encenação e os EUA e a URSS cúmplices. A chamada “Guerra Fria” nada mais foi do que uma ferramenta para manutenção dos fabulosos lucros obtidos durante a Segunda Grande Guerra pela indústria bélica. As Guerras são teatros de terror armados com objetivos vitoriosos pré-definidos. É a teoria do conflito controlado. A meta não é necessariamente a “vitória” de A ou B e sim as consequências do teatro da guerra. A revolução russa foi financiada por famílias norte-americanas e européias da elite do poder mundial com o objetivo de assassinar outra família tão poderosa quanto elas : “Os Romanov”.



**R: Bom, você escreveu um livro sobre esse tema interessantíssimo de que o homem não foi à Lua. Há toda uma polêmica em torno dessa questão, nos EUA, na Europa, e muita gente diz que todas aquelas fotos são de estúdio. É tudo mesmo uma grande armação?**

A.M.: É tudo mesmo uma grande armação. Invertendo a questão, que evidências a NASA apresenta para provar que foi a Lua? Apenas três: material audiovisual (fotos, filmes e vídeos), pedras e o testemunho dos astronautas. O material audiovisual já foi analisado por diversos especialistas que confirmam as montagens e transmissão ao vivo com três câmeras em 1969 era completamente impossível (tenho depoimentos de engenheiros e técnicos em transmissão de TV que concordam comigo); as Pedras trouxeram informações completamente contraditórias quanto à formação geológica lunar, e afirmar que as pedras não são da Terra não quer dizer que sejam da Lua (meteoritos caem aqui o tempo todo, os museus estão cheios deles e não são terráqueos e nem da Lua). A principal característica destas rochas é que são muito secas, o mesmo efeito de algumas pedras apresentadas se obteria aquecendo rochas de basalto em fornos de cerâmica. Os testemunhos dos astronautas são



completamente contraditórios, Neil Armstrong, o primeiro homem a ir a Lua vive recluso e não dá entrevistas, sua última resposta a um jornalista que conseguiu falar com ele foi: “Não me faça perguntas que não te direi mentiras”. Já o “Buzz” Aldrin foi menos educado e simplesmente deu um soco no repórter Bart Siebrel quando este lhe pediu que jurasse sobre a Bíblia que teria ido mesmo à Lua. Existem vários outros casos de depoimentos contraditórios destes infelizes que provavelmente passaram por alta pressão e hipnose que é um método antigo de se implantar memória. Não esqueçam que todos os astronautas ao voltarem da Lua passavam por uma severa e suspeitíssima quarentena. O meu livro – *O Homem Não Pisou Na Lua* e o site Showdalu.com possuem um vasto material sobre o tema.

**R: Qual o interesse das "grandes potências" nessa "campanha" da lua?**

A.M.: A viagem a Lua é apenas a pontinha do iceberg de mentiras, uma das cenas do teatro mundial. Não são as “grandes potências” que tem interesse, pouquíssimas pessoas sabem de toda a verdade, a maioria é usada e participa da farsa sem saber. Algumas famílias detêm a maior parte da riqueza do planeta, eles ditam este poder paralelo mundial e o interesse é exclusivamente deles. Imagine se hoje houvesse uma “confissão” da NASA e do governo norte-americano reconhecendo que é tudo mentira, o que aconteceria? Simplesmente o dólar despencaria, as bolsas quebrariam, e provavelmente o sistema monetário internacional que hoje é norteado pelo dólar entraria em colapso. Fora o fato de que muita gente que ainda está viva iria para a cadeia. Quantos bilhões de dólares teriam que ser devolvidos? Dizer para os norte-americanos que eles não foram a Lua é o mesmo que falar para um brasileiro que as copas do mundo foram roubadas, dizer para um ianque que eles não são o “number 1” é quase como a morte. As clínicas psiquiátricas nos EUA ficariam lotadas...



**R: Os EUA e todos outros envolvidos então seriam uma espécie de "Mágicos de Oz", só encenando um poder que na verdade não possuem, pra causar medo aos outros países?**

A.M.: Exatamente, e esta técnica não é novidade se você observar como outros povos na antiguidade usavam falsos mitos com o mesmo fim. O medo é a base do controle da civilização em que vivemos. Poderíamos chamar de “Civilização do Medo”. A justificativa destes inescrupulosos “Senhores do Poder e da Mentira” é que se o controle não fosse exercido

através do medo seria impossível organizar os seres humanos em sociedade e voltaríamos a “barbárie”. Não concordo e acho que com este modelo de organização social em que vivemos, estamos mais próximos da barbárie. Sofremos e vivemos uma vida “massacrante” e curta sem necessidade, poderíamos viver bem melhor SEM MEDO.

**R: E Marte, agora tão em discussão, é outra falácia?**

A.M.: Com certeza é outra falácia. Desde os anos50 os Russos e Norte-americanos alegam ter enviado sondas para planetas distantes, inclusive Marte. Se quiserem rir, pesquisem a história da exploração espacial, dêem uma olhada por exemplo na sonda russa que teria ido para Vênus em 1955 ou na cachorrinha Laika... é de chorar de rir. Como são ridículos aqueles *air bags* amortecedores da recém noticiada sonda norte-americana “Spirit”. Parem e pensem, se aqueles *air-bags* da “Spirit” fossem eficientes e verdadeiros por que as aeronaves terrestres não possuem tal equipamento? Por que helicópteros e aviões caem (e morre todo mundo) até hoje? É como aqueles pára-quedas ridículos usados para amortecer a chegada das naves de volta da Lua. Por que aqueles pára-quedas não são usados até hoje nos vôos comerciais? Para ser mais seguro poderiam usar *air-bags* e pára-quedas... É TUDO FRAUDE.

**R: Até os robzinhos são pura simulação?**

A.M.: Claro que sim, aqueles robôs não vão nem até a esquina aqui de casa... quanto mais em Marte. Gostaria de um para fazer compras no super-mercado para mim e não existe, mesmo que eu fosse bilionário não teria um para eu comprar, como não tem um hotel na Lua para eu fazer turismo. Por isso produzem *Guerra Nas Estrelas* (com seus robzinhos) ou *2001, Uma Odisséia no Espaço* com ASTRONautas na Lua. Propaganda de

todos os lados reforçando no subconsciente da população da Terra a possibilidade destas “fantasias ancestrais” tornarem-se realidade.

**R: E o World Trade Center? Que eu saiba, as hipóteses são as mais diferentes. Vão de teorias de que a CIA teria planejado tudo até uma "conspiração sionista" e por aí vai. Como é essa tese da "demolição"? No interesse de quem ela teria sido feita?**

A.M.: Existem vários interesses envolvidos, desde o puro e simples lucro gerado pelo clima bélico até implicações simbólicas ligadas a grupos religiosos e seitas secretas que, sem dúvida, fazem parte desta “teia de aranha” utilizada pelos detentores deste “governo paralelo”. O congresso norte-americano tinha acabado de votar contra o projeto bilionário do “Escudo Atômico” mas logo nas semanas seguintes ao atentado a indústria bélica voltou a sorrir pois os atentados geraram um novo clima bélico, contratos bilionários foram assinados: U\$ 1,6 bilhão para a General Electric (turbinas, motores) ; 15,1 bilhões para a Lockheed Martin (sistema de mísseis); 12 bilhões para a Boeing (aviões, radares e serviço de manutenção); General Dynamics, U\$ 4,1 bilhões etc... A confusão acontece por que muitos grupos estão envolvidos, cada um fazendo a sua parte mas nunca com a consciência do “todo”. No site Showdalu.com explico por que o WTC foi demolido e em breve no livro vocês vão ver fotos inéditas que também provam que o Pentágono não foi atingido por um avião. É assustador observar a “cara-de-pau-oficial” do governo norte-americano.

**R: Uma coisa interessante sobre teorias da conspiração é que, por mais "absurdas" que elas sejam, elas permitem ver o mundo com outros olhos. Algo como uma desprogramação daquele roteiro mental que nos é passado pela mídia. Você acredita que somos todos "programados" para pensar de uma determinada maneira?**

A.M.: Na verdade muitas não são “teorias”, são “a prática”. A palavra “conspiração” vem do latim “conspirare” que quer dizer respirar junto. Desde que o homem vive em grupo, ele respira junto com outros homens e logo conspira. Na verdade, “absurdas” são as mentiras que temos que aceitar como realidade como por exemplo a “viagem à Lua”. Realmente, a idéia é desprogramar já que o programa é uma fraude. O problema é que consertar o que está errado é mais difícil do que fazer de novo. Acredito que somos todos “programados” de diversas formas e com diversas finalidades .

**R: Tem uma expressão muito em voga em determinados círculos de conspirólogos que é o "gerenciamento de percepção", algo como "um planejamento estratégico das mentes", coisa que não apenas governos, mas departamentos de relações públicas, empresas de marketing e publicidade, assessorias de imprensa e grandes corporações utilizariam para direcionar as percepções de públicos-alvo. Essa seria uma característica de nossos tempos de pesquisas estatísticas, de obsolência planejada e massivas campanhas de formação de opinião. E a realidade é que já estamos, de fato, adentrando numa era de total vigilância, de estado policial, e o exemplo recente da Invasão do Iraque com todos os blefes de "armas de destruição de massa" nunca encontradas também chega a ser paradigmático. Que saída você vê para escapar a todo esse gerenciamento da nossa percepção?**

A.M.: A busca da informação alternativa como a que existe no seu ou no meu site. Ter consciência e humildade o bastante para saber que não tem o total controle sobre a sua mente evitando assim expor-se a situações de alto risco como assistir a filmes da “Tela Quente” ou ouvindo músicas na rádio repletas de subliminares.

**R: Você acha que os meios de comunicação mentem muito, falsificam a**

**verdade?**

A.M.: Acho e além de mentirem muito e falsificarem a verdade ainda manipulam nossas mentes com técnicas nojentas de dominação mental. Somos envolvidos e tratados como animais de laboratório facilmente sugestionáveis e perfeitamente condicionados.

Segundo os sujos pensamentos destes “senhores do poder paralelo”... “a realidade são páginas em branco prontas para serem usadas”.

**R: E onde você pesquisa para chegar a todas essas teorias? Que sites ou leituras, além do seu livro, você recomendaria para quem quiser se aprofundar nos temas?**

A.M.: Gosto muito de ler livros antigos que compro nos sebos e na internet uso sempre as palavras chaves tentando chegar o mais próximo do alvo. Tem que ter um pouco de paciência, jogar com a intuição e procurar... de repente... você acha. O mais interessante é que nesta pesquisa pra cada resposta que eu encontro surgem várias perguntas novas.

**R: A "Nova História do Mundo" vai continuar? Teremos mais surpresas pela frente?**

A.M.: Sim, vai continuar e pelo visto até eu mesmo terei ainda várias surpresas pela frente.

**R: Qual será o próximo livro?**

A.M.: *Bomba Atômica Não Existe*.

Links: Show da Lua ([www.showdalu.com](http://www.showdalu.com)).

Página de André Mauro ([www.andremauro.com](http://www.andremauro.com)).

## **MONSTERS, INC.**

Chris Floyd\*



O grande feiticeiro, líder dos Sábios, outrora conhecido em todo o mundo como uma força do bem, tornou-se amargo, temeroso — e ambicioso. Macaqueando os modos do mal que ele outrora combateu — brutalidade, dominação, avareza, terror — ele desceu ao seu laboratório secreto onde, com a magia negra da alquimia e da tecnologia satânica, engendrou uma raça de guerreiros mutantes, "corpos de ferro e vontades de ferro": combatentes ferozes que podem atacar noite e dia, sem descanso, com um espírito de combate que se mantém elevado graças aos lampejos da varinha do feiticeiro.

Uma cena de "O Senhor dos Anéis", de J.R.R. Tolkien, onde o corrupto feiticeiro Saruman molda o seu monstruoso Uruk-Hai para travar uma cruel e impiedosa guerra de dominação? Não, infelizmente trata-se de um esquema muito real que agora está sendo conduzido pelo Pentágono, cujos feiticeiros da droga e manipuladores genéticos trabalham na criação do "Desempenho Expandido do Combatente de Guerra" ("*Extended*

*Performance War Fighter*"), relatam o Daily Telegraph e o Christian Science Monitor.

O sinistro amo do Pentágono, Donald Rumsfeld, está despejando bilhões de dólares de impostos nos fornos de investigação de laboratórios federais e universidades privadas de toda a terra num esforço de grande alcance para desovar "super soldados", movidos por drogas e "cérebros eletromagnéticos assassinos" que possam combater sem cessar dias a fio. O trabalho é dirigido pela Defense Advanced Research Projects Agency (DARPA) — sim, a mesma instituição que agora labora sob a tutela do condenado terrorista-conspirador John Poindexter na construção da rede "Conhecimento total da informação" ("*Total Information Awareness*") que permitirá ao governo monitorar os registros eletrônicos e as comunicações de todos os cidadãos.

Os programas de "estimulação do combatente em guerra" do DARPA — uma aceleração dos bio-aprimoramentos que se desenvolve há vários anos — implicarão injetar homens e mulheres jovens com preparações hormonais, neurológicas e genéticas; implantar microchips e eletrodos nos seus corpos a fim de controlar os seus órgãos internos e as suas funções cerebrais; e aplicar-lhes drogas que amortecem algumas das suas tendências humanas normais: a necessidade de sono, o medo da morte, a relutância em matar seres humanos.

A investigação é "muito agressiva e de grande amplitude", diz o almirante Stephen Baker do Center for Defense Information. Na verdade, o Comando de Operações Especiais dos EUA pretende a criação de pessoal

com "corpos de ferro e vontade de ferro" que possam "resistir aos efeitos mentais e psicológicos da privação do sono" graças a "substâncias ergogênicas" para "administrar" a "tensão ambiental e mental induzida" pelo campo de batalha. Com corpos espremidos, cérebros envolvidos em nevoeiros prozacianos, os combatentes guerreiros aperfeiçoados podem agitar-se cruel e implacavelmente rumo à dominação.

A palavra "criação" não é apenas retórica fantástica. Algumas das investigações agora em curso envolvem realmente a alteração do código genético dos soldados, modificando pedaços (*bits*) de DNA para moldar um novo tipo de espécime humano, alguém que funciona como uma máquina, matando incansavelmente durante dias e noites a fio. Estas mutações "revolucionarão a ordem de batalha atual" e garantirão "dominância operacional ao longo de todo o espectro de potenciais empregos militares dos EUA", entusiasma-se os feiticeiros do DARPA.

Naturalmente, o Pentágono não está contando com tecnologia de ficção científica para elevar as habilidades físicas dos seus combatentes; os "aditivos" padrão já fora de moda há muito que são despejados pelas goelas abaixo dos soldados. Exemplo: o uso de anfetaminas para pilotos foi generalizado durante décadas; durante a primeira guerra Bush-Saddam, todos os esquadrões eram trabalhados com este material. A ingestão de estimulantes é não só oficialmente aprovada como também ativamente encorajada, e mesmo implicitamente obrigatória — a carreira pode ser prejudicada se o piloto recusar se drogar.

Os resultados desta generalização da dopagem foram vistos claramente

na nova fronteira imperial do Afeganistão, na última Primavera, quando dois pilotos americanos — excitados com estimulantes — mataram quatro aliados canadenses com "fogo amigo" num *raid* de bombardeio. Os pilotos, agora enfrentando acusações legais, dizem que a Força Aérea os pressionou a tomar drogas que alteravam a mente antes do vôo fatal.

Mas pequenas falhas como essa são inevitáveis em qualquer grande empreendimento científico, e a DARPA permanece irredutível no seu arrojado empreendimento para "chegar aos limites do *input/output* humano", avançar o "relacionamento simbiótico entre homem e máquina" e adaptar a "tecnologia farmacêutica" para "reforçar o combatente e seus superiores", como declararam cientistas militares numa conferência patrocinada pelo Pentágono sobre a guerra futura.

O que acontece às exaustas cascas deste soldados "de ferro" depois de as suas mentes e corpos terem sido comidos por modificações inexoráveis e trabalhos incessantes não faz parte, naturalmente, das preocupações do Regime Bush. Ainda agora, a Casa Branca está cortando os benefícios de saúde dos militares veteranos — chegando até mesmo a ordenar a hospitais de veteranos que não anunciem os seus serviços disponíveis, a fim de que os soldados com problemas não tentem exigir realmente o prometido apoio que o seu governo lhes dava. Para homens como Bush — filhos protegidos do privilégio que ficam em segurança, fora de guerras, no luxo apodrecido de bebedeiras — tais promessas são apenas táticas para sugar, destinadas a persuadir soldados decentes a atuarem como assassinos contratados do império, descartando-se deles quando não são mais necessários.

Como isto é estranho: Aqueles que querem transformar os soldados americanos em seres sem mente, em mutantes apodrecidos com drogas a fim de enviá-los para matar e morrer em distantes guerras imperiais de conquista são vistos como patriotas, líderes nobres, cumprindo a vontade de Deus, ao passo que aqueles que tratam estes homens e mulheres bons com honra e respeito — desejando que os seus talentos e dedicação sejam aplicados unicamente na defesa do seu próprio grande país e que não sejam espremidos ao serviço de uma elite voraz e rapinante — são denunciados como "traidores", "agitadores anti-americanos", "aliados do terrorismo".

Mas esta é a inversão de valores — a sabedoria desencaminhada posta em prática — que agora rege a Washington de Bush, e os escaldantes cadinhos de guerra do Pentágono.

\* Jornalista do Moscow Times. © Chris Floyd, The Moscow Times 2003. For fair use only/ pour usage équitable seulement.

Tradução de J. Figueiredo.

O original deste artigo encontra-se em <http://www.tmtmetropolis.ru/stories/2003/01/10/120.html>

Fonte: resistir.info (<http://resistir.info>).

## INFORMAÇÃO E CONTRA-INFORMAÇÃO

Roberto Della Santa Barros



*"Depois dos gases tóxicos usados no Vietnã e em outros conflitos, parece que a arma ideológica preparada pelo governo americano seria uma novidade destes tempos midiáticos. (...) Com um poder de fogo subliminar como esse, a vítima principal seria a opinião pública." (Epcom – Instituto de Estudos e Pesquisas em Comunicação)*

Um dos jornais de maior prestígio dos Estados Unidos, o *New York Times*, em sua edição de 19 de fevereiro deste ano noticiou que o Escritório de

Influência Estratégica (OSI, em inglês) do Pentágono estaria "desenvolvendo planos para fornecer informações, possivelmente até algumas falsas, a organizações de comunicação estrangeiras" num esforço para "influenciar o sentimento público e os formuladores de políticas tanto em países aliados como em inimigos." A entidade de *media watching* Fair (sigla americana para "Equilíbrio e Rigor na Mídia"), nos moldes do *Observatório da Imprensa* no Brasil, vem desempenhando papel importante de resistência crítica no próprio "ventre da besta" – para utilizar expressão do sindicalista americano Tom Lewis. Segundo boletim da Fair, "o OSI foi criado logo após o 11 de setembro para divulgar a perspectiva do governo dos EUA em países islâmicos, e assim fornecer apoio à 'guerra contra o terror' americana" – com um orçamento nada restritivo de US\$ 10 bilhões.

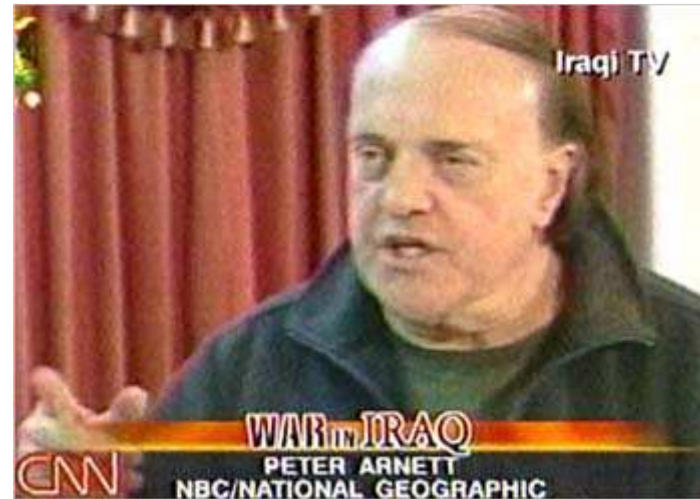
De acordo com a publicação do Instituto de Estudos e Pesquisas em Comunicação, o Epcom, "o plano é considerado polêmico por alguns membros do próprio Departamento de Defesa americano, e está sendo analisado pelo principal advogado do órgão, William Haynes. Por lei, o Pentágono e a Central Intelligence Agency (CIA) são proibidos de realizar atividades de propaganda nos EUA" (AcessoCom, 21/2/02). Em reportagem do *New York Times* afirma-se que "uma das unidades militares designadas para levar a cabo as políticas do OSI" é o Comando de Operações Psicológicas do Exército (o Psyops).

Porém, em fevereiro de 2000, reportagens em jornais holandeses e franceses revelaram que muitos oficiais do 4º Esquadrão Psyops (especializado em "operações psicológicas") do Fort Bragg trabalharam na



divisão de informações no quartel-general da CNN, da AOL Time Warner, em Atlanta, Geórgia, como parte de um programa de "estágio" que começou nos dias finais da Guerra de Kosovo. A cobertura desta história, no mínimo alarmante, foi sintomaticamente escassa na imprensa dos EUA, mas a Fair relata que, após "veicular uma 'Ação Alerta' sobre o assunto", a própria CNN declarou que "já tinha terminado o programa e reconhecido que era 'inapropriado'".

Alexander Cockburn, colunista de *The Nation* e editor da publicação eletrônica CounterPunch (ou Contragolpe), foi quem trouxe o assunto à baila para a mídia alternativa americana. Por intermédio do jornalista Abe de Vries, do periódico holandês *Trouw*, Cockburn teve acesso à informação de que militares – *experts* em propaganda – realmente participaram da produção de notícias de uma das maiores redes de comunicação do planeta. O assunto foi pauta de seu programa semanal de rádio, o *AM Live*, na Companhia de Radiodifusão da África do Sul – em Joanesburgo. Denúncia por denúncia, o escritório local da CNN contactou o quartel-general em Atlanta e Cockburn recebeu telefonema furioso de Eason Jordan, que se identificou como presidente de reportagem e redes internacionais da CNN. Apesar da indignação, ele confirmou que a CNN tinha recebido cinco estagiários das Forças Armadas: dois em televisão, dois em rádio e um em operações de satélite.



"Durante a Guerra do Afeganistão, o Pentágono encontrou uma forma direta de 'controle'" – dizem os analistas da Fair: "Simplesmente comprou todas as imagens do Afeganistão captadas por satélites comerciais, para prevenir assim que a mídia pudesse acessá-las." O 4º Esquadrão Psyops é o mesmo grupo que integrou o Conselho de Segurança Nacional, o agora notório Escritório de Diplomacia Pública (OPD), segundo a Fair "obscura agência de propaganda do governo que plantava boatos na imprensa americana apoiando as políticas externas relacionadas à América Central no governo Reagan", na década de 80. Na época, o Psyops chegou a transmitir programas de rádio e TV para a Nicarágua, com o objetivo de desestabilizar o governo sandinista. Nos anos 90, como aponta o Ecom, o destacamento tentou estimular o apoio às missões americanas nos Balcãs. Descrito por um oficial de alta patente dos EUA como uma "vasta operação psicológica de táticas de guerra" que seria "do mesmo tipo que



os militares conduzem para influenciar a população de um território inimigo (*Miami Herald*, 19/7/87)", o OPD foi suspenso após o caso Irã-Contras, "mas não sem antes influenciar a cobertura da grande imprensa – incluindo *Wall Street Journal*, *New York Times* e *Washington Post* (*Extra!*, 10/9/01)."

### **Boas e velhas táticas**

A informação, segundo o jornalista holandês, foi obtida em artigo da publicação francesa Intelligence Online, em 17 de fevereiro de 2000, que descrevia um simpósio militar em Arlington, Virginia (EUA), promovido no começo de fevereiro do mesmo ano, sobre o uso da imprensa em operações militares. O coronel Christopher St. John, comandante do 4º Esquadrão Psyops, teria clamado – segundo Intelligence OnLine – por "uma maior cooperação entre as Forças Armadas e os gigantes de mídia". Como aponta a Federação dos Cientistas Americanos, "os esforços insistentes do governo Bush pela expansão do escopo dos serviços secretos oficiais são agora amplamente vistos como característica significativa de sua presidência (*Secrecy News*, 18/02/02)".

A recusa do governo em liberar informações sobre o Escritório Geral de Contabilidade da empresa Enron é talvez o mais visível destes esforços, diz a Fair. Ainda, as políticas restritivas à "liberdade de imprensa" (ou de empresas) do Pentágono durante a Guerra do Afeganistão têm sido um problema permanente. O repórter Doug Struck, do *Washington Post*, contou que soldados americanos ameaçaram atirar se sua equipe continuasse tentando investigar uma região onde civis foram mortos.

Outra ação, conforme o Epcom, "é mandar e-mails sem remetente identificável a jornalistas e políticos com o ponto de vista americano e atacando governos inimigos". A iniciativa é do OSI, comandado pelo general-de-brigada da Força Aérea Simon Worden – que propagaria tanto informações falsas quanto verdadeiras. O projeto das operações, como apontamos, já gerou polêmica no próprio Pentágono. "Segundo os críticos", como revela o instituto brasileiro, "a mistura de atividades fraudulentas com o trabalho tradicional prejudicaria a credibilidade do Pentágono na mídia, na sociedade e no exterior". Da mesma forma, "alertam que os EUA certamente serão cobrados por países aliados irritados com a tentativa militar americana de exercer influência dentro de suas fronteiras".

Pode-se identificar, no conjunto destas informações, o "esforço maciço de propaganda" de que nos fala o sociólogo americano James Petras. Numa orquestração de mídia, setores estratégicos das Forças Armadas – mais precisamente especialistas em operações psicológicas (as psy-ops) – conduzem campanhas de informação e contra-informação de organismos do Pentágono ou da própria CNN. Observamos dessa forma, um processo de endurecimento do qual fazem parte os meios de comunicação de massa de maneira orgânica. No centro do império, é de se esperar que o maior conglomerado de comunicação televisiva do Ocidente mantenha estas relações estreitas – já que estar em contato direto com os altos escalões do Exército é condição imprescindível para quem precisa estar na hora e no lugar certos quando um bombardeiro B-52 esteja prestes a despejar seus mísseis. Mais do que isso, o que aconteceu (e já vem

acontecendo) é que oficiais, soldados e estrategistas foram contratados pela emissora em diversos setores da produção jornalística. É o mesmo país que financiou jornais chilenos, por intermédio da CIA, para minar o governo popular de Salvador Allende.

Operando intervenções militares maciças, bem como aparelhos ideológicos de dominação, os EUA formam um novo imperialismo. Segundo Petras, estamos em meio a uma "contra-ofensiva imperial" na qual, para reaver o controle de capitais e exercer a hegemonia política no mundo, as missões diplomáticas do FMI e do Banco Mundial, próprias do neoliberalismo, estariam sendo substituídas por *marines* e crescente militarização – o que estaria configurando um período neomercantilista de disputa selvagem por velhos territórios. Nesse novo imperialismo, ganham novo uso as velhas táticas da informação e da contra-informação. Quem disse que mentira tem pernas curtas?

### Fontes

1) Epcom (Instituto de Estudos e Pesquisas em Comunicação): "Arma invisível", análise do dia 21/2/2002. AcessoCom, Porto Alegre [www.acessocom.com.br](http://www.acessocom.com.br)>;

2) Fair (Fairness & Accuracy In Reporting): "Media Advisory: Pentagon Propaganda Plan Is Undemocratic, Possibly Illegal", EUA, 19/2/2002. [www.fair.org](http://www.fair.org)>;

3) Fair. "Action Alert: Why Were Government Propaganda Experts

Working On News At CNN?". EUA, 27/3/2000 [www.fair.org](http://www.fair.org)>;

4) Alexander Cockburn, "Military personnel from the Fourth Psychological Operations Group based at Fort Bragg, in North Carolina, have until recently been working in CNN's HQ in Atlanta". CounterPunch, 26/3/2000 [www.counterpunch.org](http://www.counterpunch.org)>;

5) James Petras, "La Contraofensiva Imperial: Contradicciones, oportunidades y desafíos", Rebelión, 16/12/2001 [www.rebellion.org](http://www.rebellion.org)>.

**Roberto Della Santa Barros** é estudante de Jornalismo da Unesp.

Fonte: Observatório da Imprensa  
(<http://observatorio.ultimosegundo.ig.com.br/>).

## CHEGA DE ROCK N'ROLL

Stewart Home



Você leu os obituários de Kurt Cobain, agora é hora de sentar novamente e se divertir com os rumores ridículos circulando sobre o falecido astro de rock. Pessoalmente, eu acho absurdo sugerir que o suicídio do cantor foi falseado. No entanto, vários malucos estão clamando que Cobain foi baleado por um assassino profissional, possivelmente um membro da Máfia, que perseguiu o Nirvana por que a banda se recusou a pagar dinheiro por proteção.

Em uma outra versão da estória do suicídio falseado temos Cobain vivo e curtindo uma pausa do estrelato. De acordo com o rumor, o cantor tem aparecido por todo lugar entre Rio e Paris. Aparições em Londres incluem noites no Disobey Club, no Exploding Cinema e mesmo no Festival Hackney Homeless. Mais absurdamente que tudo, um fã clama ter marcado a hora em que o roqueiro fazia compras no supermercado Kwik Save em Canning Town.

Uma teoria mais crível sobre a morte de Cobain sugere que ele era vítima de um experimento de controle da mente pela CIA. Um indivíduo dizendo representar 'uma rede privada de pesquisadores' me contactou para falar disso e marcou um encontro na Temple Church da Rua Fleet. Quando me sentei num banco da igreja, um jovem muito nervoso sentou-se ao meu lado. De acordo com meu contato, a CIA está profundamente interessada na influência subversiva da música popular sobre os jovens, é por isso que 'eles mataram Brian Jones, John Lennon e Jim Morrison'.

O que tem preocupado os agentes secretos ultimamente é o influente radicalismo negro que tem ganhado as mentes de *teens* brancos, para contrapor isso de que 'eles têm estimulado o separatismo estilo da Nação do Islã entre rappers'. Da mesma forma, o movimento branco do Grunge encabeçado pelo Nirvana foi contido pela CIA por que 'eles queriam dividir os jovens em linhas raciais, se negros e brancos se juntassem, eles representariam uma séria ameaça ao sistema. Toda a questão do Grunge é instilar nos *teens* um senso de desespero, para enchê-los de ódio por si e evitar que eles mudem o mundo'.

Aparentemente, a CIA pegou Cobain quando ele ainda era desconhecido, e então, usando drogas, hipnose e tortura médica, eles quebraram sua vontade e reconstruíram sua personalidade. 'A maior parte do tempo ele agia relativamente de maneira normal', fui informado, 'mas bastava umas poucas palavras-chave faladas ao telefone e Cobain poderia cumprir os atos que ele tinha sido programado para executar'. Meu contato estava convencido de que o cantor tinha sofrido lavagem cerebral para cometer suicídio no auge de seu sucesso por que a CIA calculou que isto reduziria ao total desespero seus fãs potencialmente rebeldes.

No entanto, o teórico da conspiração admitiu que vários de seus companheiros pesquisadores pensavam que Cobain tirou a própria vida

como a única forma de se livrar da influência de seus controladores. Se é este o caso, então o astro de rock é antes um herói que simplesmente uma vítima, e sua morte abre terreno para uma nova erupção de revolta adolescente.

Tradução de Ricardo Rosas

Stewart Home é um conspirólogo nato. Seu livro *Assalto à Cultura* é uma história alternativa da arte na segunda metade do século vinte, recheado de teoria gonzo e conspirações artísticas secretas.

Texto tirado do site anti-copyright Textz ([www.textz.com](http://www.textz.com)).

## **MANIPULAÇÕES PÚBLICAS - Duplientrevista com Sheldon Ramptom [Daniel Campos](#)**

O duplicolaborador Daniel Campos entrevistou o polêmico editor do PRWatch (site que vigia a manipulação das empresas de Relações Públicas) e autor de *Toxic Sludge is good for you*, *Mad Cow USA* e *Trust Us, We're experts*.

### **Em uma eleição, quais são as técnicas de manipulação mais usadas em RP?**

Existem três principais usos de pesquisas de opinião em campanhas :

1. Os pesquisadores tentam medir a opinião pública pois desta forma eles podem determinar que mensagens são mais prováveis de fazer com que as pessoas votem em seu candidato.
2. Algumas pesquisas de opinião são usadas como um esforço para direcionar a opinião pública. Os eleitores indecisos são os que têm mais probabilidade de votar em alguém que eles imaginam ser o mais popular, e algumas vezes os pesquisadores publicam pesquisas de opinião que mostram que o candidato X está ganhando na esperança de influenciar esse eleitores indecisos.
3. Outra técnica usada mas condenável, é uma que surgiu nos últimos anos é a chamada "Push polls"( pesquisa para promoção) em que a pesquisa nada mais é do que uma desculpa para telefonar para os eleitores e espalhar boatos negativos sobre outros candidatos. Por exemplo, o pesquisador pode telefonar para alguém e dizer: "Estamos fazendo uma pesquisa. Você estaria mais inclinado em votar no candidato

X se você soubesse que ele foi acusado de dirigir embriagado?" O propósito dessa pergunta não é saber a opinião do eleitor. A pessoa que está telefonando está tentando plantar um boato sobre o candidato X na esperança de que esse boato se espalhe e mude a imagem deste candidato para os eleitores.

**No Brasil, o papel de relações públicas é muito importante e, muitas vezes mais importante que o projeto real (o candidato). Qual é o impacto deste comportamento a longo prazo e como isso pode influenciar a opinião pública e o governo?**

Um perigo é que os políticos usam pesquisas de opinião para moldar as suas campanhas, isso torna mais difícil para o público saber o que os candidatos realmente pensam. Seria tudo bem se isso significasse que os candidatos estão realmente respondendo às pesquisas de opinião e oferecendo o que o público quer mas, na realidade, as pesquisas apenas medem o que o público pensa superficialmente. Além disso, se tornou comum em várias partes do mundo os políticos falarem uma coisa quando são candidatos e fazerem outra completamente diferente após serem eleitos.

**A maior parte dos candidatos são tratados por profissionais de RP e marqueteiros como um produto. Pesquisas são feitas, análises de opinião pública e seus desejos e apenas após isso tudo o candidato é apresentado como uma nova pessoa que combina com a maneira que o público deseja vê-lo. Isso pode ser considerado manipulação? E o que é mais importante: o candidato, o produto ou o tratamento visual dado aos programas de TV e suas propagandas?**

A personalidade do candidato e sua visão política continuam importantes, mas quando os profissionais de RP tomam conta da máquina da política

eleitoral, se torna extremamente difícil para o público selecionar candidatos baseado nesses pontos. Ao invés disso, eles acabam votando em um candidato por que alguém soube como manipular a maneira como esse candidato é visto pelo público. Ou seja, é criada uma barreira entre o público e seus representantes eleitos.

**Grande parte das notícias publicadas são meras cópias dos press releases e sua autenticidade muitas vezes nem é verificada. Você acredita que esse tipo de atitude (mesmo quando é feita inocentemente) pode reforçar uma marca ou mudar a opinião pública?**

Certamente influencia a opinião pública. Se não influenciasse ninguém se importaria em escrever e enviar esses releases.

**Você acha que ensinando as pessoas a desconstruir a mídia pode fazer com que elas consigam se defender das empresas de RP? Na sua opinião, de que maneira podemos nos proteger dessa manipulação invisível como você mesmo considera as táticas de RP?**

Ninguém pode se proteger completamente das pessoas que estão tentando nos manipular com propaganda, mas se conseguirmos reconhecer as técnicas de RP, se tornará mais difícil de nos manipular. Por exemplo, vários noticiários nos Estados Unidos contêm histórias que na verdade são "Video News Releases" (VNR) - segmentos inteiros foram roteirizados, filmados e editados integralmente por empresas de RP - para seus clientes. Alguma estação de TV local usará esses VNRs sem nenhuma edição independente ou algo que o valha. Isso significa que essas "notícias" são, na verdade, propaganda disfarçada. A maior parte do público não sabe que essa prática acontece, mas uma vez que você descobre, dá até para deduzir enquanto está assistindo o noticiário que segmentos são PNR e quais não são.

**No documentário da Frontline "Merchants of Cool" fica claro que poucas pessoas se perguntam "quem ganha com isso?" Isso se aplica para auto defesa de táticas de RP?**

Eu acho que sempre que assistimos o noticiário, devemos esperar que ele contenha propaganda oculta. Nós sempre devemos nos perguntar "O que eles estão tentando fazer com que eu acredite? Por que? Quem pode ser o cliente por trás dessa mensagem?"

**Em um mundo de mega fusões, é possível que você tenha o ponto de vista de apenas uma empresa. Empresas como AOL/Time Warner também usam empresas de RP ou a sua própria máquina de manipulação é auto suficiente?**

Mesmo empresas como a AOL/Time Warner costumam contratar empresas de RP. Atualmente, duas empresas de RP (nos EUA) listam AOL/Time Warner como cliente: Hayslett Sorrel and Broad Street. Essas listagens podem ser vistas em:

[http://www.odwyerpr.com/client\\_database/clientpr\\_search.html?searchterms=aol](http://www.odwyerpr.com/client_database/clientpr_search.html?searchterms=aol).

**Que tipo de tática de RP é a pior? Terceirização (3rd party technique) é a mais eficiente? Todos os métodos se aplicam a qualquer produto/iniciativa? Pode ir de empresas até candidatos presidenciais?**

Eu acho que a terceirização faz parte de um plano de RP que visa enganar. Mas nem todos os profissionais de RP são desonestos e manipuladores. Mesmo organizações sem fins lucrativos e instituições como bibliotecas públicas podem contratar um profissional de RP para ajuda-los a escrever press releases e informar o público sobre suas atividades. Entretanto,

estes tipos de organização raramente têm qualquer necessidade ou vontade de usar a terceirização. Essa técnica é descrita por profissionais de RP como aquela que tenta, colocar a palavra do seu cliente na boca de outras pessoas o ideal é que a boca de outra pessoa seja de alguém que pareça ser independente do seu cliente (que tem interesse em que o público pense de certa maneira). A razão de tentar colocar suas palavras na boca de outras pessoas é por que eles desejam esconder a ganância e interesses próprios que motivaram a mensagem, e essa prática é uma prática enganadora.

**Quando a mídia independente usa táticas de RP para obter maior público, pode-se se tornar uma armadilha e esvaziar a causa?**

Isso é possível, mas como afirmei anteriormente, nem todas as técnicas de RP são malignas. As técnicas que nós criticamos no PR Watch envolvem algum tipo de manipulação: escondem a identidade do cliente, tentam enrolar o público apresentando e interpretando determinados fatos, e outras técnicas que distorcem e até censuram informação. Se a mídia independente evitar usar essas táticas, eu acho que eles podem manter a sua integridade.

**Timothy Leary, em um de seus discursos, dizia "think for yourself , question authority". A imprensa é conhecida como quarto poder. Desconstruir as notícias pode ser a melhor maneira de questionar a autoridade?**

Eu nunca fui um grande fã do Timothy Leary. Não sei se desconstruindo as notícias é o "melhor" modo de questionar a autoridade, mas com certeza é uma forma importante de questionar a autoridade. Nós vivemos em um mundo em que somos constantemente bombardeados por imagens da mídia que tentam influenciar nossa maneira de pensar. Se nós não

entendermos como essas imagens são construídas e ao interesse de quem elas servem, questionar a autoridade se torna bastante difícil.

**Você pode listar algumas táticas usadas pelas empresas de RP, explicar como funcionam e dar exemplos delas?**

Empresas de RP montam press releases, que são basicamente notícias/historias pré-embaladas que eles esperam que sejam re-impresas pelos jornalistas que os recebem. Somado aos releases impressos, eles também produzem audio releases e video news releases, que eu descrevi anteriormente. Eles conduzem pesquisa de opinião, pois assim podem determinar como o público percebe as coisas que afetam os interesses de seus clientes.

Algumas empresas de RP são especializadas em recrutamento e treinamento de porta-vozes: Algumas empresas de RP criam "front groups" - organizações que parecem ser independentes, sem fins lucrativos, mas que são preparadas para adiantar o interesse de alguns de seus clientes. Por exemplo, a empresa de RP Burson-Marsteller, criou um front group chamado de Aliança Nacional de Fumantes (National Smokers Alliance). Sua missão era defender os direitos dos fumantes, mas sua missão real era servir aos interesses de seu cliente, Phillip Morris. Em outro caso, a empresa de RP Hill & Knowlton criou, em 1990, um front group chamado Cidadãos por um Kuwait Livre (Citizens for free kuwait) para promover o apoio norte americano a guerra no Golfo Pérsico. Na verdade, quase todo o dinheiro investido nesse grupo veio de um único cliente: o governo em exílio do Kuwait.

Empresas de RP também usam seus contatos com repórteres para trabalhar nos bastidores de modo que as historias sejam voltadas para seus interesses. Elas também costumam cultivar relacionamentos com

repórteres ao oferecerem-se para fazer favores para eles:sugerindo matérias, ajudando na pesquisa. Algumas vezes, elas ainda vão mais longe e oferecem um suborno sutil. Por exemplo, repórteres de turismo são freqüentemente convidados para o que é chamado de "Fam Trips". Sendo que o termo Fam vem de familiarização. Uma Fam Trip é uma viagem com todos os custos pagos para um resort onde o repórter poderá conhecer o estabelecimento e escrever uma resenha crítica. É claro que um repórter que tem todas as despesas pagas para férias em Flórida ou nas Bahamas vai acabar escrevendo coisas boas a respeito do hotel que pagou todas as suas despesas de viagem.

Outras vezes as empresas de RP jogam duro. Se um repórter está escrevendo uma matéria que critica um de seus clientes, eles podem intimidar o repórter reclamando com o seu editor ou outro supervisor.

Empresas de RP são conhecidas por se envolver em técnicas de espionagem. Por exemplo, ao usar nomes falsos ou outras identidades, eles podem se filiar como voluntários a uma organização sem fins lucrativos para dessa forma coletar informações que podem ser usadas contra a sua organização ou seus clientes. Por exemplo, a empresa de RP Mongoven, Biscoe & Duchin compila documentos sobre os grupos envolvidos com causas relacionadas ao meio ambiente para clientes como Monsanto e Philip Morris.

**Você acredita que a internet e a overdose de informação que recebemos hoje facilita a manipulação da população através de táticas de RP? Não lembramos de onde vem tal notícia e isso faz com que acreditemos que a noticia seja de uma fonte confiável e não de um não-confiável?**

A internet é uma faca de dois gumes. De um lado pode ser a fonte de informações não confiáveis. Do outro lado , a internet cria canais

alternativos através dos quais as pessoas podem conseguir informação. No passado, as grandes redes de TV e jornais eram os principais instrumentos para obtenção de informação sobre eventos mundiais. Hoje é possível procurar informação de diferentes países e diferentes pontos de vista. As vezes as pessoas da indústria de RP reclamam que isso torna o trabalho delas mais difícil, mas eles também usam a internet, ambos distribuem informação para os seus clientes e para estudar a percepção do público para que eles possam fazer um trabalho melhor ao manipular o público.

(Publicado em 12.07.2003)

Fonte: Duplipensar ([www.duplipensar.net](http://www.duplipensar.net)).

## **COMO PODE UM HOMEM DE MARKETING LANÇAR UM PRODUTO QUE NÃO PRECISA EXISTIR?**

Por Ricardo Vespucci

"A coisa funciona assim: o produto é lançado nos Estados Unidos e, se faz sucesso, então eles internacionalizam a marca. Isso permite economias de escala globais, é vantajoso. Além disso, eles procuraram reservar rapidamente todos os mercados para seus novos produtos. Foi o que aconteceu com o Carefree: sucesso lá, ia ser implantado aqui, na China, no mundo inteiro, nos mesmos moldes americanos - tamanho, embalagem, cores, foto, texto, tudo igual, só traduzido. Da mesma forma, a estratégia de comunicação veio formatada dos EUA. Quer dizer, tínhamos de vender para a mulher brasileira o mesmo benefício que eles haviam vendido para a mulher americana".

Parecia um absorvente menstrual. Fabricado da mesma maneira, formava um sanduíche semelhante: numa das faces, uma tira daquele material todo furadinho que a indústria chama de "não-tecido" (non-woven); no meio, uma manta de algodão; na outra face, uma tira de plástico com aplicação de duas linhas de cola e, sobre elas, duas tirinhas destacáveis de papel. Era vendido em duas versões: com ou sem perfume.

Parecia mesmo o já conhecido Modess, só que, em vez daquele tijolão, era fino, bem fininho, alguns milímetros de espessura. Ora, pensava-se no distante ano de 1980, e isso aí não seria capaz de deter o fluxo, por escasso que seja; então, para que serve?



O administrador de empresas e profissional de marketing Ari Giorgi, então com trinta anos, também se intrigou. Mais ainda quando viu o comercial na TV. "O texto dizia claramente que não se tratava de absorvente comum, mas um produto para os outros dias do mês", lembra ele. "Não entendi nada. E fiquei sem entender também porque o produto tinha aquele nome, Carefree, 'quér-fri', e não outro mais fácil de ser lido e pronunciado".

Aqui se percebe como está distante, de fato, o ano de 1980. Primeiro, não havia essa febre de escola de inglês e de meter inglês em qualquer conversa, de modo que palavras como Carefree soavam estranhíssimas, sem sentido, e eram também, para muito mais gente do que hoje, ilegíveis e impronunciáveis (não, o cigarro Free não existia; e entrada gratuita era grátis, livre ou franca, jamais free). Além disso, naquela época, só 40% das mulheres em idade menstrual usavam absorvente industrializado; as outras, toalhinha de pano, tufo de algodão, papel higiênico, jornal. Incrível, não é?

Ari Giorgi trabalhava então na Kibon, como gerente de novos produtos. Estava lançando no mercado a série de sorvetes chamada "doces brasileiros no palito": doce de leite, quindim, pé-de-moleque e brigadeiro. Pé-de-moleque e brigadeiro fariam mais sucesso e teriam vida longa. Uma boa oportunidade profissional, logo depois, levou Ari para a Johnson & Johnson. Sua primeira missão na nova empresa - ele nem acreditou, quando soube - carregava ironia pura: justamente gerenciar a recém-lançada marca Carefree. Ari, daquele momento em diante, estaria fazendo parte de um jogo de pressões: de um lado, o desafio profissional

de fazer do produto um sucesso comercial; de outro, as amarras impostas pelo próprio produto, desconhecido entre nós, e pelas diretrizes concebidas na matriz americana. Ari conta:

"A coisa funciona assim: o produto é lançado nos Estados Unidos e, se faz sucesso, então eles internacionalizam a marca. Isso permite economias de escala globais, é vantajoso. Além disso, eles procuraram reservar rapidamente todos os mercados para seus novos produtos. Foi o que aconteceu com o Carefree: sucesso lá, ia ser implantado aqui, na China, no mundo inteiro, nos mesmos moldes americanos - tamanho, embalagem, cores, foto, texto, tudo igual, só traduzido. Da mesma forma, a estratégia de comunicação veio formatada dos EUA. Quer dizer, tínhamos de vender para a mulher brasileira o mesmo benefício que eles haviam vendido para a mulher americana".

Que benefícios, afinal?, perguntava-se Ari. "Era uma questão que aqui no Brasil ninguém estava sabendo responder, por isso as campanhas publicitárias não encontravam o prumo. Lembro que, na primeira campanha, tinha um anúncio em que a apresentadora dizia: 'Carefree protege você daquela sensação de umidade nos outros dias do mês'. E terminava assim: 'Carefree, meu absorvente todo dia'. Aí eu pensava: 'Mas a umidade não é uma coisa natural? Se é natural, porque se proteger dela?'. Então eu procurava imaginar outra utilidade para o produto: 'Mulher com corrimento usaria? Mas, se está com corrimento, tem de ir ao médico, não tem de ficar usando Carefree'. Depois, eu me detinha na frase final do anúncio e me perguntava: 'Caramba, então quer dizer que a mulher vai ter de passar a vida inteira com um troço no meio

das pernas: o Modess durante a menstruação e o Carefree nos outros dias?"".

As dúvidas de Ari, na verdade, não se resumiam à utilidade do produto. O nome era outra coisa que ele não engolia. Ari sugeriu então o artifício de incorporar ao nome original outro nome, mais assimilável no Brasil, e, aos poucos, fazer com que esse fosse ganhando maior importância nos anúncios e embalagens, até que se sobrepusesse ao primeiro, anulando-o. Sentiu o peso da matriz: nome e estratégia publicitária são intocáveis, responderam. Ou seja, o produto tinha de ser vendido não só com o nome americano, mas também o slogan usado nos Estados Unidos. A ordem era usar a fórmula inteira: "Carefree, the feeling of freshness". Tradução: "Carefree, a sensação de... de...".

"Traduzir ou adaptar a palavra freshness foi um problemão para nós", recorda Ari. "Porque o conceito americano de freshness está ligado à higiene: à limpeza do corpo, e não há no Brasil um termo equivalente. Imagine usar 'frescor', por exemplo - é mais para drops de hortelã, não é? Enfim, era com isso que devíamos trabalhar. Segundo a formulação dos americanos, tratava-se de conquistar a mulher que saía de casa com o seu Carefree limpinho e então trabalhava, andava, suave; aí, antes do almoço, ia à toalete e trocava o Carefree, sentindo então a tal sensação de freshness. Eu me perguntava se isso também valeria para depois de fazer xixi".

Enquanto os responsáveis pelo Carefree debatiam, consumidoras de maior ímpeto, certamente animadas pela diminuta espessura da

almofadinha, trataram de usá-lo. Em entrevistas, às vezes informais, várias consumidoras disseram que ele "esquentava", por isso não convinha usar. E cartas chegadas ao departamento de Ari contavam que outras, em número bastante significativo, o tinham usado como absorvente menstrual - um desastre! Isso dava o que pensar: ou o produto não era próprio para o Brasil, ou não tinha sido entendido pelas brasileiras.

"Falando em termos de marketing, era preciso definir uma categoria de produto para o Carefree", diz Ari. "Desinfetante é uma categoria muito bem definida, na qual entram todas as marcas de desinfetante, papel higiênico é outra categoria bem definida, assim como absorvente. Com o Carefree, estava-se não só lançando uma marca nova como também uma nova categoria de produto, e encontrávamos a maior dificuldade para fazê-la entendida pelo público. E pensar que já estava na praça".

Ari foi à fonte. Como nos Estados Unidos chamavam as almofadinhas de *panty shields*, ele achou que poderia usar uma tradução praticamente direta da expressão no Brasil, que teria inclusive força suficiente para ao mesmo tempo criar a categoria do produto e explicá-lo melhor às consumidoras. Sugeriu, então, que se adotasse a expressão "protetor de calcinha". Não, não senhor. A idéia foi vetada porque o uso da palavra "calcinha" poderia melindrar os brasileiros e fazer mal à imagem da Johnson no Brasil.

Calcinha proibida, no ar os anúncios definiam o Carefree como "protetor íntimo diário". Somando-se a uma grande lista de dúvidas expressas por

vários meios pelas consumidoras, uma carta se destacava: a remetente pedia que lhe ensinassem a tirar o Carefree sem arrancar os pêlos. Por "protetor íntimo" ela havia entendido protetor da própria vagina e, coerente com essa idéia, colava a almofadinha no próprio corpo (e nos pêlos). Se soubesse que era para proteger a calcinha...

Ari falando:

"Bem, fizemos dezenas de reuniões com publicitários para definir, primeiro, qual seria a categoria de produto do Carefree; depois, como comunicar isso para a consumidora. Reuniões, debates, pesquisas, formação de grupos de consumidoras, rodamos até comerciais-piloto, o que era raro fazer. Era desesperador para todos os envolvidos. Numa das reuniões, o diretor da conta, Diaci de Alencar da Lintas, o tipo nordestino despachado, muito inteligente e engraçadíssimo, interrompeu o vozerio das discussões e, com voz grave, declarou: 'Pra mim já tá claro. Matei! Carefree é o bidê de bolsa!'. Levantou-se e saiu. Todos nós concordamos com ele: 'bidê de bolsa'. Era aquilo que o americano queria dizer com freshness.

Definida em sua essência a categoria do produto, como chamar 'bidê de bolsa' de uma forma mais delicada? E como dizer às mulheres que, carregando um Carefree, estariam com um refrescante bidê na bolsa?

"Partimos para a criação de uma campanha na linha do freshness. Mas aí resolvi comprar a briga, uma briga pessoal: em calcinha nós tínhamos de falar, porque calcinha era a chave da compreensão do Carefree. E mais:

eu queria que aparecesse uma mulher de calcinha e sutiã no filme, explicando tudo. Isso não deixaram, mas no texto, pela primeira vez, se falou em calcinha. Aparecia uma loirinha bem bonita, que falava: 'A gente se habitua com muita coisa, com o sabonete, com o desodorante. E agora com Carefree. Carefree é o meu protetor íntimo diário. Com ele eu me sinto como se estivesse usando uma calcinha que acabei de tirar da gaveta'. As respostas melhoraram, mas as vendas eram muito poucas em relação às metas da empresa. Conclusão lógica: ou o produto não estava sendo entendido ou as mulheres não estavam vendo necessidade de "usá-lo".

Conceito novo precisa de um nome que não deixe dúvida, atormentava-se Ari. E a realidade, em relação a isso, mostrava-se desanimadora, principalmente quando ele visitava os pontos de revenda no Sul e no Nordeste. No Sul, entre engasgos e titubeios, a forma de tratamento mais corrente para o produto era "carefrê"; no Nordeste, "carefré".

"Eu ficava imaginando se não havia um produto mais útil, mais próximo das pessoas para lançar no lugar daquele do qual elas nem sabiam pronunciar o nome, quanto mais entender", lembra Ari. "Mesmo depois de o produto lançado nacionalmente, isso me incomodava muito".

Incomodou-o ainda mais permanecer por três anos como gerente da marca, enquanto, por costume, os gerentes de marca da Johnson trocavam de produto a intervalos de menos de um ano, um ano no máximo. Lutando por tanto tempo para cumprir as metas de venda do difícil produto, Ari ganhou um apelido, "Ari do Carefree", que pelo menos

era uma rima - pena que também era um castigo.

Não escapa de Ari a constatação de que foi tão difícil e demorado impor o Carefree no Brasil porque ele exigia das brasileiras abdicar de pelo menos um princípio muito caro: roupa limpa se usa em corpo limpo. Para usar o produto americano, nossas mulheres tinham de fazer o que criticam na cultura européia: um perfuminho em lugar do banho.

"O Carefree podia, no máximo, responder às necessidades psicológicas de 'estar com a calcinha limpa', e essa necessidade, é claro, era induzida pela propaganda. Porque todos nós sabemos que, como qualquer outra peça de roupa, uma calcinha usada nunca vai estar ou mesmo parecer limpa. Depois que eu saí da Johnson, a empresa se rendeu à realidade e adotou o conceito de 'protetor de calcinha'. E, curioso, os anúncios atuais estão usando o termo 'frescor'. Hoje, mesmo com propaganda martelada por quinze anos, acho que o Carefree atingiu um patamar de vendas razoável, mas que certamente é um patamar baixo para um produto que deveria ser usado por todas as mulheres, todos os dias e trocado algumas vezes por dia".

Dos tempos em que gerenciou o Carefree, Ari Giorgi guarda a lembrança do "tolhimento, da falta de liberdade criativa que tem tudo a ver com as multinacionais, nas quais o funcionário vira um executor de estratégias".

Ficou em Ari também uma sensação que não é a de freshness:

"Sempre achei o Carefree um produto para uso clínico, só para isso, e acredito mesmo que em boa parte as vendas dele, hoje, são para esse fim. Mas, no duro, no duro, o Carefree não precisava existir".

Texto extraído do Centro de Mídia Independente

([www.midiaindependente.org](http://www.midiaindependente.org)) e publicado originalmente na revista Caros Amigos de junho/97 ([www.carosamigos.com.br](http://www.carosamigos.com.br)).

## MENTIRAS DE ESTADO

Ignacio Ramonet



*A gigantesca manobra de “intoxicação” informativa promovida pelo governo Bush para invadir o Iraque se insere em uma longa tradição de mentiras que acompanha a história dos Estados Unidos, sobretudo, quando precisam justificar uma guerra.*

.....

É a história do ladrão que grita: “Pega o ladrão!” Qual imagina você que foi o título dado por George W. Bush ao célebre relatório de acusação contra Saddam Hussein, que apresentou no dia 12 de setembro de 2002,

perante a Assembléia Nacional das Nações Unidas? *Uma década de mentiras e desafios* E o que afirmava no relatório, detalhando “provas”? Um rosário de mentiras! O Iraque, dizia ele em resumo, mantém vínculos estreitos com a rede terrorista Al-Qaida e ameaça a segurança dos Estados Unidos porque possui “armas de destruição em massa” (ADM) – uma expressão assustadora forjada por seus assessores de comunicação.

Três meses após a vitória das tropas norte-americanas (e suas coadjuvantes britânicas) na Mesopotâmia, sabemos agora que essas afirmações – das quais questionamos a fundamentação (1) – eram falsas. Tornou-se cada vez mais evidente que o governo norte-americano manipulou informações sobre as ADM. A equipe de 1.400 inspetores do Iraq Survey Group, chefiada pelo general Dayton, não encontrou, até agora, nem a sombra de um indício de prova. E começamos também a descobrir que, no momento em que lançou tais acusações, Bush já tinha recebido relatórios de seus serviços de inteligência demonstrando que era tudo falso (2). Segundo Jane Hartman, deputada democrata pela Califórnia, estaríamos diante da “maior manobra de intoxicação de todos os tempos (3)”. Pela primeira vez em sua história, os Estados Unidos da América questionam as verdadeiras razões de uma guerra quando o conflito já terminou...

### Manipulação gigantesca

Nessa gigantesca manipulação, uma agência secreta de dentro do Pentágono – a Agência de Planos Especiais (Office of Special Plans, OSP) – desempenhou um papel crucial. A revelação foi feita por Seymour M. Hersh, num artigo publicado pela revista *New Yorker* (4), no dia 6 de maio de 2003: a OSP foi criada após o 11 de setembro de 2001 por Paul

Wolfowitz, o número dois do Departamento de Defesa. Dirigida por um falcão convicto, Abram Shulsky, essa agência teria por missão analisar as informações coletadas pelas várias agências de inteligência (CIA, DIA, NSA...) com o objetivo de sintetizá-las e repassá-las ao governo. Baseando-se nos depoimentos de exilados próximos ao Congresso Nacional Iraquiano (organização financiada pelo Pentágono) e a seu presidente, o bastante contestável Ahmed Chalabi, a OSP teria superdimensionado a ameaça de armas de destruição em massa, assim como os vínculos entre Saddam Hussein e a Al-Qaida.

Escandalizado pelas manipulações e manifestando-se em nome da Veteran Intelligence Professionals for Sanity, um grupo anônimo de experitos da CIA e do Departamento de Estado afirmou no dia 1º de maio, num comunicado endereçado ao presidente Bush, que, também no passado, “informações já haviam sido falsificadas por motivos políticos, mas nunca de maneira tão sistemática, com o objetivo de enganar nossos parlamentares para que autorizassem uma guerra (5)”.

### **Motivos burocráticos**

O próprio Colin Powell foi manipulado. E agora arrisca seu futuro político. Teria resistido às pressões da Casa Branca e do Pentágono em divulgar informações extremamente discutíveis. Antes de seu discurso de 5 de fevereiro perante o Conselho de Segurança, Powell teve que ler o confuso emaranhado preparado por Lewis Libby, chefe de gabinete do vice-presidente Richard Cheney. Continha informações de tal forma duvidosas, que Powell teria tido um acesso de raiva, jogado ao ar as folhas de papel e declarado: “Não vou ler isso. Isso é uma m... (6)”. Por fim, o secretário de Estado exigiria que George Tenet, diretor da CIA, ficasse sentado bem atrás de si, no dia 5 de fevereiro, para que partilhasse da responsabilidade do que seria dito.

Numa entrevista à revista *Vanity Fair*, publicada em 30 de maio, Wolfowitz admitiu a mentira de Estado. Confessou que a decisão sobre o exagero da ameaça das ADM para justificar uma guerra preventiva contra o Iraque tinha sido tomada “por motivos burocráticos”. Explicou: “Concordamos num ponto – as armas de destruição em massa – pois esse era o único argumento em relação ao qual todo mundo estaria de acordo (7).”

### **Desespero de causa**

Portanto, o presidente dos Estados Unidos mentiu. Em sua busca desesperada por um *casus belli* que lhe permitisse contornar as Nações Unidas e aliar a seu projeto de conquista do Iraque alguns cúmplices (Grã-Bretanha e Espanha), Bush não hesitou em fabricar uma das maiores mentiras de Estado.

Não foi o único. No dia 24 de setembro de 2002, seu aliado Anthony Blair, primeiro-ministro britânico, declarou na Câmara dos Comuns: “O Iraque possui armas químicas e biológicas. (...) Seus mísseis podem ser disparados em 45 minutos”. Em sua intervenção do dia 5 de fevereiro perante o Conselho de Segurança da ONU, Powell declarou: “Saddam Hussein desenvolveu pesquisas sobre dúzias de agentes biológicos que provocam doenças como a gangrena gasosa, a peste, o tifo, a cólera, a varíola e a febre hemorrágica.” E, por fim, o vice-presidente Cheney afirmou em março, às vésperas da guerra, que “acreditamos que Saddam Hussein tenha, na realidade, reconstruído seu arsenal nuclear (8)”.

Por ocasião de inúmeras declarações, o presidente Bush insistiu nas mesmas acusações. Numa declaração a jornalistas, após reunião com Powell, em 8 de fevereiro de 2003, chegou a mencionar os seguintes

detalhes: “O Iraque enviou peritos em explosivos e na fabricação de documentos falsos para trabalhar com a Al-Qaida. Também dispensou à Al-Qaida treinamento com armas biológicas e químicas. Um agente da Al-Qaida foi enviado ao Iraque por várias vezes, no final da década de 90, para ajudar Bagdá na aquisição de venenos e gases.”

### **O argumento da turma vamos-à-guerra**

Recebidas e amplificadas por todos os meios de comunicação belicistas, transformados em agências de propaganda, todas essas denúncias foram repetidas *ad nauseam* pelas redes de televisão Fox News, CNN e MSNC, pela emissora de rádio Clear Channel (com 1.225 estações nos Estados Unidos) e mesmo por jornais de prestígio, como o *Washington Post* e o *Wall Street Journal*. Pelo mundo afora, essas acusações mentirosas constituíram o principal argumento da turma do vamos-à-guerra. Na França, por exemplo, foram encampadas, sem vergonha alguma, por pessoas como Pierre Lelouche, Bernard Kouchner, Yves Roucaute, Pascal Bruckner, Guy Millière, André Glucksmann, Alain Finkelkraut, Pierre Rigoulot etc (9).

As acusações também foram repetidas por todos os aliados de Bush. A começar pelo mais diligente deles, José María Aznar, presidente do governo espanhol que, no dia 5 de fevereiro de 2003, assegurou, diante das Cortes (Parlamento) de Madri: “Todos nós sabemos que Saddam Hussein possui armas de destruição em massa. (...) Também sabemos que ele guarda armas químicas (10).” Alguns dias antes, em 30 de janeiro, executando uma ordem dada por Bush, Aznar redigira uma declaração de apoio aos Estados Unidos, a “Carta dos Oito”, assinada, entre outros, por Anthony Blair, Silvio Berlusconi e Vaclav Havel. Afirmavam, no documento, que “o regime iraquiano e suas armas de destruição em massa representam uma ameaça à segurança mundial”.

### **Tradição de mentiras de Estado**

Portanto, durante mais de seis meses, para justificar uma guerra preventiva que nem as Nações Unidas nem a opinião pública mundial queriam, uma verdadeira máquina de propaganda e intoxicação, pilotada pela seita doutrinária que assessora Bush, divulgou uma enxurrada de mentiras de Estado com a presunção e orgulho que são próprios dos regimes mais detestados do século XX.

Elas se inserem numa longa tradição de mentiras de Estado que vem acompanhando a história dos Estados Unidos. Uma das mais sinistras refere-se à destruição do encouraçado norte-americano *Maine* na baía de Havana, em 1898, e que serviu de pretexto para a declaração de guerra dos Estados Unidos à Espanha e a anexação de Cuba, Porto Rico, Filipinas e a ilha de Guam. Na noite do dia 15 de fevereiro de 1898, por volta das 21h40min, o *Maine* sofreu uma violenta explosão. O navio afundou na enseada de Havana e 260 homens morreram. Imediatamente, a imprensa popular acusou os espanhóis de terem colocado uma mina sob o casco do navio e denunciou sua barbárie, seus “campos de morte” e mesmo a prática da antropofagia...

### **A explosão do Maine: a imprensa faz a guerra**

Dois donos de jornais iriam rivalizar na busca do sensacional: Joseph Pulitzer, do *World*, e, principalmente, William Randolph Hearst, do *New York Journal*. Essa campanha contou com o apoio interessado de empresários norte-americanos que tinham investido muito dinheiro em Cuba e sonhavam em expulsar a Espanha. Mas o público não se mostrava interessado. Aliás, nem os jornalistas. Em março de 1898, Fraderick Remington, caricaturista do *New York Journal*, escreveu de Havana a seu patrão: “Aqui não há guerra, peço para voltar”. Em resposta, Hearst

enviou-lhe um telegrama: “Fique aí. Forneça os desenhos que eu forneço a guerra”. E então ocorreu a explosão do *Maine*. Hearst desfechou uma violenta campanha, como se pode ver no filme *Citizen Kane*, de Orson Welles (1941).

Durante várias semanas, dia após dia, ele dedicou várias páginas de seus jornais ao caso do *Maine*, exigindo vingança e repetindo infatigavelmente: “Remember the Maine! In hell with Spain!” (Lembrem-se do *Maine*! A Espanha que vá para o inferno!). Todos os outros jornais foram atrás. A circulação do *New York Journal* começou por passar de 30 mil para 400 mil exemplares e, em seguida, passou a superar constantemente um milhão de exemplares! A opinião pública estava exaltada. O clima tornou-se alucinante. Pressionado por todos os lados, o presidente William McKinley declarou guerra à Espanha em 25 de abril de 1898. Treze anos depois, em 1911, uma comissão que investigava a destruição do *Maine* concluiria que ocorrera uma explosão acidental na sala de máquinas (11)...

### **A guerra do Vietnã**

Em 1960, em plena guerra fria, a Central Intelligence Agency (CIA) divulgou para alguns jornalistas “documentos confidenciais” que demonstravam que os soviéticos estavam a ponto de vencer a corrida armamentista. De imediato, os grandes meios de comunicação começaram a pressionar os candidatos à presidência, exigindo, em coro, um aumento substancial nas verbas para a defesa. Encurralado, John F. Kennedy prometeu aplicar bilhões de dólares no desenvolvimento do programa de construção de mísseis balísticos de cruzeiro (*missile gap*). O que era o desejo não só da CIA, mas de todo o complexo militar-industrial. Já eleito e com o programa aprovado, Kennedy descobriria que a superioridade dos Estados Unidos sobre a União Soviética era

esmagadora...

Em 1964, dois destróieres declararam ter sido atacados, no Golfo de Tonquim, por torpedos norte-vietnamitas. Imediatamente, a televisão e a imprensa fizeram disso um caso nacional, berrando contra a humilhação e exigindo represálias. Usando esses ataques como pretexto, o presidente Lyndon B. Johnson ordenou bombardeios de represálias contra o Vietnã do Norte. Exigiu, junto ao Congresso, uma resolução que lhe permitiria, na seqüência, envolver o exército norte-americano. Foi assim que começou a guerra do Vietnã, que só iria terminar – com uma derrota – em 1975. Mais tarde se saberia, da própria boca do pessoal dos dois destróieres, que o ataque do Golfo de Tonquim fora pura invenção...

### **A “ameaça nicaragüense”**

O mesmo roteiro deu-se com o presidente Ronald Reagan. Em 1985, ele decretou, de repente, o estado de “urgência nacional” devido à “ameaça nicaragüense” que representavam os sandinistas no poder, em Manágua – que, no entanto, haviam sido eleitos democraticamente, em novembro de 1984, e respeitavam as liberdades políticas, assim como a liberdade de expressão. “A Nicarágua”, afirmou Reagan, “fica a dois dias, viajando de carro, de Harlingen, Texas. Estamos em perigo!” O secretário de Estado, George Schultz, afirmaria perante o Congresso: “A Nicarágua é um câncer que se insinua sobre nosso território, adota as doutrinas de *Mein Kampf* e ameaça controlar todo o hemisfério (12)...” Essas mentiras iriam justificar a ajuda maciça aos mercenários anti-sandinistas, os *contra*, e desembocariam no escândalo do Irãgate.

Não caberia um relato prolixo sobre as mentiras da guerra do Golfo de 1991, amplamente analisadas (13) e retidas na memória como paradigmas da empulhação nos tempos modernos. Informações repetidas



à exaustão – tais como “o Iraque, quarto maior exército do mundo”, “o saque das incubadoras na maternidade do Kuwait”, “a linha defensiva inexpugnável”, “os bombardeios cirúrgicos”, “a eficácia dos mísseis Patriot” etc. – se revelaram totalmente falsas.

### **Opinião pública: autêntica obsessão**

Desde a vitória controvertida de Bush na eleição presidencial de novembro de 2000, a manipulação da opinião pública tornou-se uma das principais preocupações do novo governo. Após os atentados de 11 de setembro de 2001, isso se transformou numa autêntica obsessão. Michael K. Deaver, amigo de Donald Rumsfeld e especialista em *psy-war*, a “guerra psicológica”, resume o novo objetivo da seguinte maneira: “Atualmente, a estratégia militar deve ser pensada em função da cobertura da televisão, [pois] se a opinião pública estiver do seu lado, ninguém lhe resistirá; sem ela, o poder fica impotente.”

Desde o início da guerra contra o Afeganistão e em coordenação com o governo britânico, foram criados – em Islamabad, Londres e Washington – Centros de Informações sobre a Coalizão. Verdadeiras agências de propaganda, esses centros foram concebidos por Karen Hughes, assessora de comunicação de Bush, e principalmente por Alistair Campbell, o todo-poderoso guru de Anthony Blair para tudo o que diga respeito à imagem política. Um porta-voz da Casa Branca explicou as funções desses centros da seguinte forma: “Os canais de noticiário contínuo divulgam informações 24 horas por dia; pois bem, os centros irão fornecer informações a esses canais 24 horas por dia, durante todos os dias (14)...”

### **Autorização para desinformar**

No dia 20 de fevereiro de 2002, o New York Times revelou o mais fabuloso projeto de manipulação dos espíritos. Para conduzir a “guerra da informação”, o Pentágono – obedecendo às instruções dadas por Donald Rumsfeld e pelo subsecretário da Defesa, Douglas Feith – criou sigilosamente, colocando à sua frente o general da aeronáutica Simon Worden, uma misteriosa Agência de Influência Estratégica (*Office of Strategic Influence*, OSI) cuja missão era divulgar falsas informações em nome de servir à causa dos Estados Unidos. A OSI teria autorização para praticar a desinformação, em especial junto aos meios de comunicação estrangeiros. O jornal de Nova York especificava que a OSI tinha assinado um contrato de 100 mil dólares por mês com uma agência de assessoria de imprensa, a Rendon Group, que já fora empregada em 1990, na preparação da guerra do Golfo, e que fora a artífice da falsa declaração da “enfermeira” kuaitiana que afirmou ter visto soldados iraquianos saqueando a maternidade do hospital do Kuwait e “arrancar bebês das incubadoras, matando-os sem piedade e jogando-os no chão (15)”. Esse depoimento foi um fator decisivo para que os membros do Congresso votassem em favor da guerra...

Oficialmente dissolvida após as revelações publicadas pela imprensa, a OSI continua em atividade, com certeza. Como explicar de outra maneira algumas das mais grosseiras manipulações feitas durante a recente invasão do Iraque? Em especial, a enorme mentira envolvendo a espetacular libertação da jovem soldado Jessica Lynch...

### **O caso Jessica Lynch**

Ninguém se esqueceu de como a grande imprensa norte-americana divulgou, no início de abril de 2003, uma impressionante profusão de detalhes de sua história. Jessica Lynch fazia parte de um grupo de dez soldados capturados pelas tropas iraquianas. Ferida numa emboscada no

dia 23 de março, ela teria resistido até o fim, atirando em seus atacantes até gastar toda a munição. Finalmente, teria sido apunhalada, amarrada e levada para um hospital em território inimigo, em Nassiriya. Ali, ela teria sido espancada e maltratada por um oficial iraquiano. Uma semana depois, um destacamento de forças especiais norte-americanas transportadas por helicóptero teria conseguido libertá-la durante uma operação-relâmpago, precedida de um tiroteio e de explosões. Apesar da resistência da guarda iraquiana, os comandos teriam conseguido penetrar no hospital, de onde teriam levado Jessica, de Helicóptero, para o Kuwait.

Naquela mesma noite, falando da Casa Branca, o presidente Bush anunciou à nação a libertação de Jessica Lynch. Oito dias depois, o Pentágono distribuiria aos meios de comunicação um vídeo que teria sido gravado durante a proeza com cenas dignas dos melhores filmes de guerra.

### O falso ícone de guerra

Mas o conflito do Iraque terminou no dia 9 de abril e alguns jornalistas – em especial os do *Los Angeles Times*, do *Toronto Star*, do *El País* e da emissora BBC World – se dirigiram a Nassiriya para confirmar a versão do Pentágono sobre a libertação de Jessica. Ficariam estupefatos. De acordo com a investigação que fizeram junto a médicos iraquianos que haviam tratado da moça – o que foi confirmado pelos médicos norte-americanos que a observaram após sua libertação –, os ferimentos de Jessica (uma perna e um braço fraturados e um tornozelo deslocado) não haviam resultado de tiros de armas de fogo; haviam sido provocados simplesmente pelo acidente com o caminhão em que ela se encontrava... Também não havia sido maltratada. Pelo contrário, os médicos tinham feito o possível para cuidar bem dela: “Ela tinha perdido muito sangue”, contou o doutor Saad Abdul Razak, “e nós tivemos que fazer uma

transfusão. Felizmente, alguns parentes meus têm o mesmo tipo sanguíneo dela: O positivo. E conseguimos o sangue em quantidade suficiente. Quando ela chegou aqui, seu pulso estava a 140. Acredito que tenhamos salvado sua vida (16).”

### Resgate: filme hollywoodiano



Correndo riscos incalculáveis, aqueles médicos tentaram entrar em contato com o exército norte-americano para devolver Jessica. Dois dias antes da intervenção dos comandos especiais, chegaram a levar sua paciente numa ambulância até um local próximo às linhas norte-americanas. Mas os soldados abriram fogo e quase matavam sua própria heroína...

Na alvorada do dia 2 de abril, a chegada dos comandos especiais com seu impressionante arsenal de armas sofisticadas surpreendeu o pessoal do hospital. Havia dois dias que os médicos tinham avisado as tropas norte-

americanas que o exército iraquiano deixara a cidade e que Jessica os esperava...

O doutor Anmar Uday contou o episódio a John Kampfner, da BBC: “Foi como num filme de Hollywood. Não havia soldado iraquiano algum, mas as forças especiais norte-americanas disparavam suas armas. Atiravam para todos os lados e ouviam-se explosões. E gritavam: ‘Go! Go! Go!’ O ataque ao hospital foi uma espécie de show, ou um filme de ação com Sylvester Stallone (17).”

### Anais da propaganda de guerra

As cenas foram gravadas, com uma câmera que filma no escuro, por um ex-assistente de Ridley Scott que trabalhou com ele no filme *Falcão Negro em Perigo* (2001). Segundo Robert Scheer, do *Los Angeles Times*, em seguida as imagens foram enviadas, para serem editadas, ao comando central do exército norte-americano, no Catar. Após passarem pelo controle do Pentágono, foram divulgadas para o mundo inteiro (18).

A história da libertação de Jessica Lynch constará dos anais da propaganda de guerra. Nos Estados Unidos, provavelmente será considerada o momento mais heróico do conflito. Mesmo que se comprove que se tratou de uma invenção tão falsa quanto a das “armas de destruição em massa” que teria Saddam Hussein ou a dos vínculos entre o antigo regime iraquiano e a Al-Qaida.

Embragados pelo poder, Bush e seu séquito enganaram os cidadãos norte-americanos e a opinião pública mundial. Suas mentiras constituem, segundo o professor Paul Krugman, “o pior escândalo da história política dos Estados Unidos, pior que o de Watergate, pior que o do Irãgate (19)”.

### Notas:

1. Ler, de Ignacio Ramonet, “A Guerra Perpétua”, *Le Monde diplomatique*, março de 2003.
2. Ler *International Herald Tribune*, Paris, 14 de junho de 2003, e *El País*, Madri, 1º e 10 de junho de 2003.
3. *Libération*, Paris, 28 de maio de 2003.
4. <http://www.commondreams.org/views03/0506.htm>
5. <http://www.counterpunch.org/vips02082003.html>
6. Ler *International Herald Tribune*, Paris, 5 de junho de 2003.
7. <http://www.scoop.co.nz/mason/stories/WO0305/S00308.htm>
8. Time, opus cit.
9. Ler *Le Monde*, 10 e 20 de março de 2003, e *Le Figaro*, 15 de fevereiro de 2003. Ler também, de Anna Bitton, “Ils avaient soutenu la guerre de

Bush”, *Marianne*, 9 de junho de 2003. Agora, que a mentira foi confirmada, é surpreendente o silêncio dessas pessoas...

10. *El País*, Madri, 4 de junho de 2003.

11. <http://www.herodote.net/histoire02151.htm>

12. Ler, “Entretien avec Noam Chomsky”, *Télérama*, 7 de maio de 2003.

13. Ler, de Ignacio Ramonet, *La Tyrannie de la communication*, ed. Gallimard, col. “Folio actuel” nº 92, Paris, 2001.

14. *The Washington Post*, 1º de novembro de 2001.

15. Essa falsa enfermeira era a filha do embaixador do Kuwait em Washington e seu falso depoimento foi criado e redigido, para o Rendon Group, por Michael K. Deaver, ex-assessor de imprensa do presidente Ronald Reagan.

16. *El País*, 7 de maio de 2003.

17.

<http://news.bbc.co.uk/2/hi/programmes/correspondent/3028585.stm>

18. *Los Angeles Times*, 20 de maio de 2003. Consultar também:

<http://www.robertscheer.com/>

19. *The New York Times*, 3 de junho de 2003.

Tradução de Jô Amado

**Ignácio Ramonet** é diretor-presidente do *Le Monde diplomatique*.

Fonte: *Le Monde Diplomatique* ([www.diplo.com.br](http://www.diplo.com.br)).

## MISTÉRIO NO CÉU DO SERTÃO CENTRAL

Jornal O Povo



Um historiador pernambucano escreve que os Estados Unidos explodiram uma bomba no Nordeste. Um higienista cearense lê o livro e questiona se foi em Quixadá. Um padre norte-americano residente na vizinha cidade de Madalena insiste que a área foi o epicentro de um teste nuclear atmosférico. Essa é uma história de muitos indícios, curiosidades e suposições. Na falta de provas, que o leitor tire suas próprias conclusões

"Ainda recentemente os Estados Unidos fizeram explodir uma Bomba A nos céus do Nordeste sem que os governantes e chefes políticos de nosso país se manifestassem de qualquer modo". O trecho, literalmente bombástico, está no livro Caminhos Brasileiros do Desenvolvimento, do historiador comunista, político pernambucano, Leôncio Basbaum (1902-1969), editado em 1960. Trinta e oito anos depois da publicação, um artigo em um canto de página do O POVO foi o estopim para uma

polêmica que vem intrigando não só a população da pequena cidade de Madalena, a 198 quilômetros de Fortaleza, mas também instituições e curiosos do Ceará e até de outros estados e países.

No artigo publicado em 1998, o escritor Carlos Emílio Corrêa Lima diz que o pai dele, Hyder Corrêa Lima, que em 1957 era delegado federal de saúde no Ceará e entre o fim da década de 50 e início dos anos 60 percorreu o Interior do Estado como higienista, rabiscou ao lado do trecho que fala da suposta explosão a palavra "Quixadá?". Foi o que levou Carlos Emílio a escrever o artigo "Bomba atômica no Nordeste?" e o suficiente para que Richard Cornwall, o pároco de Madalena, cidade a cerca de 70 quilômetros de Quixadá, desse início a uma cruzada para convencer a população e autoridades de que a região foi o cenário para um teste nuclear atmosférico clandestino.

Há uma década morando ali, o padre procurava explicações para os relatos na comunidade sobre um clarão visto no dia 6 de agosto de 1957, na então Vila de Madalena, distrito de Quixeramobim, vizinho a Quixadá, e para os casos de câncer e de crianças nascidas mortas ou com algum tipo de deficiência. O artigo, publicado no dia 30 de novembro de 1998, dando conta do tal livro e da suposta explosão da bomba, soou para o religioso como a resposta que lhe faltava. Obstinado, elaborou um relatório que distribui a autoridades e instituições defendendo o seu ponto de vista.

Mas enquanto o padre difunde a sua "tese" e provoca os mais diversos órgãos, não há nada de conclusivo. Até o registro da explosão feito pelo

historiador Leôncio Basbaum é posto sob dúvida pelo próprio filho dele, Hersch Basbaum, localizado pelo O POVO no Rio de Janeiro. "Não consegui checar essa informação e nem sei de onde teria ela surgido", diz. Mas Hersch levanta uma hipótese bastante curiosa e reveladora de um período de tensão entre Estados Unidos e Rússia.

"É provável que meu pai, à época ainda militante comunista (PCB), deve ter repercutido boato (sem o saber) espalhado pelo partido (orientação de Moscou, possivelmente) ao tempo da guerra fria. Por essa época, lembro-me bem, o jornal do Partido (eu pertencia à Juventude Comunista), Notícias de Hoje, divulgava uma informação, que se repetia edição por edição, cada vez com mais detalhes, sob a morte em uma gigantesca caldeira de coca-cola, em sua fábrica de S.Paulo, de um operário. A notícia morreu como nasceu sem maiores explicações", exemplifica Hersch.

A Comissão Nacional de Energia Nuclear (CNEN), distrito de Fortaleza, considera pouco provável que as ocorrências mencionadas pelo padre estejam relacionadas a algum "evento nuclear". A comissão se baseia em trabalhos técnicos desenvolvidos na região a partir de 1975. Considera que há muitas informações não confirmadas e de difícil comprovação técnica, como a explosão de artefato nuclear e a verdadeira origem das doenças às quais ele se refere.

*Fac-Símile da página do livro relatando a explosão de uma bomba atômica nos céus do Nordeste pelos Estados Unidos*

Padre Ricardo, como é conhecido, tem uma lista de mais de 400 nomes de pessoas que morreram de câncer na sede e nas comunidades de Madalena a partir de 1957. "Toda semana há em média um caso novo", diz. A relação, elaborada a partir de relatos da própria comunidade, foi encaminhada à Secretaria da Saúde do Estado, mas uma pesquisa preliminar apontou uma grande discrepância entre os dados oficiais e os fornecidos pelo religioso. O coeficiente de óbitos por câncer em Madalena em relação ao coeficiente geral do Ceará é menor; e dos outros 183 municípios cearenses, 152 têm um índice maior que o de Madalena. "Consultando o Sistema de Informações de Mortalidade de 2000, não houve coerência nenhuma. Os dados são muitíssimo inferiores ao que a paróquia apresentou", afirma Sara Barroso, do Comitê estadual de Vigilância Ambiental em Saúde.

Enquanto nenhuma instituição se dispõe a fazer um estudo amplo e profundo para investigar o que de fato aconteceu na região naquela época, padre Ricardo continua irradiando o que afirma ter certeza. Defende que ao lado de cada casa seja construída uma cisterna para armazenar água da chuva. "Bebendo água que escorre pelo chão dos açudes ou que acumula nos cacimbões só pode contaminar o corpo humano com a radioatividade", diz. Sugere inclusive uma reorientação da produção agrícola, argumentando que a radioatividade atinge toda a cadeia alimentícia.

**Notícias eram meras coincidências?**

O mundo vivia a era atômica. Em 8 de agosto de 1957, dois dias depois do clarão visto no céu do Sertão Central, o jornal cearense Unitário noticiava a 11ª experiência nuclear da série de verão nos Estados Unidos, usando-se artefato disparado à altura de 500 metros.

Nos jornais da época, não houve nenhum registro do clarão visto no começo de noite de 6 de agosto de 1957, uma segunda-feira, na então Vila de Madalena. Mas algumas notícias compõem o enorme leque de suspeitas do padre Ricardo. Unitário, 11 de agosto: "Segundo se anunciou hoje no Congresso Norte-Americano, os Estados Unidos brevemente poderão necessitar dos aeroportos militares do Brasil. Os aeroportos, notadamente os do Nordeste, segundo o subcomitê de apropriações da Câmara de Representantes, ficariam diretamente ligados aos campos para foguetes teleguiados. Enquanto isso, no relatório sobre a assistência defensiva do programa de segurança mútua, o coronel Thomas Rufort declarou que o Brasil possui grandes depósitos de terras que bem pode servir como fonte de energia nuclear para uso das Forças Armadas dos Estados Unidos". Concluindo, a notícia adiantava que a assistência militar dos EUA para o Brasil, em 1958, iria aumentar.

Na Gazeta de Notícias do dia seguinte ao que foi visto no Sertão Central, informava-se que Oficiais Superiores das Três Armas estavam no Ceará, numa viagem de inspeção e reconhecimento pela região nordestina com o objetivo de conhecer os pontos mais importantes do Brasil sob o ponto de vista militar.

No Unitário do dia 10 de agosto, uma das notícias era de que o

comandante da Base Aérea de Fortaleza, coronel Otelo Ferraz, ia aos Estados Unidos dois dias depois.

Como se juntasse as várias peças de um quebra-cabeça, o pároco de Madalena reúne essas notícias para dar o nexo à tese da explosão de uma bomba atômica em Madalena.

Doze anos antes, os Estados Unidos haviam explodido bombas sobre as cidades japonesas de Hiroshima e Nagasaki. As experiências nucleares se estenderam por vários anos até um acordo internacional em 1963 proibir os testes.

Recentemente a AFP, agência internacional de notícias, noticiou que o presidente americano Dwight Eisenhower (1953-1961) autorizou secretamente em 1958 o uso de armas nucleares sobre o México. Reproduzindo a opinião de historiadores, a AFP afirma que a decisão provavelmente teve origem na preocupação de que alguns países na América do Sul e Central, sacudidos por revoltas sociais e políticas, corriam o risco de cair na esfera de influência soviética.

### **Método preciso não detecta contaminação**

O Instituto de Radioproteção e Dosimetria (IRD), do Departamento de Proteção Radiológica Ambiental, do Serviço Público Federal, com sede no Rio de Janeiro, analisou nove amostras de solo e produtos alimentícios enviados por padre Ricardo. "Em nenhuma das amostras por nós analisadas foi identificada a presença de radionuclídeos artificiais que

indicassem a ocorrência de uma explosão nuclear próxima à região. Além disso, todos os radionuclídeos naturais encontrados tinham concentração dentro do valores normalmente existentes em cada um dos tipos de amostra analisada", afirma o instituto.

O IRD explica ao pároco de Madalena, por meio de uma carta de 4 de fevereiro de 2000, que o método de espectrometria gama utilizado para a análise é extremamente sensível para a determinação da presença de elementos radioativos, denominados radionuclídeos, e que é internacionalmente empregado para a identificação de radionuclídeos naturais e artificiais.

"Os radionuclídeos naturais são aqueles encontrados normalmente na natureza, como o urânio, o tório e o potássio, que existem em diferentes concentrações em todos os componentes do meio ambiente em que vivemos. Já os radionuclídeos artificiais são aqueles produzidos por atividades humanas, como por exemplo, a operação de reatores nucleares e explosões nucleares", diferencia o chefe do Departamento de Proteção Radiológica Ambiental, Luiz Fernando de Conti, que assinou a correspondência enviada ao padre.

### **Caso interessa socióloga dos EUA**

O padre Ricardo não é o único norte-americano interessado em esclarecer o que diz ter sido um teste nuclear realizado pelo próprio país em território alheio. A história interessou também à socióloga Mary Kenny, que esteve no Ceará em 2002 para pesquisar sobre campos de

concentração no Interior do Estado durante a seca de 1932.

Ela inclusive manifestou a intenção de colaborar pesquisando nos EUA, para onde já voltou. "Ainda não 'descobri' nada, em termos de uma coisa concreta, mas estou pesquisando/procurando informações sobre os testes nucleares na região", escreveu ao O POVO por e-mail. "Ainda eu tenho muitas perguntas sobre a suspeita de padre Cornwall e a associação entre os altos índices de câncer e esses testes", acrescenta.

Mary tomou conhecimento do assunto quando assistia a uma reunião na OAB-CE, e coincidentemente um dos assuntos da pauta era a suspeita levantada pelo padre e encaminhada à entidade.

### **Comissão diz que evento nuclear é pouco provável**

A Comissão Nacional de Energia Nuclear (CNEN), distrito de Fortaleza, foi a Madalena em outubro de 1999 e fez leituras radiométricas na casa do padre Ricardo e em outros vários locais. Segundo relatório assinado pelo geólogo Márcio de Campos, em 12 de novembro de 1999, nenhuma alteração significativa foi verificada. "Os resultados das leituras mostraram apenas a radiação de fundo variando de 50 a 80 cps", aponta o relatório. A radiação de fundo não causa dano e é encontrada em qualquer ponto da Terra, em níveis extremamente baixos, a exemplo dessa leitura.

A equipe analisou até mesmo feijão que o padre disse ter sido colhido no local mais afetado pela suposta explosão de uma bomba atômica. Nesse



caso, a leitura radiométrica não ultrapassou 60 cps - contagem de partículas radioativas por segundo. "É pouco provável que as ocorrências mencionadas pelo padre estejam relacionadas a algum evento nuclear de tal monta".

Segundo a comissão, em 1975 uma viatura com detector de radiação percorreu 35 mil quilômetros quadrados da região, incluindo Madalena, coletando amostras em diferentes locais. A partir de 1977, foi feito também um levantamento aerogeofísico, em área de 38 mil quilômetros quadrados, com três aviões à altitude mínima de 150 metros.

Mesmo com todos os elementos contrários à "tese" levantada pelo religioso, a comissão reconhece que não fez um levantamento radiométrico "mais extenso e seletivo". E sugere: "Visando dirimir dúvidas da população e uma eventual onda de pânico provocada pela insistência do padre, recomendamos que seja feito um Levantamento Radiométrico, restrito aos pontos assinalados pelo vigário, com coleta de amostras de solo, água, vegetação etc..

### **Câncer é maior preocupação**

O "clarão" é uma referência que faz parte do cotidiano dos madalenenses. Depois que o padre Ricardo passou a explicar os casos de câncer e outras doenças atribuindo-os à radiação, cada morte por neoplasia, cada deformidade física inexplicada ou cada bebê que nasce sem vida despertam reações diversas, desde uma suspeita individual até uma discussão em grupo.

A professora Vera Lúcia de Lima, 35, não tem opinião formada sobre a polêmica, apesar de ter o próprio exemplo para reforçar as suposições. No dia 4 de fevereiro de 2000, o que seria uma grande alegria para ela se transformou em tristeza profunda. A filha nasceu morta, com as orelhas deformadas e sem o ânus.

Era a primeira gravidez de Vera Lúcia, e durante a gestação, ela também descobriu um mioma no útero. Professora de alfabetização e 3ª série, ela mora a 14 quilômetros da sede de Madalena, na localidade de Sabonete, onde também no mesmo ano, em outubro, outra menina nasceu sem cérebro.

A comerciante Maria Viana também nem era nascida quando o clarão foi visto. Veio ao mundo cinco anos depois e só passou a ouvir falar mais no fato a partir do momento em que padre Ricardo começou a levantar suas suspeitas. Mesmo também sem ter opinião formada sobre a história, ela reconhece que começou a dar crédito às suposições do religioso.

O principal motivo que tem feito muitos moradores de Madalena passarem a considerar como provável a realização de um teste nuclear na região é a ocorrência de câncer, considerada alta pela comunidade. Apesar de os órgãos oficiais não constatarem taxas acima dos níveis aceitáveis, os moradores endossam o discurso do padre. "Quase sempre, se a pessoa não morrer de (doença do) coração, morre de câncer. Mas como está assim em quase todo canto, a gente não sabe nem o que diz".

Bernadete Pinho, agente de saúde desde 1992, tem muitos casos para contar, a partir da experiência do trabalho de campo e da própria história familiar. São nove casos confirmados de câncer na família, entre tios e primos, além de outros de parentes mais distantes. A mãe dela teve nove abortos, a tia também a mesma quantidade. "Deveria haver uma preocupação maior das secretarias de saúde do estado e do município".

O secretário da Saúde de Madalena, Carlos Flaubert, diz que não dispõe de dados relativos aos casos de câncer que permita uma análise da evolução histórica da doença. "Nos dois últimos anos à frente da Secretaria Municipal da Saúde, consideramos quanto a óbitos por causa dessa doença um número dentro dos índices aceitáveis pelo Sistema de Saúde".

### **Falta levantamento amplo**

A incidência de câncer só pode ser estimada. "Não tem como saber todos os casos", diz Alexandre Mont'Alverne, que até o começo do ano era coordenador de políticas de saúde da Secretaria da Saúde do Estado. Na estimativa, levam-se em conta as estatísticas de tratamento - quimioterapia, radioterapia e cirurgias. Os cânceres mais relacionados à radiação são linfomas e leucemia.

Mesmo não tendo sido constatada alteração significativa em Madalena, ele considera importante a realização de um estudo amplo, inclusive com pesquisa de campo não só de Madalena, mas dos municípios vizinhos, e levantamento domiciliar para ouvir relatos de casos de câncer em

gerações anteriores.

Por meio desse levantamento é que se teria um diagnóstico mais aproximado da realidade sobre incidência de câncer na região. Sem isso, as dificuldades são muitas. Na época, Madalena era apenas um pequeno distrito de Quixeramobim. O sistema de notificações ainda era muito deficiente: somente a partir de 1974 é que os dados de óbito começaram a ser sistematizados pela Secretaria da Saúde e nos últimos anos é que vem se aprimorando, apesar ainda de muitas lacunas.

O Comitê de Vigilância em Saúde chegou a contactar o Instituto do Câncer do Ceará (ICC), mas a instituição não acrescentou maiores esclarecimentos, mesmo tendo um dos melhores sistemas de registros hospitalares de câncer do País, segundo a Secretaria da Saúde.

Diante da dificuldade de encontrar no sistema de informações da Secretaria os nomes das pessoas que teriam morrido de câncer segundo o relatório fornecido pelo padre, a técnica da Vigilância Epidemiológica Magnólia Montenegro solicitou um levantamento do cartório da cidade, que poderia fornecer as declarações de óbito, onde teria o motivo da morte. Mas o cartório alegou não ter pessoal suficiente para fazer esse levantamento e que demandaria muito tempo.

### **Disparidade entre dados oficiais e da comunidade**

Com base na relação de óbitos por câncer em Madalena, divulgada por padre Ricardo, a taxa de mortos seria de 14,3 por 10 mil habitantes no

ano de 2000, superior aos outros 183 municípios do Ceará. Mas para se ter noção da disparidade em relação aos dados oficiais, apenas um caso coincidiu com os 26 da lista que tem o padre para aquele ano. O Comitê de Vigilância Ambiental em Saúde, da Secretaria da Saúde do Estado, segundo a técnica Sara Barroso, escolheu o ano de 2000 como parâmetro porque, quanto mais recente a data, mais completas as informações. Já o padre diz que o maior número de mortes por câncer foi do fim de 1957 até os anos 70.

A comparação feita pelo comitê se estendeu a outros municípios, e chegou-se à conclusão de que em cidades vizinhas o coeficiente também está abaixo da média do Estado, que é de 5,21 em 2000. Mas em Quixeramobim e Monsenhor Tabosa, que também fazem limite com Madalena, a taxa está acima - 6,92 e 6,12. O trabalho foi desenvolvido em 2002. Os dados oficiais de Madalena foram comparados com os de municípios próximos e distantes, de várias regiões do Estado, com Índice de Desenvolvimento Humano (IDH) e população semelhantes. Umirim, Graça, Monsenhor Tabosa, Saboeiro, Quixeré e Quixelô foram escolhidos aleatoriamente para a comparação, mas se observando esses critérios.

### **OAB fez vídeo e relatório**

Até um vídeo já foi produzido em Madalena com depoimentos do padre Ricardo e de pessoas que teriam visto o clarão em agosto de 1957 ou com histórico de câncer na família. O vídeo foi feito a pedido da Comissão de Direitos Humanos da Ordem dos Advogados do Brasil - secção Ceará (OAB-CE).

"Tão séria quanto a denúncia é a conclusão da investigação. Maior prioridade que saber se foi ou não uma experiência nuclear atmosférica no Sertão do Ceará é a saúde das pessoas da região", atenta o advogado Valdecy Alves, em um relatório que a comissão também elaborou sobre o caso.

O relatório define a denúncia como estarecedora e sugere o envolvimento de vários segmentos para que seja realizado um estudo sobre a radioatividade e os possíveis efeitos dela na região e se houve mesmo o teste nuclear. Valdecy diz que, diante de alguma prova, a comissão iria provocar o Ministério Público a apresentar denúncia à Justiça, além de acionar a Embaixada dos EUA no Brasil.

### **Prefeita passou a dar crédito ao padre**

Não é só entre os moradores mais humildes de Madalena que o padre Ricardo Cornwall encontra eco para suas suposições. A prefeita Antonia Lobo Pinho, diante do fenômeno verificado há 45 anos, iguala-se aos outros conterrâneos.

Prefeita pela segunda vez - a primeira foi de 1993 a 1996 -, Antonia tinha 14 anos na época. A adolescente não viu o clarão, apenas ouviu falar, mas não deu importância. "Antes não dava valor, mas hoje até que concordo com o padre".

O poder de decisão que detém não é de se subestimar. A iniciativa de contratar um estudo ou acionar os órgãos competentes para avaliar o que

realmente teria ocorrido poderia tornar menos nebulosa a explicação para o fenômeno. "Quero consultar o meu filho geólogo", alega.

### **Maior jazida de urânio do País está na região**

A reserva de urânio de Itataia, em Santa Quitéria, vizinha a Madalena, é a maior do País. Na avaliação de especialistas, é preciso avaliar a relação entre a jazida e a radioatividade na região. As análises do solo e da água são apontadas como fundamentais

O Ceará tem um vasto depósito natural de urânio em Santa Quitéria, coincidentemente município vizinho a Madalena. É a jazida de Itataia, a maior reserva que o Brasil possui, segundo as Indústrias Nucleares do Brasil (INB), empresa de economia mista vinculada à Comissão Nacional de Energia Nuclear. A jazida foi descoberta em 1975.

O Brasil possui a sexta reserva de urânio do mundo. O Ceará, com a jazida de Itataia, é o estado que mais contribui para essa classificação. E qualquer estudo sobre radioatividade na região deve levar em conta a presença da jazida.

Mesmo sem saber que a jazida fica bem perto de Madalena, o coordenador do grupo de física nuclear aplicada da Universidade de Londrina, no Paraná, Carlos Appoloni, em mensagem à Secretaria da Saúde do Ceará, afirma: "Algumas regiões, devido a grandes depósitos naturais (de Urânio ou de Tório), apresentam radioatividade natural bastante mais alta que a média do país".

Na avaliação do físico, a única maneira de averiguar cientificamente a tese levantada pelo padre Ricardo Cornwall é coletar amostras de solo do município e também de outros mais distantes para comparação. A análise, segundo ele, deve ser feita com equipamentos de grande precisão.

Além disso, ele diz que a amostragem também teria de ser muito bem planejada, levando-se em conta o perfil do solo e a profundidade (pelo menos até 50 centímetros). "Isto para que os resultados sejam estatisticamente confiáveis".

Além da análise do solo, Appoloni sugere um levantamento de todos os dados e relatos possíveis e estudos de índices de câncer. Consultado pelo Comitê de Vigilância Ambiental em Saúde do Ceará, ele é taxativo. "O estudo não é nada simples e nada rápido".

Ao verificar que a jazida de Itataia está bem próxima de Madalena, a professora da disciplina de Física Nuclear do Departamento de Física da Universidade Federal do Ceará (UFC), Marluvia Santiago, diz que é necessária uma pesquisa sobre a radioatividade da água. "Sinto-me motivada agora para montar um projeto de cooperação para realizar futuramente estas medidas". A parceria seria com o Instituto de Pesquisas Energéticas e Nucleares (Ipen).

Segundo a professora, as conseqüências do uso da água eventualmente contaminada pela mina de urânio podem ser semelhantes aos efeitos que

uma experiência nuclear é capaz de provocar, dependendo de vários fatores, entre eles a intensidade. A Comissão Nacional de Energia Nuclear (CNEN) comunicou ao padre que nem as pessoas que trabalharam anos na usina apresentaram nada de anormal radiologicamente.

### Efeitos da radiação

- As partículas alfa e beta e os raios gama possuem a propriedade de ionizar as moléculas que encontram em seu caminho, isto é, arrancar elétrons delas, originando íons.

- Ao atravessar tecidos biológicos, as partículas radioativas provocam a ionização das moléculas presentes nas células. Essa ionização pode conduzir a reações químicas anormais e à destruição da célula ou alteração das suas funções. Isso é particularmente preocupante no caso de lesões no material genético, o que pode causar uma reprodução celular descontrolada, provocando o câncer.

- A alteração do material genético das células reprodutivas (espermatozóide e óvulo) podem causar doenças hereditárias nos filhos que o indivíduo possa vir a gerar. Os raios gama são geralmente os mais perigosos em virtude de seu elevado poder de penetração.

- A exposição de um ser humano a uma alta dose de radiação pode dar origem a inúmeros efeitos imediatos, dependendo da intensidade, tipo e energia da radiação, assim como do tempo de exposição. Alguns deles aparecem abaixo:

- Danos cerebrais podem causar delírio, convulsões e morte.

- Danos nos olhos podem provocar catarata.

- Lesões à boca podem incluir úlceras bucais.

- Estômago e intestino quando lesados provocam náuseas e vômitos. Infecções intestinais podem levar à morte.

- Danos à criança em gestação podem incluir retardo mental, particularmente se a exposição à radiação ocorrer no início da gravidez.

- Danos aos ovários (ou testículos) provocam esterilidade ou afetam os filhos que o indivíduo possa vir a ter.

- Lesões na medula óssea podem conduzir a hemorragias ou comprometer o sistema imunológico.

- Ruptura dos vasos sanguíneos leva à formação de hematomas.

(Fonte: Site Atômico - <http://atomico.no.sapo.pt>)

### Órgãos são acionados no Brasil e no Exterior

O padre Ricardo tem procurado diversas instituições na tentativa de obter um posicionamento sobre o que acredita ter sido um teste nuclear em Madalena. A Comissão Nacional de Energia Nuclear (CNEN), com sede no

Rio de Janeiro, já recebeu duas cartas encaminhadas pelo religioso.

Com a primeira carta foram enviadas amostras de solo e sementes de feijão e milho. Na segunda remessa, ele agregou cacos de telha de casas construídas antes de 1957. Em resposta, a comissão afirma não ter encontrado nada de anormal.

O religioso também comunicou à Secretaria da Saúde do Estado, à Vigilância Sanitária, à Secretaria do Desenvolvimento Rural, ao Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária e ainda ao Ministério das Relações Exteriores.

Ele leva a história tão a sério que já fez ela chegar a instâncias de outros países. Em 1999, encaminhou uma carta à Embaixada dos EUA no Brasil e à Agência Internacional de Energia Atômica, ligada à ONU.

Em 1997 e em 2001, comunicou ao grupo católico norte-americano Pax Christi, que promove a paz nos EUA. Ainda em 2001, em viagem a Europa, foi para Viena, centro administrativo da ONU, onde relatou o episódio ao representante do embaixador do Vaticano frente à organização.

### **Casos que aterrorizaram**

O mundo tem dois grandes exemplos das graves conseqüências da radioatividade, que se estendem até hoje: na 2ª Guerra Mundial, as bombas atômicas sobre Hiroshima e Nagasaki; em 1986, o acidente nuclear de Chernobyl.

Era agosto de 1945, quando os EUA, reagindo ao bombardeio japonês à base americana de Pearl Harbor, no Havaí, lançaram uma bomba sobre Hiroshima, no dia 6, e outra sobre Nagasaki, três dias depois. O número estimado de pessoas que morreram de imediato varia de 120 mil a 400 mil. Tão incalculável é a proporção da tragédia quase 58 anos depois.

A dimensão do acidente na usina nuclear de Chernobyl, no dia 26 de abril de 1986, também não é exatamente mensurável. "Especialistas estimam que oito mil ucranianos já morreram como conseqüência da tragédia. Há previsões de que até 17 mil pessoas poderão morrer de câncer nos próximos 70 anos devido à radiação espalhada no acidente", cita o site atômico.

Após 17 anos, diversos alimentos continuam proibidos para consumo humano em regiões da Inglaterra, Escandinávia e países bálticos. "Ucrânia e Bielorrússia (atual Belarus) enfrentam problemas a longo prazo. Muitos dos seus habitantes não podem beber água do local ou ingerir vegetais, carne e leite ali produzidos. Cerca de 20% do solo agricultável e 15% das florestas de Belarus não poderão ser ocupados por mais de um século devido aos altos índices de radioatividade", acrescenta o site. O acidente ocorreu como resultado de falhas de engenharia e controle provocando superaquecimento de um dos reatores da usina nuclear, na Ucrânia, que explodiu.

Um ano depois, o Brasil também entraria para a lista dos acidentes com radioatividade. Em Goiânia, uma cápsula com césio-137, altamente radioativo, sumiu de um hospital e foi parar em um ferro-velho.

Encontrada por um homem que morava perto, o material contaminou a família e vizinhos. Quatro pessoas morreram e cerca de 250 foram atingidas. Mais de uma década depois, supõe-se que o número de vítimas seja muito maior.

09 Março 23h29min 2003

Fonte: Jornal O Povo ([www.noolhar.com/opovo/](http://www.noolhar.com/opovo/)).

## **MOVIMENTO PELA EXTINÇÃO HUMANA VOLUNTÁRIA**

Vladimir Cunha

([vlad@disinfo.net](mailto:vlad@disinfo.net))

"O HOMEM VALE MENOS DO QUE UMA BACTÉRIA"

É o que afirma nesta entrevista o polêmico Les U Knight, o ecologista que quer varrer a vida humana da face da terra.

Sabe aquela história de que a Terra é um lugar bacana só que mal freqüentado? Pois é, para algumas pessoas isso é mais do que uma piada velha. Segundo Les U Knight - fundador, líder e mentor teórico da ONG Voluntary Human Extinction Movement (Movimento pela Extinção Humana Voluntária, em português) - nosso planeta está à beira do fim e a única maneira de salvá-lo é extinguindo a raça humana. De acordo com ele, depois de poluir o ar, envenenar rios, abrir buracos na camada de ozônio, condenar populações inteiras à fome e à pobreza, o mínimo que a Humanidade poderia fazer era ter a decência de abandonar o barco e deixar este pedaço de rocha flutuante para a sua verdadeira dona: a Mãe Natureza. É o radicalismo ecológico levado às últimas conseqüências.

### **Você acha realmente que a vida animal e os vegetais são tão importantes ao ponto de justificar a extinção da raça humana?**

Num ecossistema equilibrado todas as espécies são importantes e nenhuma é melhor que a outra. De uma forma geral, quanto mais alta a posição que uma espécie ocupa na cadeia alimentar menos ela importante ela é para aquele sistema. O homem já não faz mais parte da cadeia alimentar. Por outro lado, as bactérias presentes nos intestinos dos seres vivos são importantíssimas para a sobrevivência de toda a biosfera terrestre. Se levarmos isso em conta, chegaremos à conclusão que o

homem vale menos do que uma bactéria.

**Então a raça humana não tem valor algum?**

Nós só temos valor para as pessoas com quem nos relacionamos. Mas, para a natureza e o ecossistema, nós não fazemos a menor falta.

**Nem se levarmos em conta o legado cultural e intelectual da humanidade?**

Talvez as traças achem nossos livros um tanto quanto deliciosos, mas eu creio que elas não vão saber diferenciar o Pablo Neruda das Seleções do Reader's Digest. Pegue a maior criação literária já feita pelo homem e compare com qualquer forma de vida, mesmo a mais insignificante, e me diga: qual delas possui mais beleza, complexidade e potencial?

**Quantas pessoas fazem parte do seu movimento?**

Seis bilhões e 50 milhões, eu creio. Na verdade eu falo isso porque é impossível dizer quantas pessoas já devem ter chegado a conclusão de que o mundo seria melhor sem a raça humana. Mas, baseado na quantidade de pessoas que entram em contato comigo, posso dizer que temos por volta de uns três milhões de pessoas engajadas em nosso movimento. São pessoas que, embora não sejam membros de nossa organização e não tenham uma militância, apóiam nossas idéias e gostariam de ver nossos objetivos alcançados.

**E como vocês fazem para divulgar as idéias do movimento? Vocês tem algum tipo de publicação ou é tudo feito através da internet?**

Nós não funcionamos como uma organização normal. Não recebemos

doações, não fazemos reuniões com os nossos membros e nem temos interesse nisso. Na verdade, toda a divulgação das nossas idéias é feita apenas em nosso site na internet ([www.vhment.org](http://www.vhment.org)). Nossos textos estão à disposição de quem quiser imprimí-los e distribuí-los por aí.

**Qual a situação do Movimento hoje em dia? Ele tem crescido?**

Sim, um bocado. Principalmente nos Estados Unidos, que é o país onde somos mais atuantes.

**A oposição ao movimento de vocês é muito grande ao ponto de chegar a reações mais extremas, como a violência contra membros da organização, por exemplo?**

Não. Existem aqueles que não concordam com a gente mas não aconteceu até agora de sermos alvo de atos violentos. Não consideram os nossos opositores como inimigos. Os verdadeiros inimigos da humanidade são a ganância e o ódio e estes podem ser combatidos com generosidade e amor ao próximo.

**A Extinção Voluntária existe em outros países?**

Sim, nós temos nossos textos traduzidos para o italiano e estamos providenciando versões para o nosso sites em alemão, holandês, português, chinês e francês. Ainda assim é difícil dizer com precisão todos os lugares onde nós estamos, pois a Extinção Voluntária é uma idéia que se espalha pelo mundo como um vírus de computador.

**Algumas pessoas tendem a achar que o seu movimento é contra as crianças e não contra a presença humana na terra. O que você acha disso?**



Isso é um mal-entendido. Ser contra as crianças é manter uma sociedade onde 40 mil delas morrem todos os dias vítimas de doenças facilmente curáveis. Além do mais, que tipo de mundo espera nossas crianças? O futuro não é mais o que costumava ser. Condenar alguém a viver neste mundo é como vender passagens para um navio que está afundando.

**O que você acha de organizações como a Igreja da Eutanásia e gente como Peti Linkola, que defendem que a humanidade deve ser extinta a qualquer custo, mesmo que, para isso, sejam necessários meios violentos?**

São abordagens diferentes para o mesmo assunto que ajudam a chamar a atenção das pessoas para a nossa causa.

**Mas será que a violência é a melhor solução para os nossos problemas ecológicos?**

Não existe violência maior do que as agressões que o homem faz à natureza. Destruir o ecossistema, matar animais apenas por esporte e prazer, criar seres vivos em cativeiro em condições de absoluta crueldade, promover a extinção de espécies inteiras...isso sim é que é violência. Quanto à questão da militância que apela para o extremismo, não creio que ela resolva muita coisa. Brigar e bater nas pessoas não é a melhor maneira de fazê-las pensar diferente.

**Será que não existe outra solução além da extinção da raça humana? Nós temos vários exemplos de organizações, como o Greenpeace, que lutam por um mundo ecologicamente equilibrado. Não seria essa uma saída?**

Todos os esforços são válidos. Não basta apenas parar de procriar para

salvar o planeta. Se nós não cuidarmos do planeta enquanto estamos aqui, não vai sobrar muita coisa quando a raça humana estiver extinta de uma vez por todas. Sendo assim, nosso esforço terá sido em vão. No entanto, se não houver um trabalho de conscientização com relação à necessidade de diminuir gradativamente a população do planeta, todos esses esforços não irão adiantar de nada.

**Se um dia a raça humana deixar de existir, o que realmente vai acontecer?**

Quando nós desaparecermos, as plantas e os animais se encarregarão de restaurar o equilíbrio do ecossistema. Nossas cidades irão sumir aos poucos até se tornarem apenas traços de uma civilização que um dia habitou este planeta. Nosso lixo tóxico continuará a envenenar a Terra por mais algumas dezenas de milhares de anos mas, pelo menos, nós não estaremos aqui para poluir o planeta ainda mais. Creio que serão preciso milhões de anos para que a biosfera se recupere dos estragos feitos por esta raça de macacos em apenas 50 mil anos de existência. Para entender melhor, basta você imaginar o processo de retorno à Natureza que as cidades Maias e Astecas estão sofrendo.

**Segundo alguns físicos teóricos, existe a possibilidade de que um dia o nosso sol aumente de tamanho até destruir nosso planeta e o próprio Universo está condenado a morrer em um futuro remoto. Além disso, os dinossauros foram extintos e nós ainda tivemos as Eras Glaciais. Você não acha que a própria Natureza tem seus métodos de manter o equilíbrio das coisas?**

Com toda certeza. O problema é que, devido ao seu poder tecnológico, o homem conseguiu evitar a morte natural que todas as espécies experimentam após um certo tempo de existência. Mas isso só vai

contribuir para que a nossa extinção seja ainda mais dolorosa quando chegar nossa hora. Nós podemos evitar isso. Ou pelo menos evitar sentenciar alguém à vida apenas para que esta pessoa tenha que morrer depois.

**Algumas pessoas pensam que não temos que nos preocupar e que a Natureza se encarregará de restaurar o equilíbrio do ecossistema. Isso é como achar que um carro não precisa de freios só porque ele vai deixar de andar quando der de encontro a um muro. Nós temos o freio e temos inteligência suficiente para usá-lo. Sendo assim, porque não fazer isso?**

A extinção humana e a melhor saída para a Humanidade. A partir do momento que pararmos de procriar as brigas por territórios e recursos naturais irão cessar. Poderemos, inclusive, experimentar uma período de saúde, felicidade e abundância de recursos a partir do momento em que formos desaparecendo da face da Terra. É a sociedade utópica que a qual temos sonhado desde que o homem passou a dominar este planeta.

Fonte: A Barata ([www.abarata.com.br](http://www.abarata.com.br)).

## **O AUTO-GOLPE COMO MECANISMO DE POLÍTICA EXTERIOR - Capítulos do livro "Una Hipótesis Macabra: El Autogolpe Como Mecanismo de Política Exterior"**

Fernando Montiel T.\*



### **QUEM FOI?**

À primeira vista, parece importante perguntar quem é o responsável pelos acontecimentos de 11 de Setembro; contudo, não o é. Para efeitos práticos, independentemente de quem tenha sido o responsável, a evolução que tiveram os fatos favoreceram em termos absolutos a elite governante norte-americana, como veremos mais adiante. Mesmo assim, convém explorar, nem que seja de forma muito concisa, as diferentes hipóteses que se levantam em relação à autoria desse fato, pois como se tem visto, estão a fazer pagar os justos pelos pecadores. O leque dos suspeitos poderá ser formado pelos seguintes elementos:

1) *os rogue states,*

- 2) grandes grupos terroristas formalmente estabelecidos,
- 3) grupos terroristas marginais,
- 4) grupos norte-americanos de ultradireita,
- 5) o próprio governo norte-americano,
- 6) a combinação de alguns dos anteriores.

Dentro do primeiro grupo colocaríamos países como o Irã, o Iraque, a Líbia, a Síria ou a Coreia do Norte, pois são dos países que mais têm sofrido as agressões da política externa norte-americana e muitos deles com efeito têm patrocinado atos terroristas (1). O princípio lógico em que assenta uma acusação contra algum dos *rogue states* seria o seguinte: como são alguns dos países que têm sido mais agredidos pelos Estados Unidos, é “lógico” pensar que seriam os primeiros interessados em orquestrar represálias. Este é um sofisma que só é válido e eficiente para fins propagandísticos, não na realidade. Em primeiro lugar porque se parte da idéia de que todos os países atuam em função da vingança, pressuposto que só encontra apoio num dito popular “Os chacais julgam todos seus iguais”; e em segundo lugar a realidade que sofre a maior parte destes países pelas políticas que contra eles tem implementado o império, impossibilitam-nos materialmente da realização de um atentado como o que nos ocupa. É significativa a análise de dois casos para demonstrar que nem todos os países atuam em função da vingança, nem os acusados “lógicos” poderiam organizar materialmente com facilidade um atentado como o de 11 de Setembro. Primeiro: países como Cuba – ao contrário dos Estados Unidos – têm-se distinguido pela solidariedade e pela integridade moral da sua política externa apesar da agressão de que têm sido objeto: para o regime cubano a “vingança” contra os Estados Unidos por mais de 40 anos de terrorismo sistemático – que além de seiscentas tentativas de assassinio do seu presidente, incluem atentados de carácter químico e bacteriológico – não tem lugar nos seus projetos políticos(2).

Segundo: como exemplo, é significativo o caso de Iraque. O antigo aliado dos Estados Unidos hoje sofre represálias brutais por parte dos “antiterroristas”. Para amostra basta um dado: no Iraque, de 1991 até agora morreram mais de milhão e meio de homens, mulheres e crianças de fome e de doenças curáveis, devido ao “bloqueio” organizado pelos Estados Unidos e imposto pelas Nações Unidas.

Análogos são os casos da Líbia, Síria e Coreia do Norte, embora, com as suas respectivas particularidades, é claro. Em síntese, o que vemos é que os “Estados violentos” dificilmente poderiam ter planejado e realizado o ataque de 11 de Setembro visto que são Estados que, embora seja certo que não lhes faltam motivos para organizar uma coisa assim, estão altamente vigiados pelos serviços secretos norte-americanos, britânicos e israelitas. Se a esta situação acrescentarmos o fato de sofrerem graves penúrias sociais e económicas e que além disso têm carência de praticamente tudo o que se puder imaginar (3), daí resulta que para eles a organização e realização de um ato como o de 11 de Setembro se mostra quase impossível (4).

No segundo grupo entrariam organizações terroristas estabelecidas – dentro da definição dogmática que se tem do termo – como o *Setembro Negro* dos palestinos, o *IRA* irlandês ou o *Terrorismo contra Terrorismo* judeu. Evidentemente, muitos destes grupos são apoiados por Estados (como seria o caso da *Al Fatah*, apoiada pela Organização para a Libertação da Palestina) mas isso não sucede em todos os casos, pelo que existe a possibilidade de tais grupos atuarem por conta própria. Neste caso, a realização de um ato como o ocorrido contra as Torres Gêmeas e o Pentágono ainda é mais difícil, porque a infra-estrutura e os recursos de que se dispõem são muito mais limitados. De fato, tecnicamente, para um grupo civil – terrorista – organizar algo desta envergadura sem apoio estatal implica um grau de dificuldade quase intransponível, tornando

praticamente necessária a intervenção, se não de um Estado como tal, pelo menos de uma agência semi-estatal como o *Mossad* ou a CIA (5).

No terceiro grupo encontraríamos todas as organizações minúsculas mas radicais dispostas a realizar um atentado com os resultados que teve o de 11 de Setembro. Argumenta-se que alguma destas organizações poderia ser a responsável porque, como os serviços secretos norte-americanos se encontram concentrados nas organizações terroristas estabelecidas, então estas pequenas organizações não são tão vigiadas pelo que poderiam, num dado momento, ter o espaço suficiente para organizar um atentado deste tipo, espaço que de fato lhes forneceria a sua própria – relativamente insignificante – existência.

Parece-nos que esta mesma limitação – a insignificância da organização – tornaria impossível a realização de algo como o ocorrido a 11 de Setembro, para cuja realização foi necessário um planeamento especializado por um longo período de tempo – provavelmente anos – além de uma logística que só os especialistas são capazes de desenvolver. Assim, qualquer organização incluída neste terceiro grupo se pode eliminar de antemão (6).

Se pegarmos no caso de Timothy McVeigh como antecedente, surge a possibilidade de o autor do atentado de 11 de Setembro ter sido um dos tantos grupos da ultradireita norte-americana que integram o quarto ponto que temos vindo a definir.

Contudo, neste caso, a opção parece remota pela complexidade que implica o desvio coordenado de quatro aviões nos Estados Unidos, visto que definitivamente não é a mesma coisa realizar uma operação deste tipo e pôr uma bomba diante de um edifício. Em certa medida, as limitações analisadas acima para o caso dos grupos terroristas

estabelecidos e dos marginais, aqui também se tornam efetivas, e mais ainda, até se agudizam. Assim, também podemos eliminar a possibilidade de algum dos integrantes do quarto grupo ter planeado e realizado por sua conta e risco e sem assistência estatal ou semi-estatal os atentados contra as Torres Gêmeas e contra o Pentágono.

### **A HIPÓTESE DO AUTO-GOLPE**

Na primeira metade do século XIX o orgulho da armada norte-americana, o *Encouraçado Maine*, foi afundado, provocando assim a guerra entre os Estados Unidos e o Império Espanhol. Os Estados Unidos ganharam a guerra, o que lhes permitiu alargar o seu domínio a Cuba, ao resto das Antilhas e até às Filipinas. Com o tempo veio a descobrir-se que a acusação contra o Império Espanhol de ter atacado o navio norte-americano era infundada, pois foram os próprios Estados Unidos que afundaram a embarcação com o objetivo de declarar a guerra ao Império e assim tornar realidade a tese da “Gravitação Política” expressa por John Quincy Adams em 1823. A história repetiu-se no século XX em 1941 quando os serviços secretos norte-americanos, depois de decifrarem o *Código Púrpura dos japoneses*, informaram o Presidente Roosevelt do iminente ataque a Pearl Harbor. Roosevelt, sabendo o que iria acontecer, permitiu o ataque e assim conseguiu entrar na Segunda Guerra Mundial, de que os Estados Unidos saíram sem um único ataque ao seu território e como uma potência econômica ímpar perante uma Europa devastada. Este foi um crime por omissão: podia ter-se feito alguma coisa mas não se fez, pelo que existe uma co-responsabilidade nos fatos. Igualmente, a 1 de Dezembro de 1981 se pôs em ação por uma ordem secreta de Ronald Reagan a operação que pretendia vender armas ao Irã para financiar os *Contras* nicaraguenses. Nesta operação estavam implicadas diversas personagens do narcotráfico internacional e era organizada logisticamente pela CIA. Isto significava apoiar com armamento um

governo abertamente declarado por Reagan como “violento” e “terrorista”, com o que, paradoxalmente, se oficializava *de fato* o apoio a um governo “inimigo” dos Estados Unidos... pelos Estados Unidos. Tecnicamente este pode ser considerado um auto-atentado com o objetivo de conseguir um bem maior: derrotar o governo popular da Frente Sandinista de Libertação Nacional (FSLN) após a morte de Anastasio Somoza. Os três episódios aqui descritos têm uma constante: a participação direta – como no primeiro e no terceiro casos expostos – ou indireta – como no segundo – dos Estados Unidos nesses episódios de “agressão”. Não são os únicos, mas só alguns dos mais significativos.

Estes antecedentes são de fato provas da real possibilidade de os acontecimentos de 11 de Setembro de 2001 não terem sido precisamente um *atentado*, mas antes um *auto-atentado*. A favor deste cenário temos o fato de que, se foi o governo norte-americano o responsável pelo ataque terrorista, então o problema da dificuldade técnica de organizar o golpe fica resolvido. Com um orçamento de cerca de 30 mil milhões de dólares anuais, torna-se difícil que mais de uma dúzia de serviços secretos norte-americanos não pudessem detectar o planejar de um atentado desta envergadura, e no entanto, com esse mesmo orçamento poder-se-ia muito bem coordenar um golpe como o que sofreram as Torres Gêmeas e o Pentágono.

Por outro lado, temos o fato de estar na própria essência de um atentado terrorista o influir na evolução de um acontecimento ou de um processo político específico. Com este objetivo, enquanto o atentado ao Pentágono parece ter tido um conteúdo mais simbólico que homicida, o ataque às Torres Gêmeas tem uma componente simbólica – o fato de nessas torres se encontrarem os escritórios do World Trade Center – embora seja mais poderoso o seu conteúdo homicida: aproximadamente 4 mil pessoas perderam a vida. Neste ponto é conveniente determo-nos por um

momento e distinguir o que aconteceu do que poderia ter acontecido.

Se considerarmos que nas Torres Gêmeas trabalhavam de base não menos de 50 mil pessoas, será esta a quantidade mínima de pessoas que eram vítimas potenciais do atentado – quantidade a que se deveria acrescentar o número médio de visitantes – e então temos de perguntar-nos porque morreram cerca de 6 mil pessoas e não mais de 50 mil?. A resposta é simples: pelo modo como foi realizado o atentado. O primeiro avião chocou contra uma das torres praticamente na parte mais alta por volta das 8:30 da manhã. Este fato – que primeiro se pensou ter sido um acidente – provocou a evacuação imediata do pessoal que já se encontrava nessa torre. Cerca de 18 minutos depois choca o segundo avião na parte mais baixa do terço mais alto da segunda torre e é então que se torna claro que não é um acidente, mas um atentado. Cerca de 30 minutos depois, desmoronam-se ambos os edifícios.

Perante tal estado de coisas, são válidas três perguntas:

- 1) porque chocaram os aviões na parte superior dos edifícios e não na parte mais baixa possível?
- 2) porque chocaram os aviões com 18 minutos de diferença e não ao mesmo tempo?
- 3) porque se realizou o atentado às 8:30 da manhã e não, por exemplo, à uma da tarde?.

Caso se tivessem cumprido estas três condições a quantidade de vítimas teria significado uma tragédia humana para os Estados Unidos superior à que lhes significou a morte de 60 mil soldados na guerra do Vietnam. Se os aviões tivessem chocado contra as Torres Gêmeas um a seguir ao outro com poucos minutos de diferença, ou quase ao mesmo tempo, na parte mais baixa possível dos edifícios à 1 da tarde – e não às 8:30 da manhã

quando ainda mal começaram a chegar os trabalhadores e se encontram fechados os escritórios e muitos dos estabelecimentos comerciais – os edifícios teriam ruído de imediato sem dar tempo a serem evacuados e no momento em que se encontravam saturados de pessoas. Se o perpetrador já se tinha dado ao incômodo de desviar não um, nem dois, mas quatro aviões comerciais em território norte-americano apanhando de surpresa todos os serviços de espionagem e segurança, é inexplicável que não tivesse podido cumprir as três condições acima expostas, relativamente simples considerando a dificuldade que implicava o planejar o desvio e a execução do atentado em si; sem dúvida, para a lógica de um atentado terrorista convencional, 50 mil mortes teriam sido preferíveis a 6 mil. Assim, no caso de o ataque ter ocorrido do modo como foi planeado, então quase poderemos dizer que se procurou ocasionar a menor quantidade de mortes – o que nem por sombras significa que tenham sido poucas – da forma mais espetacular possível (isto explicará que não tenha sido de noite).

Nesta altura e já entrando em pleno na tese do auto-atentado, as perguntas a que é necessário responder são: 1) quem nos serviços secretos norte-americanos pilotaria os aviões sabendo que morreria na operação? 2) o que justificaria a realização de um atentado desta envergadura com todas as suas implicações simbólicas, materiais e humanas?

Quanto à primeira pergunta tem de se reconhecer que pelas características suicidas-homicidas do atentado poderia supor-se que se tratava de gente com mentalidade definitivamente extremista – não necessariamente muçulmanos – dispostos a morrer por uma causa, que, não sendo material, teria de ser ideológica. Este tipo de compromisso será difícil encontrá-lo no pessoal da CIA ou no de organizações do mesmo tipo, de modo que é improvável que o governo norte-americano

tivesse feito uma coisa assim pelos seus próprios meios: materialmente falando, necessitariam de alguém que lhes fizesse o trabalho *difícil*: pilotar o avião e morrer com ele. Deste modo fica eliminada a tese de um auto-atentado planeado e efetuado por elementos puramente norte-americanos, o que nos dá espaço para a última opção a que referimos acima: a possibilidade de ser uma combinação de agentes como responsáveis. Neste caso, obviamente, só podemos especular, pois a falta de dados e a proximidade dos acontecimentos impedem que se fale com certezas.

Supondo que o atentado teria sido planeado e efetuado por diversos agentes, a participação da elite política norte-americana é um requisito indispensável para que os atentados fossem levados a cabo do modo como efetivamente ocorreram.

Assim, embora se afaste a tese do auto-atentado *puramente norte-americano*, parece factível a possibilidade de as mais elevadas esferas da classe política nos Estados Unidos terem urdido o referido atentado utilizando algum grupo extremista para a sua realização. Dentro desta lógica não é incompatível a autoria intelectual dos Estados Unidos, com a autoria material de militantes pertencentes a um grupo como o de Osama Bin Laden, que de imediato foi apontado como o responsável sem se apresentar nenhuma prova que avalize a acusação. Recorde-se que não seria a primeira vez que trabalham lado a lado os Estados Unidos e Bin Laden (7). Já no passado o apoiaram por meio da CIA contra os soviéticos, e depois contra os russos fomentando as guerrilhas muçulmanas na Tchetchênia e nos Estados da Ásia Central. A tese torna-se ainda mais factível se acrescentarmos o fato de, como veremos a seguir, neste momento estarem os *falcões* no poder nos Estados Unidos, ou seja, políticos de ultradireita que são pela militarização das relações internacionais, e que de resto são os responsáveis por muitos dos mais

atrozes massacres da história mundial contemporânea (8). A eles não impressiona a morte de inocentes sempre e quando o quiserem os lucros em termos de poder político, econômico e de controle social. Mesmo assim, ainda fica por responder a segunda pergunta que fizemos no parágrafo anterior: o que justificaria a realização de um atentado desta envergadura com todas as suas implicações simbólicas, materiais e humanas? Para responder a esta questão, convém fazer um balanço da situação existente no interior dos Estados Unidos e no contexto internacional.

### **REAGAN, BUSH E BUSH JR. OU A CONTINUIDADE POLÍTICA**

A ferocidade com que foi atacado – culpado ou não – o regime talibã era perfeitamente previsível se tivermos em conta os antecedentes de quem orquestrou a matança: a família Bush e o seu séquito. O perfil internacional que terá de distinguir a era de George W. Bush na política internacional foi inaugurado com grandes fanfarras pelos acontecimentos do 11 de Setembro de 2001, e curiosamente o citado perfil não é nada novo. A luta contra o “terrorismo” – só efetiva nas palavras – já havia sido utilizada no passado, durante a administração Reagan, como eixo da política externa norte-americana. Por este motivo – e como exercício de perspectiva – é conveniente estabelecer os paralelos que existem entre uma e outra administração para, na medida do possível, tentar projetar um cenário a médio prazo do que se poderá esperar da administração de Bush II em termos de política externa, a partir da invasão do Afeganistão de Setembro de 2001.

Numa primeira abordagem, vemos as administrações Reagan, Bush e Bush II chegarem ao poder apoiadas pelos mesmos votantes, a saber, os setores mais poderosos e conservadores da classe política norte-

americana dos quais se destacam os corporativos petroleiros e o complexo militar industrial. Continuando com as semelhanças, vemos que o discurso “Combater o Império do Mal” foi a razão de ser de Reagan do mesmo modo que hoje o presidente dos Estados Unidos fala de “acabar com o mal do mundo”, com a pequena diferença de que nos tempos de Reagan, o inimigo eram os “comunistas”, enquanto hoje com George W. Bush são os “terroristas muçulmanos” de quem se tem de livrar o mundo (9). Do mesmo modo que *Fontes da Conduta Soviética* (texto que George Kennan publicou em 1947 sob o pseudônimo de “X”) guiou o pensamento propagandístico dos Estados Unidos por mais de quarenta anos, agora, ao entrarmos no século XXI, George W. Bush apela – embora com mais discricção – aos postulados do *Choque de Civilizações* de Samuel P. Huntington para dar alguma base à sua agressão contra o Afeganistão.

As presidências de Reagan e de George Bush pai e filho também se entrelaçam pela composição dos seus gabinetes e pelas suas ações de política externa como veremos a seguir. Reagan teve Manuel Noriega (terrorista de Estado no Panamá e traficante de drogas em grande escala), Bush II tem Osama Bin Laden. Tanto Noriega como Bin Laden foram personagens ligadas à CIA – ambos nos tempos em que George Bush pai era diretor da mesma – com amplos antecedentes de práticas terroristas contra os inimigos da “liberdade”, da “justiça”, da “democracia” e da “civilização” como a entendem os Estados Unidos, porque não os atacou com toda a maquinaria “justiceira” que se tornou efetiva injustamente no caso da Nicarágua dos Sandinistas ou no Chile de Salvador Allende (dois governos amplamente legitimados pelas respectivas populações), quando era evidente que viviam à margem da legalidade? Por uma simples razão: eram de fato terroristas, mas dos *nossos* terroristas, isto é, dos Estados Unidos. Logo podiam ser tolerados, eles e os seus abusos.

Como já mencionamos, a configuração dos gabinetes das duas

administrações Bush e de Reagan é muito semelhante. George Bush tinha sido o diretor da *Central Intelligence Agency* (CIA) quando Ronald Reagan era presidente, e posteriormente ocupou o cargo de vice-presidente. Com aquele cargo, Bush foi o direto responsável pela operação que ao ser ventilada publicamente seria conhecida como o “escândalo Irã-Contras” ou “Irangate” (10). Naturalmente, a seguir a Reagan, Bush foi eleito presidente dos Estados Unidos, sendo no seu mandato que se levou a cabo a *Operação Tempestade no Deserto* no Iraque em princípios da década de Noventa.

Enquanto foi diretor da CIA, Bush conhecia muito bem o papel que desempenhava Osama Bin Laden e não fez reparo quando Reagan chegou a denominá-lo, juntamente com o resto dos mujahedins, *freedom fighter* (lutador pela liberdade) oferecendo-lhe todo o apoio necessário.

Mas as coisas não ficaram por aqui. Após os dois períodos em que William Clinton foi presidente, George W. Bush assumiu o cargo seguindo a um virtual golpe de Estado.

Já como presidente, Bush Jr. encarregou-se de instalar no gabinete membros da ultradireita mais recalcitrante e personagens de negra trajetória reciclados das administrações de seu pai e de Ronald Reagan. Entre os primeiros encontramos gente como John Ashcroft. O atual Procurador da Justiça é um reconhecido membro da ultradireita norte-americana; educado em escolas abertamente racistas; de fato, o “fundamentalismo” de ultradireita de Ashcroft chegou a criar problemas ao próprio George W. Bush com um Congresso que se recusava a ratificá-lo no cargo pelos seus conhecidos antecedentes e pela sua retórica semifascista. Entre os segundos – ou seja, entre as personagens recicladas de administrações anteriores – encontramos gente como Collin Powell, John Negroponte e Otto Reich. O atual Secretário do Departamento de

Estado não só foi um dos principais promotores dos *Contras* nicaraguenses na administração Reagan, como foi também o chefe do Estado Maior que organizou e recomendou a intervenção no Panamá durante a administração de George Bush pai; nesta mesma administração, Powell desempenhou também um papel determinante na instrumentalização da *Operação Tempestade no Deserto* contra o Iraque.

Com antecedentes parecidos temos John Negroponte. O atual Embaixador dos Estados Unidos nas Nações Unidas foi o “chefe de operações” nas Honduras entre 1980 e 1982, durante o mandato de Ronald Reagan, precisamente quando as Honduras se tornaram a maior base de agressão militar contra a Nicarágua, pois dali se lançavam os ataques dos *Contras*. Finalmente, temos Otto Reich. Durante a administração Reagan, Reich, entre muitas outras coisas, foi o encarregado do chamado Serviço para a Diplomacia Pública (ODP). Este serviço não era mais que um órgão de propaganda governamental cujo objetivo era conseguir – mediante enganos e por meios ilegais – o apoio do povo americano às atividades que estavam a ter os Estados Unidos em El Salvador e, por meio dos *Contras*, na Nicarágua. Hoje em dia, Reich é o flamante secretário assistente do Departamento de Estado para a América Latina, isto é, o funcionário norte-americano de maior poder quanto à política externa para a América Latina (11). É evidente que os funcionários das três administrações se entrelaçam, o que só pode indicar continuidade prática e ideológica em matéria de política externa. Estes são apenas os antecedentes da administração atual do país mais poderoso do globo. Reagan e Bush pai têm um amplo histórico em matéria de violações aos direitos humanos e dezenas de milhares de mortos nos seus ativos, o primeiro na América Central e o segundo no Oriente Médio, principalmente, embora não de forma exclusiva.



1701	25	8:00	DELAYED	SAN DIEGO
573	26	8:05	DELAYED	PHOENIX ONTARIO
850	22*	8:10	DELAYED	BURBANK
2192	20	8:10	DELAYED	LAS VEGAS LOS ANGELES
229	21*	8:25	DELAYED	SAN DIEGO
1700	14	8:30	DELAYED	PORTLAND
1127	23	8:40	DELAYED	PHOENIX BURBANK
2185	17	8:40	DELAYED	LAS VEGAS LOS ANGELES
2054	26	8:40	DELAYED	SEATTLE
378	27	8:45	DELAYED	PHOENIX
786	21	9:00	DELAYED	ORANGE COUNTY
TUESDAY SEPTEMBER 11 2001 7:13 AM				

#### AS CAUSAS INTERNAS

Supondo então que houve altas esferas do governo norte-americano envolvidas no planejamento-execução do atentado de 11 de Setembro, além dos antecedentes de crime internacional que acabamos de passar em revista e que caracterizam a atual administração, teremos de explicar os motivos que tiveram para realizar um ato como o que nos ocupa.

A primeira situação que temos de considerar como motivo para desencadear uma operação como a que está em prática sobre o Afeganistão é a situação eleitoral que deu o triunfo a George W. Bush, pois não foi particularmente a mais conveniente. Após um controverso empate técnico e uma alegação de fraude por parte do candidato democrata, Al Gore, precisamente no Estado governado por Jeb Bush – irmão do seu adversário, – o Tribunal Supremo decidiu – do modo mais antidemocrático possível sem dúvida – que Bush II ia ser o presidente.

Deste modo terminou um episódio que manteve a nação mais poderosa do mundo sem primeiro mandatário por várias semanas. Como acertadamente se chegou a afirmar na altura, Bush II tornou-se um dos presidentes mais ilegítimos na história dos Estados Unidos, pois tomou a presidência marcado por um duplo estigma: 1) a decisão arbitrária dos juizes do tribunal que o ungiram como presidente e 2) depois de receber a maior quantidade de votos contra por parte da cidadania norte-americana. A fraqueza política de origem que significou esta situação para o regime de George W. Bush fazia prever a formação não só de um gabinete como o que acima vimos de forma superficial, mas também de uma ação como a que se desencadeou sobre o Afeganistão (embora evidentemente não fosse muito seguro naquele momento sobre quem recairia essa operação). Por outras palavras, George W. Bush tinha necessidade de conseguir por qualquer meio possível a legitimidade que a sociedade norte-americana não lhe deu nas urnas. Para compreender melhor este assunto convém pôr na mesa um antecedente análogo. Em fins do verão de 1999 eclode a segunda guerra russo-tchetchena.

O detonador deste novo conflito bélico foram uns atentados terroristas ocorridos em Moscou e pelos quais os tchetchenos foram acusados como responsáveis. No dizer do Dr. Pablo Thelman (12): “A segunda guerra russo-tchetchena... foi concebida pelo Kremlin com o objetivo de assegurar ao candidato presidencial Vladimir Putin... o seu triunfo nas eleições presidenciais celebradas em Março de 2000. Nesse momento era necessária e útil politicamente para o Kremlin uma guerra desse tipo porque uma vitória militar na Tchetchênia se transformava na via mais idônea para assegurar a vitória política de Putin em Moscou.”(13)

Embora os atentados terroristas que funcionaram como detonador da segunda guerra russo-tchetchena hajam sido atribuídos às guerrilhas tchetchenas, a verdade é que nunca se demonstrou a sua culpabilidade –

como também não se demonstrou suficientemente a culpabilidade de Bin Laden – além de que existiu sempre uma forte suspeita de que os atentados que tanto ajudaram Putin não foram na realidade atentados, mas sim auto-atentados, coisa que obviamente também nunca se conseguiu demonstrar. Depois disto vemos que, neste sentido, a diferença mais considerável entre as duas guerras – Tchetchênia e Afeganistão – é que, política e eleitoralmente, enquanto a guerra da Tchetchênia foi utilizada por Putin como tratamento preventivo para garantir a vitória, a do Afeganistão foi utilizada por Bush de forma terapêutica com o mesmo fim.

Em segundo lugar temos a diferença de projetos políticos que se baralhavam dentro da política norte-americana, entre os quais os de Bush tinham uma posição pouco favorável. Após a imediata virada na correlação de forças no Congresso que significou a conversão a independente do Senador republicano James Jeffords, a administração Bush e o Partido Republicano perderam o controle absoluto do congresso, o que favoreceu os democratas. O momento certamente foi o menos adequado visto que a divergência de projetos entre os dois partidos era abismal. Enquanto os democratas defendiam a idéia de incrementar os gastos sociais (saúde, habitação, etc.), os republicanos estavam com a idéia de elevar o montante orçamental destinado à defesa e aos projetos militares minando assim a viabilidade dos de feição eminentemente social. O abandono das fileiras republicanas de Jeffords implicou para os republicanos a necessidade de negociar com os democratas, situação que punha em causa a sua possibilidade de cumprir em termos absolutos os compromissos contraídos com as indústrias que compõem o complexo militar-industrial norte-americano; compromissos que, diga-se de passagem, ao “triumfar” Bush deixaram de ser exclusivos dos republicanos para se transformarem em compromissos políticos de Estado. O repentino fortalecimento dos democratas caiu mal no ânimo da nova

administração visto que a limitava enormemente para cumprir os compromissos contraídos.

Entre os compromissos mais importantes encontravam-se sem dúvida os respeitantes às negociações dos projetos energéticos para explorar os recursos da Ásia Central – particularmente os do Azerbaijão no Mar Cáspio – e o do arranque do denominado Sistema Nacional de Defesa Antimíssil (National Missile Defense) .

À ilegítima administração de George W. Bush e à limitadora política que acabamos de passar em resenha teremos de somar mais uma: a situação económica dos Estados Unidos. O que propagandisticamente era conhecido e escondido como uma “desaceleração” estava prestes a transformar-se numa autêntica recessão de grandes proporções. A necessidade de reativar a economia e proteger os sectores industriais chave para a administração Bush (ou seja, o petrolífero e o armamentista nesta ordem), por si mesmas, eram causas suficientes para fazer o esforço para desencadear uma conflagração bélica. A questão era simplesmente averiguar contra quem e de que modo. Em resumo, podemos afirmar que existia uma agenda interna entupida que não podia desenvolver-se por outros meios que não fossem bélicos, e daí a necessidade, se não de intervir num conflito já existente, pelo menos de inventar um.

#### AS CAUSAS EXTERNAS

Desde o seu início, a administração de Bush Jr. tem-se distinguido pela sua hostilidade para com a comunidade internacional. Embora seja certo que esta hostilidade é já habitual no governo norte-americano independentemente de estar no poder um governo democrata ou republicano, a dinastia Bush não só parece sofrer do que em termos psiquiátricos se conhece como atitudes passivo-agressivas, mas até

procura mesmo o confronto aberto, adotando assim – sempre dentro da psiquiatria – um comportamento francamente anti-social ou psicopático. Estas afirmações apoiam-se na realidade, como o demonstraram fatos como os seguintes, que, apesar de não serem os mais importantes, são os mais recentes:

1) A recusa de ratificar o Protocolo de Kyoto para a proteção do meio ambiente. A ratificação do referido estatuto internacional prejudicaria as grandes transnacionais norte-americanas ao obrigá-las a reduzir a sua emissão de poluentes. Evidentemente, isto viria a traduzir-se não só em graves dispêndios econômicos dessas companhias para modernizar e sanear os seus sistemas produtivos até cumprirem o Estatuto, mas também limitaria a sua capacidade de crescimento pois teriam de adquirir tecnologia muito mais cara – mas menos poluente – se quisessem abrir novas instalações, com a “agravante” de terem de se submeter à auditoria e revisão de agentes exteriores;

2) O abandono da delegação norte-americana – juntamente com a de Israel – da Conferência Mundial contra o Racismo em Durban, África do Sul. Durante o período imediatamente anterior à citada conferência, o Estado israelita – com o apoio logístico e militar norte-americano – implementara uma política homicida para responder à Intifada palestina (movimento de rebelião popular que se seguiu à provocação do primeiro-ministro israelita Ariel Sharon)(14);

3) a recusa de respeitar o Anti-Ballistic Missile Treaty (ABM) de 1978 a que se encontravam obrigados os Estados Unidos. Este tratado ergueu-se como um obstáculo legal importante para o arranque do Sistema Nacional de Defesa Antimíssil, dado que este não só atenta contra os interesses de segurança nacional russos e chineses (principalmente) ao quebrar o equilíbrio nuclear existente, como também contra a segurança

internacional de qualquer Estado em todo o globo, pois implica uma escalada militar nuclear unilateral no espaço, isto é, implica uma revitalização melhorada da Iniciativa para a Defesa Estratégica (IDE) ou “Guerra das Estrelas” proposta por Ronald Reagan na década de Oitenta.

Se a estes três acontecimentos acrescentarmos o conflito diplomático suscitado entre a China e os Estados Unidos devido à queda de um avião espião norte-americano em território chinês, então temos que o confronto aberto e perigoso com o mundo inteiro era perfeitamente previsível como constante na política exterior da nova administração norte-americana.

Esta hostilidade por parte da elite política norte-americana tem primordialmente dois objetivos em matéria de política externa – relacionados com o atentado:

1) dar uma demonstração de poder ao terceiro mundo, não só por parte dos Estados Unidos, mas também dos seus aliados do primeiro mundo ao estabelecer uma aliança para defender um interesse de classe comum;

2) fortalecer politicamente a posição norte-americana na Ásia Central.

Para compreender o primeiro destes objetivos temos de recordar a citação de que em política “a forma também é fundo”, o que é eternamente real. Num mundo em que a globalização (15) como processo se ergueu – contra o que qualquer pessoa medianamente racional desejaria, – não como veículo, mas como condutor do “desenvolvimento” internacional, as demonstrações de poder dos fortes são ainda mais necessárias para manter os fracos como tal. Isto é, a agressão da aliança

militar mais poderosa da história – dirigida pelo país mais rico e poderoso do globo – contra um dos países mais pobres e socialmente mais atrasados tem um grande conteúdo simbólico que não se pode ignorar: assim, a forma, efetivamente, também é fundo. Por outro lado temos o Afeganistão como peça geo-estratégica na Ásia Central. É a sua enorme importância para a política externa norte-americana que se desenvolverá a seguir mais detidamente.

#### AFEGANISTÃO: UMA JÓIA GEOPOLÍTICA

Os meios de comunicação deram ênfase à idéia de que a reação que iriam ter os Estados Unidos como resposta ao atentado de 11 de Setembro seria uma “vingança”. Esta ênfase foi tão acentuada e tão centrada nos aspectos viscerais que iria ter a contestação dos Estados Unidos, que permitiu aos meios de comunicação omitir um fato fundamental: qualquer ação que determinasse levar a cabo o gabinete de George W. Bush não seria irrefletida e por motivos viscerais – como se tentou fazer crer à opinião pública, – mas antes seria friamente pensada e, o mais importante, seria coerente com os princípios e objetivos da política externa dos Estados Unidos.

O Afeganistão é um país na miséria devastado pela guerra, habitado por 21 milhões de pessoas com um dos PIB per capita mais baixos do mundo. As suas terras áridas mal dão para semear uns quantos produtos agrícolas e para a alimentação dos rebanhos dos pastores da região, além de a sociedade afegã no seu conjunto viver em condições análogas às que existiam antes da revolução industrial. Ao contrário da Colômbia – país cujo controle se tornou estratégico devido aos recursos da Amazônia, – o Afeganistão é provavelmente uma das regiões menos solicitadas para o investimento produtivo, porque não é terra de modo algum atraente para a atividade industrial e/ou econômica para além de um débil setor

primário. Sendo esta a situação da região do conflito, que interesse poderiam ter os Estados Unidos em controlar militarmente, se não todo o país, pelo menos um setor da terra afegã?. Em si mesmo, o Afeganistão é um objetivo militar fácil mas sem importância de maior. A resistência que os talibãs são capazes de opor contra o exército mais poderoso do mundo apoiado por uma aliança militar sem precedentes (a Organização do Tratado do Atlântico Norte) é insignificante no mais amplo dos sentidos. A pergunta de fundo então é: o que ganham os Estados Unidos com o ataque ao talibã?, e a resposta é simples: uma posição geopolítica importantíssima. Apesar de a terra afegã ser pobre em recursos de todo o tipo, a sua posição geopolítica torna-a uma chave para influir na política internacional, pois é um ponto de pressão interna e regional tanto contra a China como contra a Rússia; além disso, do Afeganistão pode-se muito bem controlar a evolução política regional, pois não devemos esquecer que existem diversos agentes regionais com armamento nuclear e que se encontram em conflito. Como se ainda fosse pouco, o controle total, ou mesmo só parcial do Afeganistão abre novas possibilidades para a exploração dos recursos petrolíferos do Mar Cáspio que são dos mais abundantes em todo o globo e cuja exploração se encontra monopolizada atualmente pela Rússia apesar da série de projetos alternativos que já existem.

Um primeiro dado que convém ter em conta é o fato de o Afeganistão se encontrar no centro do mundo islâmico. Como é bem sabido a região da Ásia Central compõe-se de um mosaico de culturas (16) cujas diferenças podem ser facilmente exacerbadas pelas potências ocidentais com fins políticos. Isto já ocorreu no passado e pode ocorrer de novo. Uma posição militar norte-americana no Afeganistão seria um foco de desestabilização para as grandes potências regionais como a China e a Rússia, e também se repercutiria no equilíbrio de forças das potências regionais do Médio Oriente como o Irão e Israel, e das do subcontinente indiano em que se

encontram o Paquistão e a própria Índia. Como prova basta ver o caso da Tchetchênia, onde a CIA apoiava o movimento separatista tchetcheno para enfraquecer internamente o Estado russo. Este é o mesmo perigo que corre a China, pois na província ocidental de Xing Kiang existem guerrilhas muçulmanas já estabelecidas que arvoram a bandeira do separatismo tal como na Tchetchênia. A situação na Tchetchênia e Xing Kiang (17) agrava-se se considerarmos que não são movimentos isolados e que têm fortes ligações entre si, com o talibã no Afeganistão e com muitos outros movimentos separatistas no resto da Ásia Central como o Islamic Movement of Uzbekistan (IMU). Estes movimentos separatistas integracionistas na Ásia Central têm tal importância para os países na região que os levaram inclusivamente a assinar acordos militares (18) para os combaterem. De tudo isto resulta que, de acordo com os ensinamentos da real politik, o que menos convém aos Estados Unidos é combater o terrorismo na Ásia Central, porque de fato lhes é favorável em termos absolutos visto que desarranja internamente os seus competidores políticos na região (China e Rússia): se não se possuir estabilidade interna, dificilmente se pode projetar força para o exterior. Causar problemas tanto aos chineses como aos russos encontra-se certamente na agenda de política externa norte-americana pois não podemos nem devemos esquecer as aproximações evidentes entre ambas as potências com vista a formar um bloco político para se opor à agenda militarista que representava o desenvolvimento do Sistema Nacional de Defesa Antimíssil. É importante considerar tudo o que se disse antes porque quase todos os jogadores aqui mencionados contam com armamento nuclear(19), além de que no caso da China e da Rússia não se pode omitir que possuem lugares permanentes no Conselho de Segurança das Nações Unidas com direito a veto. Por outro lado, uma posição militar no Afeganistão seria ideal para cobrir o flanco oriental do Mar Cáspio cujos recursos petrolíferos são cobiçados por todas as potências ocidentais (atualmente, todo o petróleo que sai do porto de Baku no

Azerbaijão tem de passar por território russo). O Afeganistão, enfim, pela sua localização, é uma jóia que os Estados Unidos não podiam deixar se perder.



### A COMUNICAÇÃO SOCIAL E A PROPAGANDA

Um dos mecanismos que mais auxiliou o governo norte-americano na sua tarefa de despertar a histeria, o racismo e a xenofobia necessários para começar a *Liberdade Duradoura* foi a utilização da propaganda nos meios de informação de massas. A manipulação ideológica que dominou o

inconsciente coletivo mundial não acabou nos inícios da década de Noventa com a dissolução da URSS; de fato, aconteceu exatamente o contrário. Como se demonstra desde a hipótese de Francis Fukuyama do “fim da história” (em que se garantia que a democracia liberal e o mercado livre tinham vindo para ficar), até ao *Choque de Civilizações* de Samuel P. Huntington, os mecanismos propagandísticos norte-americanos estão mais vivos que nunca. O tratamento midiático que se deu aos acontecimentos de 11 de Setembro não foi nem objetivo nem comedido: a intoxicação informativa e as campanhas de desinformação que se utilizaram para acusar Osama Bin Laden serviram para avalizar, dentro e fora dos Estados Unidos, as iniciativas bélicas com que a elite norte-americana levaria a cabo os seus projetos geo-estratégicos internacionais, a sua política de reativação econômica e os seus projetos de dominação política interna.

A utilização dos meios de comunicação para conseguir objetivos políticos tem uma longa história e existe uma ampla bibliografia a esse respeito. De todos os livros escritos sobre o tema destaca-se o de Edward S. Herman e Noam Chomsky, *Os Guardiões da Liberdade*. Considerados como os paradigmas da imprensa livre, crítica e objetiva, neste texto, Chomsky e Herman põem a nu o apoio que prestaram o *New York Times* e o *Washington Post* – entre outros – aos objetivos da administração em serviço, omitindo, exagerando ou distorcendo a informação – conforme o caso – com o objetivo de manter sob controle a opinião pública doméstica e internacional. No caso que nos ocupa os meios não atuaram de forma diferente, e de fato, não tinham motivos para o fazer, dado que a desinformação e a “manipulação do consenso”(20) por parte dos meios de informação mais importantes têm sido constantes ao longo de toda a história dos EUA de forma quase sistemática e praticamente sem exceção. Existem antecedentes suficientemente importantes a este respeito para avalizar esta afirmação, pois, como muito bem afirma Martha Montañó:

“Em matéria de conflitos étnicos e internacionais, enquanto uns são exagerados, como o Iraque, outros correm, talvez a sorte, de ser ignorados. Os curdos na Turquia, oprimidos com violência, são menos importantes que os estabelecidos no Iraque cujo idioma é oficial. O Haiti não é mais importante que o Sudão, o maior país da África onde tem lugar a guerra mais esquecida do planeta. Um milhão de mortes em Ruanda numa semana não contaram com a atenção e os recursos que provocaram 200 mil na Bósnia-Herzegovina em três anos.” (21)

Para efeitos do presente ensaio centrar-me-ei a título de exemplo em quatro casos particulares: Iraque, Ruanda, Sérvia e Somália. Isto com o objetivo de verificar o tratamento midiático que dão os meios aos acontecimentos internacionais e que também se tornou efetivo desde o primeiro momento nos atentados de 11 de Setembro, que irei analisar também mais adiante.

O Iraque, após a Guerra do Golfo, perdeu muito mais coisas do que o observador não familiarizado com esta questão supõe. Não só perdeu o controle de mais de metade do seu território com o estabelecimento das chamadas “zonas de exclusão” sob controle britânico-norte-americano, como também perdeu – e continua a perder – algo muito mais importante: milhões de vidas inocentes. Como já tinha mencionado as sanções impostas ao país por meio da ONU – embora por mandato norte-americano – já provocaram até à data a morte de quase 2 milhões de pessoas por falta de alimentos e medicamentos; ou seja, a “solução” imposta pelos Estados Unidos ocasionou mais mortes de fome e doenças que a quantidade de pessoas que assassinou o próprio Saddam Hussein durante a Guerra do Golfo. Que meio de informação de massas nos Estados Unidos denunciou publicamente de forma reiterada este ato criminoso acusando diretamente os responsáveis?. Nenhum. Embora seja certo que Saddam Hussein é um governante atroz, os Estados Unidos

mataram diretamente no Iraque muito mais pessoas – com bombardeamentos e por meio do bloqueio – que aquele sátrapa a quem acusam de assassino. Quantos “críticos” nos meios denunciaram esta situação? A distorção que tem a opinião pública sobre o que sucede no Iraque tem possibilitado que tanto os comandantes britânicos como os norte-americanos possam afirmar sem dúvida com toda a naturalidade que no Iraque se realizam bombardeio “periódicos” sem que ninguém se alarme ou recrimine esta política de extermínio.

Porventura os homens, mulheres e crianças iraquianos que sofrem diariamente este inferno serão mais culpados do que quem morreu no ataque de 11 de Setembro?. Humanamente falando, será mais tolerável a morte de iraquianos inocentes do que a de norte-americanos inocentes? Porque é que o fato de habitualmente morrerem homens, mulheres e crianças no Iraque já não é importante para os meios de informação?. Por uma simples razão: não são estúpidos e também não são suicidas; e é que neste caso os diretos responsáveis não são apenas Saddam Hussein e quem o apóia, mas também quem concebe a política exterior dos Estados Unidos para aquele país e os próprios meios de informação.

Deste mesmo teor encontramos outro exemplo importante que é o caso de Ruanda. Na guerra civil de Ruanda entre hutus e tutsis, cerca de um milhão de pessoas destruíram-se principalmente com pedras, paus e ossos no lapso de uma semana. Deste fato hoje já pouquíssimos se recordam, embora o inferno continue: a Anistia Internacional denunciou que à data se podem contar mais de 2 milhões e meio de mortes relacionadas com a guerra civil. Tal como no caso do Iraque, a situação em Ruanda também não interessou muito os meios de comunicação norte-americanos pela dupla atenuante racista com que funcionam: não só são “negros”, mas também africanos, e por isso estas notícias não fazem subir muito o *rating*.

Comparado com este inferno sobre a terra, a tragédia – que o foi – de 11 de Setembro parece realmente minúscula, e no entanto o caso de Ruanda não mereceu espaço de maior nas principais cadeias de televisão ou em influentes jornais e revistas. Muitas pessoas de fato, nunca deram pela situação por que passou Ruanda e por qual ainda atravessa. Neste caso, os meios de comunicação têm-se comportado como se a tragédia humana que está a ocorrer naquele lugar não existisse, ou como se não fosse minimamente importante.

Tal como em relação ao Iraque, a manipulação dos meios de comunicação é evidente embora de forma diferente. No primeiro caso – o do Iraque – trata-se de habituar o público a uma notícia (o assassinato de iraquianos pelas forças aliadas britânico-norte-americanos) a ponto de ser aceito como coisa natural e sem importância; em contrapartida, no segundo caso – o de Ruanda – a intenção é fazer como se não existissem os fatos ignorando-os de propósito para que a opinião pública não lhes preste demasiada atenção dentro da lógica de “olhos que não vêem, coração que não sente”. Os casos aqui expostos são apenas dois dos muitos exemplos com que se pode mostrar a manipulação informativa por parte dos Estados Unidos e seus aliados.

Em contraste com estes exemplos em que os meios fomentam a indiferença e o desconhecimento respectivamente, encontramos a outra face da moeda: a histeria coletiva e a exaltação dos sentimentos excludentes e condenatórios do público que por eles se “informa”. A este respeito convém recordar dois episódios mais que tiveram lugar recentemente: a Sérvia e a Somália.

Ao eclodir o conflito em Kosovo, nos fins da década de Noventa, começou uma campanha militar por parte da OTAN em que se lançaram 3300 mísseis *Tomahawk* diários sobre Belgrado. Provocou uma destruição

praticamente total da capital sérvia matando muitos milhares de inocentes. Isso não preocupou muito os meios de comunicação que preferiram fomentar uma histeria global quando um F-117 *Stealth* foi derrubado pelas baterias antiaéreas sérvias. A vida dos prisioneiros de guerra norte-americanos foi respeitada e no fim foram devolvidos à sua pátria. Se o ataque da OTAN se fez por motivos “humanitários” para deter as atrocidades que os sérvios cometiam contra os albaneses kossovares porque é que a intervenção da OTAN provocou mais mortos do que os causados pelas forças sérvias? Porque é que nada disto importou aos meios de comunicação que defenderam a OTAN como um paradigma de justiça e valentia? Valerá mais a vida de dois soldados norte-americanos do que a de milhares de sérvios inocentes? Para os meios a resposta é inquestionável: sim.

Uma situação semelhante ocorreu na Somália, quando *marines* norte-americanos foram assassinados por milicianos locais treinados pela Al-Qaeda; o mundo inteiro consternou-se com as notícias que apresentaram a imprensa escrita e os meios eletrônicos pela morte de militares norte-americanos e pelo macabro festejo que realizaram os assassinos pelo fato; no entanto, de todos eles nenhum ergueu a voz para protestar com a mesma veemência pela morte de fome de dezenas de milhares de somalis que por essa altura já haviam ocorrido e que continuam hoje em dia.

Como é evidente, a atitude que tiveram os meios na Sérvia e Somália foi totalmente diferente da que tiveram no Iraque e Ruanda. Tanto na Sérvia como na Somália, os meios de informação de massas conseguiram provocar a consternação mundial ampliando e exagerando de forma desproporcionada as notícias sobre a captura e morte de soldados “ocidentais”, atuação que, como é claro, coincidia com os interesses do governo norte-americano.

Estes fenômenos demonstram uma coisa muito importante: para o público norte-americano – vítima da intoxicação e da desinformação dos seus próprios meios de informação e do seu próprio governo – o que vale não é a vida humana nem as tragédias sociais, mas sim o perigo de que tudo o que tenha barras e estrelas possa ser manchado.

Obviamente, o cidadão comum norte-americano não age assim por natureza, mas fazem-no reagir deste modo, e como? Por meio de complexos mecanismos de controle psico-social como o foi na sua época o Serviço para a Diplomacia Pública (22) (ODP) durante a administração Reagan. No caso do atentado de 11 de Setembro o novo Serviço para a Diplomacia Pública foram os meios de comunicação. Imediatamente a seguir ao atentado, por todo o mundo circularam imagens da CNN em que se via crianças e mulheres palestinas “festejando” os acontecimentos de Washington e Nova Iorque. Como é natural, estas imagens feriram no mais profundo a cidadania norte-americana que, agravada, não estava disposta a suportar também a troça. O efeito foi imediato e poucas horas depois dos acontecimentos havia já um consenso quase absoluto na população norte-americana quanto à *necessidade* de atacar militarmente alguém, fosse quem fosse. Poucos dias após o atentado começou a circular informação indicando que as imagens mostradas pela CNN em que se via o suposto festejo de palestinos, eram manipuladas. Neste sentido havia duas versões. A primeira afirmava que as imagens eram legítimas, ou seja, as crianças palestinas e as mulheres de fato festejavam, não o atentado porém, mas a invasão ao Kuwait de 1991 por parte do Iraque. A segunda destas versões dizia que às mulheres e crianças palestinas pagaram para que festejassem, coisa que fizeram inocentemente (e dizemos inocentemente porque não estavam a par do uso que iriam dar a essas imagens). Após o desmentido oficial da CNN as imagens não voltaram a ser transmitidas e lançou-se um véu de silêncio sobre o assunto. Se as imagens foram *adaptadas* à circunstância, se toda



a cena foi uma montagem, ou se as imagens eram legítimas tiradas de um festejo pela atrocidade do 11 de Setembro já não tem muita importância, tal como também não a tem o fato de essas mesmas imagens não terem voltado a ser transmitidas pois a precoce transmissão das mesmas conseguiu a sua função imediata: indignar e enfurecer o povo norte-americano para avalizar uma resposta militar. Se algum ensinamento deixou aos governantes dos Estados Unidos a guerra de Vietnam – com a sua consequente “Síndrome do Vietnam” – é que para levar a cabo um ato de agressão duradoura, é indispensável contar com o apoio da opinião pública, para o que é importante a cumplicidade dos meios. Isto é válido não só dentro dos Estados Unidos mas para todo o mundo cristão, onde o que dizem o *New York Times*, a *CNN* e o *Washington Post* é dogma de fé.

### OSAMA BIN LADEN E O "CHOQUE DE CIVILIZAÇÕES"

Os pilares ideológico-propagandísticos em que se apoiou a elite norte-americana no caso do atentado de 11 de Setembro foram precisamente os expostos por Huntington no seu *Choque de Civilizações* (23). De acordo com o professor de Harvard, os próximos conflitos bélicos terão de ser regidos pelas diferenças entre civilizações e não tanto pelos interesses políticos da nações. O conteúdo do texto na sua essência não passa da proposta ideológica de que o inimigo a vencer a partir do fim da Guerra Fria são as civilizações diferentes dado que a sua *alteridade* atenta contra os “nossos – deles – princípios e valores mais fundamentais”. Essencialmente, e para fins políticos, a proposta de Huntington é que o inimigo a vencer já não são os “comunistas”, mas os “muçulmanos”, visto que, no dizer de Huntington: “as fronteiras do Islã se encontram banhadas de sangue”. De acordo com esta proposta – sempre dentro de um âmbito propagandístico, – de agora em diante, os responsáveis de tudo o que de terrível ocorrer nas relações internacionais pode ser atribuído aos “islâmicos” ( *what ever that means* ); a partir deste momento já não

importa que os “russos” ou os “comunistas” tenham desaparecido com o *Império do mal* (Reagan), pois já existe um novo bode expiatório que pode justificar a injeção direta de recursos no complexo militar-industrial norte-americano e os projetos bélicos que dele derivem. Embora qualquer analista sério de assuntos internacionais dê aos postulados de Huntington o valor que têm (de mera propaganda), o bombardeio midiático – quer em filmes, artigos ou comentários de “especialistas” nos meios de informação de massas, – já criou um cerco que, além de ser difícil de evitar, distorceu a percepção da realidade que tem o cidadão comum. Esta é uma campanha de guerra psicológica permanente que lhes tem sido muito eficaz até agora: “os árabes” são a nova ameaça internacional, *ergo*, temos – todo o mundo cristão – de combatê-los. É à luz destes antecedentes que tem de se estudar o tratamento midiático do atentado e das suas consequências sócio-políticas.

Evidentemente, esta propaganda ideológica é para consumo interno – isto é, para todos os países não muçulmanos. Com este fundamento ideológico (intoxicação propagandística), vender ao mundo ocidental a idéia de que os autores dos atentados ao Pentágono e às Torres Gêmeas são de origem muçulmana é coisa fácil (24).

Segundo a propaganda oficial a intervenção no Afeganistão é um *meio* para alcançar um *objetivo*, que é acabar com Osama Bin Laden. Na realidade, passa-se o contrário: acusar Osama Bin Laden é um *meio* que vai permitir aos Estados Unidos conseguirem os *objetivos* que vimos. Osama Bin Laden foi apontado como *presumível responsável* do atentado, o que quer dizer que, em primeira instância, não passa de um *suspeito*; no entanto, o tratamento que guiou as ações posteriores dos Estados Unidos e seus aliados em relação a Bin Laden e à Al-Qaeda não foi o que se daria a um *suspeito*, mas sim a um *culpado*. A distinção é importante porque após os acontecimentos que fizeram de Bin Laden o homem mais

procurado do mundo, os Estados Unidos e seus aliados nunca mostraram nada mais que *suspeitas* e “provas” tão fracas da sua culpabilidade que a sua utilização para uma condenação num julgamento sério e formal seria ridícula. Isto não quer dizer que o saudita seja um anjo de bondade, só quer dizer que apontá-lo como culpado sem apresentar provas concludentes – como efetivamente ocorreu – é muito fácil, como o é também fazer o público acreditar nisso (coisa que também aconteceu).

Todos os que sem pensar condenam Bin Laden não reparam no fato de que, além de ter ligações pessoais-empresariais à família Bush, ele foi também um agente destacado da CIA enquanto se tratou de combater o *Império do Mal* no Afeganistão. Tal como no passado o governo norte-americano o utilizou contra um amigo externo e depois como inimigo, hoje utiliza-o como bode expiatório para justificar os objetivos internos e de política externa que vimos acima. É certo que Bin Laden dirige uma organização terrorista responsável por uma série abundante de graves atentados terroristas; contudo, vale a pena refletir sobre a conveniência real que teria para Bin Laden a realização destes atentados. Quem o rotula de responsável direto da ação de 11 de Setembro omite um dado revelador. A Al-Qaeda, a organização de Osama Bin Laden, opera em pelo menos 60 países, dos quais fazem parte o Paquistão e o Afeganistão. Que sentido teria realizar um atentado como o de 11 de Setembro se a reação imediata dos Estados Unidos seria bombardear o Afeganistão, provavelmente o único país no mundo em que Bin Laden teria um refúgio seguro pela sua afinidade com o talibã?. Poder-se-ia alegar que a visão política de Bin Laden se limita ao âmbito regional, mas dificilmente poderá ser verdade, se consideramos o alcance internacional que tem a Al-Qaeda. Como alguns analistas chegaram a afirmar corretamente: após o 11 de Setembro, quem quer que seja o autor do atentado, tornou-se imediatamente o melhor aliado dos norte-americanos e o pior inimigo do Islã, pois foi este último que ficou mais prejudicado (25).

Curiosamente, dentro de um uso excessivo de termos como “fundamentalismo” e “radicalismo” (propagandisticamente utilizados para desqualificar “os muçulmanos”), a posição mais comedida demonstrou-a o talibã e até o próprio Bin Laden, sendo eles os “intolerantes muçulmanos radicais fundamentalistas” por excelência. Numa das suas primeiras declarações, Osama Bin Laden chegou a garantir que se apresentassem provas – note-se que pediu *provas* – indicando que foi ele o autor, estava disposto a entregar-se a um tribunal internacional imparcial. Por seu lado, o regime talibã a todo o momento manteve a disposição de negociar para evitar um confronto bélico. Até aqui, tanto a afirmação de Bin Laden como a dos talibãs são tudo menos radicais e/ou fundamentalistas. De fato, são propostas por demais racionais que tiveram como resposta a recusa sistemática à negociação por parte dos Estados Unidos e seus aliados, e a agressão sem fundamento contra o povo afegão.

## O TRIUNFO

Se a hipótese que me propus defender for correta – a do auto-atentado – então os fatos que ocorreram pouco depois do 11 de Setembro significaram um êxito praticamente absoluto para George W. Bush. Os benefícios para a classe política no poder nos Estados Unidos foram imediatos. Poucas horas depois do atentado foi aprovado quase por unanimidade – só se opôs uma congressista afro-americana – um orçamento de 40 mil milhões de dólares para enfrentar a crise, dos quais 20 mil milhões teriam um uso exclusivamente militar. Esta ação teve diversos resultados:

1) Dava-se por acabado o debate interno entre republicanos e democratas quanto à orientação que deveriam ter as dotações orçamentais. Tem de se recordar que enquanto os democratas

pretendiam um orçamento reforçando a política social, os republicanos estavam por um orçamento mais focado nas questões militares e de segurança interna. Como vimos acima, ao perderem os republicanos o controle absoluto do congresso, era incerta a possibilidade de levarem por diante os seus projetos. Após os atentados, este problema ficou resolvido.

2) Ter disponíveis não menos de 20 mil milhões de dólares prontos para contratos com a indústria militar traduz-se, em primeiro lugar, num balão de oxigênio para as firmas ligadas a esta indústria, pois não podemos esquecer que a desaceleração econômica que sofriam os Estados Unidos estava prestes a transformar-se numa recessão, que desencadearia como consequência uma crise econômica de grandes proporções. Assim, se havia uma indústria que devia ser salva, tinha de ser a militar pela afinidade política que existe entre estas empresas e a ideologia e os antecedentes de George W. Bush e seu gabinete.

3) Ter um cheque em branco de mais de 20 mil milhões de dólares (26) para contratos com as firmas da indústria militar, é sem dúvida uma grande oportunidade para saldar as dívidas eleitorais que contraíram Bush e a sua equipe com estes setores que abertamente lhes deram todo o apoio durante o período eleitoral. Assim, resolvido o problema do congresso e da falta de fundos para gastos militares, não há razão para não saldar as dívidas da campanha.

4) Intervir militarmente no Afeganistão é a ponta de lança do que posteriormente pode ser assegurar as fontes energéticas do Mar Cáspio.

5) O choque psicológico que foi para o povo norte-americano ver em todos os canais de televisão como se desmoronaram as Torres Gêmeas e como se encontrava ferido o centro do seu poder militar; além de

observar com raiva como se “festejava” na Palestina, foi demasiado, embora positivo para os projetos intervencionistas dos republicanos, dado que assim se superava – embora de forma transitória – a chamada “Síndrome do Vietnam”, isto é, a oposição de um povo a empreender uma guerra de agressão contra uma nação mais fraca. Este problema vinha-se arrastando desde a década de Setenta, mas após o atentado a “Síndrome do Vietnam” foi superada pelos sentimentos racistas, xenófobos e *patrioteiros* (que não patriotas) que o governo – através dos meios de comunicação – conseguiu despertar na sua população.

6) A restrição das liberdades civis como medida de “segurança”, que foi implementada por George W. Bush, deu carta branca às agências de segurança e espionagem política para fazer praticamente o que quiserem dentro dos Estados Unidos. Após os atentados e de acordo com as novas disposições, nesse país basta só a suspeita de terrorismo para dar a qualquer agente de segurança norte-americano a faculdade de deter qualquer pessoa por mais de 72 horas – para ser interrogada – sem a obrigação de a apresentar perante um juiz; igualmente, esta mesma suspeita de terrorismo abre a possibilidade de revistar o domicílio de qualquer pessoa sem necessidade de ordem de busca; e também se aprovaram disposições jurídicas para julgar pessoas suspeitas em segredo e condená-las até mesmo à pena capital na sua ausência e sem o seu conhecimento. A aplicação de todas estas medidas de corte fascistoide acarreta o perigo de poderem ser utilizadas como mecanismos de repressão da dissidência política interna com a desculpa do combate ao terrorismo.

7) Finalmente, a coragem popular do povo norte-americano – justificada sem dúvida, apesar de manipulada politicamente – exigia uma resposta rápida e contundente de George W. Bush, pelo que era a oportunidade perfeita para o novo presidente se legitimar perante uma sociedade que

não votou nele e que, de fato, não acreditava nele como presidente. O ataque ao Afeganistão é uma ação com todos os títulos de violação não só dos direitos humanos mais fundamentais mas também contrária aos princípios mais básicos do direito internacional estabelecidos na carta das Nações Unidas. Esta ação permitiu a Bush demonstrar a ferocidade de que era capaz “para defender a pátria” tentando a *Justiça Infinita* primeiro, e *Liberdade Duradoura* depois. Para além da retórica, a guerra de agressão empreendida contra o Afeganistão permitiu a George W. Bush obter do seu público interno a legitimidade que não conseguiu nas urnas.

Como se pode observar, a resposta que deu a elite norte-americana à crise originada pelo atentado coincide totalmente com as necessidades políticas internas e externas da classe política no poder. É por isso que convém reafirmar o que já se exprimiu acima: quem quer que tenha sido o responsável pelos atentados em Washington e Nova Iorque fez um grande favor ao regime de George W. Bush e aos setores mais conservadores da classe política norte-americana. Foram eles os beneficiários absolutos de um atentado que ao Islã e seus seguidores em geral não trouxe nada de bom em nenhum sentido.



## CONCLUSÕES

Por tudo o que vimos, podemos tirar uma série de conclusões que, sem serem definitivas (teriam de ser avaliadas pelos acontecimentos futuros), podem servir como referência para decodificar o atentado de 11 de Setembro e a posterior agressão ao Afeganistão como o que de fato são: lições de *real politik*.

1. Os Estados Unidos responderam a um ato de terrorismo com meios terroristas totalmente proibidos pela legislação internacional, fato pelo qual se colocam – eles e quem os apóia – à mesma altura de quem cometeu o atentado de 11 de Setembro.
2. O apoio das nações às operações militares no Afeganistão responde a

interesses de classe no caso dos países ricos, a medo no caso das nações pobres, e a interesses de estabilização política no caso dos países da Ásia Central, e a Rússia e China em certa medida.

3. Os antecedentes da política externa norte-americana fizeram-nos crer na possibilidade real de serem objetivo de atentados terroristas de grande envergadura. Devido a muitos países terem sido agredidos e sofrido violações severas aos seus direitos humanos, esses mesmos países poderiam ser suspeitos da autoria dos atentados de 11 de Setembro; contudo nenhum deles tem capacidade real para organizar e executar um golpe com as características do ocorrido a 11 de Setembro.

4. A participação das mais altas esferas do poder norte-americano na realização dos atentados de 11 de Setembro é um requisito incontornável para a execução de um atentado como o que teve lugar nessa data, enquanto nenhum grupo isolado – ou inclusivamente com o apoio de algum Estado – teria a capacidade por si só de executá-lo tal como foi. Por outras palavras, a cumplicidade interna em altos níveis resulta indispensável.

5. As condições políticas internas bem como o contexto internacional que rodearam o atentado são antecedentes que, juntamente com as vantagens que traz a médio e longo prazo a “vingança” contra os “terroristas” no Afeganistão, são importantes pois demonstram que a elite norte-americana tinha motivos políticos reais e de peso para montar um auto-atentado, como já aconteceu no passado. Além de que a natureza do governo em funções reforça esta possibilidade como uma opção real.

6. O fato de não se terem dado a conhecer provas juridicamente concludentes que sirvam para demonstrar a culpabilidade de Osama Bin

Laden e da sua organização Al-Qaeda, e de já se ter empreendido uma ação militar – que juridicamente se pode interpretar como uma guerra de agressão, – reforçam a tese de que os Estados Unidos não procuraram culpados mas sim bodes expiatórios que lhes permitam fazer o que deviam fazer para preservar o *status quo*. Por outras palavras, não se procurou quem a fez, mas quem a pague; e não para executar uma “vingança” mas para conseguir, com maior facilidade, os objetivos políticos da nova administração dos Estados Unidos.

7. Os meios de informação serviram de idôneo mecanismo para despertar sentimentos de xenofobia, racismo, chauvinismo e mesmo de atitudes neofascistas ao fazerem uso sistemático da desinformação e da intoxicação informativa por meio de estímulos propagandísticos baseados nos esquemas estabelecidos por Samuel P. Huntington para o pós-guerra fria. Dentro destes esquemas, Osama Bin Laden era muito fácil de vender como culpado independentemente de ser o verdadeiro culpado ou não.

8. As características políticas presentes na região da Eurásia fazem do Afeganistão uma jóia em termos geopolíticos. A sua localização e a possibilidade de estabelecer um complexo militar norte-americano no Afeganistão, faziam deste país a chave para o controle geopolítico e geoeconômico da região; assim, o ataque e o – muito provável – controle do Afeganistão por parte dos Estados Unidos coincide com os seus objetivos e as suas estratégias de domínio de recursos e de contenção dos seus adversários políticos na região.

9. A agressão da aliança militar mais poderosa da história contra um dos países mais pobres do globo não é coisa nova e tem como objetivo, além do controle regional, o aviso às nações do terceiro mundo por parte das nações ricas: como ocorreu na Nicarágua, Guatemala e Vietnam entre outros, que o terceiro mundo não pode nem deve fazer nada que não

coincida com os interesses das nações do primeiro mundo sem correr o risco de ser agredido por este.

10. Os setores mais duros e conservadores da elite política nos Estados Unidos foram os mais beneficiados pelos acontecimentos de 11 de Setembro, do mesmo modo que também os setores mais duros dos grupos anti-norte-americanos resultaram beneficiados. Os mais prejudicados foram os setores moderados e racionais, assim como o direito internacional e todos os avanços que se tinham conseguido como os princípios de resolução pacífica das controvérsias e de proscricção da ameaça internacional.

11. A forma como ocorreram os acontecimentos de 11 de Setembro, os antecedentes que gravam sobre o governo norte-americano, a natureza da administração que está atualmente em funções, o comportamento que teve a administração Bush perante a crise e as oportunidades que a curto, médio e longo prazo trouxeram consigo as tragédias de Washington e Nova Iorque são elementos suficientes para afirmar que o que se exhibe como um *atentado* foi na realidade um *auto-atentado*.

12. A lógica que pode explicar as guerras e o que é conhecido como “terrorismo” no Século XXI não é muito diferente da que se aplica para entender os mesmos fenômenos no Século XX: os ricos contra os pobres, os fortes contra os fracos e os que têm mais do que querem contra os que não sabem sequer se têm a si próprios.

## BIBLIOGRAFIA E HEMEROGRAFIA

### LIVROS

BRZEZINSKY, Zbigniew, *The Grand Chessboard*, Edit. Basic Books, New York, 1997.

CHOMSKY, Noam & Herman, Edward S., *Los Guardianes de la Libertad*, Edit. Grijalbo Mondadori, España, 1995.

\_\_\_\_\_ *The New Military Humanism: Lessons From Kosovo*, Edit. Common Courage Press, New York, 1998.

\_\_\_\_\_ *Lo Que Realmente Quiere el Tio Sam*, Edit. Siglo XXI, México, 1997.

\_\_\_\_\_ *Como Mantener a raya a la Plebe*, Edit. Siglo XXI, México, 2001.

DIETERICH, Heinz, *Cuba ante la Razón Cínica*, Edit. Nuestro Tiempo, México, 1994.

\_\_\_\_\_ *EU y el Terrorismo Internacional*, Edit. Plaza e Valdez, México, 1988.

\_\_\_\_\_ *Identidad Nacional y Globalización; La Tercera Vía; Crisis en las Ciencias Sociales*, Edit. Nuestro Tiempo, México, 2000.

FERNÁNDEZ. M., Jorge, *Narcotráfico y poder*, Edit. Rayuela, México, 1999.

GARCÍA R., Miguel & OJEDA F. Djalma, *El Nuevo Orden Petrolero Global: El Mercado en Manos de los Monopolios*, Edit. Media Comunicación, México, 1999.

GONZÁLEZ J., Mónica & SÁNCHEZ R., Pablo T., *Minorías Étnicas y*

Movimientos Separatistas en el Mundo, Edit. Quimera, México 2001.

GUTIÉRREZ DEL CID, Ana Teresa, Rusia y Estados Unidos en la Posguerra Fría, Edit. UAM-X, México, 2000.

\_\_\_\_\_ Rusia en la Era de Vladimir Putin y el Conflicto Checheno, Edit. Quimera, México, 2001.

HUNTINGTON, Samuel P., El Choque de Civilizaciones y la Reconfiguración del Nuevo Orden Mundial, Edit. Piados, México, 1998.

JALIFE-RAHME, Alfredo, El Lado Oscuro de la Globalización: Post-Globalización y Balcanización, Edit. Cadmo & Europa, México, 2000.

\_\_\_\_\_ Guerras Geoeconómicas y Financieras: Del Golfo Pérsico al Golfo de México, Edit. Niza, México, 1997.

KLARE, Michael T. & KORNBLUH, Peter, Contrainsurgencia, Proinsurgencia y Antiterrorismo en los 80's, Edit. CONACULTA, México, 1995.

KURNITZKY, Horst. (comp.), Globalización de la Violencia, Edit. Colibrí, México, 2000.

MARCHETTI, Victor & MARKS, John D., La CIA y el Culto del Espionaje, Edit. Euros, España, 1975.

MONTIEL T., Fernando & DIETERICH, Heinz, Geopolítica y Globalización en México y América Latina: Del ALCA a los Acuerdos de San Andrés, Edit. Quimera, México, 2002.

PEARSONS, Frederic S. & ROCHESTER, J. Martin, Relaciones

Internacionales: Situación Global en el Siglo XXI, Edit. Mc.Graw Hill, México, 2000.

SÁNCHEZ R. Pablo T. , Rusia: Un Futuro Incierto, Edit. Rus, México, 1998.

V., Modesto, Derecho Internacional Público, Edit. Porrúa, México, 1998.

SHOULTZ, William, Estados Unidos y la Red Internacional de Terrorismo de Estado, Edit. Prisma, Chile, 1990

VARGAS LI., Alvaro, En el Reino del Espanto, Edit. Grijalbo, México, 2000

#### INSTITUTOS

Federation of American Scientists (<http://www.fas.org>)

Stockholm Institute Peace Research Institute (<http://www.sipri.se>)

Organização das Nações Unidas (<http://www.um.org>)

#### NOTAS

1. Obviamente podemos deixar de considerar que em muitos casos a "violência" de que se acusa estes Estados é infinitamente menor do que a que exerce diariamente contra eles o seu acusador, ou até a própria acusação é infundada.

2. Com efeito, após a catástrofe, o governo cubano ofereceu todo o auxílio em pessoal médico que os Estados Unidos viessem a requerer para lidar com a crise. A atitude poderá parecer paradoxal perante o recorde

de “assistência” humanitária que têm tido os governos norte-americanos para com a ilha, mas não é assim. O governo cubano compreende que pelos crimes de uma elite política criminoso e agressiva nos Estados Unidos, não há motivo para negar auxílio à população que ela governa. Isto em poucas palavras chama-se coerência e decência política.

3. Além de não podermos esquecer o fato de que após um atentado como o que nos ocupa, o lógico seria um recrudescimento das penúrias e das carências só pela suspeita de participação.

4. A perfeição com que foi executado o atentado implicaria um prolongado e complicado plano, assim como a disposição de recursos humanos e tecnológicos que com dificuldade adquiriria um roque state .

5. Embora oficialmente tanto o Mossad como a CIA sejam agências de informação e/ou espionagem, em termos reais encaixam-se sem nenhum problema como grupos terroristas também. Fatos como os assassinatos de militantes palestinos efetuados pelo Mossad por ordem de Golda Meier assim o comprovam. O mesmo é válido para a CIA, que juntamente com a DINA chilena facilitou o assassinio de Orlando Letelier na cidade de Washington após o golpe militar que custou a vida a Salvador Allende em 1973. De fato, no livro *La CIA y el Culto del Espionaje*, Victor Marchetti e John D. Marks (ex-agente da CIA e ex-funcionário do Departamento de Estado respectivamente) concluem que a CIA, mais que uma agência de espionagem tem funcionado como uma agência de intervenção, enquanto a sua função principal é: “...a promoção da política exterior do governo dos Estados Unidos utilizando meios encobertos e frequentemente ilegais... trata de favorecer o papel dos Estados Unidos – papel que estes se atribuíram a si mesmos – como árbitro dominante nas transformações políticas, econômicas e sociais que experimentam os países da Ásia, África e América Latina...” (Marchetti, Victor & Marks, John D., *La CIA y el Culto*

*del Espionaje*, Edit. Euros, España, 1975, p. 32). Apesar de estas palavras terem sido escritas nos tempos da Guerra Fria, hoje, mais de 25 anos depois, não perderam a sua validade.

6. Contudo, estas organizações podem ser as responsáveis pelos ataques com antrax que se registraram a seguir ao 11 de Setembro, pois ao contrário dos atentados contra o Pentágono e o World Trade Center, preparar antrax não é difícil nem requer grande preparação técnica e logística.

7. De fato, a relação entre Bin Laden e a elite norte-americana chegou a tal ponto – particularmente com a família Bush – que até a própria família do atual presidente dos Estados Unidos chegou a travar negócios com a família do saudita.

8. O sudeste asiático, a América Central e América do Sul são eloquentes exemplos a esse respeito. A bibliografia é ampla, ver Schoultz, William, *Estados Unidos y la Red Internacional de Terrorismo de Estado*, Edit. Prisma, Chile, 1986 e Chomsky, Noam & Herman, Edward, *Los Guardianes de la Libertad*, Edit. Grijalbo-Mondadori, España, 1995, entre outros.

9. Tanto os “comunistas” como os “terroristas muçulmanos” não são mais que mecanismos linguísticos de propaganda que permitem ao polícia do mundo perseguir, atacar e até matar quem quer que se oponha às ordens da classe dirigente, sejam estes sindicalistas, líderes estudantis ou defensores dos direitos humanos ou ecologistas. Isto é natural dado que no dizer de Edward S. Herman: “O atual governo de Washington achou possível designar arbitrariamente como 'terroristas' qualquer grupo ou país que se lhe oponha e isto é transmitido ao público pelos meios de informação de massas sem ser submetido a crítica séria ou provocar o riso... Na sua manipulação semântica de terrorismo e de outras palavras



relacionadas, os Estados Unidos e os seus porta-vozes intelectuais têm de utilizar uma série de artifícios para diferenciar os amigos e a si próprios dos terroristas”. (Herman, Edward S., *El Patrocinio Estadounidense del Terrorismo Internacional. Un Examen General*, in E.U. y el Terrorismo Internacional, Dieterich, Heinz (comp.) Edit. Plaza e Valdéz, México, 1988. p. 70-71).

10. Fernández M., Jorge, *Narcotráfico y poder*, Edit. Rayuela, México, 1999. p. 19-20.

11. Dieterich, Heinz, *El ALCA y el Plan Colombia: Por el Control de América Latina*, en *Geopolítica y Globalización en México y América Latina: Del ALCA a los Acuerdos de San Andrés*, Montiel T., Fernando & Dieterich, Heinz, (coordenadores), Ed. Quimera, México 2001.

12. Ex-diplomata cubano. Especialista em política russa.

13. Sánchez, Pablo T., *El Conflicto en Chechenia*, en *Minorías Étnicas y Movimientos Separatistas en el Mundo*, González, Mónica & Sánchez, Pablo T., (coord.), Edit. Quimera, México 2001, p. 107. (O sublinhado é nosso.)

14. Não é de estranhar o espírito belicoso de Sharon; basta recordar que, como membro destacado do Partido de ultradireita Likud, tem participado em todas as conflagrações bélicas que enfrentou o Estado de Israel – a ponto de estar perdendo o ouvido – desde a sua criação por mandato norte-americano imediatamente após o fim da Segunda Guerra Mundial. Sharon é também o responsável direto pelas matanças nos acampamentos de refugiados de Sabra e Shatila na década de Oitenta em que milhares de pessoas inocentes perderam a vida.

15. A “globalização” é a característica principal do sistema internacional e assenta numa nova divisão internacional do trabalho que afeta todas as esferas da vida humana: política, economia, cultura, etc.

13. Zbigniew Brzezinski (ex-conselheiro de Segurança Nacional na administração Carter) chegou a denominar a região da Ásia Central como “Os Balcãs Euro-asiáticos” denotando assim a complexa composição étnico-religiosa que prevalece na região e que a transforma num barril de pólvora político que a médio prazo poderá incendiar-se pelos interesses que se cruzam na região. (Brzezinski, Zbigniew, *The Grand Chessboard*, Edit. Basic Books, New York, 1997. p. ).

17. Nesta região também temos de considerar que existe um grande potencial petrolífero que não tem podido ser explorado porque: “...se carece de infra-estruturas de comunicações... além de se poderem manter fechadas por causas políticas ou questões técnicas...” (García R., Miguel & Ojeda F. Djalma., *El Nuevo Orden Petrolero Global: El Mercado en Manos de los Monopolios*, Edit. Media Comunicación, México, 1999. p 20).

18. O perigo é tão real que, como produto destes acordos, o exército russo tem colocados cerca de 20 mil soldados na fronteira entre o Tadjikistão e o Afeganistão para conter o expansionismo islâmico (Gutiérrez del Cid, Ana Teresa, *Rusia en la Era de Vladimir Putin y el Conflicto Checheno*, Edit. Quimera, México 2001).

19. Salvo o Irã, embora haja relatórios da CIA a considerar que para 2002 teria a possibilidade real de o desenvolver. Ao clube nuclear tem de se acrescentar Israel, país que, embora não a tenha reconhecido de forma aberta e oficial, a sua capacidade nuclear é de todos conhecida. De acordo com o Dr. Alfredo Jalife: “Segundo um documento secreto do

Departamento de Energia dos EUA... Israel é a sexta potência nuclear mundial. O documento proclama que Israel dispõe de 300 a 500 kgs. de armas carregadas de plutônio, suscetíveis de serem transformadas em 250 ogivas nucleares..." (Jalife-Rahme, Alfredo, *El Lado Oscuro de la Globalización: Post-Globalización y Balcanización*, Edit. Cadmo & Europa, México, 2000, p. 193). A razão por que é sistematicamente negada esta capacidade nuclear tanto pelo governo dos Estados Unidos como pelo israelita é porque: "...a legislação sobre ajuda estrangeira de 1977 proíbe fundos a qualquer país que secretamente produza armas nucleares". (Chomsky, Noam, *Lo Que Realmente Quiere el Tio Sam*, Edit. Siglo XXI, México, 1997. p 75-76). Assim, negar a capacidade nuclear israelita permite aos Estados Unidos continuar a apoiá-los.

20. Manufacturing Consent é o título original com que foi publicado *Los Guardianes de la Libertad*. O título deriva de um texto escrito por Walter Lippman em que se aborda a criação artificial do consenso popular através dos meios de informação.

21. Montañó, Martha, *Abkhazia: País Desconocido, Conflicto Oculto*, em *Minorías Étnicas y Movimientos Separatistas en el Mundo*, González, Mónica & Sánchez, Pablo T. (coord.), Edit. Quimera, México, 2001. p. 111.

22. Este serviço era o encarregado de conseguir o apoio popular da sociedade aos atos de terrorismo de Estado que os Estados Unidos patrocinavam contra a Nicarágua na década de Oitenta.

23. Daí que não seja estranho que pouco depois do atentado, os exemplares do livro disponíveis em todas as livrarias começassem a ostentar uma cinta promocional que dizia: "O livro mais citado após os atentados de 11 de Setembro" como se o livro tivesse antecipado que iria suceder uma coisa assim. O livro tem fins propagandísticos e nada mais,

visto que no dizer do Dr. Heinz Dieterich (citando Huntington) "o presente livro não é nem tem pretensões de ser uma obra de ciências sociais" e então o Dr. Dieterich interroga-se: "Se o Choque de Civilizações não é uma obra de caráter científico, conforme certifica o próprio autor, então a que gênero pertence? Se alguém se der ao incômodo de ler as quase quatrocentas páginas, a resposta é óbvia: trata-se de uma obra propagandística imperial, carente de rigor e valor científico..." (Dieterich, Heinz, *Identidad Nacional y Globalización; La Tercera Vía; Crisis en las Ciencias Sociales*, Edit. Nuestro Tiempo, México, 2000. p. 51).

24. Além disso devemos ter em conta que Osama Bin Laden é o saudita milionário dono e senhor de uma perigosíssima rede terrorista internacional, ou seja, o "mau perfeito" para uma sociedade dominada pelos estereótipos de Hollywood.

25. Obviamente desta afirmação ficam excluídos os grupos militantes radicais do Islã. (Para mais informação a este respeito ver os ensaios de Noam Chomsky e de Heinz Dieterich neste mesmo volume).

26. Este montante não é pequeno e é importante destacá-lo pois é 15 vezes superior ao conferido ao Plano Colômbia – posteriormente rebatizado como Iniciativa Andina – cujo alcance não é regional (cone sul) mas continental. Para este Plano foram atribuídos 1.300 milhões de dólares que irão ser utilizados em mais de 80% para questões exclusivamente militares, embora o Plano seja apresentado como um projeto predominantemente social. Para saber mais a este respeito ver de Heinz Dieterich *La Cuarta Vía al Poder: Venezuela, Colombia, Ecuador e Geopolítica y Globalización en México y América Latina: Del ALCA a los Acuerdos de San Andrés*, Montiel, Fernando & Dieterich Heinz (coords.) ambos publicados por Edit. Quimera, México 2001.

Tradução de José Colaço Barreiros

\*Analista. Diretor Editorial da Editorial Quimera, do México. Co-autor, coordenador e editor do livro "Geopolítica y Globalización en México y América Latina: Del ALCA a los Acuerdos de SanAndrés" .

Fonte: resistir.info (<http://resistir.info>).

## **O CASO VILLAS BOAS**

### **A fantástica história do brasileiro abduzido por extraterres**

Na tarde de 22 de fevereiro de 1958, Antônio Villas Boas prestou o seguinte depoimento, na cidade do Rio de Janeiro, no consultório médico do Dr. Fontes e na presença do jornalista João Martins, testemunha. Eis a transcrição:

"Meu nome é Antônio Villas Boas, tenho 23 anos, sou agricultor, vivo com a minha família numa fazenda, de nossa propriedade, situada nas imediações da cidade de São Francisco de Sales, Estado de Minas Gerais, perto dos limites do Estado de São Paulo. Tenho dois irmãos e três irmãs, todos eles morando na vizinhança; outros dois irmãos meus já faleceram. Todos os homens da família trabalham na fazenda, cujas terras abrangem campos extensos e muitas plantações a serem cuidadas. Para lavrar a terra, temos um trator com motor a gasolina, marca Internacional, com o qual trabalhamos em duas turmas, uma diurna, outra noturna, na época do plantio. De dia, trabalham os trabalhadores rurais, nossos empregados, de noite, eu costumo trabalhar sozinho ou, às vezes, junto com meus irmãos. Sou solteiro, tenho boa saúde, trabalho duro, faço curso por correspondência e estudo, sempre que posso. Para mim foi um sacrifício viajar até o Rio, pois estão precisando de mim, lá na fazenda. No entanto, considereei meu dever relatar os acontecimentos extraordinários nos quais fui envolvido. Farei de bom grado tudo quanto os senhores acharem que devo fazer e também prontifico-me a depor perante autoridades civis e militares.

'Uma luz forte...'

Tudo começou na noite de 5 de outubro de 1957. Naquela noite, tivemos visita, razão pela qual fomos dormir somente lá pelas 23 h, bem depois da hora de costume. Eu estava no meu quarto, em companhia do meu irmão João. Fazia bastante calor naquela noite e, por isso, abria a janela, que dá para o terreiro, quando lá vi uma luz brilhante, que iluminava todo o ambiente. Era uma luz bem mais clara do que aquela do luar e não consegui saber de sua procedência. Mas, evidentemente, deveria ser refletida de lá, bem em cima, pois me deu a impressão de holofotes dirigidos para baixo e iluminado a nossa fazenda toda. Porém, lá no céu, eu não pude distinguir coisa alguma. Chamei por meu irmão, para ele também ver aquela luz, mas, recatado e comodista como ele só, não se incomodou e achou melhor dormimos. Em seguida, fechei as venezianas e ambos fomos dormir. No entanto, aquela luz não me saía da cabeça e nem me deixava pregar os olhos de modo que, sentindo uma curiosidade imensa, tornei a levantar-me e a abrir as venezianas, para ver o que se passava lá fora. A luz continuava inalterada, no seu lugar. Fiquei de olhar fixo naquela luz quando, de repente, se deslocou para perto da minha janela. Assustado, bati as venezianas, com tamanho barulho que acordei meu irmão que entrementes tinha adormecido. Dentro do quarto escuro, ele e eu acompanhamos a luz que entrava pelas venezianas; passou em direção ao telhado, de onde penetrou, então, pelas frestas entre as telhas. Por fim, a luz desapareceu e não voltou mais.

Uma tentativa de 'caça' ao objeto

A 14 de outubro houve o segundo incidente. Deve ter ocorrido lá pelas 21h e 30 m e 22h, não posso precisar a hora exata, pois não tinha relógio comigo. Trabalhei com o trator, em companhia de um outro dos meus irmãos. De repente, avistamos uma luz muito clara, penetrante, a ponto de doer a vista. Quando a vimos, pela primeira vez, despontou grande e redonda, como uma roda de carroça, na ponta norte do campo, cuja terra lavramos, era de um vermelho-claro e iluminou uma grande área. Distinguimos alguma coisa dentro da luz, ela deslocou-se, repentina e ultravelozmente, para a ponta sul do campo, onde ficou novamente parada. Corri atrás da luz, que então, tornou a voltar para onde estava antes. Tornei a correr atrás, mas ela fugiu de mim. Então, desisti de pegá-la e voltei para junto do meu irmão. Por uns poucos minutos a luz ficou imóvel, à distância, ela parecia emitir raios intermitentes, em todas as direções, que me fizeram pensar nos raios do sol poente. Em seguida, desapareceu tão repentinamente que tive a impressão de ter sido apagada. No entanto, não tenho certeza absoluta dessas coisas, realmente, se terem passado dessa maneira, pois não sei mais se, por aquele tempo todo, olhei em direção da luz. Talvez tenha desviado o olhar por algum instante, quando, então, poderia ter subido de repente e, quando tornei a olhá-la, já não estava mais lá, tinha sumido.

O contato

No dia seguinte, 15 de outubro, trabalhei sozinho com o trator. Foi uma noite fria e o céu noturno, claro, estava salpicado de estrelas.

Precisamente à 1 h vi uma estrela vermelha, de aparência igual à de uma daquelas grandes estrelas bem claras. No entanto, percebi logo que não se tratava de uma estrela, pois aumentou progressivamente de tamanho e parecia aproximar-se de mim. Dentro de alguns instantes, ficou um objeto brilhante, da forma de um ovo e com velocidade incrível. A sua aproximação era tão veloz que já estava sobre o trator, antes que eu pudesse pensar o que deveria fazer. De repente, o objeto ficou parado e desceu até uns 50 m acima da minha cabeça. O trator e o campo ficaram iluminados, como mergulhados em plena luz do dia. A luz dos faróis do meu trator ficou completamente ofuscada por aquele brilho penetrante, vermelho-claro. Senti um medo horrível, pois não podia fazer idéia do que aquilo seria. Eu queria fugir com o trator, mas, em comparação com a velocidade daquele objeto, a sua marcha era lenta demais e foram inúteis todos os meus esforços para acelerá-lo. Outrossim, pular do trator e tratar de fugir a pé, correndo na terra recém-lavrada, tampouco me teria adiantado qualquer coisa; ademais, desse jeito, eu me teria arriscado a fraturar a perna. Enquanto eu fiquei lá, uns dois minutos, hesitante, sem saber o que fazer, a luz tornou a deslocar-se e parou a uns 10 a 15 m à frente do meu trator, para, então, lentamente, pousar no solo.

#### Descrição do OVNI

Aproximou-se de mim, mais e mais, até quando pude distinguir que se tratava de uma máquina fora do comum, quase redonda, com pequenas luzes vermelhas dispostas em toda a circunferência. À minha frente, havia um enorme farol vermelho, que ofuscou minha vista, quando o objeto

desceu lá de cima. Agora distinguia nitidamente os contornos da máquina; ela era parecida com um ovo alongado, apresentando três picos, um no meio e um de cada lado. Eram picos metálicos, de ponta fina e base larga; não pude distinguir a sua cor, por causa da forte luz vermelha, na qual estavam mergulhados. Em cima havia algo rotando à alta velocidade, que, por sua vez, emitia luz vermelha, fluorescente. No instante em que a máquina desacelerou, para pousar, as rotações da peça giratória diminuíram e a luz mudou - assim me parecia - para o verde. Naquele momento, a peça giratória era como um prato ou uma cúpula achatada. Aliás, aquela peça giratória jamais parou, por um segundo sequer, mantendo-se em rotação permanente, mesmo depois do objeto voador encontrar-se no solo. A maioria desses detalhes só notei um pouco mais tarde porque, logo de início, fiquei nervoso demais para percebê-los. E quando, a alguns metros acima do solo, a parte de baixo do objeto se abriu e dele saíram três suportes metálicos, perdi os últimos resquícios do meu autocontrole. Evidentemente, estava descendo o "trem de pouso". Mas eu não estava disposto a esperar tanto.

#### Tentativa de Fuga

Durante esse tempo todo, o trator estava de motor ligado e, então, pus pé no acelerador, desviei-o do objeto voador e tentei escapar, quando após avançar por alguns metros, o motor parou e os faróis apagaram. Eu não sabia por que, pois o motor estava ligado e os faróis estavam acesos. Dei partida, mas o motor não pegou. Em vista disso, pulei do trator, detrás do objeto e corri. Porém, logo mais, um minúsculo ser estranho,

que mal chegava a altura dos meus ombros, pegou no meu braço.

### O seqüestro

Desesperado, apliquei-lhe um golpe, que o fez perder equilíbrio, largar o meu braço e cair para trás. Novamente, tentei correr, quando, instantaneamente, três outros seres alienígenas pegaram-me por trás e pelos lados, segurando meus braços e minhas pernas e levantando-me do solo, sem que eu pudesse esboçar sequer o menor gesto. Tentei livrar-me deles, mas me seguraram firme. Gritei por socorro, maldisse-os e exigi que me soltassem. Meus seqüestradores devem ter ficado espantados ou curiosos com aqueles meus gritos, pois, enquanto me levavam para o objeto voador, toda vez que abria a boca, me olhavam na cara, sem, no entanto, afrouxar, no mínimo, a garra com que me prendiam. Tirei esta conclusão da sua atitude comigo e, com isso, fiquei um pouco aliviado. Carregaram-me até a máquina, que estava pousada a uns 10 m acima do solo, sobre os suportes metálicos já descritos. Na parte traseira do objeto voador havia uma porta, que se abria de cima para baixo e, assim, serviu de rampa. Na sua ponta estava uma escada de metal, do mesmo metal prateado das paredes e que descia ao solo. Os meus seqüestradores alienígenas tiveram dificuldades em me fazer subir aquela escada, que só dava para duas pessoas, uma ao lado da outra e, além do mais, não era estável, balançando fortemente, com cada uma das minhas tentativas de livrar-me dos meus raptos. De cada lado havia um corrimão, da espessura de um cabo de vassoura, no qual me agarrei, para não ser levado para cima, o que fez com que eles tivessem de parar, a fim de tirar

as minhas mãos daquela peça. No entanto, também o corrimão era móvel e quando, depois, desci por aquela escada, eu tive a impressão de ser de elos de corrente.

### A espaçonave

Por fim, me deixaram em um pequeno recinto quadrado. A luz brilhante do teto metálico refletia-se nas paredes, de metal polido; era emitida por numerosas lâmpadas quadradas, embutidas debaixo do teto, ao redor da sala. Deixaram-me em pé, no chão. A porta de entrada, junto com a escada recolhida, levantou-se e fechou. O recinto estava iluminado como se fosse pela luz do dia, mas, mesmo nessa luz brilhante, não se percebia o lugar da porta que, depois de fechada, ficou totalmente integrada à parede; somente a escada metálica indicava o lugar, onde ela deveria achar-se. Um dos cinco seres presentes apontou com a mão para uma porta aberta e me fez compreender que eu deveria segui-lo para aquele recinto contíguo. Obedeci, já que não havia outro jeito. Prosseguimos, então, para aquele recinto, que era maior do que o outro e semi-oval. Lá, as paredes brilhavam como as da sala anterior. Creio que me encontrava bem no setor central da máquina, pois no meio havia uma coluna redonda, aparentemente maciça, cujo diâmetro diminuía no seu meio. Dificilmente aquela coluna estaria ali apenas a título de enfeite. A meu ver, ela suportava o teto. Os únicos móveis existentes eram uma mesa, de desenho esquisito, e várias cadeiras giratórias, parecidas com as nossas cadeiras de balcão de bar. Todos os objetos eram de metal. A mesa e as cadeiras tinham um só pé, no centro, que, na mesa, era firmemente

fincado na base, nas cadeiras, o pé era ligado a três reforços laterais salientes, por um anel móvel e embutido no piso. Assim, as cadeiras tinham movimento livre, para todos os lados.

#### Os exames

Os seres alienígenas continuaram a segurar-me e, evidentemente, conversavam a meu respeito. Quando digo "conversaram" é bom frisar que aquilo que ouvi não teve sequer a menor semelhança com sons humanos. Tampouco, posso imitar a sua fala. De repente, pareciam ter chegado à uma decisão. Todos os cinco, juntos, começaram a despir-me. Eu me defendi o melhor que pude, gritei, xinguei. Eles pararam, me olharam e tentaram fazer-me compreender que queriam passar por gente educada. No entanto, mesmo assim, continuaram a despir-me, até que fiquei completamente nu, não obstante os meus protestos violentos, debatendo-me fortemente durante todo aquele processo, não chegaram a machucar-me, nem a rasgar qualquer peça de minha roupa. Por fim, lá estava eu, completamente pelado e com um medo horrível, pois não sabia o que fariam em seguida. Um dos meus seqüestradores aproximou-se de mim, segurando algo na mão que me parecia uma espécie de esponja, com a qual passou um líquido em todo meu corpo. Era uma esponja bem macia, não uma daquelas esponjas comuns, e o líquido bem claro e inodoro, porém mais viscoso que água. Primeiro, pensei que fosse um óleo, mas não pode ter sido, porque minha pele não ficou oleosa, nem gordurosa; quando passaram aquele líquido no meu corpo, senti um frio intenso, pois, no interior da máquina a temperatura era bastante baixa.

Sofri por ficar despido, mas sofri ainda mais, depois de me terem passado aquele líquido e tremi como varas verdes, de tanto frio que senti. No entanto, o líquido secou logo e, pouco mais tarde, já não senti mais nada...

"...Então, três dos seqüestradores levaram-me para a porta, do lado oposto daquela pela qual entrei. Um deles tocou em algo, bem no centro da porta que, em seguida, se abriu para os dois lados, como uma porta de encaixar, de bar, feita de uma só folha, do piso ao teto. Em cima, havia uma espécie de inscrição com letreiros luminosos, vermelhos; os efeitos de luz deixaram aqueles letreiros salientes, destacados da porta em 1 ou 2cm. Eram totalmente diferentes de quaisquer dos símbolos ou caracteres que eu conheço. Procurei gravá-los em minha memória, mas, entretanto, já os esqueci. Em companhia de dois dos seres alienígenas, ingressei em uma pequena sala quadrada, iluminada como os demais recintos; a porta fechou-se atrás de mim. Quando olhei para lá, nada havia de porta, somente uma parede, igual às outras. De repente, a parede tornou a abrir-se e, pela porta, entraram mais dois seres; levavam nas mãos dois tubos de borracha, vermelha, bastante grossos, cada um medindo mais de um metro. Um dos tubos estava ligado por uma de suas pontas a um recipiente de vidro, em forma de taça; na outra ponta havia uma peça de embocadura, parecida com uma ventosa, que colocaram sobre a minha pele, debaixo do queixo, lá onde ainda tenho uma mancha escura, que ficou como cicatriz.

#### Sangria

Antes do alienígena iniciar a sua operação, ele comprimiu o tubo de borracha fortemente com a mão, como se dele quisesse expelir todo o ar. Logo de começo, não senti nem dores, nem comichão, mas notei apenas que minha pele estava sendo sugada; em seguida, senti que ela ardia e tive vontade de coçar-me; enfim, descobri que a pele ficou machucada, ferida. Depois de me terem colocado o tubo de borracha, vi como a taça se encheu, lentamente, do meu sangue, até a metade. Aí, então, pararam; retiraram o tubo de borracha e substituíram-no pelo outro. Sofri nova sangria; desta vez, no outro lado do queixo. Ali, os senhores podem verificar uma mancha escura, igual à que já lhes mostrei. Daquela vez, a taça ficou cheia, até a borda. Terminada a sangria, os homens retiraram o tubo de borracha e também nesse lugar a minha pele ficou ferida, ardendo e me deixando com coceira.

#### Mau cheiro e enjôo

Depois disso, eles saíram, fecharam a porta atrás de si e eu fiquei sozinho naquela sala. Por um bom tempo, ninguém se preocupou comigo e fiquei só, por mais de meia hora. Naquela sala não havia móveis, além de uma espécie de cama, sem cabeceira, nem moldura. Como aquela cama era curva, saliente para cima, bem no meio, não era muito cômoda, mas, pelo menos, era macia, como se fosse de espuma e coberta de uma fazenda grossa, cinzenta, também macia. Depois de tudo pelo que passei, me senti cansado, sentei-me naquela cama. No mesmo instante, senti um cheiro forte, estranho, que me causou náuseas; tive a impressão de inalar uma fumaça grossa, cortante, que me deixou quase asfixiado. Talvez fosse isto

mesmo, pois, quando examinei a parede, pela primeira vez, notei uma quantidade de pequenos tubos metálicos, fechados em uma das pontas, embutidos na parede, à altura da minha cabeça. Semelhantes a um chuveiro, apresentavam múltiplos furinhos, pelos quais saiu uma fumaça cinzenta, que se dissolveu no ar. Daí, o cheiro. Senti-me bastante mal e fiquei com ânsias de vômito, fui para um canto da sala e vomitei. Em seguida, pude respirar sem dificuldades, porém, continuei a sentir-me mal com aquele cheiro. Fiquei bastante deprimido. O que será que eles pretendiam comigo? Até àquela hora não fiz a menor idéia de como seria a aparência daqueles alienígenas.

#### Os seres

Os cinco usavam macacões bem colantes, de uma fazenda bem grossa, cinzenta, muito macia e, em alguns pontos, colada com tiras pretas. Cobrindo a cabeça e o pescoço, usavam um capacete da mesma cor, mas de material mais consistente e reforçado atrás, com estreitas tiras de metal. Este capacete cobria a cabeça toda, deixando à mostra somente os olhos, que pude distinguir através de algo parecido com um par de óculos redondos. Os homens estranhos fixaram-me com seus olhos claros, que me pareciam de cor azul. Acima dos olhos, o capacete tinha duas vezes a altura de uma testa normal. Provavelmente, sobre a cabeça, debaixo do capacete, usavam mais alguma coisa, invisível de fora. A partir do meio da cabeça, descendo pelas costas e entrando no macacão, à altura das costelas, notei três tubos redondos, de prata, dos quais não sei dizer se eram de borracha ou metal. O tubo central descia pela coluna vertebral à



esquerda e à direita desciam os dois outros tubos, até uns 10 cm abaixo das axilas. Não vi nenhuma depressão ou protuberância, que indicasse uma ligação entre esses tubos e um recipiente ou instrumento, escondido debaixo do macacão. As mangas do macacão eram estreitas e compridas; os punhos continuavam em luvas grossas. Percebi como os homens mal conseguiam tocar com as pontas dos dedos a parte interna da mão. Contudo, isto não os impediu de segurar-me com tamanha firmeza e manipular habilmente os tubos de borracha, enquanto me fizeram a sangria. Quanto aos seus macacões, creio que eram uma espécie de uniforme, pois todos os tripulantes usavam um escudo do tamanho de uma rodela de abacaxi. De lá, uma tira de pano, prateada ou de metal, ligava-se à cinta estreita, sem fivela. Nenhum dos macacões tinha bolsos ou botões. As calças eram compridas e colantes e continuavam numa espécie de sapatos, sem, no entanto, mostrar onde terminava a calça e começava o sapato. Todavia, a sola dos sapatos era de 4 a 7 cm de espessura; era bem diferente da dos nossos sapatos. Nas pontas, os sapatos eram levemente encurvados para cima, mas não como a gente vê nos contos de fadas. Os alienígenas movimentavam-se hábil e rapidamente; só que o macacão parecia interferir um pouco com os movimentos livres do seu corpo, pois eles me impressionaram como figuras um tanto rígidas. Todos eles eram do meu tamanho, menos um, que não chegava nem à altura do meu queixo. Eram fisicamente fortes, mas não a ponto de me meterem medo; lá na minha terra, eu não teria dúvida em brigar com qualquer um deles.

Sexo dentro da espaçonave

No meu entender, passou-se uma verdadeira eternidade, quando então

um ruído na porta interrompeu minhas meditações. Virei-me para lá e vi uma moça aproximando-se. Lentamente, ela veio ao meu encontro. Estava totalmente nua, descalça - como eu. Fiquei perplexo e, aparentemente, ela achou divertida a expressão do meu rosto. Ela era muito formosa, completamente diferente das outras mulheres que conheço. Seus cabelos eram macios e louros, quase da cor de platina - como esbranquiçados - e lhe caíam na nuca, com as pontas viradas para dentro. Ela usava o cabelo repartido ao meio e tinha grandes olhos azuis, amendoados. O seu nariz era reto. Os ossos da face, muito altos, conferiam às suas feições uma aparência heterogênea, deixando o rosto bem mais largo do que o das índias sul-americanas e, com o queixo pontudo, ele ficava quase triangular. Tinha os lábios finos, pouco perfilados e suas orelhas ( que cheguei a ver mais tarde) eram exatamente como as das nossas mulheres terrestres. Tinha o corpo mais lindo que já vi em moça alguma, com os seios bem formados, firmes e altos, cintura fina. Os seus quadris eram largos, as coxas compridas, os pés pequenos, as mãos finas e as unhas normais. Era de estatura bem baixa, e a sua cabeça mal chegava aos meus ombros. Essa moça aproximou-se de mim, em silêncio; fitou-me com seus olhos grandes, expressando expectativa, dizendo que estava esperando algo de mim. De repente, ela me abraçou e começou a esfregar o rosto dela contra o meu, enquanto apertava o corpo dela contra o meu. Tinha a pele alvíssima das nossas mulheres loiras e os braços cheios de sardas. Senti somente o cheiro de seu corpo, tipicamente feminino, sem nenhum perfume na pele ou nos cabelos. A porta tornou a fechar-se. A sós com aquela moça, que não me deixou a menor dúvida quanto a seus desejos, fiquei fortemente excitado. Considerando a situação na qual me encontrava, isto parece um

tanto improvável, mas creio que foi por causa do líquido que passaram no meu corpo. Devem tê-lo passado de propósito. Só sei que não consegui mais refrear o meu apetite sexual. Jamais isto me aconteceu. Enfim, acabei não pensando em mais nada, peguei a moça e retribuí as suas carícias. Era um ato normal e ela comportou-se como qualquer outra mulher, mesmo após várias repetições do ato. Depois, ela ficou cansada e respirou com dificuldade. Eu ainda continuei em estado de forte excitação, mas ela recusou o meu amor. Fiquei um tanto zangado, mas não mostrei emoção alguma, pois, apesar de tudo, tive uma experiência bastante agradável. Porém, eu não trocava uma das nossas moças por ela, porque prefiro uma para conversar e que entenda o que a gente fala. Além disso, o seu grunhido, em dados momentos, deixou-me irritado. Tampouco ela sabia beijar, a não ser que as leves mordidas, no meu queixo, valessem um beijo. Em todo o caso, não tenho certeza de nada disso. Só achei esquisito que os cabelos de suas axilas e "aqueles em outro lugar" fossem da cor de vermelho-sangue. Pouco depois de nossos corpos se terem separado, a porta se abriu e um dos homens alienígenas chamou a moça. Antes de sair da sala, ela virou-se para mim, apontou, primeiro, para a sua barriga, depois, com uma espécie de sorriso, para mim e, por último, para o céu. Depois, ela saiu. Interpretei esse gesto como uma advertência, renunciando a sua volta, quando então, ela me levaria consigo, para onde quer que fosse. Até hoje estou tremendo de medo, ao pensar que, se retornarem e me seqüestrarem de novo, eu estarei definitivamente perdido. De jeito algum estaria disposto a separar-me da minha família e abandonar a minha terra.

Aquela altura, um dos alienígenas voltou com a minha roupa, que tornei a

vestir. Devolveram-me tudo, menos o meu isqueiro que bem poderia ter caído ao chão, durante a luta corporal com os seqüestradores. Voltamos para o outro recinto, onde três dos tripulantes estavam sentados nas cadeiras giratórias, grunhindo um para o outro ( acho que conversavam). Aquele que me veio buscar , juntou-se a eles e me deixou sozinho. Enquanto eles "falavam", procurei gravar na memória todos os detalhes ao meu redor e observar minuciosamente tudo quanto ali se passava. Neste empenho, reparei sobre a mesa, ao lado dos homens, dentro de uma caixa quadrada, com uma tampa de vidro, em um disco, parecido com o mostrador de um despertador; havia um ponteiro e, no lugar dos números 3, 6 e 9, uma marcação negra. Somente no lugar em que, normalmente, está o numero 12, havia quatro pequenos símbolos negros, um ao lado do outro. Não sei para que serviria isso, mas foi assim que eu o vi. Primeiro, pensei que aquele instrumento fosse uma espécie de relógio, pois, vez ou outra, um dos alienígenas o fitava. No entanto, dificilmente, seria um relógio, pois, durante todo o tempo em que o olhei, os ponteiros permaneceram imóveis, na mesma posição. Aí, então, tive a idéia de pegar naquela coisa e levá-la comigo, a título de prova desta minha aventura. Com aquela caixa, o meu problema teria sido resolvido. Quem sabe, quando os homens notassem o meu interesse por aquele objeto, talvez me dessem de presente. Aproximei-me dele, aos poucos e, quando eles não me olhavam, puxei-o da mesa com as duas mãos. Era pesado, certamente uns 2 kg. Porém, eles não me deram tempo, nem para olhá-lo de perto, pois, com a rapidez de um raio, um dos homens empurrou-me para o lado, tirou a caixa das minhas mãos e, furioso, tornou a colocá-la em seu lugar. Recuei até a parede mais próxima e lá fiquei parado, imóvel. Normalmente, não costumo sentir medo, mas,

naquela situação, achei melhor ficar quieto, pois eu já sabia que eles me tratavam bem somente quando o meu comportamento era do agrado deles. Fiquei parado ali, à espera que as coisas acontecessem. A moça não apareceu mais, nem despida, nem vestida, mas eu descobri onde ela deveria estar. Na parte dianteira do recinto grande havia mais uma porta, um pouco entreaberta e, vez ou outra, dava para ouvir o ruído de passos, que se dirigiam para lá e para cá. Como todos os demais tripulantes estavam naquele recinto grande, os passos que ouvi somente poderiam ter sido os da moça. Suponho que essa parte dianteira se tratava da cabina de navegação da máquina. Enfim, um dos homens alienígenas levantou-se e me fez um sinal para segui-lo. Os demais nem me olharam e, assim, atravessamos a pequena antessala, até a porta de entrada, já aberta e com a escada descida. No entanto, ainda não descemos, mas o homem me fez compreender que eu devia acompanhá-lo até a rampa, que havia em ambos os lados da porta; ela era estreita, mas permitiu dar uma volta completa ao redor da máquina. Primeiro, fomos para a frente e lá vi uma protuberância metálica sobressaindo da máquina; na parte oposta havia essa mesma protuberância. A julgar por sua forma, concluí que talvez fosse o dispositivo de controle para a decolagem e o pouso da máquina. Devo admitir que jamais vi aquele dispositivo em funcionamento, nem quando a máquina levantou vôo, razão pela qual não sei explicar sua função. Em frente, o alienígena apontou para os picos de metal ou, melhor, esporas metálicas, já mencionadas. Todas as três estavam firmemente ligadas à máquina; a do meio, diretamente com a parte dianteira. As três esporas tinham a mesma forma, base larga, diminuindo para uma ponta fina e sobressaindo horizontalmente. Não posso avaliar se eram do mesmo metal da máquina; elas brilhavam como

metal incandescente, mas não irradiavam nenhum calor. Um pouco acima das esporas metálicas estavam luzes vermelhas; as duas laterais eram pequenas e redondas, ao passo que aquela na parte dianteira era enorme. Eram os possantes faróis, que já descrevi. Acima da rampa, a qual, por sua vez, terminava, em frente, com uma grande placa de vidro grosso, que entrava fundo no revestimento de metal, um pouco saliente e diminuindo de espessura, nos lados. Como não havia janelas em parte alguma, julguei que aquela vidraça serviria para, através dela, olhar o mundo lá fora, mesmo que não desse boa visão, pois, visto de fora, o vidro parecia bastante turvo. A meu ver, as esporas metálicas na frente dianteira deveriam estar relacionadas com a força de propulsão, pois, quando a máquina levantou vôo, o seu brilho ficou muito intenso e se confundiu, por completo, com o da luz do farol principal. Após a vistoria da parte frontal da máquina, voltamos para a de trás (essa parte apresentava curvatura bem mais pronunciada do que a da frente), mas, antes disso, paramos mais uma vez, quando o alienígena apontou para cima, onde estava rotando a imensa cúpula, em forma de prato. Ao rotar lentamente, estava mergulhada numa luz esverdeada, cuja fonte não consegui detectar; simultaneamente, emitia um certo som de assobio, lembrando o ruído de um aspirador ligado ou de ar que entrasse por numerosos pequenos orifícios. Quando, mais tarde, a máquina decolou, as rotações da cúpula aceleraram progressivamente, até desaparecer por completo e, em seu lugar, permanecer tão-somente um brilho de luz vermelho-clara. Ao mesmo tempo, o ruído cresceu para um estrondoso uivar e, com isto, para mim não havia dúvida de que a velocidade da rotação da cúpula determinava o volume do som do ruído. Depois de me ter mostrado tudo, o alienígena levou-me para a escada metálica e me

deu a entender que eu estava livre para sair. Ali estava ele, apontando primeiro, para si próprio, depois, para mim e, finalmente, para o quadrante sul, lá no céu. Em seguida, fez o sinal de recuar e desapareceu no interior da máquina. A escada metálica foi se encurtando, com um degrau empilhando sobre o outro, como em uma pilha de lenha e, ao chegar lá em cima, a porta levantou-se - quando aberta, formava a rampa - até ficar embutida na parede da máquina e tornar-se invisível. As luzes das esporas metálicas do farol principal e da cúpula ficaram progressivamente mais intensas, com o aumento das rotações. Lentamente, a máquina subiu, em linha vertical, recolhendo, ao mesmo tempo, o seu "trem de pouso"; em seguida, a parte de baixo do objeto parecia tão lisa, como se de lá jamais tivesse saído coisa alguma. O objeto voador subiu devagar, até uns 30 a 50 m de altura; lá parou por alguns segundos, enquanto a sua luminosidade se tornou mais intensa. O ruído de uivar tornou-se mais forte, a cúpula começou a girar a uma velocidade enorme, ao passo que a luz mudou, progressivamente, até ficar vermelha-clara. Naquele instante, a máquina inclinou-se, de leve, para o lado, ouviu-se o ruído rítmico, de bater, e, repentinamente, desviou-se para o sul, desaparecendo de vista uns poucos segundos depois..."

## O STATUS ONTOLÓGICO DA TEORIA DA CONSPIRAÇÃO

Hakim Bey



(Para Kevin Coogan)

A teoria da conspiração é uma ilusão da Direita que também infectou a Esquerda? Teóricos da conspiração esquerdistas algumas vezes fazem um uso acrítico dos textos dos mais direitistas teóricos da conspiração – pesquisando por detalhes do Assassinato de JFK no trabalho do Liberty Lobby (1), adquirindo noções no estilo da John Birch Society (2) sobre os internacionalistas “liberais” CFR/Bilderberg/Rockefeller (3) etc. etc. Como o anti-semitismo pode ser encontrado tanto na Esquerda quanto na Direita, ecos dos Protocolos podem ser escutados de ambas as direções. Mesmo alguns anarquistas são atraídos pelo “Revisionismo Histórico”. O anticapitalismo (4) ou populismo econômico na Direita tem seu contraponto na Esquerda com o “Fascismo Vermelho”, que irrompeu na

superfície da História no pacto Hitler/Stalin, e retornou para nos assombrar na bizarra combinação européia de “Terceira Onda” do extremismo de esquerda com o de direita, um fenômeno que aparece nos EUA com o niilismo libertino e o “satanismo” de grupos anarco-fascistas como a Amok Press (5) e a Radio Werewolf (6) – e a teoria da conspiração desempenha um importante papel em todas estas ideologias.

Se a teoria da conspiração é essencialmente da facção da direita, só pode ser assim por que ela pressupõe uma visão da História como o trabalho de indivíduos mais que de grupos. De acordo com este argumento, uma teoria no estilo de Mae Brussel (7) (ela acreditava que os nazistas tinham se infiltrado na Inteligência e Governo americanos no nível administrativo) poderia parecer esquerdista mas de fato não fornece nenhuma sustentação para uma genuína análise dialética, uma vez que ignora a economia e a luta de classes como forças causais, e em vez disso atribui todos os eventos às maquinações de indivíduos “escondidos”. Mesmo a Esquerda anti-autoritária pode algumas vezes adotar esta opinião rasa sobre a teoria da conspiração, apesar do fato de não estar presa a nenhuma crença dogmática no determinismo econômico. Tais anarquistas concordariam que acreditar em teoria da conspiração é acreditar que as elites podem influenciar a História. O anarquismo postula que as elites são simplesmente arrastadas pelo fluxo da História e que sua crença em seu próprio poder ou instrumentalidade é pura ilusão. Se fosse para se acreditar no contrário, tais anarquistas argumentam, então Marx e Lênin estariam certos, e o vanguardismo conspiratório seria a melhor estratégia para o “movimento do social”. (A existência do vanguardismo prova que a Esquerda – ou pelo menos a Esquerda autoritária – não foi simplesmente contaminada acidentalmente pela teoria da conspiração: o vanguardismo É conspiração!) Os Leninistas dizem que o estado é uma conspiração, seja de Direita ou de Esquerda – faça a sua escolha. Os anarquistas argumentam que o estado não “tem” poder em nenhum

sentido absoluto ou essencial, mas que ele meramente ursupa o poder que, em essência, “pertence” a cada indivíduo, ou à sociedade em geral. O aspecto aparentemente conspiratório do estado é portanto ilusório – pura masturbação ideológica da parte de políticos, espões, banqueiros e outras escórias, servindo cegamente aos interesses de sua classe. A teoria da conspiração é, por conseguinte, de interesse apenas como um tipo de sociologia da cultura, um rastreamento das fantasias ilusórias de certos grupos de incluídos e de excluídos – mas a própria teoria da conspiração não tem nenhum status ontológico.

Esta é uma hipótese interessante de muito valor, especialmente como uma ferramenta crítica. No entanto, como uma ideologia, ela sofre da mesma falha que qualquer outra ideologia. Ela constrói uma Idéia absoluta, então explica a realidade em termos de absolutos. A Direita e a Esquerda autoritárias compartilham uma visão do status ontológico das elites ou das vanguardas na História; a resposta anti-autoritária é transferir o peso ontológico-histórico para indivíduos ou grupos; mas nenhuma das teorias se importou em questionar o status ontológico da História, ou, quanto a isso, da própria ontologia.

No sentido tanto de confirmar quanto de negar a teoria da conspiração categoricamente, deve-se acreditar na categoria da “História”. Mas desde o século 19, a “História” se fragmentou em dúzias de partículas conceituais – etno-história, psico-história, história social, história das coisas e idéias e mentalidades, cliometria (8), micro-história – tais não são ideologias históricas rivais, mas simplesmente uma multiplicidade de histórias. A noção de que a História é o resultado da luta cega entre interesses econômicos, ou de que a História “É” sob qualquer condição algo específico, não pode realmente sobreviver a esta fragmentação numa infinidade de narrativas. A abordagem produtiva a uma tal idéia fixa não é ontológica mas epistemológica; ou seja, agora perguntamos não o

que a “História” “é”, mas de preferência o que e como podemos saber sobre e a partir das muitíssimas estórias, supressões, aparecimentos e desaparecimentos, palimpsestos e fragmentos dos múltiplos discursos e múltiplas histórias das complexidades inextricavelmente emaranhadas do devir humano.

Então deveríamos pressupor (como um exercício epistemológico, se nada mais) a noção de que embora seres humanos sejam arrastados ou movidos por interesses de classe, forças econômicas, etc., podemos também aceitar a possibilidade de um mecanismo de feedback, por meio do qual as ideologias e ações tanto de indivíduos quanto de grupos possam modificar as reais “forças” que as produzem.

De fato, me parece que, como anarquistas de um tipo ou de outro, devemos adotar uma tal visão das coisas, ou então aceitar que nossa agitação, educação, propaganda, formas de organização, levantes, etc., são essencialmente fúteis, e que só a “evolução” pode ou irá ocasionar qualquer mudança significativa na estrutura da sociedade e da vida. Isto pode ou não ser verdade a respeito da longa duração do devir humano, mas é evidentemente falso no nível da experiência individual da vida cotidiana. Aqui, uma espécie de existencialismo tosco prevalece, de tal forma que devemos agir como se nossas ações pudessem ser efetivas, ou então sofrer em nós mesmos uma escassez de devir. Sem a vontade da auto-expressão em ação, somos reduzidos a nada. Isto é inaceitável. Portanto, mesmo que se pudesse provar que toda ação é ilusão (e não acredito que qualquer evidência nesse sentido esteja disponível), ainda nos defrontaríamos com o problema do desejo. Paradoxalmente somos forçados (sob a pena da total negação) a agir como se livremente escolhêssemos agir, e como se a ação pudesse causar mudança.

Com base nisso, parece possível elaborar uma teoria da conspiração não-autoritária que nem negue isso completamente, nem o eleve ao status de uma ideologia. Em seu sentido literal de “respirar junto”, a conspiração pode até ser pensada como um princípio natural de organização anarquista. Face a face, não mediados por qualquer controle, juntos construímos nossa realidade social para nós mesmos. Se devemos portanto fazê-lo clandestinamente, no sentido de evitar os mecanismos de mediação e controle, então perpetramos um tipo de conspiração. Mas tem mais: podemos também ver que outros grupos podem se organizar clandestinamente não para evitar o controle mas para tentar impô-lo. É inútil fingir que tais tentativas são sempre fúteis, porque mesmo que eles fracassem em influenciar a “História” (ou o que quer que isso seja), eles podem certamente ter impacto e se intersectar com nossas vidas cotidianas. Para tomar um exemplo, qualquer um que negue a realidade da conspiração deve certamente encarar uma difícil tarefa quando tentar justificar as atividades de certos elementos dentro da Inteligência e do Partido Republicano nos EUA durante as últimas poucas décadas. Não importa o Assassinato de Kennedy, esta perda de tempo espetacular; esqueça os remanescentes da Organização Gehlen (9) que estavam à espreita em Dallas; porém, como se pode sequer começar a discutir sobre os arapongas de Nixon, o Irã-Contra, a “crise” das poupanças e empréstimos (S&L) (10), as guerras-show contra a Líbia, Granada, Panamá e Iraque, sem alguma recorrência ao conceito de “conspiração”? E mesmo que acreditemos que os conspiradores estavam agindo como agentes de forças ocultas, etc., etc., podemos negar que suas ações tenham realmente produzido ramificações no nível de nossas próprias vidas cotidianas? Os Republicanos lançaram uma aberta “Guerra às Drogas”, por exemplo, enquanto secretamente usaram dinheiro da cocaína para financiar insurreições de direita na América Latina. Alguém que você conhecia morreu na Nicarágua? Alguém que você conhecia foi apanhado na hipócrita “guerra” à maconha? Alguém que você conhecia caiu na

desgraça do vício em crack? (Não vamos nem mencionar os negócios da CIA com heroína no sudeste da Ásia ou no Afeganistão).

Como aponta Carl Oglesby, a teoria da conspiração mais sofisticada não pressupõe nenhuma trama singular, todo-poderosa, suprema, a cargo da “História”. Isso com certeza seria uma forma de paranóia estúpida, seja da Esquerda ou da Direita. Conspirações ascendem e caem, brotam e decaem, migram de um grupo para outro, competem entre si, fazem conluio, se colidem, implodem, explodem, falham, têm sucesso, suprimem, forjam, esquecem, desaparecem. Conspirações são sintomas das grandes “forças ocultas” (e portanto úteis como metáforas, se nada mais), mas elas também realimentam essas forças e algumas vezes até afetam ou infectam ou têm efeito sobre elas. Conspirações, de fato, não são A forma com que a história é feita, mas são antes partes de um vasto conjunto de miríades de formas nas quais nossas múltiplas histórias são construídas. A Teoria da Conspiração não pode explicar tudo mas pode explicar algo. Se ela não tem status ontológico, ainda assim ela realmente tem seus usos epistemológicos.

#### **Aqui vai uma hipótese:**

A história (com “h” minúsculo) é um tipo de caos. Dentro da história estão embutidos outros caos, se se pode usar um tal termo. O capitalismo “democrático” tardio é mais um destes caos, no qual o poder e o controle se tornaram extraordinariamente sutis, quase alquímicos, difíceis de localizar, talvez impossíveis de definir. Os escritos de Debord, Foucault, e Baudrillard, levantaram a possibilidade de que o “poder em si” está vazio, “desaparecido”, e foi substituído pela mera violência do espetáculo. Mas se a história é um caos, o espetáculo só pode ser visto como um “atrator estranho” (11), mais que como algum tipo de força causadora. A ideia de “força” pertence à física clássica e tem pouca função a desempenhar na

teoria do caos. E se o capitalismo é um caos e o espetáculo um atrator estranho, então a metáfora pode ser ampliada – podemos dizer que as conspirações “Republicanas” são como os reais padrões gerados pelo atrator estranho. As conspirações não são causais – mas, então, nada é realmente “causal” no velho sentido clássico do termo.

Uma maneira útil pela qual podemos, por assim dizer, investigar no caos que é a história, é olhar através das lentes fornecidas pelas conspirações. Podemos ou não acreditar que as conspirações são meras simulações do poder, meros sintomas do espetáculo – mas não podemos rejeitá-las como desprovidas de qualquer significação.

Mais que falar da teoria da conspiração, poderíamos em vez disso tentar elaborar uma poética da conspiração. Uma conspiração seria tratada como um constructo estético, ou constructo de linguagem, e poderia ser analisada como um texto. Robert Anton Wilson fez isso com sua longa e divertida fantasia “Illuminati”. Podemos também usar a teoria da conspiração como uma arma de agit-prop. Conspirações do “poder” fazem uso da pura desinformação; o mínimo que podemos fazer em retaliação é rastreá-la até sua origem. Sem dúvida deveríamos evitar a mística da teoria da conspiração, a ilusão de que a conspiração é todo-poderosa. Conspirações podem ser dinamitadas. Elas podem até mesmo ser impedidas. Mas temo que elas não possam simplesmente ser ignoradas. A recusa em admitir qualquer validade à teoria da conspiração é ela mesma uma forma de ilusão espetacular – crença cega no mundo cor-de-rosa liberal, racional, no qual todos temos “direitos”, no qual “o sistema funciona”, no qual “valores democráticos prevalecerão a longo prazo” por que a natureza assim o determinou.

A História é uma grande bagunça. Talvez conspirações não funcionem. Mas temos de agir como se elas realmente funcionassem. Na realidade, o

movimento não-autoritário não somente necessita de sua própria teoria da conspiração, ele necessita de suas próprias conspirações. “Funcionem” elas ou não. Ou respiramos juntos ou nos sufocamos todos por iniciativa própria. “Eles” estão conspirando, nunca duvide disso, esses palhaços sinistros. Não apenas deveríamos nos armar com a teoria da conspiração, deveríamos ter nossas próprias conspirações – nossas TAZ – nosso comando de mercenários da guerrilha ontológica – nossos Terroristas Poéticos – nossas maquinações do caos – nossas sociedades secretas. Proudhon assim o disse. Bakunin assim o disse. Malatesta assim o disse. É a tradição anarquista.

**Notas:**

1. Controversa organização política direitista de Washington, DC, conhecida como anti-comunista e anti-semita, e que através de seu jornal Spotlight lançou uma campanha contra o agente da CIA E. Howard Hunt, acusando-o de conspirador no assassinato de J. F. Kennedy. (Nota do Tradutor)

2. Organização de ultradireita criada em 1958 em Indianápolis em homenagem a um agente da CIA e também missionário protestante. (N. do T.)

3. Conta a lenda que o CFR (Council on Foreign Relations), o Conselho de Relações Exteriores, é o braço americano de uma sociedade ultra-secreta originalmente organizada na Inglaterra, com os planos de instruir e governar todas as fases da política externa americana, e o objetivo final de dissolver as fronteiras mundiais e estabelecer um governo mundial único. Do CFR teriam participado quase todos os diretores da CIA e todos os secretários da Defesa dos EUA. Os Bilderberg seriam uma poderosíssima e semi-secreta sociedade da elite internacional que se

reúne anualmente para definir os programas econômicos e políticos mundiais, com representantes somente do mundo anglo-saxão e da Europa ocidental. David Rockefeller, por sua vez, teria sido patrono do CFR, membro dos Bilderberg e criador da denominada Comissão Trilateral, outra dessas sociedades secretas da elite mundial que incluiria aqui membros do Japão. Teorias conspiratórias “clássicas” ligam essas três organizações ao grupo dos Illuminati, numa trama de dominação mundial. (N. do T.)

4. O anticapitalismo de direita se traduz, entre outras coisas, pela nostalgia aristocrática de um passado pré-industrial por certos grupos ultradireitistas, como, por exemplo, a TFP no Brasil, ou certos grupos monarquistas. (N. Do T.)

5. Editora underground de Los Angeles, célebre nos meios contraculturais por publicar os *Amok Dispatches*, verdadeiras fontes bibliográficas de todo tipo de material subterrâneo, conspiratório, transgressor, banido. (N. do T.)

6. Banda gótico-eletrônica de tendência satanista formada por Nickolas Schreck e Zeena LaVey, filha de Anton LaVey, fundador da Igreja de Satã. (N. do T.)

7. Mae Magnin Russel é tida como a “rainha das teorias da conspiração”. Ela acreditava, por exemplo, que os assassinatos de Kennedy e de Martin Luther King, os assassinatos perpetrados por Charles Manson e seu grupo, e o sequestro de Patty Hearst tinham todos sido planejados pela extrema direita juntamente com a CIA, o FBI e a Máfia numa massiva conspiração feita para desacreditar a esquerda e estabelecer um estado fascista. (N. do T.)



8. *Cliometrics* ou “história social-científica quantitativa” designa uma técnica de análise histórica fundada na quantificação de dados empíricos. Seus defensores mais radicais consideram-na o método científico por excelência da análise histórica.

9. Organização de inteligência baseada na Alemanha, a Gehlen Org seria composta de antigos agentes da SS e da Gestapo - incluindo, entre outros, Klaus Barbie -, tendo sido fundada, na Alemanha do pós-guerra, com a ajuda do advogado dos Rockefeller, Allen Dulles, que teria contratado o espião alemão Reinhart Gehlen para reviver a agência de espionagem SS e se tornaria depois a agência espiã BND da Alemanha Ocidental. Na verdade, a CIA teria sido formada a partir da Gehlen. (N. do T.)

10. S & L (Savings and Loans) - No final da década de 80 e início da de 90, as “poupanças e empréstimos” norte-americanos faliram. Em 1984, a administração e o Congresso dos EUA acreditavam que a crise das poupanças e depósitos era em torno de 20 a 30 milhões de dólares. Operadores do setor então inundaram Washington com lobistas, contribuições para campanhas, e viagens gratuitas de avião para recantos paradisíacos, entre outros agrados. Como resultado, o problema foi varrido para debaixo do tapete. Ele só voltou a aparecer nas eleições presidenciais de 1988, quando se descobriu uma crise que alcançava entre 400 e 500 bilhões de dólares. (N. do T.)

10. Na teoria do caos, atratores estranhos são sistemas dinâmicos atraentes e magnéticos que quando entram em estado de caos passam a ser designados como tais. Em 1970, físicos passaram a estudar os sistemas dinâmicos do imprevisível, denominando-os de atratores estranhos, expressão usada por David Ruelle e Floris Takens. Pelo fato dos atratores

não serem nem curvas e nem superfícies lisas, mas objetos de dimensões não inteiras, Benoît Mandelbrot denominou-os de fractais. (N. do T.)

Tradução de Ricardo Rosas

Link: Site de Hakim Bey ([www.hermetic.com/bey](http://www.hermetic.com/bey)).

## OS GOVERNANTES INVISÍVEIS

Iliana Marina Pistone



*Os homens que se encontram no primeiro plano da vida política têm realmente o poder entre suas mãos? Para Serge Hutin, autor de Governantes Invisíveis e Sociedades Secretas, o destino das nações depende, freqüentemente de grupos de homens que não estão investidos de cargos oficiais. Trata-se de sociedades secretas, verdadeiros governos ocultos que decidem o nosso destino sem o nosso conhecimento.*

.....

Ao observarmos um formigueiro, as formigas parecem perambular a esmo, numa atividade febril e inútil, quando, de fato, todas as ações individuais têm como fim o mesmo alvo comum, cujas constantes são determinadas da forma mais categórica pela "alma coletiva" do formigueiro. Observando-se toda a seqüência da história, repleta de acontecimentos humanos, de contínuas reviravoltas que se manifestaram durante séculos, somos levados a perguntar se tudo isso tem algum sentido de coerência e se esse conjunto aparentemente caótico constituído pela humanidade pode ser comparado a um imenso formigueiro.

Essa é a questão principal levantada por Serge Hutin, na tentativa de explicar os grandes enigmas da história através da existência de governantes invisíveis e sociedades secretas, que regeriam o mundo. Examinando-se a história humana de um ponto de vista geral, notamos, de um lado, o equilíbrio, a ordem harmoniosa, a organização sintética. De outro lado, o caos completo, a desorganização, a desagregação. Hutin questiona se essa continuidade de eventos pertence ao acaso ou se até mesmo as forças caóticas não estariam obedecendo a diretrizes detalhadas, sob a orientação de governantes invisíveis.

Robert Payne, um autor inglês, publicou, em 1951, o livro intitulado *Zero, The Story of Terrorism*, no qual relata a existência de dirigentes ocultos que, à sombra de governos visíveis, manejavam essa terrível arma do terrorismo, sobrepujando até os poderosos grupos econômicos, cujo papel secundário limitava-se ao financiamento. Fatos estranhos passaram a acontecer após a publicação do livro, desde a compra de todos os estoques disponíveis por misteriosos emissários, até a quase falência da Wingate, uma das sólidas editoras no mercado londrino e, finalmente, a morte inexplicável do autor, alguns meses depois.

## UMA PIRÂMIDE DE TRÊS DEGRAUS

Quanto a isso, Jacques Bergier, pesquisador dos enigmas da humanidade, revelou a existência de uma lista de assuntos proibidos para a imprensa, minuciosamente relatados em um caderno preto. Segundo ele, a proibição é de alcance mundial e universal, não levando em consideração o regime político dos vários países, e todo diretor de jornal importante tem uma cópia desse caderno, seja ele de tendências comunistas ou capitalistas.

Entende-se por sociedade secreta um grupo mais ou menos numeroso

de pessoas, que se caracteriza por manter reuniões estritamente limitas a seus adeptos, e também por manter o mais absoluto sigilo a respeito das cerimônias e dos rituais onde se manifestam os símbolos que esta sociedade se atribui. As finalidades das sociedades secretas são as mais variadas: políticas, religiosas, espirituais, filosóficas e até criminosas.

Em 1945, em Paris, Raoul Husson (1901-67), fisiólogo e psicólogo, publicou um livro, sob o pseudônimo de Geoffroy de Charnay, nome de um dos grandes templários franceses, condenado à morte pelo fogo, em 1314, junto com o grande mestre Jacques de Molay. Nesse livro, Husson revelou que as sociedades secretas mundiais formavam uma pirâmide de três degraus. No primeiro degrau, de fácil acesso, encontram-se os homens considerados úteis. No segundo degrau, o acesso é mais selecionado e seus adeptos desempenham papéis importantes, influenciando no plano nacional e internacional. No cimo da pirâmide estariam as sociedades secretas superiores, que agem por trás dos bastidores. Todos os assuntos importantes da política internacional estariam nas mãos dessas sociedades.

### **CEMITÉRIOS REPLETOS DE GENTE INSUBSTITUÍVEL**

Gurdjieff, o conhecido "mago" caucasiano, teria sido, no século 20, um destes personagens que chegaram ao ponto mais alto do domínio invisível dos assuntos humanos. De fato, Gurdjieff declarou: "Tive a possibilidade de me aproximar do *sancta sanctorum* de quase todas as organizações herméticas, ou seja, sociedades religiosas, ocultas, filosóficas, políticas ou místicas, e que são vedadas aos homens comuns".

Muito já foi dito da ação, freqüentemente ignorada, mas poderosa, das sociedades secretas que "dominam o mundo". Como exemplo, há a franco-maçonaria e seu desempenho marcante ao longo da Revolução

Francesa. Outro grupo de ação notável foi o dos iluminados da Bavária, no século 18, cujo "poder oculto" teria levado Napoleão Bonaparte ao poder. Havia, entre os iluminados, Goethe, Herder, o alquimista rosacruciano Eckartshausen e muitas outras personalidades que não desconfiavam em absoluto dos verdadeiros objetivos políticos da seita.

Bonaparte teria alcançado o mais alto grau na Ordem dos Iluminados, além de ter sido maçom e alto dignitário de outras ordens fraternais; entre elas a Fraternidade Hermética, que ele conheceu na época da campanha egípcia.

Gérard Serbanesco, no terceiro volume de sua obra *Historie de la Franc-Maçonnerie Universelle*, reproduz o relato de Napoleão sobre a cerimônia de sua iniciação.

Lamentavelmente, a partir do momento em que Napoleão se deixou dominar pela sua ambição pessoal, não sendo mais o executor de planos secretos, a boa sorte o abandonou e o seu destino mudou.

Outra personalidade que recebeu iniciação numa seita de filiação templária foi Cristóvão Colombo, que, contrariamente à teoria tradicional, não teria iniciado sua viagem às cegas. Em *Les Mystères Templiers*, Louis Charpentier conta como Colombo recebeu, dos navegadores a serviço do Templo, o conhecimento de uma rota que levava ao novo mundo e a missão da descoberta. Charpentier reuniu, a esse propósito, provas realmente interessantes.

Questões podem ser igualmente levantadas quanto à fulminante carreira de Joana D'Arc. Numa época em que todas as mulheres eram categoricamente excluídas de qualquer atividade política, todas as portas, até as mais fechadas, abriram-se para ela. Apesar de ser mais fácil explicar

a sua atuação através da santidade, pode-se também supor que a sua missão tenha sido apoiada, se não preparada, pela intervenção de uma poderosa sociedade secreta. A que estaria relacionado o grande segredo que ela só quis confiar ao futuro Carlos VII?

Por outro lado, toda vez que algo ou alguém parece obstacular o determinismo cíclico da evolução do mundo, a ação dos governos invisíveis, que agem implacavelmente, faz-se presente. Dessa forma, vários atentados políticos, atribuídos a fanáticos isolados, foram reconhecidos como execuções friamente decididas. Nesses casos, o assassino existe, mas ele é somente o agente que executa uma tarefa decidida por um poderoso grupo oculto.

O assassinato do presidente Kennedy permanece ainda hoje envolto em mistério, e a impressão que se tem é de que "alguém" não quer vê-lo esclarecido. Quanto a isso, Hutin menciona quatro pontos inquietantes:

1) "Por acaso", somente o prédio de onde saíram os tiros fatais não estava sendo vigiado pela polícia de Dallas.

2) Vários assassinos estavam em posições estratégicas, e suas atuações eram sincronizadas pelos gestos que um misterioso "diretor de orquestra" estava fazendo com seu guarda-chuva, sobre uma elevação (fotos que revelam isto foram publicadas por várias revistas, entre as quais a Paris Match); na eventualidade de Lee Oswald errar o alvo, um dos outros atiradores teriam entrado em ação

3) Já preso, o sicário foi convenientemente liquidado por um "justiceiro", que, por sua vez, morreu convenientemente de "câncer generalizado".

4) Por uma série de estranhas coincidências, um número impressionante de testemunhas do crime desapareceu e, em todos os casos, foi por acidente.

Não seria interessante levarmos em conta a intervenção de estranhos "invisíveis" que seguram o fio da história?

Bastante elucidativa é a sentença que diz: "Os cemitérios estão repletos de gente in-substituível".

Os jovens políticos que conhecem as manobras complicadas que se passam por trás dos bastidores são muito raros, e, quando certas figuras começam a atrapalhar os planos secretos que estão sendo executados, quer tenham ou não consciência disso, são tomadas as medidas necessárias, que podem ser sumárias ou secretas, para eliminá-las. Via de regra, os atentados políticos da história se caracterizam pela presença de um assassino fanático, instrumento de um grupo poderoso e insuspeito que permanece fora de cena. Em seguida, esses fanáticos são eliminados depois do atentado (por policiais ou pelo próprio povo) ou, quando presos com vida, se há dúvidas quanto à garantia de seu silêncio, são eliminados de forma definitiva. Foi isso que teria acontecido a Lee Oswald, o assassino de Kennedy.

Em 15 de setembro de 1912, a *Revue Internationale des Sociétés Secrètes* relata uma sentença dita por uma personalidade importante, uma espécie de eminência parda da política européia, que se teria manifestado da seguinte forma, a respeito do arquiduque Francisco Fernando, da Áustria: "É um bom moço. É uma lástima que esteja condenado. Vai morrer nos degraus do trono". Esse tipo de declaração nos faz refletir: o destino do arquiduque Francisco Fernando, cujo assassinato em Sarajevo daria ensejo à deflagração da Primeira Guerra

Mundial, já estava decidido dois anos antes do fato. Quem teria tomado a decisão? Voltamos novamente aos governantes invisíveis.

Dessa forma, tudo leva a crer que a guerra de 1914 já estava sendo esperada, preparada e "programada", dois ou três anos antes do seu início. Muitos acontecimentos mostram o contínuo esforço, através de slogans e de imagens, para exacerbar o entusiasmo bélico das massas na investida contra o inimigo.

### **OPUS DEI LIGADA AOS GOVERNANTES SECRETOS**

Observando-se os acontecimentos de nossos dias, os antagonismos, as desforras militares, políticas ou de espionagem, poderíamos encontrar a prova irrefutável, de que vários grupos "espirituais", alguns dos quais talvez ligados aos governantes secretos do mundo, têm realmente uma atividade temporal definida. Em 1969 vários dirigentes da Opus Dei entraram ativamente no governo franquista, apresentando, dessa forma, o problema da sua influência política concreta, não somente na Península Ibérica, com um movimento que já contava, há cinco anos, com mais ou menos 50 mil membros no mundo inteiro. Tal organização, fundada na Espanha em 1928, pelo reverendo pe. José Maria Escriva de Balaguere, não pode ser considerada uma sociedade secreta na acepção da palavra. A Opus Dei afirma: "Somos unicamente uma associação de fiéis, cujas finalidades são só religiosas e apostólicas", fazendo com que seus adeptos sigam normas de vida católica na sua totalidade, não apenas no que diz respeito à vida particular, mas também na integração dentro da profissão e da sociedade. Contudo, os altos dirigentes de tal instituição, apesar da vida asceta e altruísta, não deixaram de se utilizar das condições objetivas do mundo moderno, não se esquecendo das finanças e da atividade política. Muitas obras beneficentes e fundações altruístas surgiram: clínicas, escolas, centros culturais e casas para estudantes. Seria o caso de

não excluirmos a eventualidade de contatos sigilosos entre essa organização e sociedades ou até remanescentes ocultos da Inquisição espanhola.

### **A SINARQUIA DO IMPÉRIO**

Para se reconhecer, entre os personagens conhecidos ou desconhecidos da grande história, quais deles teriam recebido suas tarefas diretamente dos governantes invisíveis, é preciso distinguir duas categorias de personalidades: uma constituída por homens que tiveram papel de destaque no plano histórico e que estavam a par dos grandes segredos, tais como Richelieu, Benjamin Disraeli, o primeiro-ministro da rainha Vitória, e Lênin.

A segunda categoria compreenderia os personagens que não aparecem em nenhum livro de história: tiveram um papel ativo, apesar de secreto, influenciando a situação histórica e política.

Timothée-Ignatz Trebitsch, um aventureiro judeu, foi uma eminência parda, utilizado para facilitar o advento do nazismo na Alemanha. Outra personalidade que parece ter tido um papel importante no campo da política secreta é o "mago" inglês Aleister Crowley (1875-1947). Num passado mais remoto, vamos encontrar as enigmáticas figuras do conde de Saint-Germain e de Cagliostro.

O nome "sinarquia", pela sua etimologia grega, pressupõe a realização de uma ordem sagrada num equilíbrio perfeito, de uma harmonia complexa, que seria o reflexo das leis cósmicas. Está associado a uma das mais misteriosas sociedades secretas modernas de governantes invisíveis, tendo sido introduzido pelo grande esoterista Alexandre Sain-Yves, que viveu entre 1842 e 1909. Recebeu do papa o título de marquês de

Alveydre e tornou-se conhecido como Saint-Yves d' Alveydre. Viu-se escolhido pelos governantes invisíveis do mundo para executar seus planos, tendo deixado um número de obras muito estranhas: *Mission des Souverains, Mission des Juifs, Mission de l'Inde, L'Archéomètre*. Saint-Yves apregoava o ideal de uma sinarquia universal, a Sinarquia do Império, e não restam dúvidas de que manteve contato direto com os mais altos governantes secretos.

A Sinarquia do Império tinha uma estrutura hierárquica, essencial para o sistema, e que era resumida no seu símbolo: um triângulo em quatro níveis, mostrando, em seu interior, um olho, e cujo vértice coincidia com a extremidade de uma estrela de cinco pontas. Em todas as sociedades secretas realmente poderosas encontramos sempre esta estrutura hierárquica, cujos diferentes níveis de atividades são estritamente separados, de forma que cada grupo atue no seu nível e para que os chefes supremos possam agir sem nunca serem percebidos.

### **O GRANDE MONARCA, ANUNCIADO POR NOSTRADAMUS**

É muito interessante notar como o antagonismo entre o bem e o mal se faz presente em todos os campos. No fim do ciclo terrestre, a ação das forças demoníacas seria terrível, prega a tradição. A profecia revelada a Salette, na França, em 1846, com relação ao fim do mundo, é apavorante. Ainda segundo uma tradição francesa, espera-se a aparição, para depois dos acontecimentos apocalípticos, de um legítimo soberano, o grande monarca, anunciado por Nostradamus e aguardado com tanta ansiedade. São várias as versões quanto à identificação desse grande monarca.

O que se conclui é que os aspectos negativos no mundo, o lado demoníaco da continuidade histórica, enfim, o que se chama de mal, pode ser encarado como um aspecto decididamente lamentável, mas

cosmicamente inevitável no desenvolvimento do ciclo terrestre. O próprio mal é uma necessidade metafísica a ser integrada no plano divino.

De acordo com uma tradição oral, as Sinarquias do Império usariam, também, como senha, o antigo símbolo chinês que indica a complementação indissolúvel e a ligação inexplicável entre os dois pólos cósmicos universais, positivo e negativo, ou masculino e feminino. Esse tradicional e significativo símbolo é formado por um círculo branco e preto. A parte branca e a preta estão separadas por uma linha em espiral; na parte preta encontra-se um ponto branco e na parte branca há um ponto preto. Isto quer dizer que, no apogeu da fase evolutiva do ciclo terrestre (o triunfo do branco), o preto nunca desaparece completamente, e sua presença está assinalada por aquele ponto e, inversamente, na fase involutiva do ciclo (triunfo do preto), o ponto branco sempre permanece. Nenhuma manifestação poderia ter acontecido nem acontecer sem essa complementação cósmica dos dois contrapontos. É comum encontrar-se em todas as tradições alusão à existência de governantes invisíveis secretos, personalidade misteriosas que controlam o desenvolvimento da história humana de modo minucioso. E o que se sabe dizer é que essas figuras misteriosas aparecem quando sua presença é muito necessária.

Na tradição dos rosa-cruzes existe uma hierarquia de mestres desconhecidos, um conselho constituído por doze homens, que supervisionam a evolução da humanidade. Acima deles existiria outra hierarquia de entidades que já superaram o nível mortal humano, conhecida como o invisível permanente.

Assim como existe a iniciação autêntica, que transporta a um estado supra-humano, há em contrapartida a "pseudo-iniciação", cuja finalidade é a divulgação da subversão e do caos, trabalhando para o "fim do

mundo". Ao que parece, essas forças contrárias estão incluídas no plano divino.

Todo homem possui no seu íntimo a possibilidade de adquirir poderes para elevar-se a um nível superior, mas poucos são os que o conseguem. Ouspensky, discípulo de Gurdjieff, cita em *Fragments d'un Enseignement Inconnu* a seguinte observação feita por seu mestre: "Se dois ou três homens despertados se encontram no meio de uma multidão de adormecidos, eles se reconhecem imediatamente, enquanto os adormecidos não poderão vê-los... Se duzentos homens conscientes achassem necessária uma intervenção, poderiam mudar todas as condições de existência na Terra".

O domínio dos dirigentes ocultos dos grupos por eles supervisionados se faz também do uso sistemático da força psíquica dos símbolos. É fácil constatar, especialmente nas ideologias que exploram as massas, o uso e a eficácia dos símbolos, verdadeiras "armas" que ativam e despertam a energia que se encontra profundamente arraigada na psique humana, na parte que constitui o inconsciente coletivo da humanidade. Assim, vamos encontrar a cruz gamada ou suástica, um dos símbolos mais antigos e mais significativos da humanidade, encontrado no mundo inteiro, ao longo da história. Num primeiro tempo a suástica representou, simbolicamente, a rotação das sete estrelas da Ursa Maior em volta da estrela Polar. Em seguida, o seu significado ampliou-se e passou a ser o símbolo do movimento cósmico. Dependendo da direção em que se dobram os braços da cruz, a suástica chama-se direita, representando a fase evolutiva, ou, ao contrário, invertida, representando a fase regressiva de um ciclo terrestre no seu conjunto. Os chefes nazistas teriam escolhido a suástica invertida como símbolo da sua ideologia de maneira proposital, com o intuito de se valer das forças involutivas, caóticas e desintegrantes. No seu delírio, a ideologia nazista usou uma influência invertida do Antigo

Testamento, no que diz respeito ao povo eleito, à raça eleita. É bem possível, portanto, que Hitler tentasse "ajudar" o ciclo terrestre, pensando que quanto mais apresentasse as catástrofes, mais rapidamente chegaria a Idade de Ouro, e todo o mal desapareceria!

O texto sânscrito Vishnu Purana descreve que a época de Kali, ou seja, da destruição, poderá ser identificada quando "a sociedade atingir um nível em que a propriedade outorgue categoria, a riqueza for a única fonte de virtude, a paixão constituir o único laço de união ente marido e mulher, a falsidade for a matriz do sucesso na vida, o sexo o único meio de prazer, e quando os ornamentos exteriores se confundirem com a religião interior".

Guénon, um espírito muito lúcido e sensível à percepção dos sinais apocalípticos do nosso tempo, é autor do livro *A Era da Quantidade e o Sinal dos Tempos*, escrito no período entre as duas guerras, onde preconiza a robotização das massas: "Os homens ficarão uns autômatos, animados artificial e momentaneamente por uma vontade infernal, e isto dará uma idéia nítida do que acontece à própria beira da dissolução final".

Hoje, o que podemos perceber é que as influências mágicas mudaram na sua forma, no seu ritual e na sua aparência, mas as técnicas de condicionamento mágico continuam existindo. Basta observarmos com que facilidade se lança uma moda. O que pode ser feito com a moda pode ser aplicado em muitos outros campos, porque o comprimento de uma saia e um slogan político, além do controle da informação, podem ser divulgados da mesma maneira, observou Robert Mercier.

Goebbels, o único ministro da propaganda nazista, sabia perfeitamente que as massas podem ser manobradas, porque prevalece a lei pela qual o comportamento de uma coletividade desorganizada é sempre

caracterizado pelo nível intelectual mais baixo.

*Governantes Invisíveis e Sociedades Secretas*, de Serge Hutin, publicado no Brasil pela editora Hemus, examina em profundidade uma tese defendida por muitos estudiosos ligados à corrente do realismo fantástico (entre os quais o falecido Jacques Bergier). Essa tese afirma que, desde os primórdios da história, o mundo é governado na realidade por homens ou grupos de homens só muito raramente conhecidos: os membros de sociedades supersecretas. Sua existência nunca é pressentida, até o momento em que um fato imprevisível os leva a manifestarem-se abertamente.

Esses homens, por sua vez, obedeceriam a determinações de poderosas inteligências ainda mais ocultas e de compreensão praticamente impossível para o comum dos homens. Como escreveu o autor americano Philip José Farmer, em seu livro *O Universo às Avessas*: "Poderes sobre-humanos dirigem, do vértice da pirâmide dos governantes visíveis e invisíveis, toda a evolução de todos os sistemas planetários e das galáxias, incluindo todos os homens e os seres que os habitam. Se isso for verdade, a limitada inteligência humana seria incapaz de configurar o conjunto dos ciclos dos planetas e das galáxias, da mesma forma que uma célula de nosso organismo não tem a capacidade de entender a estrutura do conjunto ao qual pertence".

Transcrito por Krishna Bonavides

Fontes: Revista Planeta - Sociedades Secretas

Conspiração ([www.aequipeconspiracao.hpg.ig.com.br](http://www.aequipeconspiracao.hpg.ig.com.br)).

## OS MÉTODOS DE CONTROLE USADOS PELAS SEITAS: PSICOLOGIA SOCIAL E DINÂMICAS DE GRUPO

Cult Awareness & Information Centre

*ADVERTÊNCIA: Não sou um tradutor profissional. Sou italiano que entende um pouco o português. Fiz o possível para traduzir corretamente. Peço desculpas pelas eventuais imprecisões na terminologia técnica e pelos involuntários abusos na gramática. A intenção é divulgar documentos que são importantes para uma correta informação sobre a Cientologia, informações que não se encontram na língua portuguesa. Serão muito bem vindas as correções das minhas faltas, as quais podem ser enviada via email.*

M . Martinelli [martinelli@usa.com](mailto:martinelli@usa.com)

.....

As pesquisas demonstram que agora as seitas usam métodos de controle bem mais eficazes daqueles usados 50 anos atrás. As descobertas que os psicólogos fizeram nos anos 60 – 70 produziram modernos métodos de controle mental que são bem mais refinados que as TÉCNICAS DE MODIFICAÇÃO DO COMPORTAMENTO e REFORMA DO PENSAMENTO desenvolvidas pelos chineses. Para compreender o controle mental é preciso compreender os fundamentos das TÉCNICAS DE MODIFICAÇÃO DO COMPORTAMENTO.

O que significa "modificação do comportamento"?



Em poucas palavras, trata-se de estabelecer uma correspondência entre "recompensas ou castigos pelas ações feitas". Todos nós já recebemos isso quando éramos crianças.

Tirar um privilégio é normalmente uma maneira segura para persuadir uma criança a modificar seu comportamento, isso quando a criança é suficientemente crescida para entender o processo. Elogiar uma criança por ter tido um bom comportamento é uma outra maneira de modificar o comportamento, sobretudo quando a criança é ansiosa. A chibata do mestre de escola era um outro método para conseguir a modificação do comportamento.

Estes tipos de técnicas de modificação do comportamento são usadas de uma maneira gentil, com carinho e com vantagem para criança que modifica seu comportamento sem causar rancor. Todavia, se estas técnicas são usadas com maldade será um prejuízo para psique da criança e as suas emoções. Um exemplo é a síndrome da "criança maltratada".

As seitas usam um modelo de modificação do comportamento refinada e pervertida que estraga a emotividade da pessoa.

### **Dissonância Cognitiva**

Leon Festinger é um psicólogo que estudou grupos que profetizavam o fim do mundo. Ele descobriu que a devoção dos membros à seita tornava-se maior depois que a profecia não se realizava. As suas pesquisas

revelaram que os membros achavam uma maneira para encarar o fracasso.

Eles precisavam manter ordem e significado na vida. Precisavam pensar que estavam portando-se bem conforme a imagem auto-criada e seus valores. Festinger descreveu esta contradição que os membros deviam enfrentar aquela que se tornou celebre como a "Teoria da Dissonância Cognitiva", que se compõe de três elementos:

“Controle do comportamento” – “Controle do pensamento” – “Controle das emoções”.

Cada uma tem um efeito enérgico sobre as outras: é SUFICIENTE MUDAR UMA E AS OUTRAS PROPENDERÃO A SEGUI-LA. Quando as três forem modificadas a pessoa é completamente diferente. Festinger sintetizou o principio básico:

"Mudando o comportamento de uma pessoa, seus pensamentos e sentimentos também mudarão para tornar menor a dissonância".

Quando há um conflito entre pensamento, sentimentos o comportamento, aqueles em luta se modificarão para aliviar a contradição. Isso acontece porque uma pessoa pode tolerar apenas uma certa quantidade de discordâncias entre estes componentes que produzem a identidade. Nas seitas esta dissonância vem criada intencionalmente para controlar e explorar.

Steven Hassan, autor do 'Combatting Cult Mind Control', acrescentou naquelas de Festinger um quarto componente: "O controle da Informação".

Controlando a informação que uma pessoa recebe, pode-se controlar e restringir a sua capacidade de pensar autonomamente. É possível pôr um limite à capacidade de uma pessoa de pensar sozinha.

### 1) Controle do Comportamento

O controle da realidade física da pessoa.

Pode incluir o controle do ambiente do dia-a-dia, a comida, a roupa, o sono, o trabalho, etc. Este é o motivo que leva muitas seitas a constranger os adeptos em horários e programas muito rígidos. Nas seitas destruidoras há sempre algo para fazer. Cada seita tem sua série de comportamentos distintivos que a os fiéis devem cumprir.

Este controle é tão forte que os membros da seita tornam-se de fato parte ativa nos seus próprios castigos e chegarão a acreditar que os castigos são merecidos! Ninguém pode mandar no pensamento de um indivíduo, mas **PODENDO CONTROLAR O COMPORTAMENTO, O CORAÇÃO E A MENTE ACOMPANHARÃO O COMPORTAMENTO.**

### 2) Controle do Pensamento

O controle do processo do pensamento individual

A doutrinação dos membros é tão acurada que eles mesmos irão manejar seus processos mentais. A ideologia vem assimilada como "A Verdade". As informações de entrada são filtradas através dos mesmos preceitos da seita, que regula também o que se deve pensar da informação.

A seita tem sua própria linguagem que regula ainda mais o pensamento dos fiéis. Isto cria uma grande barreira entre os membros da seita e os demais.

Uma outra possibilidade de controle são as técnicas de "bloqueio do pensamento". São muitas: salmodiar, cantar, segredar, as linguagens carregadas (alguns devem pagar para conhecê-las), rezar em concentração, etc. O uso destas técnicas provoca um curto-circuito na capacidade da pessoa de perceber a realidade. O adepto poder ter somente pensamentos positivos em relação ao grupos. Se aparece um problema, o membro se acha o responsável e trabalha mais pesado.

### 3) Controle Emotivo

O controle da vida emotiva individual

Isto permite manipular os sentimentos da pessoa. Senso de culpa e medo são usados para manter o controle.

Os membros da seita não conseguem ver o controle por causa do senso de culpa e, como as vítimas de outros abusos, são condicionados a culpar a si mesmos quando as coisas não andam na maneira certa. As vezes

chegam a agradecer o líder quando este remarca as infrações deles.

Tradução: M. Martinelli ( [martinelli@usa.com](mailto:martinelli@usa.com) ).

Existem duas maneiras para usar o medo:

O primeiro é inventar um inimigo externo (nós contra eles) que está nos perseguindo;  
o segundo é o medo dos castigos impostos pelos líderes para quem não é "suficientemente bom". Ser "suficientemente bom" significa cumprir perfeitamente a ideologia.

O mais potente controle emotivo é o doutrinação à fobia. Isto pode levar a pessoa a reagir com pavor somente ao pensar em abandonar o grupo. É realmente impossível para um membro imaginar viver fora do grupo. Não existe nenhuma arma real apontada contra a cabeça deles, mas uma arma psicológica não tem um poder menor.

#### **4) O controle das fontes de informação individual**

Privando uma pessoa das informações necessárias para alcançar um juízo objetivo, faz com que ela não tenha a capacidade de consegui-lo. As pessoas são enredadas pelas seitas porque vem-lhes proibindo o acesso às informações críticas que precisam para avaliar corretamente a situação. As correntes psicológicas que amarram as mentes deles são poderosas como verdadeiras correntes que os prendem longe da sociedade. O processo psicológico é tão forte que destrói os mecanismos de funcionamento interiores para elaborar as informações críticas às quais são expostos.

## PÂNICO, GUERRA E SEMIO-KAPITAL

Franco Berardi (Bifo)



A globalização se encontra reenquadrada sob a luz negra da guerra global. Isso significa que necessitamos reconceituar a mudança que está ocorrendo na forma social, econômica e antropológica da globalização. Durante os últimos dois séculos, o controle global era a tecno-utopia geral da sociedade capitalista e da cultura moderna. Agora, se foi o tempo do controle global. Hoje estamos totalmente fora deste esquema. O novo esquema reinante do capitalismo é o pânico global. Se quisermos entender o que significa pânico, precisamos falar da “economia da atenção” e do “trabalho digital”. É aí que está a fonte do pânico

contemporâneo, na organização do tempo na esfera digital, na relação entre ciberespaço e cibertempo.

O que é pânico? Somos informados que psiquiatras recentemente descobriram e nomearam um novo tipo de desordem – eles a chamam de “Síndrome do Pânico”. Parece que uma forma comum de pânico, de “Síndrome do Pânico”, é algo bastante recente na auto-percepção psicológica dos seres humanos. Mas o que significa pânico?

Antes, “pânico” costumava ser uma boa palavra, e é neste sentido que o psicanalista suíço-americano James Hillman recorda em seu livro sobre Pã. Pã era o deus da natureza, o deus da totalidade. Na mitologia grega, Pã era o símbolo da relação entre o homem e a natureza.

Natureza é o fluxo esmagador da realidade, das coisas e da informação que nos cercam. A cultura moderna está baseada na idéia de dominação humana, da domesticação da natureza. Mas o sentimento original de pânico, que era algo bom para o mundo antigo, está se tornando cada vez mais assustador e destrutivo. Hoje, o pânico se tornou uma forma de psicopatologia. Podemos falar de pânico quando vemos um organismo consciente (individual ou social) sendo subjugado pela velocidade dos processos em que ele/ela/aquilo está envolvido e não tem tempo de processar a entrada de informação. Nestes casos o organismo, de repente, não é mais capaz de processar a abrupta quantidade de informação vindo para o seu campo cognitivo, ou mesmo aquela que está sendo gerada pelo próprio organismo.

Transformações tecnológicas deslocaram o foco da forma capitalista de organização da esfera da produção de bens materiais para a infosfera, a esfera dos bens semiológicos. Com isso, o Semio-Kapital se torna a forma geral da economia. A acelerada criação de mais-valia depende da

aceleração da infosfera. A digitalização abre o caminho para este tipo de aceleração. Signos são produzidos e postos em circulação numa velocidade crescente mas o terminal humano do sistema (a mente incorporada) é colocado sob pressão crescente, e finalmente sofre colapso sob pressão. Creio que a atual crise econômica tem algo que ver com este desequilíbrio no campo da semio-produção e no campo da semio-demanda. Este desequilíbrio na relação entre a oferta de bens semióticos e o tempo socialmente disponível de atenção é o núcleo tanto da crise econômica quanto da crise intelectual e política que estamos sofrendo agora.

Podemos descrever esta situação nos termos da relação entre ciberespaço e cibertempo. O ciberespaço é a infinita produtividade da inteligência coletiva numa dimensão reticular. A potência do intelecto geral (*General Intellect*) é enormemente intensificada quando um grande número de pontos entram em conexões uns com os outros graças à rede telemática. Conseqüentemente, a info-produção é capaz de criar uma infinita oferta de bens mentais e intelectuais. Mas enquanto o ciberespaço é conceitualmente infinito, o cibertempo não é nada infinito. Chamo de cibertempo à habilidade de organismo consciente de realmente processar a informação (ciberespacial). Esta habilidade não pode ser indefinidamente expandida, por que ela tem limites que são físicos, emocionais, afetivos. A relação entre infinita expansão do ciberespaço e limitada capacidade de processamento do cibertempo se torna, em minha opinião, o mais importante problema na presente crise capitalista.

Durante o último ano fomos testemunhas de um tipo de quebra das telecomunicações. Corporações de telecomunicações investiram uma grande quantidade de dinheiro com o fim de comprar as frequências de UMTS (Universal Mobile Telecommunications System - Sistema Universal

de Telecomunicações Móveis). Grandes quantias de dinheiro também foram investidas na criação de infraestruturas técnicas como a rede de cabos de fibra ótica. Mas tudo isso não está realmente sendo usado. De acordo com o Financial Times (6 de setembro de 2001, "Information Glut"), só 2,5% da rede de cabos de fibra ótica existente estão sendo utilizados. O resto é fibra não-utilizada (fibra escura). No mesmo número do Financial Times aprendemos que só 3% da capacidade do sistema telefônico em todo o mundo é realmente usada.

Logo, o que podemos fazer quanto a isso?

Poderíamos lembrar que Karl Marx uma vez expressou o conceito de uma "crise de superprodução". Vocês sabem o que isso significa. Tem-se uma crise de superprodução quando a maquinaria e a produção dos trabalhadores gera um montante de bens que o mercado não pode absorver. Durante a história do sistema industrial, a crise de superprodução foi recorrente, e o capitalismo levado a destruir bens, capacidade produtiva, e também a destruir vidas humanas, a fim de superar este tipo de crise econômica.

O que acontecerá agora? Deveríamos ver uma relação entre este grande desequilíbrio e a guerra que está assolando e obscurecendo o horizonte do mundo?

Voltemos ao conceito de pânico.

O Semio-Kapital está numa crise de superprodução, mas a forma desta crise não é apenas econômica, mas também psicopatológica. O Semio-Kapital, de fato, não diz respeito à produção de bens materiais, mas à produção de estimulação psíquica. O ambiente mental está saturado por signos que criam uma espécie de excitação contínua, uma permanente

eletrocução, que leva tanto a mente individual como a coletiva a um estado de colapso.

O problema do pânico está geralmente conectado com o gerenciamento do tempo. Mas podemos ver também um lado espacial no pânico. Durante os últimos séculos, a construção do moderno ambiente urbano normalmente dependia do plano racionalista da cidade política. A ditadura econômica das últimas décadas acelerou o crescimento urbano. A interação entre a expansão ciberespacial e o ambiente físico urbano destruiu a organização racionalista do espaço.

Na intersecção da informação e do espaço urbano, vemos o proliferar de uma expansão caótica que não segue nenhuma regra, nenhum plano, ditada unicamente pela lógica do interesse econômico. O pânico urbano é causado pela percepção desta expansão e desta proliferação da experiência metropolitana. Nos tempos modernos, pelo menos desde a renascença italiana, o espaço costumava ser construído à imagem do *kosmos* (*kosmos* é ordem em grego). Agora, experienciamos a proliferação de *lignes de fuite* (linhas de fuga) espaciais, e o organismo social se sente perdido no espaço, incapaz de processar a esmagadoramente complexa experiência do caos metropolitano.

A metrópole é um excesso de complexidade no domínio territorial. A proliferação de linhas de comunicação criou um novo tipo de percepção caótica. Em seu livro *A Economia da Atenção*, Davenport e Beck dizem que o problema central do trabalhador cognitivo, e geralmente de pessoas que estão vivendo em ambientes informacionais hiper-saturados, é este: não temos mais tempo de atenção, não somos mais capazes de entender e processar a entrada de informação por que nosso tempo está saturado por um fluxo de hiper-informação.

Não temos tempo de atenção no lugar de trabalho. Somos forçados a processar quantidades de informação muito grandes e nosso corpo-mente está completamente tomado por isto. E mais, não temos tempo para a afeição, para a comunicação, para as relações eróticas. Não temos mais tempo para aquele tipo espacial de atenção que significa atenção ao corpo – ao nosso corpo, ao corpo do outro. Logo, mais e mais, sentimos que desperdiçamos tempo, que devemos acelerar. E sentimos simultaneamente que a aceleração leva a uma perda de vida, de prazer e de entendimento.

Este colapso na relação entre ciberespaço e cibertempo deve também ser visto como o caráter peculiar da atual situação política. O mundo está acelerando para uma guerra global cujas razões não estão claras, cujos limites não são conhecidos. Alguns estão falando de uma guerra de longa duração, possivelmente uma guerra inacabável.

Nonsense? Sim, nonsense. Mas ao mesmo tempo, esta guerra sem sentido é o mais alarmante sintoma da síndrome de pânico.

Collin Powell, alguns dias depois do 11/9, falou sobre os rumores de que os serviços de inteligência tinham recebido alguma informação sobre bombardeios e seqüestros de aviões antes do 11 de setembro.

“Sim, é verdade”, ele disse, “É verdade, tínhamos recebido informação sobre algo assim, recebemos informação sobre bombardeios e coisas do tipo. Mas sempre recebemos muitas informações que não somos capazes de processar ou mesmo de ver. Temos delas em excesso, este é o problema. Possuímos uma quantidade muito grande de informação”.

Este é precisamente o efeito da info-saturação, que é a consequência da ilimitada expansão do ciberespaço. Logo, o pânico de que falava está

virando pânico social, e estamos entrando numa fase que me parece a fase da guerra do pânico.

De um lado, a guerra é uma maneira pela qual o Capital lida com os problemas econômicos da superprodução. Mas graças à guerra, a produção tecnológica atinge uma nova dimensão e o capital pode ser investido em armas e instrumentos de segurança, segurança e até mais segurança.

Por outro lado, a guerra é tornada inevitável pela confusão mental da classe dominante. Eles não entendem o que está acontecendo por que a realidade ficou muito complexa e muito agressiva. Então reagem de uma forma primária. A classe dominante do mundo está subjugada pela complexidade real do mundo que eles criaram para si mesmos. Não são mais capazes de entender e comandar de uma forma racional.

Logo, vejo dois aspectos na guerra. O primeiro é a reação clássica do sistema capitalista para a crise econômica da superprodução. “O capitalismo traz a guerra como a nuvem traz a tempestade”, dizia um velho sujeito chamado Lênin. A superprodução cria a necessidade por um novo tipo de uso de todas estas capacidades de produção, dos poderes intelectuais e da infra-estrutura tecnológica que estava sem uso. A militarização do intelecto geral é o principal perigo com que estamos lidando atualmente, a militarização da capacidade intelectual que tem sido criada pelo desenvolvimento da inteligência coletiva, e apoiada pelas técnicas da Net.

Ao mesmo tempo, vejo outro aspecto da guerra do pânico. Refiro-me aqui à relação entre complexidade, mais propriamente a super-complexidade, do mundo atual e a pretensão de controle – isto é, a alegação de que a realidade pode ser reduzida à regras dos princípios econômicos

capitalistas, e a pretensão adicional de que um governo imperial global pode administrar um mundo complexo que está escapando do domínio político e do controle econômico.

Em outras palavras, a relação entre regulações “econômicas” e produção infinita, de produtividade, de inteligência em rede – este é o problema.

Deleuze e Guattari falam de caos em *O que é a filosofia?*, dizendo que o caos ocorre quando o mundo assalta o seu cérebro muito rapidamente. Isto é caos. Logo, o problema está na relação entre o cérebro e o mundo, entre cibertempo e ciberespaço.

Mas o problema, antes de tudo político, está na tentativa de governar ou regular esta relação. Se fingimos ser capazes, como o capitalismo quer que façamos, de controlar a infinita produtividade da inteligência reticular, entramos no mundo do pânico, em forma de pânico.

Mas vocês sabem, tenho boas notícias para todos nós. A ditadura liberal, de um lado, e seu irmão gêmeo, o fundamentalismo religioso, desterritorialização e reterritorialização, estão lançando uma guerra suicida. Parece que o pai de Osama Bin Laden e o pai do presidente George Bush (Jr.) são velhos amigos. É o que se comenta. Este é o fim. Este é o fim da ditadura neo-liberal. Vocês sabem, quando um gigante é bastante forte para ser vencido por alguém, só há uma maneira de vencer o gigante: opor a força do gigante contra ele mesmo. É isto que eles estão fazendo (contra eles mesmos). Aleluia!

E agora temos o problema do que precisa ser feito. É com um problema político que estamos lidando, e é um problema de auto-representação do trabalho mental, do intelecto geral.

O que deve ser feito? Eu diria que deveríamos transformar a guerra global num processo de secessão total do trabalho inteligente, intelectual.

Antes de tudo, temos de lançar o movimento global que começou em Seattle, em Gênova, numa nova fase. Temos de direcionar este movimento contra a militarização do trabalho mental.

Em segundo lugar, temos de destruir o preceito da conexão geral entre diferentes estratos afetivos e sociais de trabalho intelectual. Devemos violar o preceito e a guerra. Esta guerra, a guerra do pânico, está criando as condições para um movimento bem sucedido nesta direção.

Tradução de Ricardo Rosas

Fonte: Sarai ([www.sarai.net](http://www.sarai.net)).

### **SUSPEITOS USUAIS : O Boom da Percepção Paranóica da Mídia – uma Análise Crítica/Subjetiva**

Thomas Edlinger

Um encontro por acaso no trem poucas semanas depois do ataque ao World Trade Center. Uma mulher da Tunísia que tem estado vivendo na Áustria por décadas elogia as vantagens da orientação laica do estado tunisiano, se exalta com extravagantes teorias conspiratórias e com a falta de racionalidade nos atuais debates políticos, e então começa, sem dar uma pausa, a falar sobre “o” atual escândalo da mídia. Segundo ela, todo mundo já sabia; só a mídia ocidental aparentemente não – ou mesmo pior, não estava contando o que eles fizeram: 4.000 judeus não tinham trabalhar nas torres gêmeas no 11 de setembro. Só os repórteres – a maioria, naturalmente, judeus – estavam no local minutos depois do ataque – como se eles tivessem sido informados pela organização por trás do ataque: o serviço secreto israelense, Mossad.

De acordo com um artigo na Spiegel, esta idéia foi posta na mídia em 17 de setembro pela estação de televisão libanesa Al Manar, que admite em sua home page estar fazendo “guerra psicológica contra o inimigo sionista”. Mais tarde, foi encontrado no jornal eletrônico americano Information Times e foi propagada em incontáveis versões via e-mail. Finalmente em 18 de outubro, a revista americana Newsweek citou um levantamento realizado pela Gallup International no Paquistão: 48% dos paquistaneses acreditavam que Israel estava por trás dos ataques ao World Trade Center, 25% acreditavam numa conspiração dentro da América, 12% que Osama Bin Laden era responsável pelos ataques.

É assim que ceticismo de massas vira crença de massas. Esta nova crença é paradoxalmente baseada numa desconfiança que se tornou geral – “sob



suspeita”, como o teórico das artes e filósofo Boris Groys chama nossa motivação por colocar a produção semiótica da mídia em questão. Não é só o Arquivo-X e Descartes que dizem “não confiem em ninguém”. Esta suspeita fundamental vai muito além das agora usuais dúvidas sobre a função reflexiva das imagens midiáticas. Ela não é tão dirigida às técnicas manipulativas ou propagandísticas, a questões sobre simulação ou a verdade das imagens e seu potencial para uso como instrumento político. Mais que isso, ela se volta para aquilo que nunca pode ser revelado por estas narrações imagéticas: os motivos escondidos e os bastidores de sua produção. Por que somos expostos a uma determinada imagem, ou mais geralmente, um determinado signo, num determinado momento no tempo?

Os ataques de 11 de setembro oferecem um campo paradigmático para projetar a teoria da conspiração, “a única teoria que descreve nossa relação com o mundo da mídia” (Boris Groys). Por quê? Vários critérios pareceriam relevantes aqui: o efeito surpresa (a anormalidade que deve ser normalizada), as dimensões do horror (quanto mais chocante a proeza, mais acreditável a visão paranóica do estado de emergência parece), a medialidade necessariamente inerente ao terror (sem a mídia não seria mais que um crime normal).

Antes de tudo, deve ser lembrado que o mundo como um todo estava completamente despreparado para os ataques. Hoje, agora que a maquinaria de interpretação tem estado em ação e a natureza chocante do evento parece ter sido digerida, este efeito de ser subjugado perdeu seu poder há muito tempo. Ninguém mais diz seriamente que tudo mudou depois do 11 de setembro. Mas precisamente a natureza inicialmente incompreensível do ato de terror provavelmente fez com que a torrente de racionalizações retrospectivas e interpretações baseadas em teorias da conspiração fosse inevitável. Além disso, as imagens dos

arranha-céus pegando fogo são eventos de mídia por excelência, nos quais a representação da mídia coincide com a muito citada “penetração do real”. A tensão peculiar gerada pela monstruosidade chocante da proeza, a evidência aparentemente direta das imagens, e a apressada acusação de 19 pessoas envolvidas na realização dos ataques foi terreno fértil para interpretações que ao menos propunham serem capazes de lidar com a complexidade, coletivamente sentida, do mundo e o ceticismo em relação à mídia que se tornou parte do pensamento comum pelo menos desde a Guerra do Golfo. Aqui, a visão paranóica é a única que parece crítica e não-manipulada. Ela não se fia na linguagem oficial do poder, que sempre mente, mas sistematicamente busca os pontos onde ela falha. O modo que a para-científica teoria da conspiração trabalha, então, remete tanto à busca por pistas pelo detetive quanto pelo psicanalista, duas profissões que insistem na autonomia e incorruptibilidade.

As várias teorias da conspiração que estão agora proliferando têm pelo menos uma coisa em comum: elas tendem a ver eventos únicos não como rupturas, e mais como continuidades, continuações de uma perpétua conspiração usando outros meios. É por isso que, depois de poucas semanas, o conto da carochinha sobre os 4.000 judeus que não foram ao trabalho retornou ao espaço ideológico que o tinha produzido. É por isso que muitos outros voltam a cair no mesmo dogmatismo eterno que sela a percepção da realidade: a figura paterna CIA/Pentágono/Mossad/EUA/Israel foi responsável por que sempre tem sido; só mudam as vítimas. Este mantra de auto-vitimização é – tal como é sugerido pelas formas com que as lendas paranóicas sobre o 11 de setembro se espalham – não só reforçado pela mídia institucionalizada, hierárquica, mas sobretudo pela descentralizada democracia de comunicação em cadeia (*chain-letter*) da internet. De certa forma, a internet é mesmo o principal meio da teoria da conspiração, sendo de

natureza referencial como ela é: há sempre um outro link a ser encontrado. A vida está aí fora – na Net.

E a Net mostra também algo mais: a popularização da paranóia não tem necessariamente de ser causada por uma forma de cegueira ordenada de cima que degrada os adeptos a vítimas de sua própria incapacidade em relação à mídia, como é algumas vezes argumentado a respeito do analfabetismo, da educação deficiente, ou a inoperante liberdade de imprensa, digamos, no Paquistão. Ela pode também ser o resultado de uma sabedoria cínica. É possível dizer, com Zizek: Eles sabem o que estão fazendo, e eles o fazem assim mesmo.

No entanto, o problema é complicado pelo fato de que realmente há conspirações acontecendo por todo lugar. Os supostos suicidas da Al-Qaeda eram provavelmente parte de uma. E a CIA está com certeza trabalhando sobre outra neste momento. “A questão não é se você está paranóico, mas se você está paranóico o bastante”, diz Thomas Pynchon. Sua virtuosística exposição de mil páginas sobre a hermenêutica como arte paranóica aponta também para a basicamente interminável natureza de qualquer percepção mundial fundada numa teoria da conspiração subversivamente direcionada. Nestes dias, muitas pessoas pensam que estão num tipo de estado de suspensão livre de ideologias no qual “preferências políticas e decisões são na verdade sem significado e praticamente impossíveis”, como coloca o cientista político e pesquisador de paranóias Jodi Dean – sem dúvida se referindo principalmente aos EUA. Como resultado, parece haver uma maior suscetibilidade às geralmente aceitas construções paranóicas agora do em qualquer outra época anterior. Estas provavelmente só podem gerar formas produtivas de conhecimento se o ato de liberação da doutrinação ideológica que elas supostamente expressam retiver um caráter habitualmente nômade e

ficar de guarda contra obrigações em relação a novas (velhas) certezas, como, por exemplo, nas ficções de Pynchon.

Tradução do inglês por Ricardo Rosas

Fonte: Springerin ([www.springerin.at](http://www.springerin.at)).

## RELIGIÕES CORPORATIVAS

Alex Burns ([Alex.burns@disinfo.net](mailto:Alex.burns@disinfo.net))



“O objetivo é unir tudo numa religião corporativa”

Howard Schultz, Café Starbucks

Pegue o vilão desta lista: L. Ron Hubbard, Shoko Asahra, Marshall Applewhite, Luc Jouret, Richard DeVos. Os quatro primeiros são considerados por sociólogos como líderes de *Novos Movimentos Religiosos*. O último é um respeitado *self-made man* milionário e empreendedor de negócios com estreitas ligações com o partido republicano americano. Para a maioria das pessoas não há nenhuma conexão implícita entre o quinteto, mas para uma nova geração de analistas de negócios, a paisagem empresarial pós-milênio pode realmente se tornar um campo de batalhas bem negro.

*Corporate Religion* (Religião Corporativa) é o título de um recente livro de marketing e desenvolvimento organizacional escrito por Jesper Kunde e B.J. Cunningham (Financial Times Management, 1999), que subconscientemente assinala a transferência de técnicas de *branding* (gerenciamento estratégico de marcas) para o campo da motivação de

funcionários (coerção?), confirmando uma iminente tendência que foi exposta no começo dos anos 1990 pelo autor Douglas Rushkoff em vários livros que em parte falam de novas mídias e memética. Todo mundo está agora familiarizado com o “buxixo” da Nike (1) e os argumentos pela globalização. As organizações agit-prop Adbusters e <sup>®</sup>TMark criaram muitas brincadeiras coloridas desmascarando esta turbo-idiotia. Para entender o novo fenômeno se requer uma apreciação com profundidade das sutilezas do comportamento humano e de como nossos sistemas de valores gerados internamente podem nos aprisionar.

Há precedentes: a sátira levemente velada da cientologia feita por Oliver Stone em *Paraíso Selvagem* (*Wild Palms*, 1993) explorava uma profusão de detalhes psicológicos e a fascinação pela Realidade Virtual. Gurus de negócios como Tom Peters, Anthony Robbins, Zig Ziglar e Tom Hopkins “roubaram” técnicas de modificação de comportamento que eram originalmente parte da Semântica Geral (2), da Programação Neuro-Linguística e dos legados das pesquisas de Milton Erickson, Clare Graves, B.F. Skinner, Gregory Bateson, Stanley Milgram e Abraham Maslow.

Antes da “Economia Vodú”(3) de Reagan, o analista político Bertram Gross profeticamente previu que o crescimento tecnológico explosivo e a entusiástica retórica geo-econômica esconderia estruturas de associação-mítica neo-autoritária usadas para controlar populações hospedeiras. Seu livro *Friendly Fascism: The New Face of Power in América* (“Fascismo Simpático: A Nova Face do Poder na América”, M. Halt, 1980) não é tão conhecido como os escritos de Noam Chomsky, por exemplo, mas é também insuperado em seu estudo das mutáveis condições sócio-

econômicas que deram existência a estas novas estruturas. Buckminster Fuller, o simpático visionário, notava, em seu livro *Grunch of Giants* (St. Martin's Press, 1983), que a emergente rede de companhias multinacionais estava simplesmente continuando as táticas de pirataria das monarquias históricas e reinos feudais, deixando a maioria da humanidade permanecer na servidão.

Dave Arnott, autor de *Corporate Cults: The Insidious Lure of the All-Consuming Corporation* ("Cultos Corporativos: A Insidiosa Atração da Corporação que Tudo Consome", AMACOM, 1999), é o mais recente analista de negócios a questionar nossa confiança nos mitos corporativos de significação pessoal, e a invasão do comércio privado na educação, na assistência familiar à criança e no tratamento de saúde. A controversa hipótese de Arnott (que reflete sua visão de mundo conservadora) tem encontrado resistência na imprensa empresarial, mas merece atenção.

O explosivo crescimento dos mercados de trabalho de meio período ou temporário, e versões banda larga da internet podem fazer das Religiões Corporativas uma realidade. "Memes do lucro" (*Profit Viruses*)(4) já estão no cerne de companhias de Marketing Multinível (MMN)(5), a mais famosa das quais é a Amway, co-fundada por Richard DeVos.

O influente romance Cyberpunk *Snowcrash* (Roc Books, 1995) de Neil Stephenson, previa o entrecruzamento de emergentes Religiões Corporativas e política maquiavélica. A internet poderia não só transformar a primeira rede global de comunicações em aclamados shopping centers online, mas também criar um ambiente de oligopólios

onde se faz um mau uso de tecnologias de modificação do comportamento. Se o livro de Kunde e Cunningham pode colher elogios da indústria da publicidade, a sátira de Stephenson deixou de ser engraçada. Quanto vale a sua liberdade?

#### Notas:

1. O "buxixo" – na verdade um trocadilho intraduzível da palavra swish (sussurro) com o nome que alude à forma do logo da Nike (*the Nike Swish*) – a que o autor se refere é o uso que a Nike fez da estética e da atitude dos ativistas australianos para lançar seus tênis Nike Air Zoom Total 90 e Nike Air Zoom International ao criar um suposto "grupo" de ativistas que protestavam através de posters e outdoors espalhados na Austrália contra a "nossa mais ofensiva chuteira". (Nota do Tradutor)
2. A Semântica Geral é um movimento fundado por Alfred Korzybski, que tem no processo de abstração e o seu efeito sobre o comportamento humano a essência de seu enfoque científico. Segundo ele, a linguagem modela o pensamento, pois os outros recebem o que dizemos e fazemos através das suas representações mentais. (N. do T.)
3. Termo cunhado por George Bush pai sobre a decisão de Reagan, durante a campanha presidencial, de cortar impostos para reativar a economia e reduzir o déficit público. (N. do T.)
4. *Profit Viruses* são exemplos de estratégias de negócios auto-replicantes. Cada vez mais disseminados, os "memes (vírus) do lucro"

funcionam pelo recrutamento crescente de novos membros, estimulados pela promessa de ganhos lucrativos.

5. Marketing Multinível (MMN), de Rede ou esquema de vendas piramidal, é o nome que se dá a um sistema intrincado de marketing, com mais ênfase no recrutamento de distribuidores que na venda de produtos. Baseado em “memes do lucro” (veja nota anterior), o MMN é atraente porque vende esperanças e parece estar fora da corrente dos negócios habituais. Promete saúde e independência para todos, mas, independentemente do produto, gera mais fracassos que sucessos, pois para cada distribuidor MMN bem sucedido, há pelo menos dez que não fazem mais que comprar produtos e materiais de promoção, gastando muito mais do que alguma vez ganharão como agentes MMN. – Fonte: Dicionário do Cético: [www.cetico.hpg.ig.com.br](http://www.cetico.hpg.ig.com.br) (N. do T.)

Tradução de Ricardo Rosas

Fonte: Disinformation ([www.disinfo.com](http://www.disinfo.com)).

### **APERTANDO O GATILHO CÓSMICO:**

#### **O Doutor Conspiologia e o link oculto da contracultura com as estrelas**

Ricardo Rosas

“E se o que eu proponho neste livro realmente é verdade, então eu estou apertando um gatilho cósmico?”

Robert K.G. Temple,  
The Sirius Mystery.

A entrada no novo milênio trouxe novamente à tona *2001, Uma odisséia no espaço*, um dos clássicos de Stanley Kubrick. Típico da febre espacial dos 60/70, *2001* espelha o mesmo imaginário *space age* que gerou, entre outras coisas, a hipótese de migração espacial humana ou as teorias de imortalidade e prolongamento da vida, pelos defensores da criogenia. Que alguns destes sonhos tenham sido vislumbrados pela comunidade científica no bojo da exploração espacial americana não é nenhuma novidade. Surpreendente mesmo é descobrir que muitos deles na verdade surgiram no seio da contracultura americana, isso mesmo, no lado oposto do establishment acadêmico-político, estimulados por uma de suas visões mais originais e pirantes.

Segundo esta hipótese visionária, estaríamos no limiar de uma mudança evolutiva que englobaria a física avançada, estudos psicodélicos e a hipótese de vida fora da Terra. Robert Anton Wilson, o sintetizador dessa influente visão, o cara que linkou tantos dados diversos, é hoje cultuado tanto por cyberteóricos, freaks do Silicon Valley, extropianos e crionistas, como por anarquistas, conspiradores, magos do Caos e ativistas

contraculturais. Entre outros, o autor de quadrinhos Grant Morrison, o crítico cultural Erik Davis, o anarco-sufi Hakim Bey ou, quando estava vivo, o cultuado escritor Philip K. Dick. Robert Anton Wilson é uma dessas figuras que são referência básica para entender uma época de transição e mudança de valores como foram os anos 60-70 e como, ao que tudo indica, se configura o início do terceiro milênio.

E não apenas por sua atualidade, em consonância com as pesquisas em torno de uma SuperInteligência ou Cérebro Global conectando tudo, ou mesmo o boom de teorias conspiratórias no fim dos anos 90, o fato é que Wilson sintetizou, melhor que ninguém, os insights mais penetrantes da pesquisa psicodélica de seus contemporâneos, unindo estudos de magia sexual, meditação, física quântica, circuitos mentais e sufismo, visando fornecer uma visão de mundo que preparasse o ser humano para mudanças evolutivas de percepção e existência. Por outro lado, seus livros normalmente nos enredam numa teia de estudos, fatos, coincidências, que começam a ter um sentido que mescla reflexões científicas com dados míticos, simbólicos e auto-biográficos, numa rede sincrônica e conspiratória.

Tendo trabalhado como editor associado da Revista Playboy (66-71) e sempre lidando com temas fronteira em livros como *Sex and Drugs*, Wilson teve acesso em primeira mão aos manuscritos de William Burroughs para Almoço Nu e foi amigo de Alan Watts e Timothy Leary, com quem chegou a escrever alguns livros. Wilson entrevistou Leary na lendária casa de Millbrook, e visitou-o diversas vezes no período de prisão da década de 70.

É dessa época que data a estória de um de seus livros fundamentais, *Cosmic Trigger* (1977, And/Or Press) ou Gatilho Cósmico, a pedir uma tradução urgente em português. *Cosmic Trigger* é um livro muito especial, em vários aspectos. De leitura fluente e bem humorada, nada nele, no entanto, é muito o que parece. Ensaio científico, biografia, tese conspiratória, piração, *Cosmic Trigger* tem de tudo um pouco. Nele Wilson nos envolve em suas indagações sobre a seita secreta dos Illuminati e conexões que esta e suas congêneres, como os sufis ou a Golden Dawn, teriam com a estrela Sírius B. No caminho, passa por autores, acontecimentos de sua vida, teorias, números, símbolos, sinais, contatos, que pouco a pouco nos prendem numa trama incrível de coincidências.

O título vem de uma indagação de um astrônomo inglês, Robert K.G. Temple, sobre o impacto de seu livro, *The Syrius Mystery*, que levantava hipóteses de vida na estrela Syrius B. Entre outras coisas, Temple especulava sobre conhecimento que os egípcios e a tribo africana dos dogons teriam da estrela, muito antes de sua descoberta por astrônomos na segunda metade do século 20, uma vez que esta é invisível a olho nú.

As teses de Temple conectam Wilson ao que ele chama, segundo o Dr. John Lilly, de Centro de Controle da Coincidência Cósmica, que começa a linkar os estudos e acontecimentos em que Wilson nos conduz. A magia tântrica e os escritos de Aleister Crowley, os paralelos entre várias seitas secretas e os Illuminati, o encontro de Wilson com um “mescalito” (gnomo ou alien), as teses sobre abduções extraterrestres do Dr. Jacques Vallée em *The Invisible College*, o número 23 sugerido por

William Burroughs, a meta-programação mental proposta pelo Dr. John Lilly, os ensinamentos de autoconhecimento do místico George Gurdjieff, a conspiração em torno de Wilhelm Reich, a sincronicidade de Jung, tudo tem um ponto nodal, um nexo de ligação no Gatilho Cósmico.

Seja através da recorrência constante de símbolos como a estrela Cão, o deus Hórus e sua cabeça de falcão ou fênix, o olho-na-pirâmide, ou o anagrama dog-god, seja na Rede invisível que Wilson vê ligando o assassinato do Presidente Kennedy, a vida de seus amigos fundadores do Discordianismo ou mesmo de Uri Geller, a cadeia de coincidências de Cosmic Trigger pouco a pouco nos coloca dentro de um mundo interconectado de temas que se repetem, beirando o que Wilson chamou de Capela Perigosa (*Chapel Perilous*), onde se está no meio do mistério e dentro dele.

Toda essa trama pop-conspiratória é também a estória de Wilson, que nos conta tudo com a naturalidade de uma conversa casual. De uma maneira muito divertida, Wilson incorpora as personas mais diversas como o Cético, o Libertário ou o Xamã.

A idéia da Rede, que lhe fora sugerida pela esposa de Alan Watts, Jano, e que ecoa a teoria *bootstrap* (de uma teia da vida) de Fritjof Capra, serviria para desvelar os sinais cada vez mais frequentes de que estaríamos à beira de uma intensa mudança evolutiva.

Mais que isso, comprovaria, desde milhares de anos atrás, o contato da humanidade com entidades extraterrestres. Isso se afiguraria no

conhecimento arcano de diversas seitas e grupos secretos ao longo da história, fossem eles persas, egípcios, babilônios, neo-platônicos, sufis ou gnósticos.

O desenrolar dos fatos chega ao pico da sincronicidade em 73. Numa experiência meditativa com Sirius B, no período entre julho e agosto - tido pelos egípcios como de maior probabilidade de contato com a estrela - a projeção astral o leva até Timothy Leary. Este, estando preso e impossibilitado de contactá-lo, aparecerá meses depois com os relatos das *Starseed Transmissions*. Leary teria realizado, nos “dias de cão” de julho-agosto de 73, sessões de telepatia com mais três pessoas para buscar contato com alguma inteligência superior. As “canalizações” resultantes destas sessões teriam sido sumarizadas nas “Transmissões da Semente-Estrela” (não confundir com o livreto do mesmo nome do médium Ken Carey, datado de 78-79).

As *Starseed Transmissions* diziam, entre outras mensagens:

*“O objetivo da evolução é produzir sistemas nervosos capazes de se comunicar e retornar à rede galáctica onde nós, seus pais interestelares, os esperamos.”*

*“Vocês estão para descobrir a chave para a imortalidade na estrutura química do código genético, dentro do qual vocês vão encontrar a escritura da vida.”*

*“Vocês descobrirão a chave para a inteligência incrementada dentro da*

*química do sistema nervoso”.*

*“Total liberdade, responsabilidade e harmonia interespecies farão a viagem possível.”*

Frases como essas, verdadeiros vírus de linguagem ou memes, como as emissões em *VALIS*, de Philip K. Dick, fazem das *Starseed Transmissions* um precioso documento de época e podem ser contrapostos no mesmo zeitgeist que gerou *2001*. Pertencem à fase menos lembrada de Timothy Leary, entre a época áurea do LSD e sua mais recente faceta cyberpunk. Vemos, à época de *Starseed*, Leary defendendo a famosa sequência SMI2LE, uma transformação evolutiva que nos prepararia para a Migração Espacial(SM), Inteligência ao Quadrado (I2) e Extensão da Vida(LE). Leary se voltaria neste período para a busca de uma evolução que nos permitisse viver no espaço sideral e manter contato com entidades alienígenas.

A sincronicidade das experiências de Wilson com as “canalizações” de Leary e seus três auxiliares só parece confirmar as suspeitas do autor de *Cosmic Trigger*.

Mas a espiral de acontecimentos reserva uma tragédia para Wilson. A morte de sua filha muda radicalmente sua vida, marcando o início de uma fase de reflexões profundas, que perfazem a segunda parte do livro.

O gatilho cósmico agora é acionado num novo nível. Com os dados recolhidos ao longo do percurso, Wilson parte para a análise. As

evidências de contato e conhecimentos ocultos sobre Sirius ao longo da história são interpretadas nos diversos pontos nodais entre fatos e dados coincidentes.

Valendo-se da física quântica, Wilson então aprofunda sua hipótese de contato estudando o Teorema de Bell, formulado como resposta à demonstração do efeito de Einstein-Rosen-Podolsky(ERP). O ERP pretendia invalidar a física quântica, demonstrando a impossibilidade de certas partículas estarem em contato instantâneo mesmo se em pontos opostos do universo.

O Teorema de Bell sugere três interpretações possíveis ao efeito ERP: A mecânica do Quantum falha *e/ou* a objetividade falha *e/ou* falha a localização. As alternativas de realidade derivadas do Teorema permitiriam pensar em possibilidades como viagem no tempo, psicocinese, realidades paralelas, comunicação extraterrestre, conexões sincrônicas e acasuais, entre outras. Sob esta perspectiva, nada do que Wilson relatara e presenciara na primeira parte do livro ficaria fora das possibilidades da física quântica avançada.

Louco demais, Broder? A física quântica explica. Pra detonar de vez, Wilson salta do terreno da especulação científica para o coração da pesquisa psicodélica, com o estudo que Timothy Leary fez sobre os oito circuitos mentais do ser humano. Esta parte, disponível em português no Rizoma, enfoca o cerne da evolução visionária projetada por Leary para o homem do futuro.



O uso evolutivo dos dois hemisférios cerebrais, as transformações neuro-elétrica, neuro-genética e neuro-atômica, entre vários outros “pontos de mutação”, permitiriam nossa subida às estrelas.

Esse visionarismo tecno-psicodélico participa do espírito futurista do pós-guerra americano tanto quanto a criação mesmo da Nasa, a arquitetura utópica de Paolo Soleri, o projeto Biosphera (que começou como projeto privado para a colonização de Marte), as sociedades criônicas da Califórnia pesquisando a imortalidade ou toda a recente obsessão por fenômenos ufológicos.

Mas o que torna a tese dos “oito circuitos mentais” absolutamente revolucionária é o conceito de drogas como tecnologias mentais, muito antes das recentes investidas no assunto de cyberteóricos como Sadie Plant em *Information War in the Age of Dangerous Substances*. Na visão de Wilson, psicoativos como LSD ou Ketamina poderiam incrementar um processo de desprogramação (desfazendo “túneis de realidade” egóicos) que nos permitiria dar o “salto quântico” da evolução.

Wilson não pára por aí. O número de circuitos mentais, oito, teria uma estranha recorrência em várias doutrinas, como na pitagórica e sua Lei das Oitavas, na oitava de energia dos místicos, nos 64(8x8) hexagramas do I-Ching, na cadeia de 64 codons de DNA, nos múltiplos de 8 da geometria sinérgico-energética do arquiteto visionário Buckminster Fuller, ou nas oito famílias de Elementos da Tabela Periódica de Mendeleev.

Essa constante referência à oitava foi aprofundada por Leary e Wilson em

dois outros livros(*The Periodic Table of Evolution* e *The Game of Life*) conectando a numérica na cabala, no tarô e no zodíaco. Seu estudo comparado permitiria à ciência, de acordo com seus autores, encontrar um código que traduzisse símbolos tradicionais do ocultismo em categorias científicas e operacionais.

Fugindo da dicotomia espiritual/material, e além dos dualismos da lógica grega e da teologia cristã, Wilson chegará até uma das mais originais sínteses contemporâneas do científico com o espiritual, a tese defendida pelos irmãos Terence e Dennis McKenna em *The Invisible Landscape*. A hipótese do mundo holográfico, o cálculo das escalas de tempo de acordo com os 64 hexagramas do I-Ching, o “despertar cósmico” (escathon) de 2012, como o ponto Ômega de Theilhard de Chardin, e sobretudo a ação de psicodélicos abrindo para centros neurais superiores a informação quântica dentro do DNA, são todos pontos da teoria dos McKenna que parecem essenciais para linkar a imensa rede traçada em *Cosmic Trigger*.

Que as investigações de Wilson tenham rendido mais dois gatilhos cósmicos(*Cosmic Trigger II e III*) e duas séries super-cultuadas de ficção científica (as trilologias *Illuminatus!* e *Schrödinger's Cat*), só parece demonstrar que o mistério talvez seja maior do que seu autor imaginasse.

Se essa busca ainda não levou Wilson para as estrelas, ao menos lhe proporcionou uma significativa legião de cultuadores, entre anarquistas, artistas, místicos, cientistas e curiosos responsáveis pelas sucessivas reedições de *Cosmic Trigger*.

Mas o quê, fora as ousadas e argumentáveis hipóteses levantadas por Wilson, tem feito do Gatilho Cósmico um objeto de culto tão especial dentro da contracultura, a ponto de Erik Davis (estudioso do pós-humanismo contracultural e autor de *Techgnosis*) colocá-lo como um marco num anti-cânone libertário e iconoclasta que estaria se cristalizando - muito embora já exista de longa data - na esteira da mudança de paradigma preconizada na ciência?

Como já foi dito antes, nada no livro é muito o que parece. Pois bem, à medida que nos coloca em sua cadeia de coincidências, nessa espécie de raciocínio que muito adequadamente cunhou de “ontologia de guerrilha” (e que fez dele o Dr. Conspirologia por excelência), Wilson vai pouco a pouco desconstruindo, minando nosso sistema de crenças. Nossa percepção do mundo. O que acreditamos ver e o que realmente vemos. As noções de realidade de acordo com a ciência mecanicista, que, como também acredita Fritjof Capra, ainda determinam boa parte dos pressupostos racionais que temos sobre como o mundo “funciona”. A monitoração do imaginário efetuada pela mídia. O Ego e nossa existência no mundo de acordo com condicionamentos emocionais. Ou seja, como diz uma epígrafe do livro, “tudo o que você sabe está errado”.

Toda essa “dissonância cognitiva” gerada em *Cosmic Trigger*, espécie de desprogramação subliminar acompanhando seu desenrolar - e que corresponderia ao desvelar das “portas da percepção” conforme Blake e Huxley, ao desregramento dos sentidos por Rimbaud, ou ainda à superação do Ego de acordo com o misticismo oriental - tem, como em *Matrix*, o efeito de um desvelar gnóstico.

Seria o caso de pensar aqui não em uma gnose no seu sentido mais tradicional, muito embora a analogia aqui seja bastante cabível, mas no sentido mais atual de uma tecnognose, como pensada por Erik Davis, uma gnose tecno-evolutiva, nos conectando à rede sincrônica da Supermente ou Logos no pleroma intergaláctico.

Muito anteriores ao surgimento da Internet, o pensamento interconectado de Wilson e sua noção de uma rede linkando todas as coisas guardam semelhança tanto com a tradição hermética da Tábula de Esmeralda (“o que está em cima é como o que está embaixo”), do pitagorismo, dos neo-platônicos primitivos e renascentistas, da *coincidentia oppositorum* de Giordano Bruno, das “correspondências” de Swedenborg e Baudelaire ou das analogias de Charles Fourier, quanto com os mais recentes fractais de Mandelbrot (Teoria do Caos), os rizomas de Deleuze e Guattari ou os pontos nodais de William Gibson.

Sendo ao mesmo tempo *tradicional* (no sentido da *traditio* hermética) e extremamente contemporânea, a tecnognose de *Cosmic Trigger*, com toda sua desconstrução do ego ocidental, advoga um tipo de irônica esquizofrenia, como nos diz Erik Davis em *Techgnosis*, um ying/yang de ceticismo e imaginação que mantém a mente sempre numa encruzilhada, posta entre o sim e o não.

Que seja esse o mesmo espírito a guiar a prática de magos do caos, e que gerou a inflação de teóricos da conspiração nos anos 90, não é de estranhar.

Para terminar, ninguém melhor que Timothy Leary para definir com precisão a “bruxaria de laboratório” de Wilson, no prefácio do livro:

“Este Livro, *Cosmic Trigger*, e seu autor, Robert Anton Wilson, podem melhor ser entendidos como modernas ligações com esta cadeia ininterrupta de filósofos alquímicos e Agentes de Inteligência que aprenderam sistematicamente como acionar e sintonizar seus próprios sistemas nervosos e (via auto-experimentos bioquímicos internos) aprenderam como converter, via RNA, com seu próprio DNA, decifrar a Pedra Rosetta genética e pegar conhecimento experiencial direto do processo evolucionário”.

Captou?

### **SOU HEREGE?**

Ricardo Schott

([www.discotecabasica.blogspot.com](http://www.discotecabasica.blogspot.com))

"Ragatanga", a música do Rouge, traz de volta à cena as mensagens satânicas que - dizem - povoam determinadas músicas. Especialmente no mundo do rock e, de acordo com certos especuladores, até na MPB. Mas a associação de pessoas de sucesso a pactos com o coisa ruim é algo que não vem de hoje.

Numa coisa o SBT pode dizer que conseguiu superar a Globo. Ainda que a disputa entre Casa dos Artistas e Big Brother Brasil tenha sido acirrada, a TV do Silvio (junto com Rick Bonadio e outros) conseguiu bem mais com o Rouge (revelado pelo reality show Popstars) do que a Globo conseguiu com Vanessa Jackson e similares revelados pelo Fama. Não há praticamente ninguém que não tenha escutado falar do Rouge ou da tal da "Ragatanga", o maior sucesso do grupo, que já está tocando direto em rádios, TVs e boates.

Prazer para alguns, tortura para outros, a música acabou reacendendo uma polêmica que volta e meia volta à cena com alguma música de sucesso: a das mensagens satânicas escondidas. O refrão da música (o intraduzível "Aserehe ra de re/ De hebe tu de hebere seibiunouba mahabi/ An de bugui an de buididipi") já foi acusado de ser uma invocação demoníaca, o Padre Quevedo já foi chamado para se meter no assunto e até um pastor evangélico (ou coisa parecida) andou aparecendo

para dizer que a tal expressão "aserehe" significaria "eu sou herege". Que que é isso?

A título de informação: a música do Rouge, caso você ainda não saiba, é uma versão em português do sucesso espanhol "Aserejé", cantado pelo grupo de meninas Las Ketchup - o grupo assim se chama porque é formado pelas três filhas do guitarrista flamenco Juan Muñoz, conhecido como Tomate (sério!). O que pouca gente se tocou é que o refrão da música nada mais é do que uma corruptela da letra de "Rapper's Delight", do grupo Sugarhill Gang. A letra, no original espanhol, fala de um dançarino chamado Diego que adora essa música, mas não sabe direito inglês - num esquema meio "I Saw You Saying", dos Raimundos.

Portanto, fica difícil falar de mensagens cifradas num caso desses, diante dos fatos (até porque um "herege" na visão da igreja não chamaria a si mesmo de herege...). Agora, não é de hoje que as "denúncias" sobre esse tipo de mensagem chamam a atenção de quem é chegado numa teoria conspiratória. Se você chegar para qualquer músico que tenha sido acusado de colocar mensagens ao contrário em seus discos, provavelmente ele vai negar tudo. Mas tem coisas que parecem por demais evidentes. Quem já deu uma escutadinha em "Over The Hills And Far Away" do Led Zeppelin e escutou um "Satan's really lord" sem margem de dúvidas sabe disso... E há quem leve isso a sério.

### **O ponto de vista**

"As imagens são captadas pelos olhos, que fazem mais de 100 mil fixações

conscientes por dia. Numa fração de segundo esta imagem é invertida pelo nervo óptico e enviada ao cérebro (hipotálamo) para ser processada", "Como as mensagens subliminares, ou ocultas são enxertadas ou inseridas na mídia em geral, de maneira tal que a percepção não seja consciente, teoricamente elas estão, ou poderão estar em todo lugar (sem que você perceba, é claro!)"

Essas frases foram tiradas do site Mensagem Subliminar ([www.mensagensubliminar.com.br](http://www.mensagensubliminar.com.br)). O idealizador do site já andou dando entrevistas a programas de televisão e, numa delas, dada no falecido Superpositivo, da Band, chegou a escutar um "isso tudo é besteira!" do próprio produtor do Rouge, Rick Bonadio (bem antes do SBT ter a idéia de fazer o reality show, diga-se). Um passeio pelo site revela detalhes surpreendentes de filmes, camisetas, capas de discos e até embalagens do McDonalds (como a sacola de papel - disponível no Brasil - em que Ronald McDonald apareceria com o dedo em sinal de fuck you).

O site também tem uma parte que fala sobre mensagens gravadas ao contrário em músicas, e até disponibiliza MP3 das mesmas. É o tipo de coisa que é preciso acompanhar com disponibilidade, paciência e bom humor, porque o site começa a ficar caricato e até preconceituoso em certos momentos - especialmente quando fala de rock e cita depoimentos de artistas.

De acordo com outros estudos, também disponíveis na internet, o fato de haver mensagens ao contrário em discos - como dizem ocorrer com várias bandas - é algo interessante, mas que nada tem a ver com a eficiência das

mensagens subliminares. Segundo um artigo publicado no site Em Crise, as mensagens subliminares são mesmo assimiladas inconscientemente - ao contrário do que acontece com as palavras e expressões ditas ao contrário, que não seriam "decodificadas" em nenhum nível pelo ouvinte, a não ser que ele esteja mesmo à procura delas, e as encontre...

Portanto podem existir mensagens cifradas gravadas ao contrário - e podem existir pessoas curiosas o suficiente para estragar milhares de discos de vinil tentando decifrá-las - mas elas só produziram efeito quando ouvidas normalmente. Um poucas fontes, como o livro La Cara Oculta Del Rock, de Fernando Salazar Bañol, acreditam piamente na existência em grandes quantidades - e na eficiência instantânea - dessas mensagens. Há pessoas que estudam a propaganda subliminar de forma mais profunda, como o professor Flávio Calazans, da faculdade de comunicação Cásper Líbero, que tem até site próprio ([www.calazans.ppg.br](http://www.calazans.ppg.br)). Uma coisa é certa: subliminar ou não, a proximidade de músicos, cantores e demais artistas com o tihoso é um assunto que parece não ter fim.

Exemplos de mensagens ocultas em músicas não são difíceis de serem achados. O Led Zeppelin, por seu conteúdo claramente ocultista (Jimmy Page nunca escondeu seu interesse sobre o assunto), é campeão nesse tipo de especulação, mas a mesma coisa aparece com os Beatles, os Stones, os Eagles. Sim, até mesmo os aparentemente inofensivos Eagles têm especulações sobre seu hit "Hotel California" ("uma das canções mais poderosas já escritas", segundo o ex-produtor e satanista arrependido Johnny Todd). Segundo o que dizem, o tal "hotel" existe mesmo e teria

sido construído no lugar em que outrora funcionava a igreja satânica de Anton LaVey - o mesmo com o qual Marilyn Manson jura ter se encontrado algumas vezes. A música descreveria uma visita à tal Igreja. Rodada ao contrário, a faixa liberaria versos como "I'll sing because I live with satan", "Satan, I love you" e outras amenidades. Curiosamente, é a única faixa do grupo que muita gente conhece.

As relações do Led com satanismo, ocultismo e outras coisas do gênero, por sua vez, são evidenciadas pela história do grupo - Jimmy Page gostava de estudar a obra de Aleister Crowley, comprou um dos templos do mago, a Abadia de Thelema, e chegou a compor (após embromar durante anos) a trilha de um filme chamado Lucifer Rising. Há quem diga que a foto da capa do quarto disco do Led (aquela que tem um velhinho carregando feno), ao ser olhada minuciosamente, se revelaria como o rosto do demo.

Especulações históricas interligam o objeto da capa do disco Presence, de 1976, o obelisco da capa do disco Who's Next, do Who e um objeto fálico que, dizem, deveria ficar no altar do templo crowleyano (de acordo com alguns doidões que leram o livro Magick: Theory and Practice). Outra capa crowleyana do Led teria sido a do vinil In Through The Outdoor - cujas fotos internas teriam sido tiradas num dos bares preferidos de Crowley em New Orleans, o The Old Absynthe Bar. Ainda tem o fato do disco ter tido várias capas diferentes, cada uma explorando a cena do bar do ponto de vista de uma das pessoas presentes - lembrou do verso "é que o ponto de vista/é o ponto da questão?", do crowleyano nativo Raul Seixas (em "Que Luz É Essa")?

Pois é. Daqui a pouco só falta a gente acreditar naquele papo de que as fitas master dos grandes clássicos do rock eram consagradas em um altar satanista em Los Angeles antes de serem lançadas... No já citado livrinho *La Cara Oculta Del Rock*, o ex-produtor Todd garante: "A master é levada a uma sala fechada para o público e é colocada sobre um altar (...) Três pessoas impõem as mãos e chamam os demônios (...) Faz-se a invocação de Rija (o príncipe do satanismo), para que ordene aos demônios que acompanhem cada disco ou cassete feito com essa matriz (...), e é por isso que as pessoas os compram, porque têm feitiços"...

### **E no Brasil?**

O tal site Mensagem Subliminar tem uma parte que aborda o assunto das mensagens cifradas num país latino-americano muito conhecido nosso... sim, o Brasil. Como o Brasil sobrevive da indústria de fofocas (é só verificar a programação televisiva da tarde, quase totalmente dedicada aos fuxicos), especulações sobre a relação de pessoas famosas com demônios ou feitiços - e isso já atingiu de políticos famosos a cantores. Quase todos os artistas/ músicos que foram vítimas desse tipo de fofoca são muito, mas muito populares - são populares porque fazem lidam com o oculto, ou são acusados de lidar com o oculto porque são populares?, é a pergunta que fica.

Xuxa, por exemplo. Disse Tom Jobim que fazer sucesso no Brasil é ofensa - daí a necessidade que muitas pessoas teriam de associar o sucesso alheio a pactos, a rituais sangrentos em que morrem animais, a caboclos, terreiros de umbanda, pretos velhos etc. Mas realmente, essa de

"Marquei Um Xis" ("um xis, um xis no seu coração/ pra você nunca me esquecer...") é bem manjada: ao contrário, o tal "xis, xis, xis" viraria "six, six, six", *The Number Of The Beast* - só que aqui o som não tem nada a ver com Iron Maiden, muito pelo contrário. Segundo a central de boatos, a inofensiva música "Meu cãozinho Xuxo" se revelaria uma obra satânica de causar arrepios até em Jimmy Page: "Meu Anjo é o Diabo e o mundo tem que ter esse seu amor que recebo", diria a música. Que é isso...

Será que esse tipo de especulação não vem mais da inveja e do ócio mental alheios do que de qualquer outra coisa? Realmente, seria muito complicado ficar imaginando Xuxa e as Paquitas matando bodes na Globo. Aliás, ela, as Paquitas e Roberto Carlos, de quem o próprio Mensagem Subliminar destaca um verso que estaria, cifrado, na música "Guerra dos meninos": "... e este diabo vai chamar de novo". Só se aquela fase católica toda do Rei for arrependimento, mas mesmo assim fica complicado.

Bem mais fácil seria imaginar os Raimundos ou o Charlie Brown Jr., cujos cliques são cheios de violência e de mensagens bisonhas (é só ver os vídeos de "Palhas Do Coqueiro", "Andar Na pedra" e "Sanidade"), passando por esse tipo de especulação - mas o curioso é que esses artistas nunca nem foram vítimas de fofocas, ao contrário do que acontece nos EUA e Europa, onde se visa mais o pessoal do rock. Nem se pegou tanto (exceto por razões políticas) no pé de Raulzito e de Paulo Coelho, que conta que virou "mago branco" depois que uma invocação particularmente desastrada durante um ritual sexual desorganizou a vida e a carreira do parceiro. Agora, o mesmo site revela uma das mensagens ao contrário mais engraçadas do mundo: na música "Minha Fé", de Zélia Duncan, estaria

escondida a mensagem "os vazamentos não suja a mão e não assusta mais". Bom, que o fim da menstruação, das cólicas, da TPM e de outros problemas são os sonhos de qualquer mulher todo mundo sabe, mas a ponto da coisa tomar dimensões zeppelinianas.

Sério ou não, esse tipo de estudo sobre mensagens cifradas e/ou subliminares até que é interessante e era algo que fazia falta, nem que fosse para compilar as intermináveis teorias a respeito do assunto. No fim das contas, a impressão que fica é que o rock tem tanto circo, tanta palhaçada descompromissada por trás - a maior prova disso é a recente transformação em mito de Ozzy Osbourne, via série The Osbournes - que, no fundo, talvez essas "mensagens" sejam nada mais nada menos do que desejos inconscientes do povo que ouve rock.

É engraçado, às vezes, imaginar que seu artista preferido costumava mandar recados gravados ao contrário em músicas - como também não é difícil pensar nos Beatles mexendo na mesa de gravação, aumentando ou diminuindo a velocidade de certas passagens e "criando" mensagens cifradas só para confundir a cabeça dos fãs (o que era "Glass Onion", do White album, senão uma gozação com os que procuravam significados ocultos nas músicas do grupo?). O circense showbizz brasileiro, com suas celebridades instantâneas, seus "famosos quem?", sua imprensa televisiva marrom, também têm muito disso.

Vendo por esse aspecto, a mensagem cifrada mais representativa não seriam as supostas invocações a Lucifer do Led Zeppelin e dos Eagles, as crowleyices de Raul Seixas, nada disso. Seria a famosa mensagem que,

dizem, está escondida no final do primeiro disco do grupo paulista Língua de Trapo: você ouvia o disco ao contrário e aparecia a frase "você está estragando a sua vitrola". Muito significativo.

### Será?

Essas mensagens, segundo várias pessoas, estão lá mesmo. Quer conferir? Compre um toca-discos, rode ao contrário, estrague seu disco e sua agulha (algo cada vez mais caro e raro), mas divirta-se:

BEATLES: Sim, essa você já sabe: o tal falatório ao contrário no final de "A Day In The Life" seria "Paul McCartney is dead". E "I'm So Tired", do White Album, também tem um papo ao contrário que significaria, em português, "Paul McCartney morreu, que chato, vamos sentir a sua falta". Em "Revolution #9" seria ouvido: "Tire-me daqui. Levante-me, homem morto", e "Excite-me (sexualmente) até a morte".

MENUDO: Essa é velha: "Não se reprima", ao contrário, revelaria o verso "Satanás vive". Só vendo...

PINK FLOYD: Dizem que, a uma certa altura do disco The Wall, é possível escutar algo como "Congratulations, You have just discovered the secret message. Please send your answer to 'Old Pink', Care of the funny farm, Chalfont..."

LED ZEPPELIN: Em "Starway To Heaven" ouve-se, traduzindo para o português: "Quero ir ao reino, quero ir ao inferno, ao oeste da terra

plana. Canto porque vibro com Satã. Todo o poder é do meu satã. Ele nos dará o três-vezes-seis. Vocês têm que viver para Satã".

QUEEN: Em "Another Bites The Dust" estaria a frase "Start to smoke marijuana".

ELECTRIC LIGHT ORCHESTRA: No álbum El Dorado estaria a mensagem "He is the nasty one, Christ the infernal". Essa apareceu após as denúncias do ex-roqueiro convertido ao cristianismo Gary Greenwald.

BLACK OAK ARKANSAS: Citada pelo radialista evangélico inglês Paul Crouch, o "caçador do diabo" - em "When Electricity Came To Arkansas" há gritos e palavras ininteligíveis que seriam, tocadas ao contrário: "Satã... Satã... Satã... He's God... He's God...", seguidas de uma gargalhada, er, satânica...

ULTRAJE A RIGOR: A música "Pelado" começa com um palavreado gravado de trás para diante. O site Mensagem Subliminar jura que aquilo quer dizer "Põe o chapéu, pra gente ficar mais no astral". Fica difícil imaginar o Ultraje querendo curtir uma de 14 Bis, mas...

ENGENHEIROS DO HAWAII: Gessinger, Licks & Maltz decidiram sacanear o negócio da mensagens ao contrário no disco O Papa É Pop, colocando um monte de frases ditas ao contrário na faixa "Ilusão De Ótica" (todas as frases aparecem no encarte, de cabeça pra baixo).

RAUL SEIXAS: O mesmo site diz (várias pessoas já tinham dito isso antes)

que, ao ser escutada ao contrário, a música "Maluco beleza" revelaria a frase "Ih, Jesus tá fudido.". Só falta...

CLAUDINHO & BUCHECHA: Essa só dá pra escutar no CD, porque achar um LP de Claudinho & Buchecha deve ser difícil: a música "Uma noite e meia", no refrão "uma noite e meia!/ virando sereia!", revelaria, ao contrário, o verso "Arerê, sangue/ Arerê é do diabo!". Eu, hein?

KISS: A mensagem cifrada estaria no nome do grupo, que seria uma sigla significando Kings in Satan's Service. O boato teria sido gerado pelo próprio grupo, que disse ser formado por sacerdotes da Fraternidade Satânica da América.

AC/DC: A sigla significaria "Anti-Christ/ Death to Christ", e não o inocente termo elétrico "Alternating Current/ Direct Current" (corrente alternada/ corrente direta).

ALICE COOPER: É o nome da bruxa que apareceu em uma sessão espírita dirigida por Norman Buckley, propondo sucesso para o até então desconhecido Vincent Furnier, desde que ele "emprestasse" seu corpo. Essa história foi propagada pelo próprio.

MUTANTES: Há quem jure que as capas dos discos Jardim Elétrico e No País De Baurets têm as letras L, S e D desenhadas. É bem provável e os desenhos, de Alain Voss, são parecidos, mas nunca ninguém confirmou.

ROLLING STONES: Anita Pallenberg (realmente dedicada ao assunto) e



Marianne Faithfull seriam as bruxas por trás da "conversão" de Richard e de Jagger - esse último teria sido consagrado a Satã na seita "M".

ROBERT JOHNSON: Não, não se sabe de nenhuma mensagem ao contrário envolvendo o velho e cultuado bluesman. Mas o autor de "Me And The Devil Blues" teria, segundo dizem, feito um pacto com o diabo em troca de talento, fama e sucesso com as mulheres. Bem...

Fonte: B\*Scene

(<http://planeta.terra.com.br/arte/bscene/musica/satanicos.htm>).

## **TEORIA DA CONSPIRAÇÃO INSTRUÇÕES DE USO PARA O ATIVISTA AMADOR**

Gérson(ou Jersson) de Oliveira

1. Não acredite em nada do que lhe dizem. Na real, quase noventa por cento do que você aprendeu até hoje não é verdade. Você sabia que uma laranja é azul? Pois saiba que sim. Mesmo as cores que vemos são pura ilusão. De ótica.
2. Tvs, jornais, meios de comunicação, tudo é programado. Há sempre uma razão para escolherem que informação dar.
3. Se você acha que o que está sendo falado aqui é bobagem, pare agora de ler. Se preferir continuar, é por sua conta e risco...
4. Vamos supor que você já percebeu que vivemos condicionados a todo momento. Nossa programação mental, nossos gostos, nossa crença, ego, diversão, etc.
5. Tudo o que vemos é relativo. A física quântica já provou que a posição de uma partícula pode ser variável e múltipla simultaneamente. Robert Anton Wilson, um dos precursores da conpsirologia, afirma que vivemos em "túneis de realidade".
6. Iniciar programa de descondicionamento? Muito bem, só teclar o enter e pronto. Ok? Simples assim? Não, ninguém aqui está propondo uma nova lavagem cerebral.
7. É agora que entra a teoria da conspiração. Lançando hipóteses e conectando dados nem sempre confiáveis, a conpsirologia é uma

ferramenta para o ativista justamente por gerar dúvidas. Verdade ou boato, o fato é que conspirações sempre trazem um questionamento polêmico e fértil por trás.

8. Sejam frangos transgênicos do MC Donalds ou a verdade sobre Ovnis, não há como negar que conspirações estão profundamente enraizadas no inconsciente coletivo.

9. Conspirações são armas políticas. Conspirações estavam por trás da Revolução Francesa, do Watergate, e até do Golpe de 64 no Brasil.

10. Especulações éticas ou disseminadoras de memes, o fato é que conspirações não são brincadeira. Nem paranóia. Ou podem ser uma coisa ou outra. Ou ambas.

11. A internet é o lugar por excelência para a disseminação de conspirações. Como os memes, toda conspiração espalha novos memes por aí, na velocidade de um e-mail.

12. A utilidade de uma conspiração? Depende do seu objetivo. Curiosidade? A verdade por trás do Vaticano ou da Rede Globo? Quer começar uma revolução? Desmascarar uma seita? Revelar experimentos científicos proibidos? Conectar o narcotráfico com a indústria do cinema? Amigo, o campo é vasto e os caminhos os mais variados. Mas não avancemos muito, se você chegou até aqui, você não é nenhuma criancinha.

13. Conclusão? Nenhuma. A dúvida é o cerne de toda conspiração. Mas atenção. Não acredite em tudo que lê. Nem mesmo no que está escrito aqui...

## **TREINAMENTO DE TERRORISTAS, AMERICAN STYLE**

Heather Wokusch\*

Ao insistir em que o terrorismo global só pode ser travado pela sua “destruição onde ele existe”, George W. Bush esqueceu, muito convenientemente, as instalações de treino terrorista do exército americano: o infame Instituto do Hemisfério Ocidental para a Cooperação em Segurança (WHISC). Localizado em Fort Benning, Geórgia, o WHISC treinou mais de 60 mil militares latino-americanos nas mais odiosas técnicas de contra-insurreição, e os seus graduados têm ido para a lista das personalidades envolvidas em golpes, caos e destruição.

É também devido ao WHISC que estão hoje em prisões dos EUA vários manifestantes não violentos. Com a maciça manifestação planejada junto às instalações do WHISC, em 15-17 de Novembro, esse número deve aumentar. Entre a iminência do protesto e um projeto da Casa Branca visando acabar com esta ação de uma vez por todas, torna-se evidente que será o próprio campo terrorista nos EUA que logo ficará em evidência. Menos certo é se o resultado será mais um capítulo brutal da nossa história secreta, ou um duplo salto mortal.

Estabelecido pelos militares americanos no Panamá em 1946, o WHISC (ou School of Americas, como era anteriormente conhecida) foi despejado e forçado a se transferir em 1984. Os seus graduados têm repetidamente estado implicados em casos de tortura, massacre e assassinato – as suas vítimas são frequentemente ativistas dos direitos sociais e outros civis.

Poucos se admiraram quando o antigo Presidente do Panamá, Jorge Illueca, descreveu a escola como a “maior base de desestabilização na América Latina”.

Submetida à pressão da opinião pública dos EUA, em 1996 o Pentágono divulgou vários manuais de treino da Escola, onde se constatava um curriculum advogando o uso da chantagem, guerra psicológica, tortura e execução. Por volta de 2000, o aterrador nível das violações de direitos humanos cometidos por graduados da Escola da Américas levou a que alguns membros da Câmara dos Representantes tentassem encerrar a escola. Mas, pouco antes do voto decisivo do Congresso, a escola propôs um compromisso ao Departamento da Defesa: “Alguns dos vossos chefes disseram-nos que não podiam dar o apoio a qualquer coisa com o nome de 'Escola das Américas'. A nossa proposta atende a essas preocupações. Ela muda de nome.” E com isso a Escola da Américas foi fechada. O WHISC foi aberto na altura conveniente e, apesar de algumas alterações cosméticas ao curriculum, o campo de treino terrorista norte-americano continuou o seu trabalho como habitualmente.

A farsa não foi muito longe graças a Fr. Roy Bourgeois, fundador do Observatório da Escola das Américas. Trata-se de um dos notáveis padres cujo incansável ativismo social vem pormenorizado em “Prophets Without Honor”, de Strabala & Palacek. Bourgeois considera que o papel dos militares latino americanos é manter “os pobres à margem e a pequena elite no poder. A Escola das Américas está ligada a isso”. Bourgeois sofreu repetidas passagens por prisões americanas devido a incursões ilegais ou “atravessamento de linha” em Fort Benning – mas ele

não está só. Das 10 mil pessoas que protestaram pacificamente no WHISC em Novembro último, 36 tiveram sentenças superiores a seis meses em prisões federais, e ninguém pode adivinhar quantos outros prisioneiros políticos norte-americanos resultarão do protesto que se prepara.

Um esforço bipartidário para acabar com o WHISC foi derrotado por pouco na Casa Branca no ano passado, mas um projeto de lei similar (HR1810) foi reintroduzido por Jim McGovern (D-MA). O HR1810 já conta com 112 subscritores e, se passar, não apenas encerrará a escola como também estabelecerá uma comissão conjunta da Câmara dos Representantes “para conduzir uma avaliação do tipo de educação e treino apropriado que o Departamento de Defesa deve fornecer ao pessoal militar das nações latino americanas”.

É a razão provável pela qual a administração Bush está levando a cabo planos no sentido de instalar na Costa Rica um sucessor para o WHISC. Com milhares de milhões de ajuda militar norte americana canalizada para a guerra suja na América Latina, os militares locais precisam cumprir a agenda norte americana para o continente, e o seu treino não pode depender de ninharias como leis ou oposição pública. Questão a resolver: a Colômbia recebeu equipamento militar e \$1.3 mil milhão em pacotes de ajuda – sem mencionar os mais de 250 militares norte americanos no terreno – para apoiar o Governo na luta contra os insurgentes (frequentemente camponeses ou líderes comunitários como professores, sindicalistas e religiosos). A acrescentar a isto um total de 10 mil graduados colombianos no WHISC/Escola das Américas e planos para a instalação local de uma unidade do WHISC. Assim, torna-se claro que os

EUA estão não apenas se preparando para uma missão prolongada como entrando num conflito sangrento e num pântano nada ético.

A escolha é nossa: ou fazemos declarações verbais quanto à luta contra o terrorismo global enquanto secretamente conduzimos treino terrorista aqui ao lado, ou em vez disso enfrentamos a besta onde quer que ela apareça, tanto lá fora como aqui dentro.

\* Escritora free lancer. Pode ser contactada através do seu sítio web <http://www.heatherwokusch.com>.

Tradução de Paulo Mauricio.

O original deste artigo encontra-se em [http://www.guerrillanews.com/human\\_rights/doc801.html](http://www.guerrillanews.com/human_rights/doc801.html).

Fonte: resistir.info (<http://resistir.info>).

## PARANÓIAS CONSPIRATIVAS

Por Luigi

Se acreditam que o que comem no McDonald's é "carne de soja" ou "carne de cavalo", depois de lerem o que se segue desejariam ter comido a nutritiva "carne de soja" e a nada tóxica "carne de cavalo".

Segundo fontes autorizadas da Universidade Estadual de Michigan, averiguou-se recentemente que a carne utilizada pela McDonald's nos seus hambúrgueres provém de autênticos vultos sem patas e sem corpos que são alimentados por meio de tubos ligados ao estômago e que de fato não têm ossos, mas sim um pouco de cartilagem que nunca chega a desenvolver-se.

Quem os viu, assegura que são "COISAS" muito desagradáveis, pois, além de permanecerem imóveis toda a sua "vida", não tem olhos, nem cauda e praticamente não têm pêlos. Suas cabeças são do tamanho de bolas de tênis e a única coisa que se sobressai é o que lhes sai da "boca". A manipulação genética da qual são resultado, converte-os em verdadeiras "COISAS" inanimadas com uma aparência gelatinosa horrível. Quando o governo tentou obrigá-los a tirar dos seus anúncios a publicidade que dizia que os hambúrgueres continham "carne de reses", eles argumentaram que em latim "RES" significa "COISA" e, portanto, podiam dizer que era carne de "res".

Ainda que tal argumento seja facilmente rebátivel e fraudulento, diz-se que, devido ao seu grande poder econômico, subornaram muitas pessoas, em diversos lugares, em altos cargos governamentais. Por isso, a rede McDonald's dá-se ao luxo de anunciar que a composição dos seus hambúrgueres é 100% carne de "RES", ou seja, carne de "COISA"... Essas "COISAS" que sabem que crescem em pseudo estábulos e com

procedimentos de duvidosa ética.

Porém NUNCA ninguém verá nenhum anúncio em que a rede McDonald`s diga que a carne que utiliza é de "Gado Vacuum", que é o nome apropriado para designar genericamente touros e vacas.

O pior de tudo isto não é que o McDonald`s utilize a manipulação genética, mas sim que a dita carne, produz efeitos secundários à saúde. As substâncias e toxinas que desenvolvem as "COISAS" que a rede McDonald`s cria, acarretam, com o passar do tempo, danos irreversíveis à saúde. Os primeiros efeitos sentem-se no dia seguinte...

Uma grande quantidade de pessoas sofre de indigestão e colite. Pode até parecer que esses sintomas são temporários, porém, com o passar dos anos, os efeitos secundários, REAIS E IRREVERSÍVEIS, manifestam-se. É um fenómeno semelhante ao da AIDS, já que ficam em incubação e permanecem escondidos durante muitos anos, até que, pouco a pouco, vão mostrando os seus efeitos perniciosos.

Ainda que não exista um grande número de pessoas infectadas, sabe-se que no Canadá, na Austrália e, obviamente, nos Estados Unidos, grupos científicos especializados na matéria relacionam o consumo de hambúrgueres da rede McDonald`s com o síndrome de Alzheimer (lembrem-se de Ronald Reagan?), entre muitos outros padecimentos cuja origem não parece estar relacionada com outras causas.

Como podem ver, tudo isto é muito desagradável, por isso, é importante que todos fiquem cientes do tipo de "comida" que nos oferecem estes lugares. Não permitamos que continuem a vender-nos o que não é verdadeiro!!!! Se pressionarmos, poderemos fazer com que a rede McDonald`s volte a utilizar o verdadeiro "Gado Vacuum" e não carne de

"COISA".

Se acreditavam que isto era tudo, devem saber que os McNuggets e os hambúrgueres McChicken, fabricam-se com os excedentes da produção do KFC...

O KFC foi, durante muitos anos, parte da tradição americana... Muitas pessoas, todos os dias, comem religiosamente no KFC... Porém, será que elas sabem o que estão a comer realmente?

Num estudo recente sobre o KFC, realizado pela Universidade de Ne Hampshire, descobriram-se alguns fatos que causam moléstia...

Em primeiro lugar: alguém reparou que a companhia mudou recentemente de nome? A "Kentucky Fried Chicken" converteu-se em KFC. Alguém sabe porque? Pensávamos que a verdadeira razão era porque a comida era "FRIED" (frita) e, de repente, isso poderia causar peso na consciência de alguns, repulsa em outros... Mas não é esse o caso!! A razão pela qual se chamam KFC é porque não podem usar mais a palavra "CHICKEN" (frango).

Porque? Porque o KFC não usa "frangos verdadeiros". Atualmente usam organismos geneticamente manipulados. Aquilo a que eles chamam "frangos" mantém-se vivos através de tubos inseridos nos seus corpos para bombear sangue e nutrientes através da sua estrutura. Não tem bicos, nem penas nem pés. A sua estrutura foi dramaticamente reduzida para obter mais carne. Isto é ótimo para o KFC, já que não têm que pagar muito pelos custos de produção dos mesmos. Não é preciso arrancar as penas, remover os bicos e nem tampouco as patas.

O Governo avisou-os que tinham que mudar todos os seus menus de modo a não utilizarem mais a palavra "frango". Se prestarem atenção,

notarão a diferença... Considero isto muito desagradável. Espero que as pessoas comecem a dar-se conta e alertem outras.

Afinal,

"QUEM VOCÊS PENSAM QUE FINANCIAM AS INVESTIGAÇÕES DE ENGENHARIA GENÉTICA?"

hehe...

Luigi não dispensa um Big-Mac no dia do pagamento.

## **TROPAS DE CHOQUE DO VATICANO: A GUERRA SANTA DE JOÃO PAULO II**

Por Cletus Nelson, do Disinformation

[www.disinfo.com](http://www.disinfo.com)

Os arredores hermeticamente selados da Cidade do Vaticano têm por muito tempo servido como nexos de poder global e solo fértil de conspiração subterrânea. Silenciosas irmandades como a sombria Opus Dei e a lendária Cavaleiros de Malta têm acobertadamente servido aos interesses da elite dominante sob a égide suprema da Santa Sé. Enquanto milhões de católicos se revoltam contra o dogmatismo inflexível de João Paulo II, um profundo abismo sociopolítico tem crescido entre o pontífice e seu minguento rebanho.

Para evitar o crescente êxodo de comungantes descontentes, o pontífice está se voltando para um emergente trio de seitas fundamentalistas que clamam 30 milhões de participantes para empreender um imenso jihad contra "um mundo dominado pela cultura secularizada."

Comunhão e Liberação (C&L), comandado pelo enigmático Don Giussani, obteve notoriedade no começo dos 70 como uma reação conservadora às revoltas de estudantes que varreram a Itália em 1968. Embora zombados como "Stalinistas de Deus" e "Monges de Woytila" por causa de sua fervente devoção à hegemonia papal, o padre milanês e sua organização têm desfrutado uma ascendência sem paralelo sobre João Paulo II.

*Focolare*, outro movimento eclesiástico, data da Segunda Guerra Mundial, quando Chiara Lubich, seu fundador internacionalmente reconhecido, formulou os princípios centrais de sua visão espiritual única. A diminuta octagenária atribui o rápido crescimento de sua organização laica, que tem seguidores em quase 190 países, a Deus mesmo. "A estrutura do movimento, mais que sugerida a nós por idéias humanas, foi inspirada por um carisma que é um presente de Deus", ela escreve.

*Neo-catecumenate*, liderado por Kiko Arguello, o pastor guitarrista do movimento, foi lançado nas malocas dos guetos de Madri no meio dos anos 60. Depois de relocar para a Itália, os ensinamentos de Arguello se espalharam como fogo em palha através da América do Sul e partes da Europa. Apesar das aclamações difundidas, os três movimentos têm seus detratores.

"Muitas de suas características principais refletem aquelas da Guarda Vermelha de Mao - o fanatismo, a obediência cega, a criação de slogans, o culto de personalidade em torno do Papa, manipulação da mídia, anti-intelectualismo, denúncias, a formulação de uma rígida ideologia, uma jovem geração mobilizada na luta contra seus superiores," afirma Gordon Urquart em *The Pope's Armada\** (Prometheus Books, New York, 1999).

O *scholar* em Vaticano está especificamente interessado na estrutura autoritária destes movimentos, e seus usos de confissão ritual de grupo, ritos clandestinos, e cerimônias secretas. Em resposta, os defensores bem relacionados destes evangelistas recém santificados têm se mobilizado para subestimar esta crítica.

"Silêncio, disciplina, separar-se de seus antigos amigos e companheiros para se dedicar a Deus, trabalhando para trazer o Evangelho até os confins da Terra, todos estes comportamentos são vistos como fanáticos, irracionais, meio-seita. Mas estes são comportamentos que os católicos honram e louvam em São Benedito, São Francisco de Assis e São Tomas Morus," afirmou Robert Moynihan, o editor de "Inside the Vatican", num artigo da revista Time (1997) discutindo movimentos religiosos controversos. O Monsenhor Paulo José Cordes do Conselho Pontífico dos Leigos utiliza imaginário apocalíptico para descrever esta recém radicalizada sub-corrente católica. Cordes tem publicamente afirmado que os movimentos serão participantes inestimáveis no que vai ser "não só uma batalha puramente humana sobre palavras ou idéias", mas uma "grande batalha teodramática" que vai breve se suceder por todo o planeta.

Se a aristocracia papal vai ou não ser bem sucedida em instituir sua "Nova Ordem Mundial" teológica é esperar para ver. A fé monolítica tem longamente servido como um reduto autoritário para déspotas através da história, tanto dentro como fora dos círculos do Vaticano. Com este fato premonitório em mente, poucos duvidam que o poder, influência e números cabais destes cruzados do pensamento autocrático tenham potencial de reformar paisagens geopolíticas e eclesiásticas nos anos por vir.

\* Publicado no Brasil como *A Armada do Papa*, Ed. Record, 2002.

Tradução de Gerson de Oliveira

## VIGILÂNCIA ABSOLUTA

Ignacio Ramonet\*



*Qualquer pessoa que viajar para os Estados Unidos terá suas informações de caráter pessoal entregues à polícia de imigração norte-americana, com particular atenção para com os latino-americanos, muçulmanos e oriundos do Oriente Médio.*

.....

*“No passado, nenhum governo tivera o poder de manter seus cidadãos sob uma vigilância constante. Agora, a Polícia do Pensamento vigiava todo mundo, constantemente.”*

(George Orwell, 1984)

Os europeus que estejam planejando passar as férias de verão nos Estados Unidos devem ficar sabendo que, devido a um acordo entre a Comissão Européia e as autoridades federais, algumas informações de caráter pessoal serão entregues, sem seu consentimento, à polícia de imigração dos Estados Unidos, pela companhia aérea que tenham escolhido para viajar. Antes mesmo de entrarem no avião, as autoridades dos Estados Unidos já terão em seu poder o nome, o sobrenome, a idade, o endereço, os números do passaporte e do cartão de crédito, o estado de saúde, as preferências alimentares (que podem indicar sua religião), as viagens precedentes, o nome e idade das pessoas que os acompanham, o nome das organizações que financiaram algumas de suas viagens etc.

Todas essas informações serão depositadas num dispositivo de filtragem batizado CAPPs (*Computer Assisted Passenger Pre-Screening*, Sistema Assistido por Computador para Controle Preventivo) para detectar eventuais suspeitos. Ao controlar a identidade de cada passageiro, e cruzando seus dados com as informações dos serviços de inteligência



policiais, do Departamento de Estado, do Departamento de Justiça e da rede bancária, o CAPPs fará uma avaliação do grau de periculosidade da pessoa e lhe atribuirá um código colorido: verde para os inofensivos, amarelo para casos duvidosos e vermelho para os que serão impedidos de ter acesso ao avião e, detidos.

### **Latino-americanos na mira**

“Os serviços de imigração e o Departamento de Estado trabalharão em conjunto para identificar os indivíduos que devem ser vigiados desde sua entrada, ou antes de sua entrada nos Estados Unidos”, advertiu o ministro da Justiça, John Ashcroft. “Faremos uma avaliação de cada visitante para determinar o risco de uma eventual participação sua em atividades terroristas(1)”. Se o visitante for muçulmano ou natural do Oriente Médio, o código amarelo, de suspeito, lhe será obrigatoriamente atribuído. E o Programa de Segurança nas Fronteiras autoriza os agentes da imigração a fotografá-lo e tirar suas impressões digitais.

Os latino-americanos também estão na alça de mira. Foi descoberto que 65 milhões de mexicanos, 31 milhões de colombianos e 18 milhões de centro-americanos estavam registrados nos Estados Unidos ilegalmente e sem o consentimento de seus governos (2). Em cada ficha desses registros figura a data e local de nascimento, sexo, identidade dos pais, uma descrição física, situação matrimonial, número do passaporte e a profissão declarada. Muitas vezes, esses registros assinalam outras informações confidenciais, tais como endereços pessoais, números de telefone, número da conta bancária, placas dos carros, assim como impressões digitais. Portanto, pouco a pouco, todos os latino-americanos

serão catalogados por Washington.

### **Contrato com a Flórida**

“O objetivo é instaurar um mundo mais seguro. É preciso ser informado sobre o risco que representam as pessoas que entram em nosso país”, afirmou James Lee, um dos diretores da empresa ChoicePoint, que compra as fichas de registros para as revender ao governo dos Estados Unidos (3). Isto porque a lei norte-americana proíbe que informações pessoais sejam armazenadas. Mas, não, de encomendar a uma empresa privada que o faça para o governo.

Com sua sede próximo de Atlanta, a ChoicePoint não é uma empresa desconhecida. Por ocasião da eleição presidencial de 2000, sua filial Database Technologies (DBT) foi contratada pelo Estado da Flórida para reorganizar as listas de votação. Resultado: milhares de pessoas foram privadas de seu direito de voto. O que alterou o total da eleição, vencida por Bush com apenas 537 votos de vantagem... E foi essa vitória que lhe permitiu ter acesso à Presidência (4)...

### **Espionagem ilegal delirante**

Ainda que os atentados tenham acentuado a xenofobia, os estrangeiros não são os únicos a serem submetidos a uma vigilância exagerada. Os cidadãos norte-americanos não escapam à atual paranóia. Novos tipos de controle, autorizados pelo *Patriot Act*, questionam a vida privada, o sigilo da correspondência e a liberdade de expressão. Já não é necessário obter uma autorização para instalar um grampo telefônico. Os investigadores policiais podem ter acesso a informações pessoais dos cidadãos sem mandato de busca. O FBI, por exemplo, solicitou às bibliotecas que lhe

fosse fornecida a lista de livros e de *sites* da Internet consultados por seus assinantes (5) para traçar um “perfil intelectual” de cada leitor...

Mas o mais delirante de todos os projetos de espionagem ilegal é o que elabora o Pentágono sob o nome de código de Total Information Awareness (TIA), um sistema de total vigilância de informações (6) de que foi encarregado o general John Poindexter, condenado, na década de 80, por ter sido o instigador do caso Irã-Contra (7).

### **A superação do Grande Irmão**

O projeto consiste em coletar uma média de quarenta páginas de informações sobre cada um dos 6,2 bilhões de habitantes do planeta, confiando seu processamento a um supercomputador. Centralizando, cruzando e processando todos os dados pessoais disponíveis – pagamentos por cartão, assinatura de jornais e revistas, movimento da conta bancária, chamadas telefônicas, consultas a *sites* na Internet, correio eletrônico, ficha policial, dados sobre avalistas, informações médicas e da previdência social –, o Pentágono pretende estabelecer um perfil completo de cada ser humano.

Como no filme *Minority Report*, de Steven Spielberg, as autoridades norte-americanas também pensam poder evitar os crimes antes que eles sejam cometidos. “Haverá menos vida privada, mas mais segurança”, afirma John L. Petersen, presidente do Arlington Institute. “Podemos antecipar o futuro graças à interconexão de todas as informações que digam respeito a você. Amanhã, saberemos tudo sobre você”. O *Grande Irmão* foi superado...

Tradução de Jô Amado

\* Diretor-presidente do *Monde diplomatique*.

1. *Le Figaro*, 7 de junho de 2002.
2. *El País*, Madri, 21 de maio de 2003.
3. *La Jornada*, Cidade do México, 22 de abril de 2003.
4. *The Guardian*, Londres, de 5 maio de 2003.
5. *The Washington Post National Weekly Edition*, 21-27 de abril de 2003.
6. Diante dos protestos dos defensores da vida privada, o nome foi alterado para Terrorism Information Awareness (TA).
7. Ler, de Armand Mattelart, *Histoire de la société de l'information*, ed. La Découverte, Paris, nova edição, outubro de 2003

Fonte: Le Monde Diplomatique ([www.diplo.com.br](http://www.diplo.com.br)).